

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS



Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME I

Salvador
2020

Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME I

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração.

Orientador: Nivaldo Vieira de Andrade Junior
Coorientador: Antônio Heliodório Lima Sampaio

Salvador
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

F383

Ferreira, Lucas Paes.

Restauo e ampliação do edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA
[manuscrito] / Lucas Paes Ferreira. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura,
Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e
Núcleos Históricos. 2020.

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo Vieira de Andrade Junior.

1. Arquitetura moderna - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2.
Edifícios universitários - Projetos e plantas. 3. Rebouças, Diogenes, 1914-
1994. 4. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. I. Andrade
Junior, Nivaldo Vieira de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

agradecimentos

Ao Professor Doutor Nivaldo Andrade pela orientação, apoio, incentivo e confiança, não apenas nesse processo do MP-CECRE como também ao longo de mais de dez anos, tanto no âmbito acadêmico quanto profissional.

Ao Professor Doutor Heliodório Sampaio pela coorientação e pela disposição e generosidade em compartilhar sua experiência e conhecimento.

Aos Professores Doutores Juliana Nery e Marcio Cotrim, por aceitarem o convite para compor a banca de defesa final deste mestrado.

Aos professores do MP-CECRE e PPG-AU pelo empenho em suas atividades e por todo o conhecimento compartilhado.

Aos colegas do MP-CECRE e PPG-AU pelo companheirismo e suporte e pelas estimadas trocas de experiências.

Às instituições consultadas para o desenvolvimento desta pesquisa pela disponibilidade e colaboração, principalmente à FAUFBA e seus diretores Naia Alban e Sergio Ekerman.

A todos os amigos e colegas que participaram desta jornada e contribuíram para sua conclusão, em especial às arquitetas Vanessa Orrico, Clara Oliveira e Gabriela Otremba e aos arquitetos Augusto Motta e Erasto César.

A minha família, especialmente a minha irmã Paula Paes pelo incentivo à pesquisa a partir de seu exemplo. Agradeço também a Emy pelo carinho em todos os momentos e a Malu pela candura apaziguante em tempos difíceis.

apresentação

O presente trabalho, intitulado “Restauro e Ampliação do Edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA” foi desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos, curso vinculado ao programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

Está dividido em três volumes: o primeiro contém os textos e ilustrações que amparam o trabalho prático realizado, e está organizado em quatro capítulos – levantamento histórico, análises técnicas, diagnóstico e projeto; o segundo contém as fichas elaboradas a partir do levantamento fotográfico do edifício; e o terceiro contém todo o material gráfico produzido, com as plantas referentes ao levantamento cadastral, ao mapeamento de danos e ao projeto de intervenção.

resumo

Localizado no bairro da Federação, em Salvador, e integrado ao Campus Federação-Ondina da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA), de autoria do arquiteto Diógenes Rebouças em parceria com outros professores da Faculdade, se enquadra na produção arquitetônica modernista brasileira da década de 1960, adotando a solução estética convencionada como brutalismo.

O presente trabalho tem por finalidade abordar os temas referentes à preservação da arquitetura modernista, a fim de construir uma base de referências para a intervenção no edifício da Faculdade de Arquitetura. Sendo este um edifício tão fragmentado, cujo projeto não foi executado conforme todas as etapas idealizadas, e objeto de tantas ampliações e adaptações – algumas complementares e respeitadas, outras corruptivas à sua conformação –, o maior desafio para a elaboração de um projeto de restauração é estabelecer uma unidade e compreender como gerir as atuais demandas da Faculdade, adaptando-as aos valores arquitetônicos representados por este edifício.

Palavras-chave: Restauração arquitetônica; ampliação arquitetônica; patrimônio moderno; Faculdade de Arquitetura.

abstract

Located in the Federação neighborhood, in Salvador, and connected with the Federação-Ondina campus of the Federal University of Bahia (UFBA), the School of Architecture Building, designed by the architect Diógenes Rebouças in partnership with other professors of the school, fits into the Brazilian modernist architecture production of the 1960s, and adopts the aesthetic solution known as brutalism.

This work aims to approach the themes related to the preservation of the modernist architecture, in order to create a reference base for future interventions in the Architecture School Building. For being such a fragmented building, whose project has not been completely carried out, and also because of all of the expansions and adaptations – some of them complementary and respectful, others corrupt to its conformation -, the biggest challenge for the elaboration of a restoration project is to establish a unity and understand how to manage the current demands of the School, adapting them to the architectural value represented by this building.

Keywords: Architectural restoration; architectural expansion; modern heritage; School of Architecture.

lista de figuras

Figura 1 - Plano do Centro Universitário no Bairro do Canela, 1950	17
Figura 2 - Plano do Centro Universitário no Bairro do Canela, segunda proposta, 1952.	17
Figura 3 - Edifício da Escola politécnica e entorno, 1966.	18
Figura 4 - O Casarão na Vitória, vista externa, s/ data.	21
Figura 5 - O Casarão na Vitória, vista interna, s/ data.	22
Figura 6 - Terreno nº 6, Comissão de seleção do Terreno, 1960.	23
Figura 7 - Terreno nº 9, Comissão de seleção do Terreno, 1960.	24
Figura 8 - Núcleo Federação, Comissão de seleção do Terreno, 1960.	25
Figura 9 - Ligação entre os "Núcleos" Canela e Federação, Comissão de Planejamento – 1961.	25
Figura 10 - Planta do Campus Federação, 1981.	26
Figura 11 - Decreto de desapropriação do terreno, 1962.	27
Figura 12 - Planta de Situação dos Pavilhões Provisórios, Barracões, [1963].	28
Figura 13 - Esquema cronológico de ocupação do terreno da Federação pela FAUFBA.	28
Figura 14 - Vista Aérea do voo Cruzeiro do Sul, com terreno da Faculdade na parte central da foto, 1947.	30
Figura 15 - Cidade Universitária, croqui perspectiva, [entre 1942 e 1947]	32
Figura 16 - Cidade Universitária, planta de localização, [entre 1942 e 1947]	32
Figura 17 - Escola Politécnica, maquete volumétrica, 1953	33
Figura 18 - Escola Politécnica, planta baixa – 1953	34
Figura 19 - Escola Politécnica, corte geral – 1953	34
Figura 20 - Planta da 4ª etapa de construção do Plano Piloto da FAUFBA na qual se pode ver a implantação inicial dos edifícios conformando uma esplanada, [1963]	38
Figura 21 - Figura 21 – Corte Longitudinal do Plano Piloto da FAUFBA, [1963]	39
Figura 22 - Esquema das diferentes versões do projeto.	40
Figura 23 - 1ª adaptação, planta Nível 56 Ala Leste, [1965].	40
Figura 24 - 1ª adaptação, planta Nível 59 Ala Leste, [1965].	41
Figura 25 - 1ª adaptação, fachadas sul e norte, [1965].	41
Figura 26 - 1ª adaptação, fachadas leste e oeste, [1965].	42
Figura 27 - 1ª adaptação, cortes Ala Leste, [1965].	42
Figura 28 - Foto da 1ª etapa na qual se observa a plataforma que ligaria ao	

bloco menor, [1968].	43
Figura 29 - Carimbo de uma das pranchas do projeto estrutural, (1965).	43
Figura 30 - 2ª adaptação, planta de situação, [1968?].	43
Figura 31 - 2ª adaptação, corte Auditórios, [1968?].	44
Figura 32 - 2ª adaptação, Fachada Oeste dos Auditórios, [1968?].	44
Figura 33 - Construção 2ª etapa, Fachada Leste dos Auditórios, [1971?].	44
Figura 34 - A FAUFBA após conclusão da segunda etapa [1973?]	45
Figura 35 - Construção do módulo do PPG-AU, 1988.	46
Figura 36 - Corte transversal do mezanino, 1991.	46
Figura 37 - Panorâmica da inserção do edifício no entorno paisagístico. Foto tirada de edifício na rua Caetano Moura, 609.	47
Figura 38 - Planta da topografia da região.	48
Figura 39 - Vista da ocupação a norte da FAUFBA, com o Gantois visto parcialmente na parte inferior da fotografia. Foto tirada de edifício na rua Caetano Moura, 609.	48
Figura 40 - Planta do sistema viário.	49
Figura 41 - Planta de ocupação dos lotes, evidenciando a relação de cheios e vazios.	50
Figura 42 - Panorâmica do edifício e entorno	52
Figura 43 - Esquema das possibilidades de percurso ressaltando o carácter permeável e público do edifício.	55
Figura 44 - Vista do acesso ao Pórtico	56
Figura 45 - Desenho do Corte longitudinal do Bloco dos Auditórios, [1964].	57
Figura 46 - Ocupação do foyer da Mastaba.	57
Figura 47 - Vista nordeste da Ala Leste [1969].	59
Figura 48 - Figura 49 – Detalhe construtivo da escada.	62
Figura 49 - Vista aérea da cobertura, direcionada para a Ala Leste.	63
Figura 50 - Figura 51 – Vista aérea da cobertura, direcionada para o Pórtico.	63
Figura 51 - Panorâmica do pátio e anexos.	64
Figura 52 - Estudo de ventilação [1963].	65
Figura 53 - Velocidades predominantes por direção.	66
Figura 54 - Estado atual da escadaria sul da ala leste.	66
Figura 55 - Carta Solar para a fachada nordeste do edifício.	68
Figura 56 - Carta Solar para a fachada sudoeste do edifício.	68
Figura 57 - Carta Solar para a fachada noroeste do edifício.	69
Figura 58 - Carta Solar para a fachada sudeste do edifício.	69
Figura 59 - Comparativo da iluminação natural em três salas de Atelier.	70

Figura 60 - Planta situação.	71
Figura 61 - Comparativo histórico do edifício e seu entorno imediato.	72
Figura 62 - Detalhe da fachada oeste do bloco dos auditórios.	74
Figura 63 - Foto atual da biblioteca.	75
Figura 64 - Comparativo entre dois momentos: 1971, à esquerda, e 2017, à direita.	76
Figura 65 - Escada helicoidal e ocupação do vão livre da Ala Leste.	76
Figura 66 - Ocupação do 3º subsolo da Ala Leste. À esquerda, relação com corredor lateral, já apresentando problemas de infiltração (1973); à direita, estado atual com corredor central, adição de piso vinílico, forro de EPS e revestimento dos pilares (2018).	77
Figura 67 - Vista do módulo do PPG-AU e do Pátio, 1995.	78
Figura 68 - Vista sudoeste do módulo do PPG-AU com a Ala Leste ao fundo, 1988.	79
Figura 69 - Planta Baixa parcial do pav. 1 nível 62,00 com a área do mezanino destacada.	80
Figura 70 - Vista da área do Pórtico com o mezanino a partir da entrada dos auditórios.	80
Figura 71 - Panorâmica do Pórtico e da Ala Leste a partir do pátio.	81
Figura 72 - Panorâmica da fachada norte do Pórtico da FAUFBA.	81
Figura 73 - Corte transversal do mezanino, 1991.	82
Figura 74 - Vista de satélite com a implantação do anexo e do PPG-AU, 2017.	83
Figura 75 - Percursos da água pluvial no edifício e terreno.	84
Figura 76 - Exemplos de ferrugem exposta em elementos de concreto armado do edifício (2017). Da esquerda pra direita: parte inferior da laje da escadaria sul, Ala Leste; pilar da escadaria sul, Ala Leste; guarda-corpo da fachada oeste do Bloco dos Auditórios; jardineira da fachada oeste do Bloco dos Auditórios.	86
Figura 77 - Figura 14 – Danos na escada helicoidal.	86
Figura 78 - Perspectiva esquemática do sistema construtivo da cobertura.	87
Figura 79 - Figura 18 – Modificações no sistema de cobertura. Foto da construção do edifício (1969) e foto do estado atual indicando não apenas a mudança da direção do caimento original das telhas como também a diferença entre as telhas do pórtico e Ala Leste (2018).	88
Figura 80 - Figura 19 – Situação da estrutura da cobertura próximo à escada helicoidal (2018).	88
Figura 81 - Danos causados pelas instalações sanitárias do pavimento superior (2018).	89
Figura 82 - Situação da estrutura da cobertura próximo à escada helicoidal (2019).	90
Figura 83 - Localização das amostras de concreto (2018).	91
Figura 84 - Infográfico com os secretariados do DOCOMOMO, cidade, país, período, secretário chefe e instituição vinculada.	103
Figura 85 - Esquema do partido.	112

Figura 86 - Isométrica do conjunto com o novo anexo.	115
Figura 87 - Comparativo entre o anexo existente e o proposto.	116
Figura 88 - Isométrica dos painéis modulares propostos.	117
Figura 89 - Perspectiva do pavimento nível 49.	117
Figura 90 - Perspectivas do pavimento nível 56.	118
Figura 91 - Esquema da distribuição dos usos, nível 49,00	120
Figura 92 - Esquema da distribuição dos usos, nível 52,50	121
Figura 93 - Esquema da distribuição dos usos, nível 56,00	121
Figura 94 - Esquema da distribuição dos usos, nível 59,00	121
Figura 95 - Esquema da distribuição dos usos, nível 62,50	122

sumário

volume 1

introdução	13
levantamento histórico	15
história da instituição	15
a seleção do terreno e sua ocupação	21
diógenes rebouças	31
projeto, construção e adaptação	35
análises técnicas	47
análise urbana	47
análise arquitetônica	51
sistema construtivo	59
análise ambiental	64
diagnóstico	71
questões funcionais/formais	71
questões técnicas/construtivas	83
projeto	95
conceituação teórica	95
arquitetura modernista e sua preservação	99
discussões acerca da intervenção no patrimônio moderno	105
partido	110
projeto de intervenção	113
referências bibliográficas	124

introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo o edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), localizado no bairro da Federação, em Salvador, e integrado ao campus Federação-Ondina da UFBA. O edifício, de autoria do arquiteto Diógenes Rebouças em parceria com outros professores da Faculdade, adota a solução estética convencionada como brutalismo e se enquadra na produção modernista brasileira da década de 1960. O projeto de 1963 segue os preceitos da arquitetura moderna, como o purismo das formas e a racionalização estrutural, e consiste em dois blocos autônomos conectados por uma esplanada desenvolvida no eixo por bloco maior em direção à rua Caetano Moura. Implantado em altiplano, o projeto adapta-se à topografia, garantindo aos edifícios um gabarito baixo por se beneficiar da declividade do terreno.

Idealizado para ser construído em quatro etapas, o projeto passa por sucessivas revisões durante sua execução sem se afastar da estrita relação entre espaço, forma e programa. Dessas etapas foram executadas apenas duas: a primeira, designada como Ala Leste, é construída entre 1965-1968 e a segunda, contemplando a área do Pórtico e o Bloco dos Auditórios, entre 1969-1971. Assim, o edifício construído da FAUFBA é formado por três volumes prismáticos em concreto armado aparente que diferem entre si em dimensão, orientação e composição. O objeto formado por estes volumes se caracteriza por sua matriz tectônica e associada e uma composição de contrastes (presente na expressão dos elementos estruturais, na materialidade e na relação dos volumes), por sua amplitude espacial, sua permeabilidade física e visual e pela sua adaptação ao clima tropical. Aliada à sua qualidade arquitetônica, a opção projetual por expor as soluções construtivas reforça o papel do edifício no ensino da arquitetura, uso ao qual é destinado.

Entretanto, a execução parcial do projeto fragilizou as questões funcionais da Faculdade, resultando na necessidade recorrente de adaptar suas instalações para atender às demandas programáticas. Iniciada com a construção dos barracões, “a resolução de ‘situações emergenciais’ parecer ter sido, e ainda é, uma constante no processo de construção do espaço da Escola” (ANDRADE, 1989, p. 37). Para além das questões de programa e suas demandas que exigem intervenções maiores, o edifício impele intervenções que visem sua conservação física e atualização tecnológica e normativa. Contudo, essas intervenções são marcadas pela falta de sistematização, não havendo um projeto específico para tanto e resultando em

soluções improvisadas.

O trabalho aqui apresentado é resultado da proposta metodológica do MP-CECRE, organizada em etapas que permitem a progressiva compreensão do objeto de estudos, desenvolvida de modo a amparar a proposta projetual.

A primeira etapa é referente ao levantamento de dados. Nela foi feita uma ampla pesquisa histórica, com informações coletadas nos acervos da Superintendência de Meio Ambiente e Infraestrutura (SUMAI), do Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia (CEAB), da Fundação Gregório de Mattos (FGM), da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) e da diretoria da própria Faculdade de Arquitetura.

Nesta etapa foi realizado também o levantamento cadastral do edifício, desenvolvido a partir da medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos), além da consulta a levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA. Foi realizado também o levantamento fotográfico de todos os ambientes da Faculdade, a fim de representar a situação atual do edifício.

Posteriormente, a partir dos dados coletados, que correspondem também a estudos sobre o contexto urbano em que o edifício está inserido e às questões ambientais que incidem sobre ele, foi possível desenvolver o diagnóstico da edificação, que refere-se tanto aos danos físicos identificados quanto aos danos à imagem, resultantes tanto da incompletude do projeto – que, apesar de não diminuir as qualidades compositivas do edifício resultante, fragiliza os pontos de conexão entre as alas não executadas – quanto da permanência e adição de outras construções conectadas ao edifício ou instaladas em seu entorno imediato – sendo a mais expressiva delas a construção mais recente, um anexo ainda inativo, que rompe a leitura do edifício e desconsidera a implantação originalmente planejada.

Por fim, respondendo aos problemas identificados na etapa anterior, foi elaborado um projeto de intervenção que busca adaptar o edifício às atuais demandas funcionais, compreendendo a sua incompletude e restaurando-o a partir do questionamento sobre como abordar de maneira contemporânea um exemplar da arquitetura moderna, cronologicamente tão próxima ao nosso tempo, porém com valores distintos.

levantamento histórico

história da instituição

A história da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) começa com a fundação da Academia de Belas Artes, em 17 de dezembro de 1877, por Miguel Navarro y Canyzares, pintor valenciano que reside em Salvador entre os anos de 1876 e 1881 (SILVA, 2008, p. 27 e 33). Nesse primeiro momento, a Academia contempla os cursos de Desenho, Pintura, Arquitetura e Música e instala-se no Solar Jonathas Abott, na Rua 28 de setembro, antiga Rua do Tijolo (PARAÍSO, 1990), endereço onde o curso de arquitetura estaria sediado até seu desmembramento da instituição. Organizado pelo engenheiro-arquiteto José Nivaldo Allioni, o Curso de Arquitetura inicia com dificuldades e sem subsídio do Estado (FONSECA, 1984, p. 4-5). Segundo descreve o Professor Fernando Fonseca em seus apontamentos¹, essa situação se repete nas décadas seguintes, oscilando entre aportes esporádicos e períodos de total esquecimento por parte do Estado. No início dos anos 30, o quadro docente do Curso contava “com apenas dois arquitetos: o baiano Antônio Navarro de Andrade e o carioca Hildebrando Pellagio, e só viria diplomar seus primeiros alunos no final da década” (AZEVEDO, 1997, p. 188). Essa condição de instabilidade e precariedade só melhoraria com a integração da Escola de Belas Artes² à Universidade da Bahia³ em 1947. A partir desse momento, a Escola “contava com o apoio do Governo e podia desenvolver os seus programas de ensino e pesquisa” (FONSECA, 1984, p. 11).

A Universidade da Bahia é criada um ano antes, com o Decreto-Lei nº 9.155, de 08 de abril de 1946, em momento de grande otimismo nacional com a redemocratização do Brasil, tendo como seu primeiro reitor o então diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Edgard Santos, figura vanguardista e de papel fundamental no desenvolvimento cultural da Bahia nos anos 40 e 50. Dotada de autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar, a Universidade começa a se formar a partir da incorporação da Faculdade de Medicina da Bahia, das

1 Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura. Tanto o texto original (1984) quanto o revisto (2010) se encontram na Biblioteca da FAUFBA, não publicados.

2 A Academia de Belas Artes teve sua denominação alterada para Escola de Belas Artes em 1891, em virtude da Reforma do Ensino Benjamin Constant (FONSECA, 1984, p. 5).

3 A Universidade da Bahia passa a ser definida como Universidade Federal da Bahia após a denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais que ocorre apenas em 1965 (Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965). Essa mudança possibilita referenciar o período dos desenhos do projeto da Faculdade de Arquitetura não datados.

Escolas Anexas de Odontologia e de Farmácia, da Faculdade de Direito da Bahia, da Escola Politécnica da Bahia, da Faculdade de Filosofia da Bahia e da Faculdade de Ciências Econômicas. Assim, com estas unidades espalhadas na área central de Salvador e dissociadas entre si, é estabelecida a primeira ocupação territorial da Universidade Federal da Bahia.

No entanto, essa ocupação dispersa no tecido urbano de maneira orgânica, comum às universidades brasileiras recém-formadas nesse período, não reflete o pensamento urbanístico moderno, estabelecido na Carta de Atenas de 1933, em pleno vigor na época, que almejava um espaço urbano zoneado, com construções elevadas e distanciadas uma das outras, sempre vinculado ao funcionalismo. A adesão a esse conceito de urbanismo é intensificada com a vinda de Le Corbusier ao Brasil, em 1936, e seu plano para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, incentivando a criação das cidades universitárias seguindo o entendimento modernista de zoneamento enquanto “operação feita sobre um plano de cidade com o objetivo de atribuir a cada função e a cada indivíduo seu justo lugar” (CIAM, 1933, p. 8).

Desse modo, tendo em vista este cenário de modernização do ensino superior do país, surge a necessidade de concentrar espacialmente as instituições abrigadas pela Universidade da Bahia, realizando-se em 1950 o primeiro plano de ocupação física da UFBA, como Centro Universitário (Figura 1), no bairro do Canela, de autoria dos arquitetos Geraldo Câmara e Wladimir Alves de Souza, sediados no Rio de Janeiro (FONTES, 2010, p. 94). Entretanto, esse plano inicial é alterado por causa da redução da área disponível para sua construção (Figura 2) decorrente “não apenas da contínua marcha da cidade através do tempo, em ritmo de expansão desordenada, mas, também, de um processo de reprodução espacial urbana ditado pela especulação imobiliária” (FONTES, 2010, p. 61).

Figura 1 - Plano do Centro Universitário no Bairro do Canela, 1950



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA (1950), destaque da localização do edifício destinado à Faculdade de Arquitetura e legendas realizados pelo autor.

Figura 2 - Plano do Centro Universitário no Bairro do Canela, segunda proposta, 1952.



Fonte: Acervo Acervo SUMAI/UFBA (1952).

Este processo de expansão urbana impede a Universidade recém-criada de implantar-se em um território único, precisando relocar algumas de suas unidades para regiões próximas. Nesse intuito, em 1953, é adquirido o terreno da “Roça de São Lázaro” (FONTES, 2010, p. 62) situado na Estrada de São Lázaro (atual Rua Aristides Novis) e na Rua Caetano Moura, localizado no bairro da Federação, onde será implantada a Escola Politécnica (Figura 3), projetada, no mesmo ano, pelos então professores do Curso de Arquitetura Diógenes Rebouças, Fernando Leal e Bina Fonyat (ANDRADE JUNIOR et al., 2016), inaugurada em 1960.

Figura 3 - Edifício da Escola politécnica e entorno, 1966.



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA (1966).

É interessante notar, na primeira versão do Plano do Centro Universitário do Canela, a indicação de um edifício destinado à Faculdade de Arquitetura (ver Figura 01), demonstrando que, desde sua federalização, em 1950, já estava previsto “o desmembramento do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes para constituir a Faculdade de Arquitetura, como unidade distinta” (Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950), o qual só veio a ocorrer, de fato, em 1959.

Esse período entre a federalização do Curso de Arquitetura e seu desmembramento, como relata FONSECA (1984), foi marcado pelo aumento da demanda por equipamentos e espaço na Escola de Belas Artes, assim como, por um crescente prestígio do Curso perante a comunidade universitária devido à qualificação dos docentes recém contratados, a exemplo dos professores Américo

Simas Filho e Diógenes de Almeida Rebouças. Foi, também, “um período de lutas em que se colocava imperiosa a necessidade de independência do curso e sua vinculação maior à área técnica” (ANDRADE, 1989, p. 35). Tal postura demonstra a influência do movimento moderno no meio acadêmico da época, uma vez que esse apelo à aproximação técnica é parte recorrente do discurso modernista. Vale lembrar que a década de 1950 é um momento de exaltação da arquitetura moderna nacional, principalmente com a difusão da escola carioca no território brasileiro, culminando com o projeto da cidade de Brasília, inaugurada em 1960. É nesse contexto de apreciação pela arquitetura moderna que se forma a Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia.

Em maio de 1959, segundo FONSECA (1984), inicia a greve estudantil com pedidos de melhoria do ensino, reformulação curricular e separação do curso. Ocorrem, nesse mesmo ano, três reuniões da Congregação da Escola de Belas Artes (8 de agosto, 22 de setembro e 16 de outubro), nas quais se discute sobre a estruturação do Curso, seu deslocamento para um edifício próprio, a distribuição dos cargos de professores e a transferência de materiais didáticos. Em 2 de outubro de 1959, a Faculdade é oficialmente criada a partir do decreto federal que determina, em seu primeiro artigo, que

Os cursos de Arquitetura das Escolas de Belas Artes das Universidades do Recife e da Bahia passam a constituir, respectivamente a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife e a Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia (Decreto nº 46.953, de 2 de outubro de 1959).

A Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia em sua formação é composta pelo seguinte quadro docente (Tabela 1):

Tabela 1 - Composição do Quadro de Docentes Fundadores da Faculdade de Arquitetura da UFBA.

Nº	NOME	CATEGORIA	DISCIPLINA
1	Leopoldo A. Amaral	Catedrático	Matemática Superior
2	vaga	-	Geometria Descritiva
3	vaga	-	História da Arte
4	Newton R. da Silva	Catedrático (interino)	Desenho Artístico
5	Américo Simas Filho	Catedrático (de Organ. Do Trab. Prática Profissional)	Arquitetura Analítica
6	Jair Brandão	Catedrático (interino)	Modelagem
7	Messias Lemos Lopes	Regente	Desenho Arquitetônico
8	Guilherme Ávila	Catedrático	Mecânica Racional Grafostática
9	vaga	-	Sombras, Perspectivas e Estereotomia
10	Frederico Simas Saraiva	Catedrático	Técnica da Construção – Topografia
11	Walter Velloso Gordilho	Catedrático (de Sist. Strut.)	Composição de Arquitetura
12	Hernani Sávio Sobral	Catedrático	Mat. De Construção – Estudo do Solo
13	Tito Vespasiano Augusto Cesar Pires	Catedrático	Resistência dos Materiais – Estabilidade das Construções
14	Carlos Furtado de Simas	Catedrático	Física Aplicada
15	Vaga	-	Composição Decorativa
16	Climério de Lima Pitta	Catedrático (interino)	Concreto Armado
17	Jaime Cunha da Gama e Abreu	Catedrático	Higiene da Hab. Saneamento das Cidades
18	Fernando Fonseca	Catedrático	Arquitetura no Brasil
19	Diógenes Rebouças	Catedrático (interino)	Grandes Composições de Arquitetura
20	Diógenes Rebouças (vaga)	Catedrático	Teoria e Filosofia da Arquitetura
21	Hélio Simões	Catedrático	Estudos Brasileiros
22	Romano Galeffi	Catedrático	Estética
23	Albérico Fraga	Catedrático	Legislação – Economia política
24	Walter Velloso Gordilho	Catedrático	Sistemas Estruturais
25	Américo Simas Filho	Catedrático	Organização do Trabalho – Prática Profissional
26	Oscar Caetano da Silva	Catedrático	Urbanismo e Arquitetura Paisagística
27	Admar Guimarães	Catedrático	Organização Social das Cidades

Fonte: FONSECA (1984, p. 26 e 27).

a seleção do terreno e sua ocupação

Após sua emancipação, a Faculdade foi instalada provisoriamente no casarão da Vitória, na Avenida 7 de Setembro, nº377, onde antes funcionara a Biblioteca da Secretaria de Educação (Figuras 4 e 5). No dia 12 de outubro de 1959, já neste edifício, foi realizada a primeira reunião de Congregação da Faculdade de Arquitetura que indica o Prof. Walter Gordilho como o primeiro diretor da Faculdade, ação efetivada pelo Reitor no ano seguinte, e forma a Comissão de Currículo, composta pelos professores Américo Simas, Diógenes Rebouças e Walter Gordilho para “definir as metas gerais, diante do problema da reforma de ensino e atualização do Curso de Arquitetura, com vistas ao desenvolvimento do país” (FONSECA, 1984, p. 28). Tal Comissão, composta também para tratar da adaptação do imóvel ao programa da Faculdade,

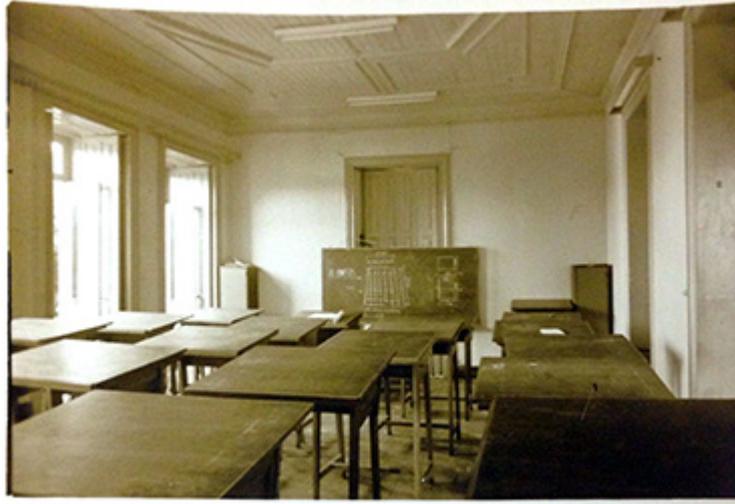
[...] formulou a filosofia do ensino da Arquitetura com bases nos conceitos de Lucio Costa e nos princípios estabelecidos no Congresso da União Internacional de Arquitetos, realizado em 1953 em Lisboa. Esses princípios foram traduzidos como uma progressão contínua na formação do arquiteto, sendo desejável que cada profissional tivesse um espírito ávido de criar e devendo possuir também o poder de síntese. (FONSECA, 1984, p. 29)

Figura 4 - O Casarão na Vitória, vista externa, s/ data.



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA [1960].

Figura 5 - O Casarão na Vitória, vista interna, s/ data.

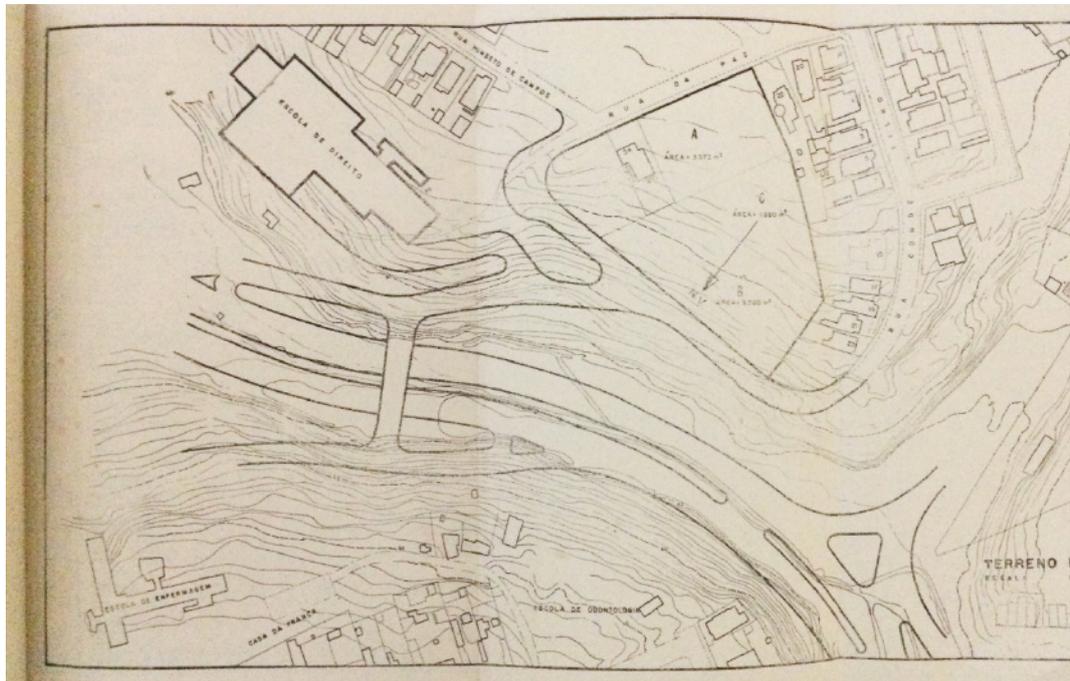


Fonte: Acervo SUMAI/UFBA [1960].

Paralelamente, foi designada uma Comissão composta pelos Professores Américo Simas Filho (presidente), Hernani Sávio Sobral e Diógenes Rebouças (relator) que apresenta para o então diretor da Faculdade Walter Velloso Gordilho, em 1960, o documento SELEÇÃO DO TERRENO PARA CONSTRUÇÃO DAS INSTALAÇÕES DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Foram estudados nove terrenos⁴, os quais foram avaliados a partir de requisitos relativos: à localização, privilegiando os terrenos situados no “Núcleo Universitário” do Canela, postura futuramente considerada pela Comissão como “um critério conservador, tendo-se em vista a realidade existente” (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, p. 79); ao meio físico, considerando a área e forma do terreno, “levando em conta importância desta para um adequado e racional Partido Arquitetônico” (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, p. 17); às características urbanas; e às características econômicas. Nesse momento, o Terreno nº 6 (Figura 6), “situado à Rua da Paz e prolongamento da rua Conde Filho, no sub distrito da Vitória” (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, p. 29), próximo à Faculdade de Direito, obteve melhor avaliação.

4 Foram analisados os terrenos nos seguintes endereços: 1 – Avenida Sete de Setembro, 377 (terreno com o casarão no qual a Faculdade estava instalada) ao 371, (Vitória); 2 – Av. Sete de Setembro, 274 ao 278 (2 de Julho); 3 – Largo da Vitória, entre a Rua da Graça e a Ladeira da Barra (Graça); 4 – R. Pedro Lessa, estendendo-se à Av. Araújo Pinho e Rua Marechal Floriano (Canela); 5 - Av. Araújo Pinho, 13-19 (Canela); 6 – R. da Paz (Graça); 7 – R. Pacífico Pereira (Garcia); 8 – R. General Labatut (Barris); 9 – R. Caetano Moura .

Figura 6 - Terreno nº 6, Comissão de seleção do Terreno, 1960.



Fonte: UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960.

Contudo a questão foi reavaliada por se ter conhecimento da necessidade de novas instalações para outras unidades da Universidade e

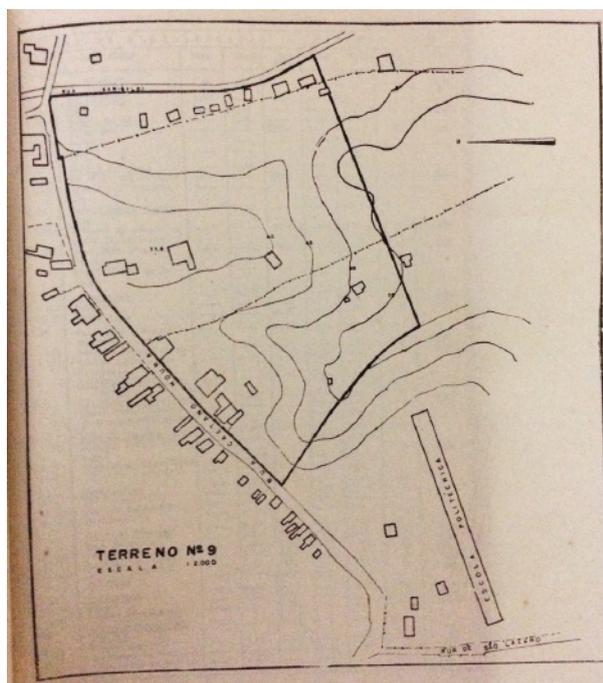
[...] a Comissão pesquisou então não mais Terrenos isolados para a implantação de estruturas esparsas, e sim, aqueles que possibilitassem um Planejamento Global, de sorte a tornar a Universidade da Bahia – tanto quanto possível, nas atuais circunstâncias de nosso desenvolvimento – não um conjunto de peças estranhas unidas somente na Lei que a constituiu e nos seus Estatutos, mas, sim, dentro do velho e sempre atual sentido de ‘UNIVERSITAS’, a integração dinâmica e atuante das partes que a compõem sem exceção, num todo unitário de propósitos e diretrizes, não importando a diversidade estrutural das várias instituições que a compõem. (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, p. 78)

Assim, a Comissão opta pelo terreno nº 9 (figura 7), localizado na Federação, próximo à Escola Politécnica, solução que demonstra um amplo entendimento das questões espaciais e funcionais da UFBA (figura 7), precedendo e servindo de referência para o estudo de reestruturação da Universidade proposta em 1961

pela Comissão de Planejamento⁵ (Figura 06), o qual delimitaria o futuro Campus Federação (Figura 9). A influência fica clara no trecho do Estudo Preliminar onde o texto supracitado da Comissão de Seleção do Terreno é quase que inteiramente replicado:

Já com suas vistas voltadas para esta conjuntura, pesquisou, então, a Comissão, não apenas terrenos isolados para a mera implantação de estruturas esparsas, e sim, os que possibilitassem um planejamento global, de sorte a fazer a Universidade da Bahia – tanto quanto o permitem as atuais circunstâncias de nosso desenvolvimento – não um conjunto de peças estranhas e somente unidas na lei que a constituiu e nos seus Estatutos, mas aquele organismo vivo e vital que melhor encarne o velho mas sempre atual espírito da ‘UNIVERSITAS’, e que resulta na integração dinâmica e atuante das partes que a compõem, sem exceção, num todo unitário de propósitos e diretrizes, não importando a diversidade estrutural das várias instituições que a constituem. (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1961, p. 35)

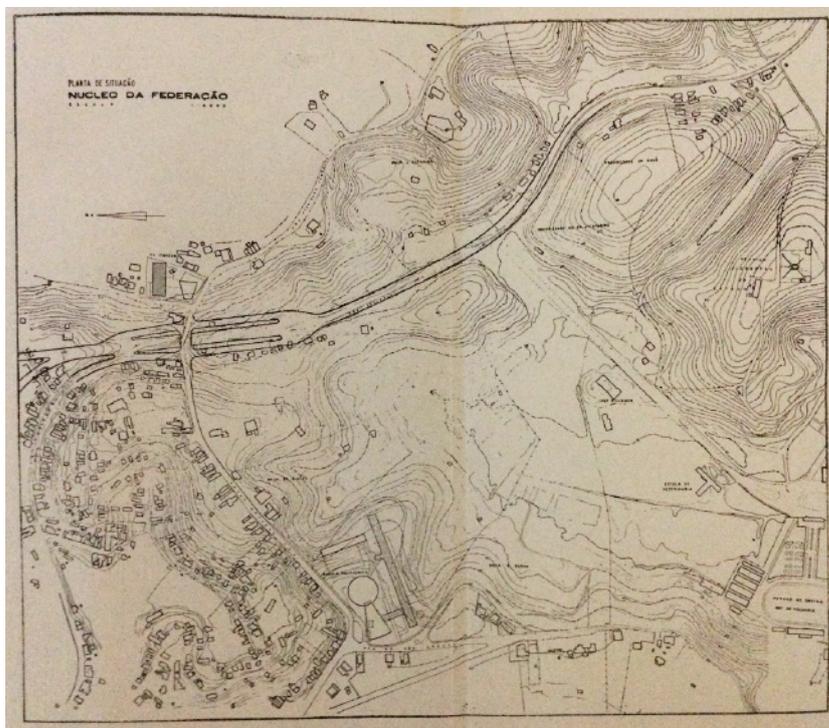
Figura 7 - Terreno nº 9, Comissão de seleção do Terreno, 1960.



Fonte: UNIVERSIDADE DA BAHIA (1960).

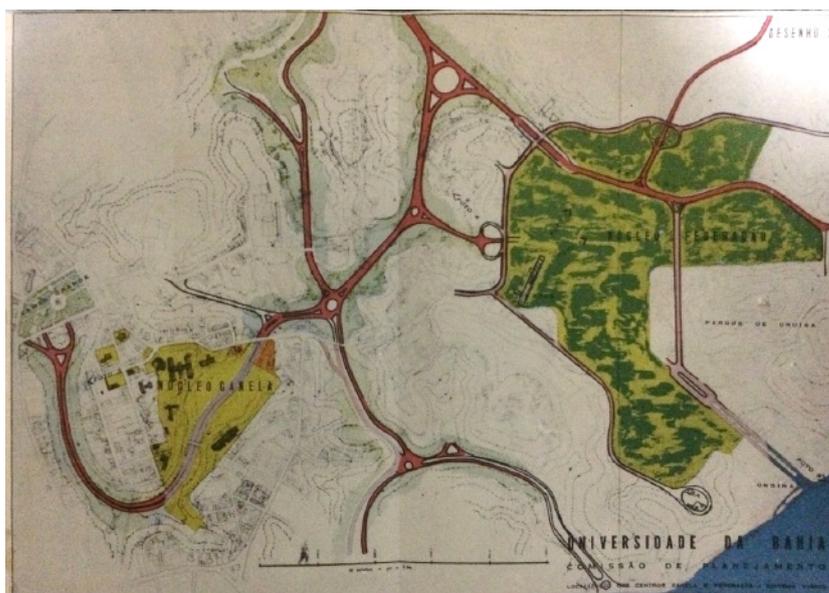
5 A Comissão de Planejamento foi criada em 9 de agosto 1961 pelo Reitor Albérico Fraga. Composta por Thales de Azevedo (presidente), Jorge Calmon, Rubens Lintz, Augusto Mascarenhas, Laerte Pedreira Neves, Elias Passos, Diógenes Rebouças, Leda Jesuíno dos Santos, George Agostinho da Silva, Américo Simas, Hernani Sávio Sobral, apresentando o Estudo Preliminar de Reestruturação da Universidade em 16 de novembro de 1961 (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1961, p. 3, 41 e 42)

Figura 8 - Núcleo Federação, Comissão de seleção do Terreno, 1960.



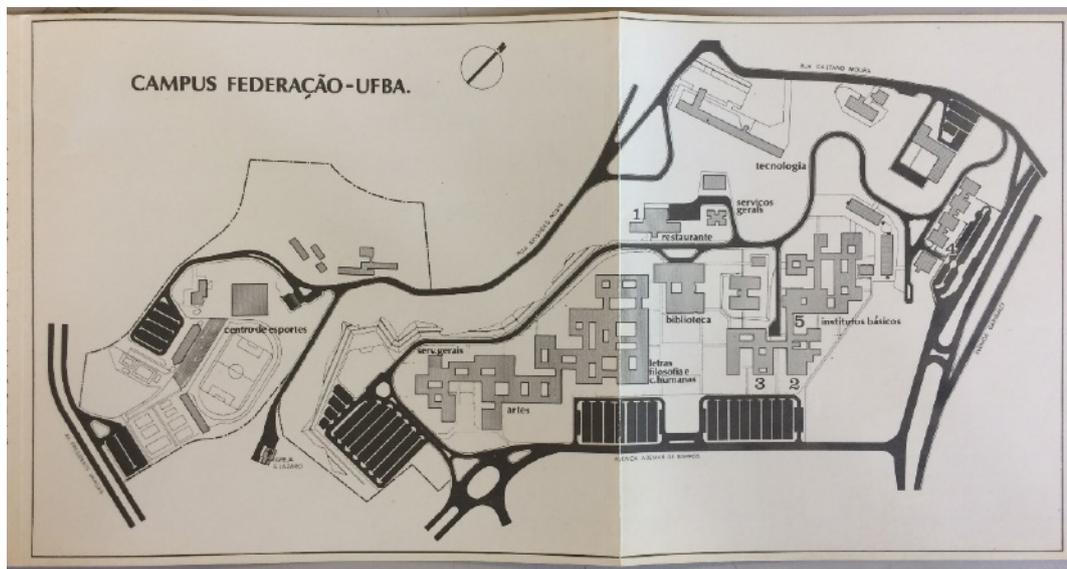
Fonte: UNIVERSIDADE DA BAHIA (1960).

Figura 9 - Ligação entre os “Núcleos” Canela e Federação, Comissão de Planejamento – 1961.



Fonte: UNIVERSIDADE DA BAHIA (1961).

Figura 10 - Planta do Campus Federação, 1981.

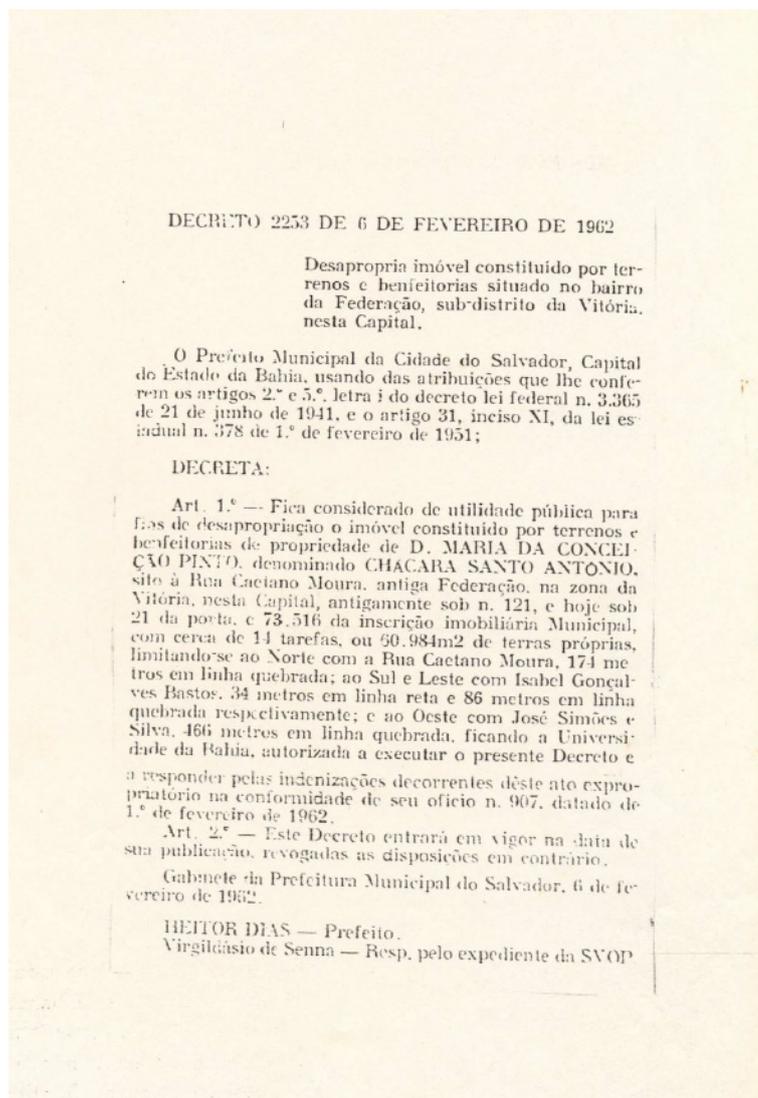


Fonte: UNIVERSIDADE DA BAHIA (1981).

Foi, então, adquirido o terreno da Chácara Santo Antônio, com cerca de 14 tarefas (60.984,00m²), em fevereiro de 1962 (Figura 11), cuja ocupação ocorreu de maneira emergencial, uma vez que

A amplitude da área teria dado margem a várias solicitações, inclusive para localização de uma Escola de Menores. O então Reitor, Professor Albérico Fraga, já teria vinculado várias doações à área, e no temor de que nesta progressão de compromissos políticos se perdesse o terreno, o Diretor da FAUFBA, Professor Walter Gordilho, denunciou o fato à Congregação, colocando a necessidade de uma efetiva ocupação da área. Em novembro de 1962, a Congregação aprova a “Exposição de Motivos” da Diretoria, cuja proposta “consiste na construção de pavilhões provisórios nos terrenos da Federação. (ANDRADE, 1989, p. 45)

Figura 11 - Decreto de desapropriação do terreno, 1962.



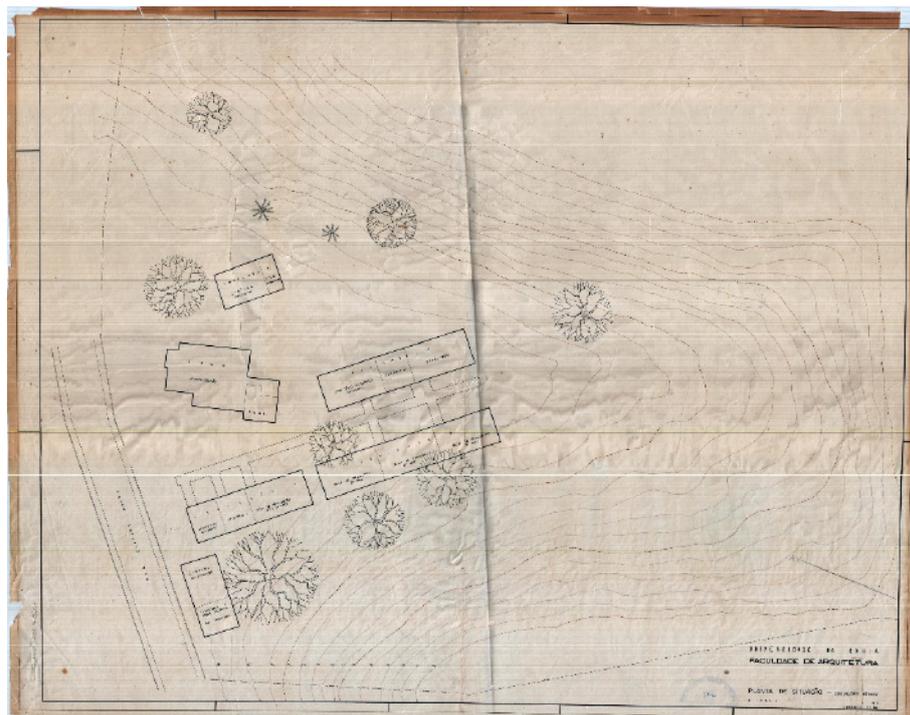
Fonte: ANDRADE (1989, p. 171).

Nesse contexto, são construídos em 1963 os Pavilhões Provisórios (Figura 12) que, por sua flexibilidade e adaptabilidade, iniciam um processo dinâmico de ocupação do terreno (Figura 13). Apesar do carácter provisório e emergencial dessa ocupação, a instalação dos barracões no terreno onde será construído o edifício definitivo da Escola mostra-se oportuna ao ensino de arquitetura por possibilitar a aproximação entre teoria e prática. Essa situação é aproveitada pela Comissão de Programação⁶, criada paralelamente à conclusão desses pavilhões, na qual o Prof.

6 Formada em 1963, a Comissão foi presidida pelo Prof. Américo Simas e teve como integrantes os professores Diógenes Rebouças (relator), Fernando Luiz da Fonseca e Antônio Carlos Medeiros Guimarães (FONSECA, 1984, p. 45).

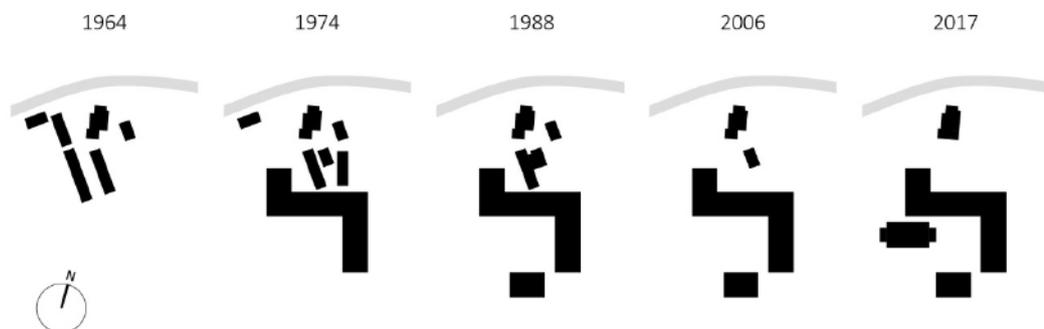
Diógenes Rebouças se apropria do discurso da Bauhaus ao propor em seu relatório de 1963 que “o estudante teria seu tempo dividido entre as aulas de exposição, o ‘atelier’ e ainda, temporária e periodicamente, as obras cujo andamento teria de acompanhar” e ao constatar, logo em seguida, que “o fazer é, sem dúvida, uma experiência básica, indispensável ao ato de criar” (ANDRADE, 1989, p. 179).

Figura 12 - Planta de Situação dos Pavilhões Provisórios, Barracões, [1963].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA.

Figura 13 - Esquema cronológico de ocupação do terreno da Federação pela FAUFBA.



Fonte: Esquema elaborado pelo autor, a partir de ANDRADE (1989) e Google Earth.

A casa existente no terreno, para onde é transferido o Escritório de Arquitetura

“como posse simbólica da propriedade” (ANDRADE, 1989, p. 44) e que passaria a abrigar a administração e diretoria da Faculdade após a construção dos barracões, é remanescente da época em que fazendas, chácaras e sítios conformavam a paisagem da região onde, atualmente, se encontra o Campus Federação/Ondina. Até meados do século XX, pouco antes da ocupação da Universidade iniciada pela Escola Politécnica e seguida pela Faculdade de Arquitetura, o bairro da Federação⁷, pertencente ao distrito da Vitória, era pouco adensado (Figura 14), prevalecendo uma paisagem rural. “Toda a área que compreende a atual rua Caetano Moura e ruas adjacentes eram terras pertencentes às fazendas que ali existiam” (TEIXEIRA apud MACHADO, 1988). Segundo relata Cid Teixeira, “o bairro era servido pela linha de bonde número 7, que ia até o topo da ladeira onde hoje fica a Faculdade de arquitetura da Ufba” (MACHADO, 1988). A pouca ocupação do bairro estava concentrada na região próxima ao Campo Santo, constituída por lotes cujas construções seguiam o alinhamento imposto pelo poder público a fim de organizar a implantação das áreas em processo de adensamento, “permitindo com maior facilidade a implantação de infra-estrutura, principalmente do transporte público” (ALMEIDA, 1997, p. 148).

7 O nome do bairro, “segundo o historiador Cid Teixeira, resulta do caminho aberto, em 1890, a partir do pequeno largo existente, hoje em frente ao prédio da Escola Politécnica, e denominado Estrada da Federação, em homenagem à República Federativa que acabava de se instalar no país” (MACHADO, 1988).

Figura 14 - Vista Aérea do voo Cruzeiro do Sul, com terreno da Faculdade na parte central da foto, 1947.



Fonte: Acervo EPUCS/Arquivo Histórico Municipal/Fundação Gregório de Matos.

O papel de destaque desempenhado por Diógenes Rebouças nas decisões acerca da elaboração do projeto da Faculdade de Arquitetura e da implantação do Campus da Federação resulta de sua trajetória como “o mais importante arquiteto da Bahia, autor do projeto de diversas obras importantes [...], como o Estádio da Fonte Nova, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, e o Hotel da Bahia” (ANDRADE JUNIOR, 2012, p. 448). Seu protagonismo na autoria do projeto da Faculdade de Arquitetura é evidenciado pelas soluções empregadas, tanto no que concerne à materialidade como à estrita vinculação entre espaço, forma e programa.

Nas palavras do Professor Paulo Ormindó de Azevedo, Diógenes Rebouças “foi uma figura complexa, com uma sólida formação técnica, mas praticamente um autodidata em arquitetura. Segue, além do mais, uma trajetória inversa a da maioria dos arquitetos de sua geração. Inicia-se no planejamento urbano e só depois dedica-se à arquitetura” (AZEVEDO, 1997, p. 187). Após graduar-se engenheiro agrônomo, em 1933, passa a residir em Itabuna, onde realiza trabalhos de topografia e de urbanização da cidade, ao mesmo tempo em que demonstra interesse pela arquitetura, projetando a Catedral de Itabuna em 1935. No ano seguinte, retorna a Salvador e cursa a Escola de Belas Artes (REBOUÇAS, 1999, p. 116), passando a frequentar os ateliês dos professores da EBA e a projetar algumas casas na cidade.

A convite do Engenheiro Mário Leal Ferreira, diretor do EPUCS⁸, que já havia se impressionado com o trabalho urbano e paisagístico de Rebouças em Itabuna, repropõe a implantação do Complexo Esportivo da Fonte Nova, que é imediatamente aceita. Em 1942, apresenta o projeto em desenvolvimento a Oscar Niemeyer e Rino Levi no Rio de Janeiro e retorna a Salvador para desenhar as plantas (REBOUÇAS, 1999, p. 119).

Arelado ao Complexo da Fonte Nova, desenvolve um plano para a Cidade Universitária em parceria com a Universidade da Bahia (Figuras 15 e 16), entre 1942 e 1947, na região da Boa Vista de Brotas, próxima ao Dique do Tororó. A

8 EPUCS - Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador. Criado em novembro de 1942 através do “contrato entre a Prefeitura Municipal de Salvador e o engenheiro Mário Leite Leal Ferreira para a elaboração do plano de urbanismo da cidade do Salvador” (FERNANDES, 2014, p. 193).

proposta tinha por objetivo

[...] situar a Universidade próxima ao centro de Salvador e com possibilidade de desenvolver relações de cooperação com o conjunto de instalações previstas pelo Departamento Estadual de Educação Física (projeto de organização elaborado por Mário Leal Ferreira, no início dos anos 40), do qual a Praça de Esportes da Bahia – e o seu Estádio – constituíam elementos centrais (FERNANDES in ANDRADE JUNIOR et al., 2016, p. 137).

No entanto, o plano não foi adiante pois já vinham sendo construídos, na região do Canela, os equipamentos vinculados à área de saúde da Universidade (ANDRADE JUNIOR, 2012, p. 195).

Figura 15 - Cidade Universitária, croqui perspectiva, [entre 1942 e 1947]



Fonte: Acervo EPUCS/Arquivo Histórico Municipal/Fundação Gregório de Matos.

Figura 16 - Cidade Universitária, planta de localização, [entre 1942 e 1947]

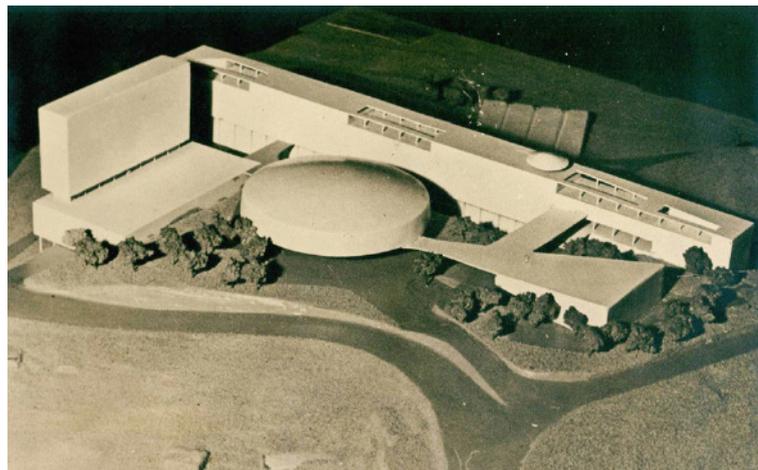


Fonte: Acervo EPUCS/Arquivo Histórico Municipal/Fundação Gregório de Matos.

É no EPUCS, “a grande escola baiana de arquitetura e urbanismo, onde se formou toda uma geração de técnicos que integravam a primeira equipe multidisciplinar de planejamento urbano do país” (AZEVEDO, 1997, p. 190), que o trabalho de Diógenes ganha notoriedade. Desenvolve a partir de então projetos como a Escola Parque⁹ e o Hotel da Bahia (1947-1952), ambos tombados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC)¹⁰.

Após a experiência do EPUCS, obtém o diploma de Arquiteto em 1951 e, em paralelo à atividade liberal, passa a lecionar no Curso de Arquitetura já integrado à Universidade da Bahia, na disciplina Grandes Composições de Arquitetura. Nesse momento, “teve um papel de destaque na reforma do ensino de arquitetura da EBA-BA, sendo o principal responsável pela vinda à Bahia, contratados como professores, de nomes como José Bina Fonyat Filho, Fernando Machado Leal e, mais tarde, Lina Bo Bardi” (ANDRADE JUNIOR, 2012, p. 272). Em 1953, a partir de “um programa no nível de uma escola moderna para formar o técnico de amanhã” (REBOUÇAS, 1999, p. 122), projeta a Escola Politécnica (Figuras 17, 18 e 19), em parceria com os arquitetos Fernando Machado Leal e Bina Fonyat, composta “por quatro blocos com programas e formas distintas, distribuídos ao redor de uma grande esplanada e articulados por uma sinuosa marquise” (ANDRADE JUNIOR et al., 2016, p. 259).

Figura 17 - Escola Politécnica, maquete volumétrica, 1953

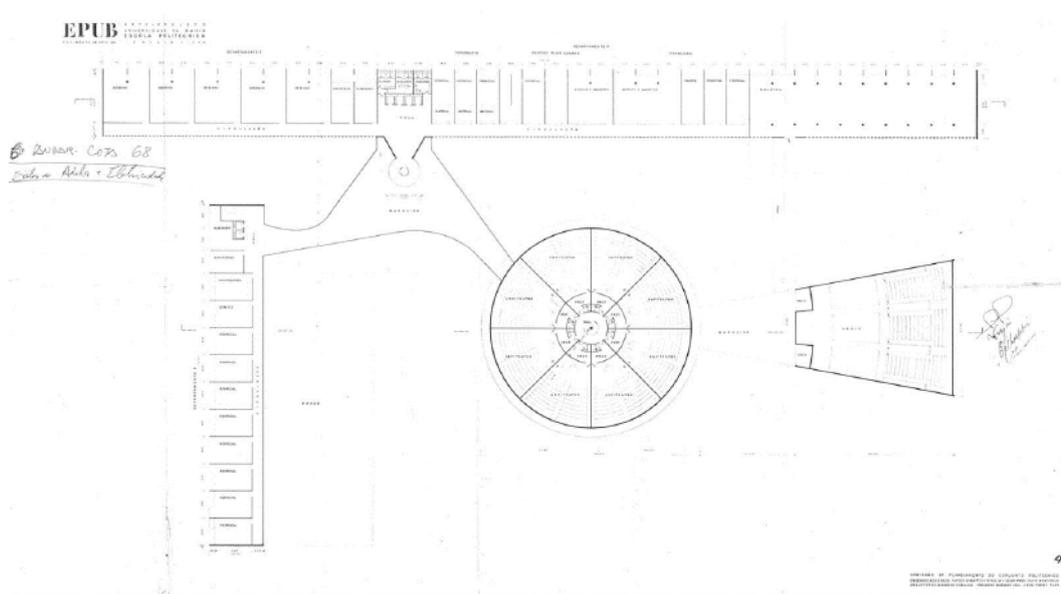


Fonte: ANDRADE JUNIOR et al., (2016, p. 159).

9 Estrutura petencente ao Centro Escolar Carneiro Ribeiro cuja implantação "durou dezesseis anos, entre a primeira versão do projeto, elaborada em 1948, e a inauguração das últimas edificações do conjunto – o Pavilhão do Setor Artístico da Escola-Parque, em 1963" (ANDRADE JUNIOR, 2012, 245).

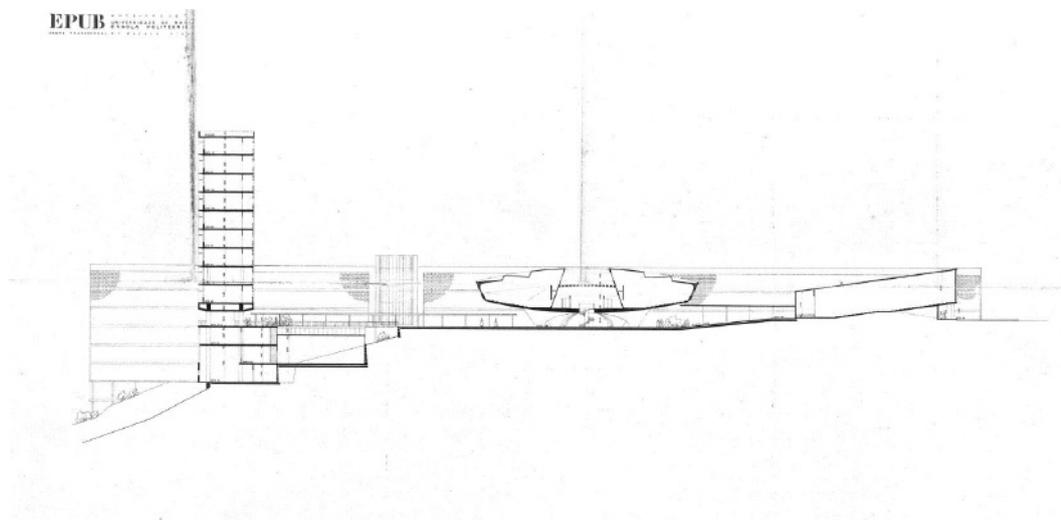
10 A Escola Parque foi tombada no dia 10 de novembro de 1981 pelo Decreto n° 28.398/1981 e o Hotel da Bahia no dia 03 de dezembro de 2010 pelo decreto n° 12.494/2010.

Figura 18 - Escola Politécnica, planta baixa – 1953



Fonte: ANDRADE JUNIOR et al., (2016, p. 161).

Figura 19 - Escola Politécnica, corte geral – 1953



Fonte: ANDRADE JUNIOR et al., (2016, p. 163).

Como profissional liberal, construiu um vasto repertório de projetos, majoritariamente realizados em parceria com outros arquitetos ou engenheiros, a exemplo dos já citados Bina Fonyat e Fernando Machado Leal, além de Paulo de Assis Ribeiro, Assis Reis, e Heliodório Sampaio. A primeira fase desse momento de sua carreira, “de 1951 a 1957, pode ser caracterizada como de busca por um

modelo de casa contemporânea baiana e de alinhamento aos princípios do CIAM” (AZEVEDO, 1997, p. 192). A segunda fase “coincide com a reaproximação do governo estadual. Ironicamente, a eleição de Juracy Magalhães (1959-63), ex-interventor contra quem Mangabeira tanto lutou, reconduziria Rebouças ao posto de arquiteto oficial da Bahia” (AZEVEDO, 1997, p. 195). O projeto da Faculdade de Arquitetura se enquadra como um momento de mudanças na produção de Diógenes, principalmente pela reestruturação do seu escritório a partir de então, marcando o início de “sua última fase (1964-1972) de atuação como profissional liberal” (AZEVEDO, 1997, p. 196).

É interessante notar, nessa trajetória, a contribuição do trabalho de Diógenes Rebouças para a cidade de Salvador que “só veio a desenvolver sua própria arquitetura moderna a partir da metade da década de 40. Este atraso se deveu, entre outras razões, ao provincianismo local, à inexistência de uma escola de arquitetura, bem como à restrita atividade de construção” (AZEVEDO, 1997, p. 187). Como principais motivos de mudança desse cenário, o Azevedo aponta a redemocratização do país, a renovação cultural a partir da criação da Universidade da Bahia e o início da exploração do petróleo no Recôncavo, e ressalta o papel fundamental exercido por Rebouças para a consolidação do movimento moderno na Bahia.

projeto, construção e adaptação

No parecer da seleção do terreno, ao apontar as razões para a previsão de instalações adequadas à Faculdade, o Prof. Diógenes Rebouças, enquanto relator, afirma que:

A Faculdade de Arquitetura é, no conjunto de todas as unidades universitárias, aquela em que mais pesam as responsabilidades que dizem respeito a uma solução racional do problema de instalações adequadas, isto é, tal que apresente suficientes requisitos técnicos, funcionais e estéticos, pois estes elementos básicos devem preponderar no ensino que nela se ministra, cabendo-lhe, assim, a obrigação precípua de aplicá-lo nos trabalhos a seu cargo, tão exemplarmente quanto lhe seja possível: uma clara, racional e eficiente disposição dos espaços; a correta previsão das acomodações; a adequação precisa destas às suas diversificadas funções e uma conscienciosa disciplina no emprego da técnica recomendável e dos materiais mais conveniente (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, P. 6).

No texto, estão enunciados os princípios que regeriam o projeto da Faculdade.

Destaca-se nele o pensamento racionalista do arquiteto e a relação entre o objeto e sua função, ou seja, a obrigatoriedade de se fazer uma arquitetura de qualidade para o ensino desta. Ressalta-se, também, no mesmo relatório, a importância dada ao entorno paisagístico, uma vez que foi utilizado como critério de avaliação a relação de “Horizonte e Emolduramento”, “requisito considerado como de grande importância” (UNIVERSIDADE DA BAHIA, 1960, P. 21).

No ano de 1963, procurando “atender as manifestações reiteradas do Mag. Reitor Prof. Dr. Miguel Calmon [...] ao considerar altamente prioritária a necessidade de dotar a Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia de instalações condizentes com o seu destacado papel na família universitária baiana” (UNIVERSIDADE DA BAHIA apud ANDRADE, 1989 p. 186), a Comissão de Programação apresenta o Plano Piloto no qual se pode notar a influência de Gropius também no que tange o pré-dimensionamento e a disposição das salas de aula, com poucos alunos por professor e possibilitando a integração entre as turmas (ANDRADE, 1989, p. 53).

O programa estaria distribuído em um “Bloco-Principal”, de formato retangular conformando um pátio central, e um “Pavilhão Biblioteca-Museu”, um bloco menor a nordeste do Principal, conformando com este uma esplanada de acesso à Faculdade (Figuras 20 e 21). No Plano, além da distribuição espacial do programa, é estabelecida a construção do edifício em etapas a fim de permitir a flexibilidade necessária para atender à realidade financeira ao qual o projeto estava subordinado. Seria executado em uma primeira etapa o bloco da “Biblioteca-Museu” seguido pelo “Bloco-Principal” dividido cronologicamente pela “Ala Este”, “Ala Oeste” (e ligação das duas Alas) e o “Auditório Principal”. Segue o texto completo sobre o partido proposto:

O Partido que a Comissão propõe, pode assim ser descrito: aproveitando a amplitude da chã do terreno previu-se nela uma Plataforma, situada na cota 58,50m, de dimensões da ordem de 70,00 x 55,00m, na qual se admitiu uma ampla Via de Acesso, com 21,60m de largura, iniciada nos limites do terreno da Faculdade com a Rua Caetano Moura e que se prolonga no sentido Norte-Sul.

A concepção desta ampla área favorece a sua utilização, não só para a circulação e triagem dos usuários como, também, para proporcionar aprazíveis recantos, de onde a visão possa se espriar sobre bela paisagem tropical, que emoldura um amplo horizonte.

A Plataforma indicada - à guisa de um “Dromos” - dá acesso ao Bloco-Principal, que a limita ao Sul, e ao Pavilhão Biblioteca-Museu, situado a meio caminho, ao lado Este, servindo, ademais, para promover, com os elementos de arrimo que a delimitam, o necessário elo de articulação plástica entre os dois volumes, simples, claros e preciosos, do Bloco e Pavilhão referidos.

A intencional obtenção do jogo volumétrico indicado, entremeiado [sic] de vazios, através dos quais a vista alcançará a paisagem e horizontes amplos de beleza incontestes, objetiva um sentido de amplitude espacial, condizente com a dignidade e responsabilidade de uma Faculdade de Arquitetura.

Fixada a posição do Bloco e do Pavilhão, além do nível da Plataforma, tornou-se possível admitir o desenvolvimento dos espaços onde se localizarão as atividades da escola, em três (3) níveis básicos: um praticamente no mesmo plano da Plataforma, prolongando-se através do Bloco Principal para formar um amplo jardim interno, tão peculiar e autêntico às soluções sadias de tantos nobres exemplares da arquitetura de nossos antepassados; e outros dois níveis, situados um acima e outro abaixo do anteriormente indicado, exercendo, este, ademais, a função precípua de “core”, onde se processará a devida triagem.

Da solução obtida, pela integração do espaço externo com o interno, originou-se o Pátio que, à maneira do Claustro, servirá de ponto de convergência de todos os setores da Faculdade, previstos e enumerados no zoneamento, já tratado no Capítulo III.

O desnivelamento natural do terreno deu origem, em determinados trechos, a áreas abaixo dos níveis mencionados, em que foram previstas instalações de atividades estudantis e localização de “ateliers” destinados a possibilitar experimentações dos corpos Docente e Discente. Esta posição dos espaços para o Corpo Docente (Diretório, Associação Atlética, Cantina e Recreio Coberto) está justificada, ainda mais, por uma correlação estreita com as áreas próximas do terreno, previstas para a implantação de práticas esportivas ao ar livre.

A forma retangular, sugerida para os blocos, favorece uma racional solução do ponto de vista construtivo, tendo-se em mira a possibilidade de obtenção de uma estrutura bastante simples e lógica, facilitando a utilização da pré-fabricação, com o que se atingirá o objetivo de permitir, quando da execução das obras previstas na Programação estudada, em suas diferentes etapas aquela flexibilidade indispensável ao correto atendimento das reais possibilidades financeiras existentes.

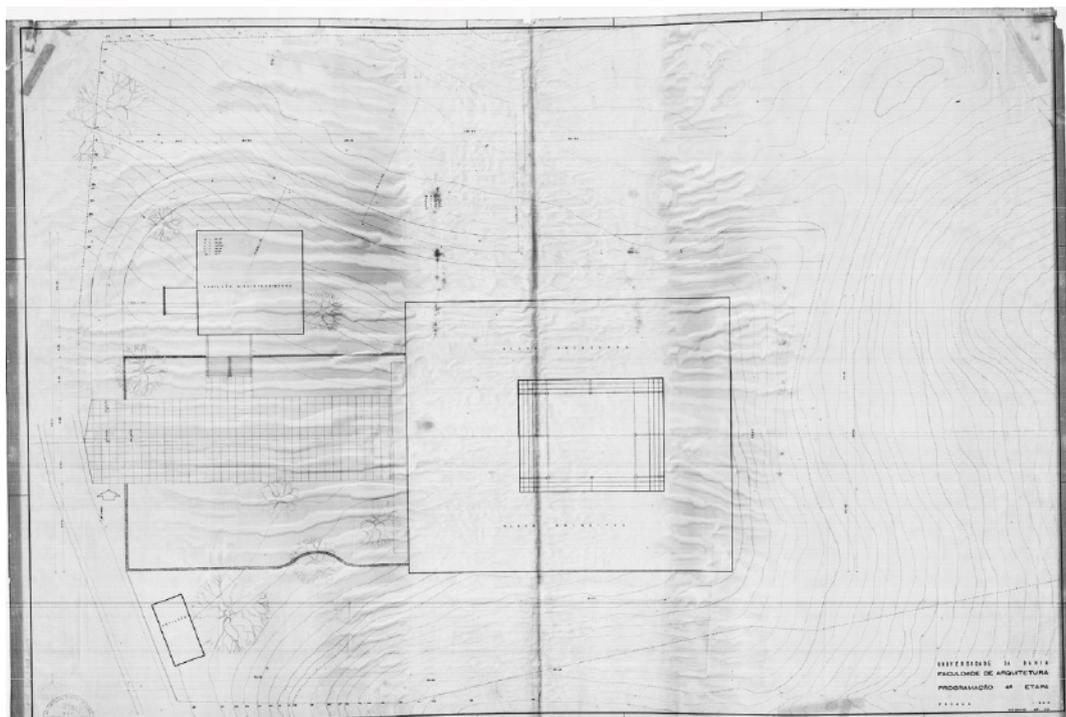
O Pavilhão Biblioteca-Museu obedece aos mesmos critérios estabelecidos para o Bloco Principal quanto aos níveis, tendo sido o acesso aos dois planos sido obtido por intermédio de escadas externas, que favorecem sobremodo a movimentação de volumes, com

consequente enriquecimento da solução plástica conseguida. Neste Pavilhão, cujos estudos alcançaram a fase de anteprojeto - pelas razões a serem expostas em 4.5 - os espaços previstos para as instalações da Biblioteca admitem a maior flexibilidade possível, através da delimitação dos mesmos por intermédio de estantes, móveis e outras divisões, a serem executadas em material apropriado.

Outra idéia utilizada neste anteprojeto foi a de destacar do volume principal do Pavilhão, os espaços previstos para as instalações de conforto, dando-se, ao conjunto das mesmas, estrutura própria, articulada por escadas, favorecendo assim a obtenção de boa solução, quer do ponto de vista construtivo, quer do funcional.

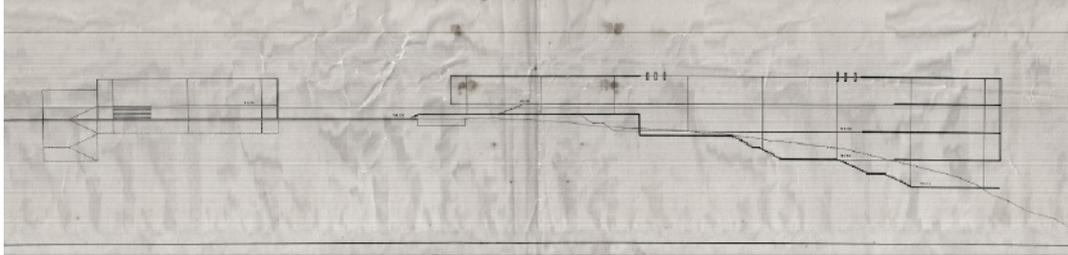
A Comissão deu a devida atenção à imperiosa necessidade de ser estabelecido acesso fácil entre o espigão em que se assenta a Plataforma de ingresso pela Rua Caetano Moura e o vale inferior, de ligação com as estruturas do Parque de Ondina e Avenida Oceânica. Para tanto, previu-se uma rua interna, da chã ao vale, inclusive para possibilitar circulação apropriada de pessoas e veículos, quer durante as atividades esportivas ou sociais do Corpo Docente, quer para o Canteiro de obras da Faculdade e ainda ao Canteiro Piloto, previsto no Programa, destinado a atender convenientemente aos trabalhos práticos de numerosas cadeiras do Currículo, notadamente dos Departamentos III, VI e II. (UNIVERSIDADE DA BAHIA apud ANDRADE, 1989, p. 54 e 55).

Figura 20 - Planta da 4ª etapa de construção do Plano Piloto da FAUFBA na qual se pode ver a implantação inicial dos edifícios conformando uma esplanada, [1963]



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 21 - Figura 21 – Corte Longitudinal do Plano Piloto da FAUFBA, [1963]



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

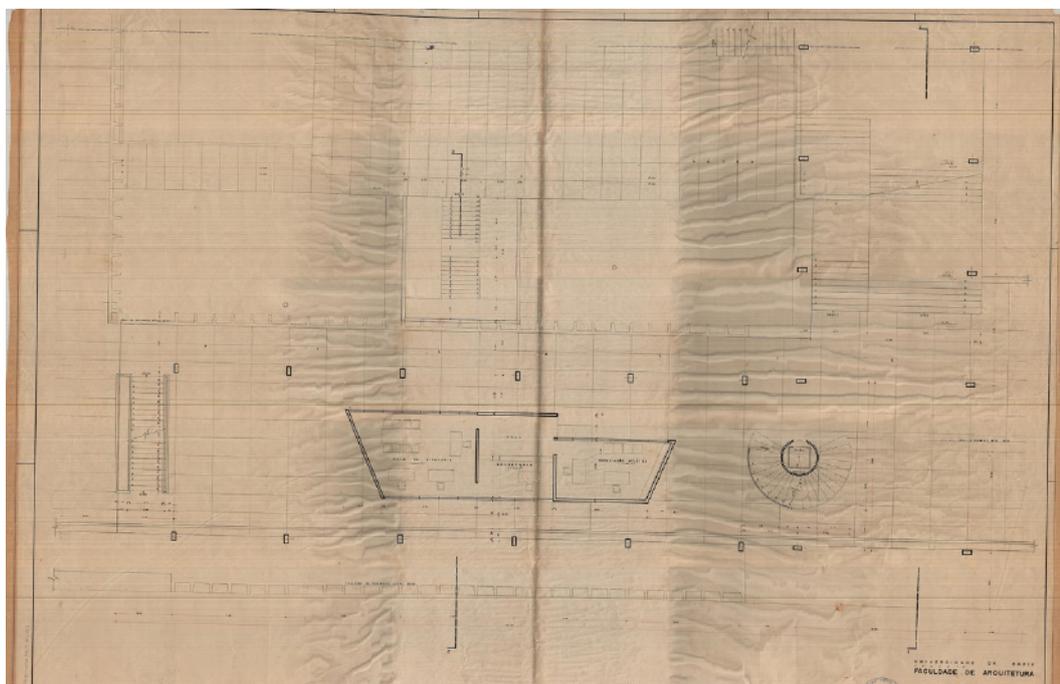
No ano de 1965, foi montada a Comissão encarregada da elaboração do projeto da nova sede, composta pelos professores Américo Simas Filho, Oscar Caetano da Silva e Diógenes Rebouças. Acontece, nesse momento, a primeira de uma série de adaptações pela qual o projeto viria a passar (Figura 22). O bloco menor, correspondente ao “Pavilhão Biblioteca-Museu”, passaria a acomodar apenas a administração e seria aproximado do “Bloco-Principal”, por onde se daria o seu acesso e para onde seria relocada a biblioteca (Figuras 23 a 27). As etapas de execução também são alteradas, dando prioridade à construção da Ala Leste do Bloco Principal em detrimento à construção do bloco menor. A construtora vencedora da concorrência lançada no dia 31 de agosto daquele ano, para a construção da primeira etapa do projeto (Figura 28), foi a empreiteira Soares Leone, que assina o contrato de empreitada global no dia 11 de novembro de 1965. O projeto estrutural foi desenvolvido pelo Escritório Técnico Júlio Kassoy e Mário Franco, de São Paulo. Em 1966, “toda a estrutura de concreto armado já estava concluída” (FONSECA, 1984, p. 49). Em seguida, para a segunda etapa, é proposta a adaptação do auditório, antes inserido no corpo do edifício principal, para lhe dar protagonismo no conjunto através da sua rotação em 90°, destacando-lhe do Bloco (Figuras 30 a 32). A construção do Pórtico e Auditórios inicia em 1969 e termina no primeiro semestre de 1971 (Figura 33), ocorrendo a ocupação de seus espaços no segundo semestre (FONSECA, 1984, p. 60).

Figura 22 - Esquema das diferentes versões do projeto.



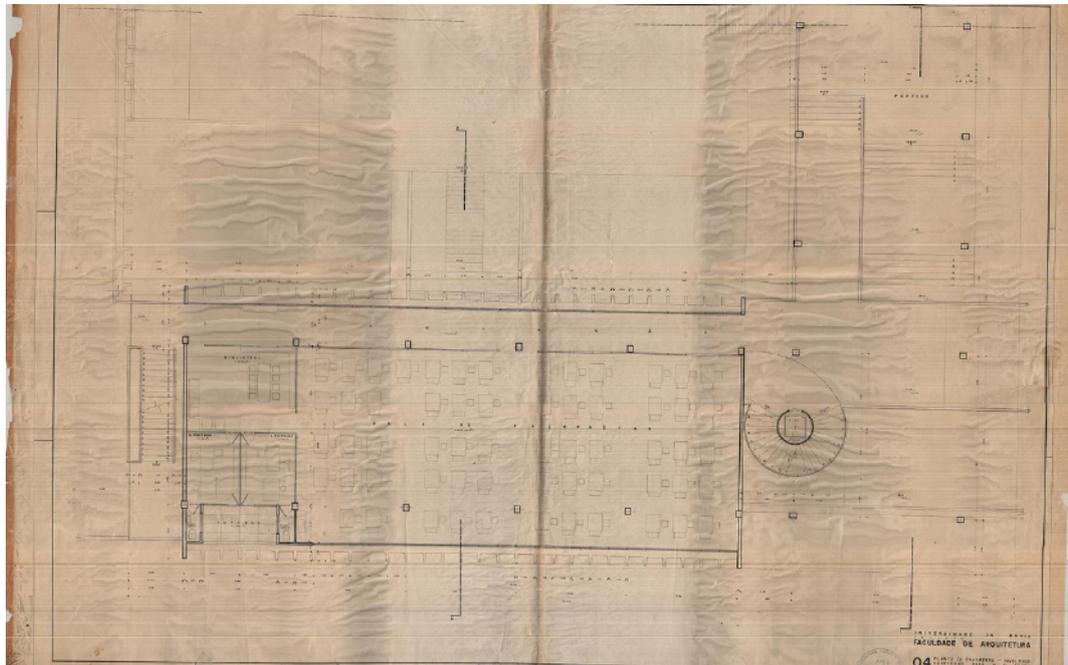
Fonte: Esquema elaborado pelo autor, a partir de ANDRADE (1989).

Figura 23 - 1ª adaptação, planta Nível 56 Ala Leste, [1965].



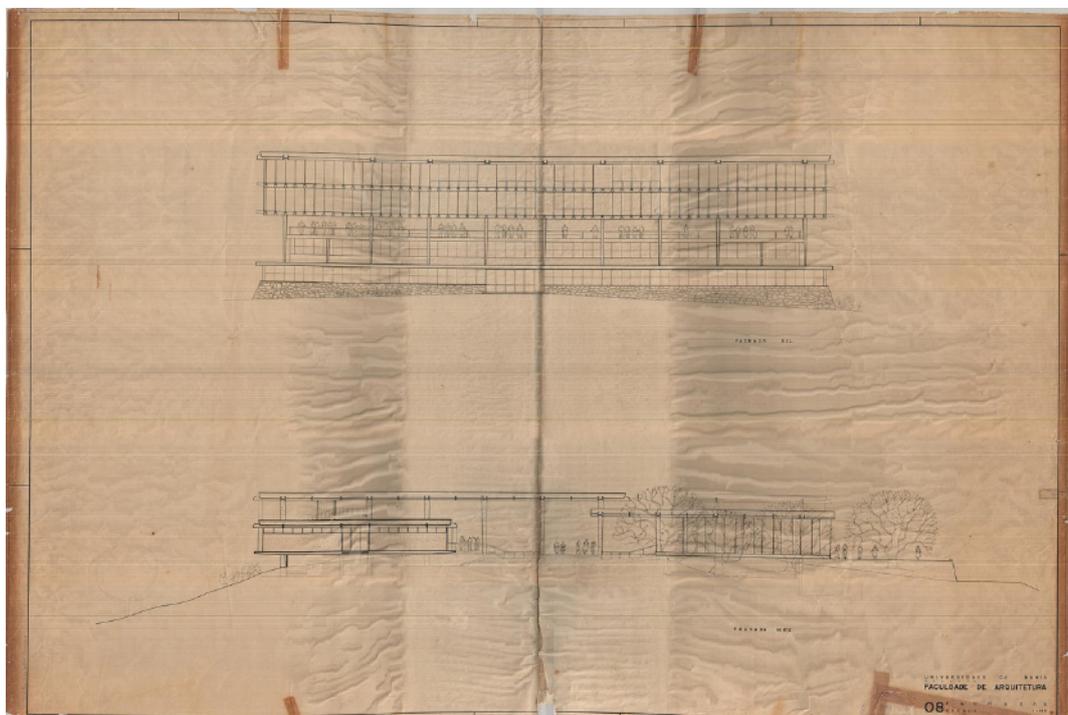
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 24 - 1ª adaptação, planta Nível 59 Ala Leste, [1965].



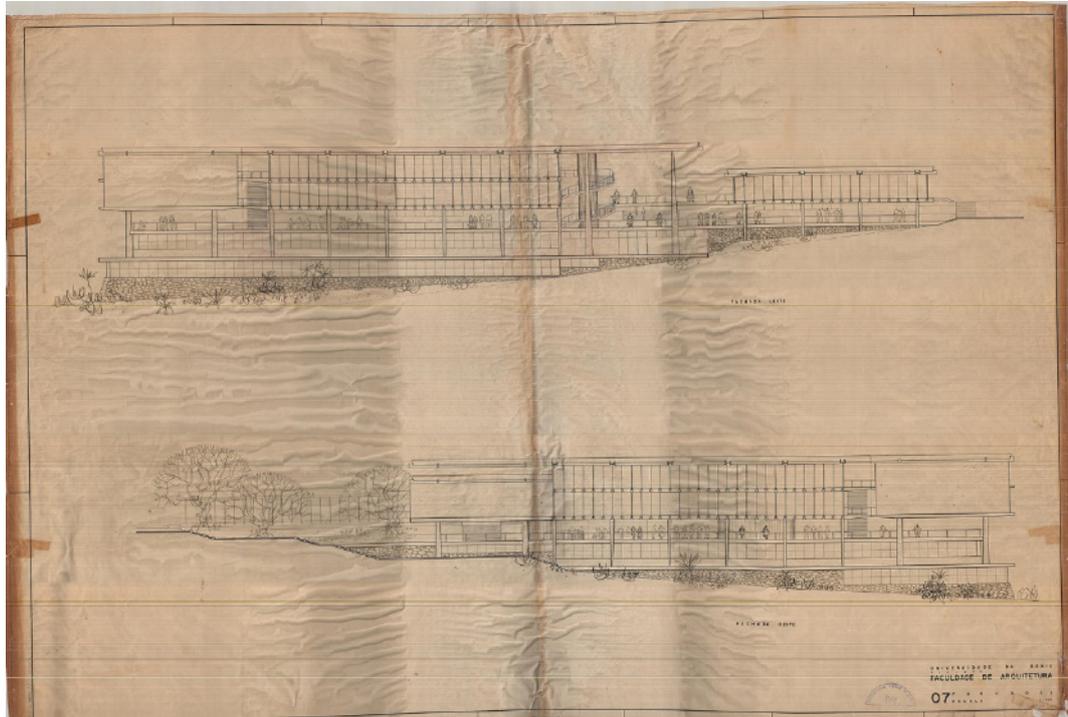
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 25 - 1ª adaptação, fachadas sul e norte, [1965].



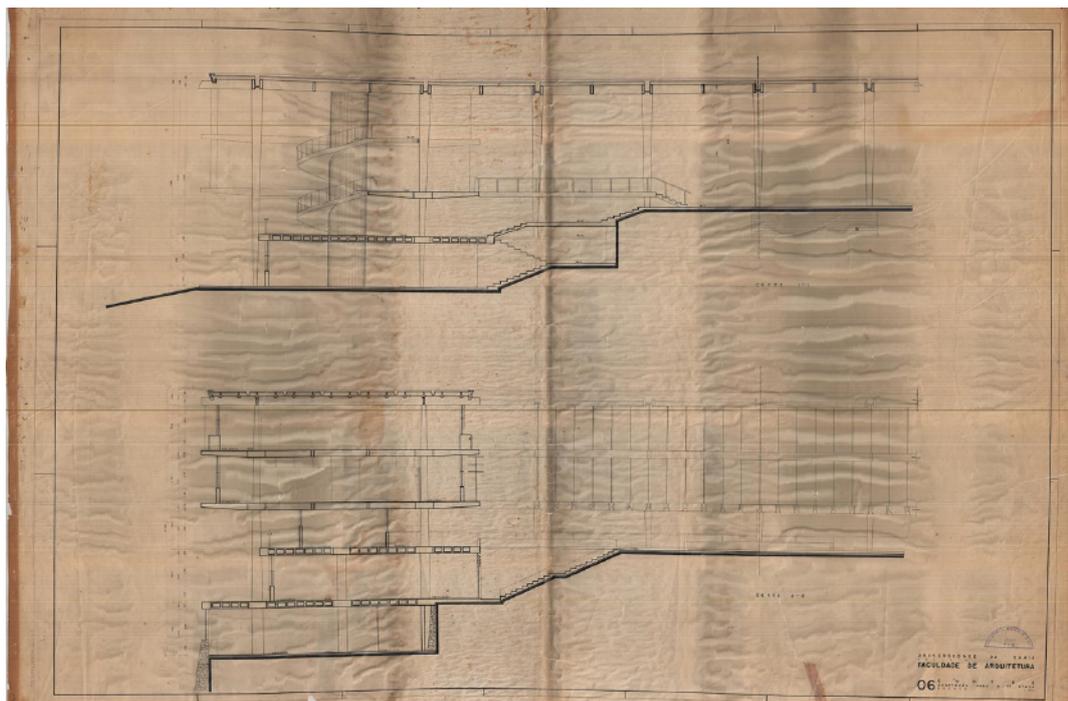
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 26 - 1ª adaptação, fachadas leste e oeste, [1965].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 27 - 1ª adaptação, cortes Ala Leste, [1965].



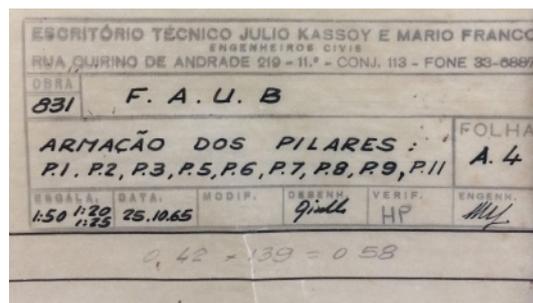
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 28 - Foto da 1ª etapa na qual se observa a plataforma que ligaria ao bloco menor, [1968].



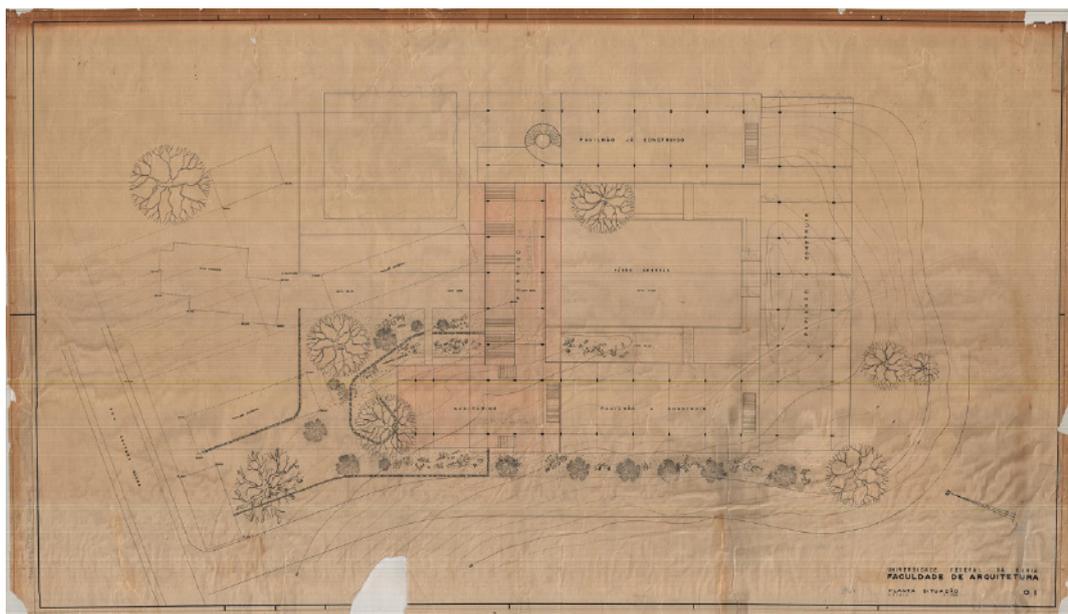
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 29 - Carimbo de uma das pranchas do projeto estrutural, (1965).



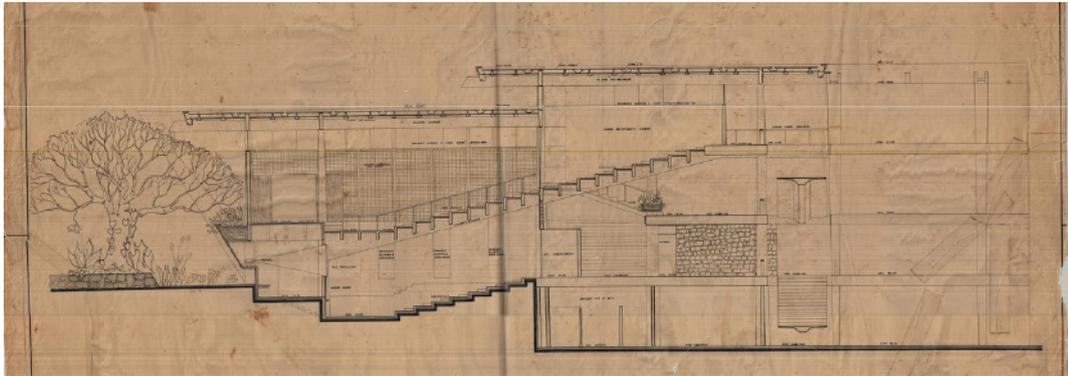
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 30 - 2ª adaptação, planta de situação, [1968?].



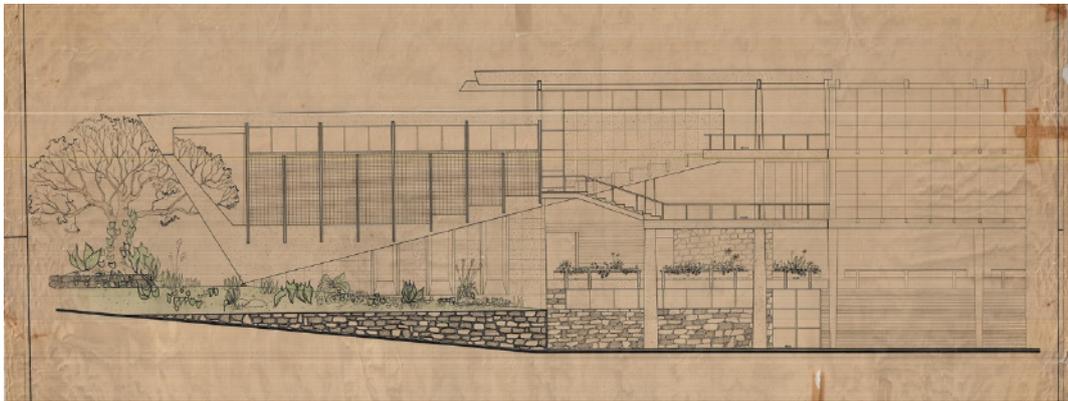
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 31 - 2ª adaptação, corte Auditórios, [1968?].



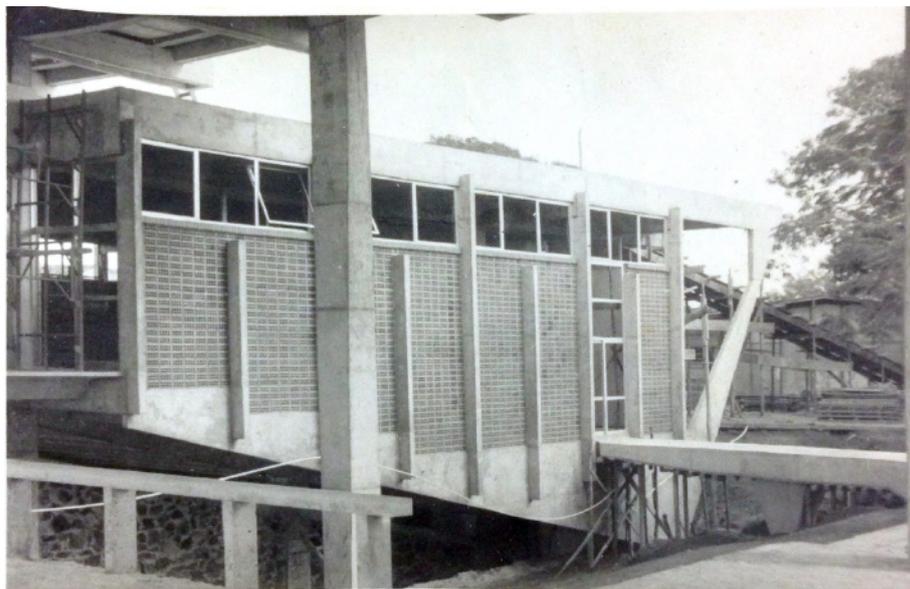
Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 32 - 2ª adaptação, Fachada Oeste dos Auditórios, [1968?].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Figura 33 - Construção 2ª etapa, Fachada Leste dos Auditórios, [1971?].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

Após a conclusão da segunda etapa (Pórtico e Auditórios), a construção da Faculdade é interrompida devido aos cortes de verbas sofridos pela Universidade. Em 1973, é encaminhado ao MEC o projeto da terceira etapa (FONSECA, 1984, p.85). Essa versão é a de maior alteração do projeto devido à necessidade de otimizar a ocupação, perdendo assim a generosidade de espaços livres, abertos ao convívio, situação já sinalizada pela ocupação do pavimento vazado da Ala Leste ocorrida naquele ano. É proposta a transferência da área administrativa do bloco menor, que é eliminado do projeto, para o que seria o pavimento vazado da ala oeste, a ser implantada. O partido com pátio central também sofre modificação e é adotado o esquema de planta em “U”, com o pátio aberto para a paisagem ao sul. Segundo Andrade, no início dos anos 1980, essa proposta é reformulada, transferindo a área administrativa para um mezanino no Pórtico e implantando a ala sul em nível inferior ao do pátio, mantendo a vista livre da proposta anterior ao tempo que retoma a ideia da planta quadrada. Contudo, o esforço para atender às demandas econômicas se mostrou insuficiente, levando à não conclusão do edifício projetado (Figura 34).

Figura 34 - A FAUFBA após conclusão da segunda etapa [1973?]



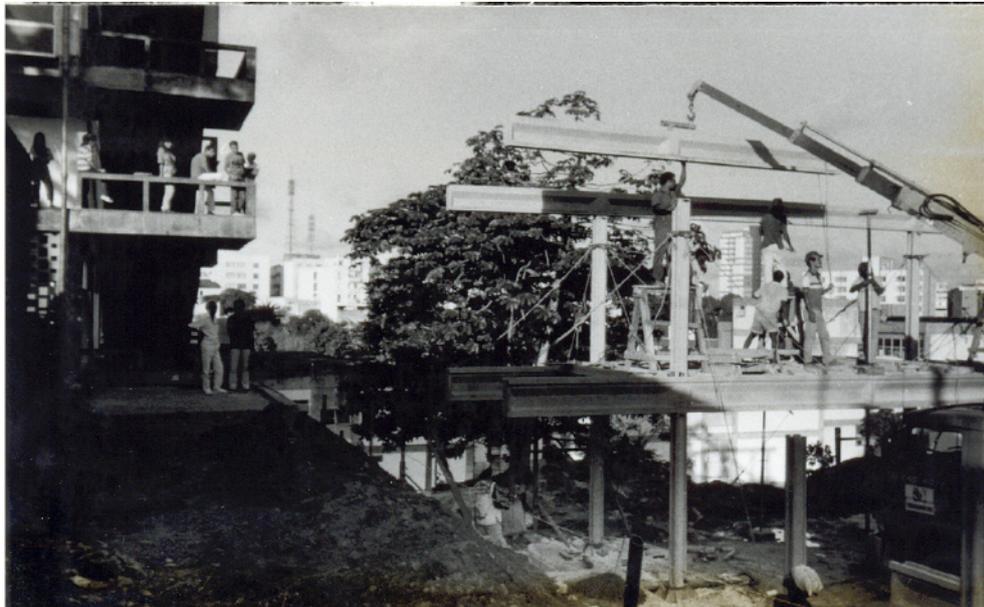
Fonte: Acervo do Núcleo Docomomo/Bahia

A proposta de adaptação para a terceira etapa é a última versão do projeto que se tem registro. No entanto, a participação de Diógenes Rebouças é notada nas duas ampliações que sucederam ao projeto: no processo de implantação do módulo da pós-graduação (PPG-AU)¹¹, projetado pelo Arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé) em 1988, que está locado à face sul do pátio (Figura 35), tal qual o bloco de ligação entre as alas leste e oeste contemplado na última versão do projeto; e na escolha

11 Na época, era denominado Mestrado em Arquitetura e Urbanismos (MAU).

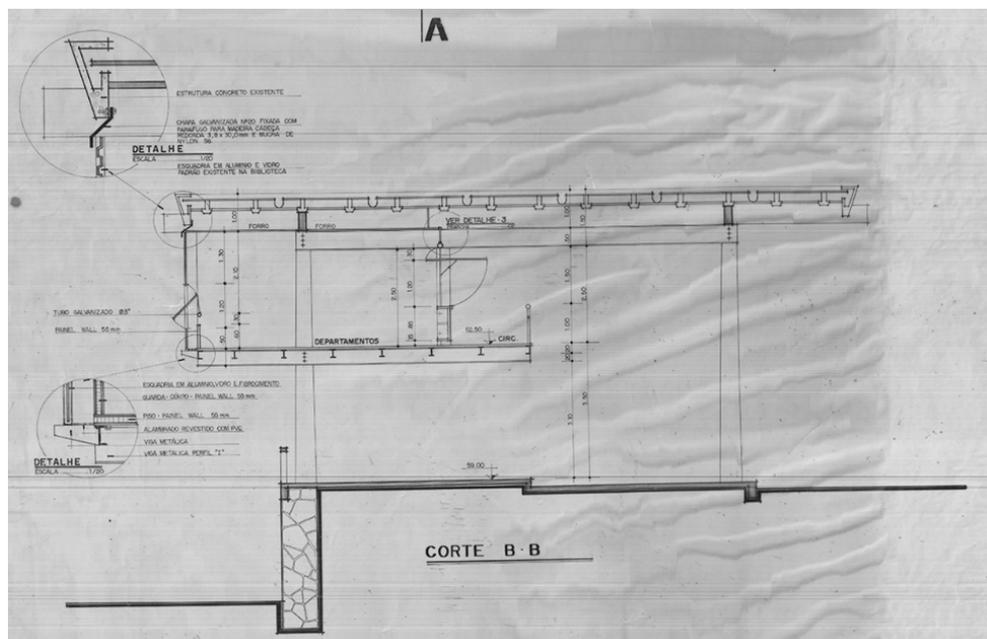
do projeto do mezanino do Pórtico, projetado em 1991 pelo Professor Heliodório Sampaio, colaborador de Rebouças em diversos projetos¹² (Figura 36).

Figura 35 - Construção do módulo do PPG-AU, 1988.



Fonte: ANDRADE (1989)

Figura 36 - Corte transversal do mezanino, 1991.



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

12 Destaca-se sua colaboração no projeto de ampliação do Complexo Esportivo da Fonte Nova (1968-71) e em projetos de edifícios no bairro do Comércio, como o Edifício Visconde de Cayru (1968), o Edifício D. João VI (1969) e o Edifício-garagem Otis (1970).

análises técnicas

análise urbana

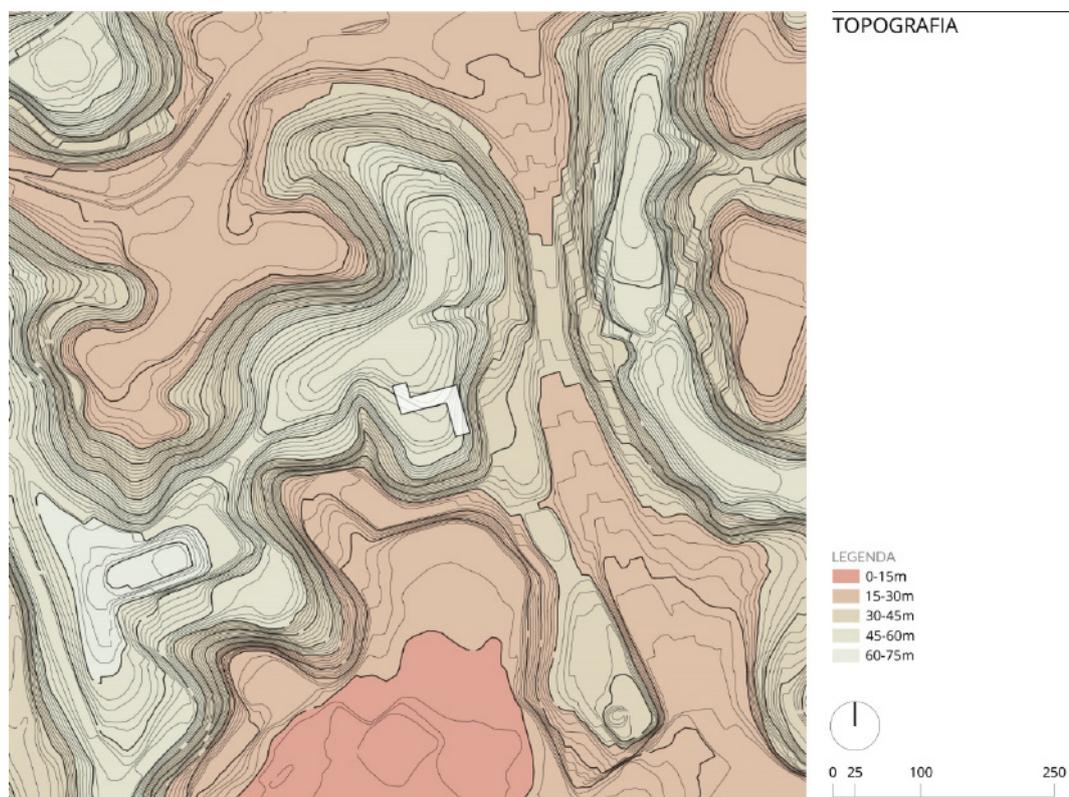
Situada a 59 metros de altitude em relação ao nível do mar, a Faculdade de Arquitetura encontra-se recuada no terreno acessado pela rua Caetano Moura, voltando-se para o vale de Ondina (Figura 37), na orientação sul, onde se desenvolve o campus da UFBA, ao qual se conecta por escadarias próximas ao Instituto de Geociências, a leste. A inserção em altiplano (Figura 38) garante ao edifício uma boa ventilação e um amplo campo visual, qualidades ponderadas no processo de seleção do terreno para a construção da Faculdade, possibilitando a contemplação da área verde contínua formada pelo campus e pelo Parque Zoo-Botânico de Ondina e contrastante com o tecido urbano edificado. A topografia acidentada da região relaciona-se com o modelo de estrutura urbana tradicional de Salvador na qual predomina “a ocupação pelas classes médias das cumeadas e a formação dos redutos populares na 'rua detrás', ou seja, nos locais menos visíveis” (ARAÚJO, 1999, p. 53), justificando, assim, a formação de bairros populares vizinhos ao terreno da UFBA na Federação, como o Gantois, Alto das Pombas e Binóculo (Figura 39). Essas comunidades conformam Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), catalogadas pela prefeitura como “assentamentos precários [...] habitados predominantemente por população de baixa renda” (Lei nº 9.148/2016, p. 9). Ademais, a ocupação adaptada ao terreno, tanto da Universidade como das comunidades do entorno, permitiu a preservação moderada da topografia da região, sem cortes ou aterros de grandes proporções.

Figura 37 - Panorâmica da inserção do edifício no entorno paisagístico. Foto tirada de edifício na rua Caetano Moura, 609.



Fonte: Foto realizada pelo autor, abr./2018.

Figura 38 - Planta da topografia da região.



Fonte: Planta elaborada pelo autor a partir da base SICAR.

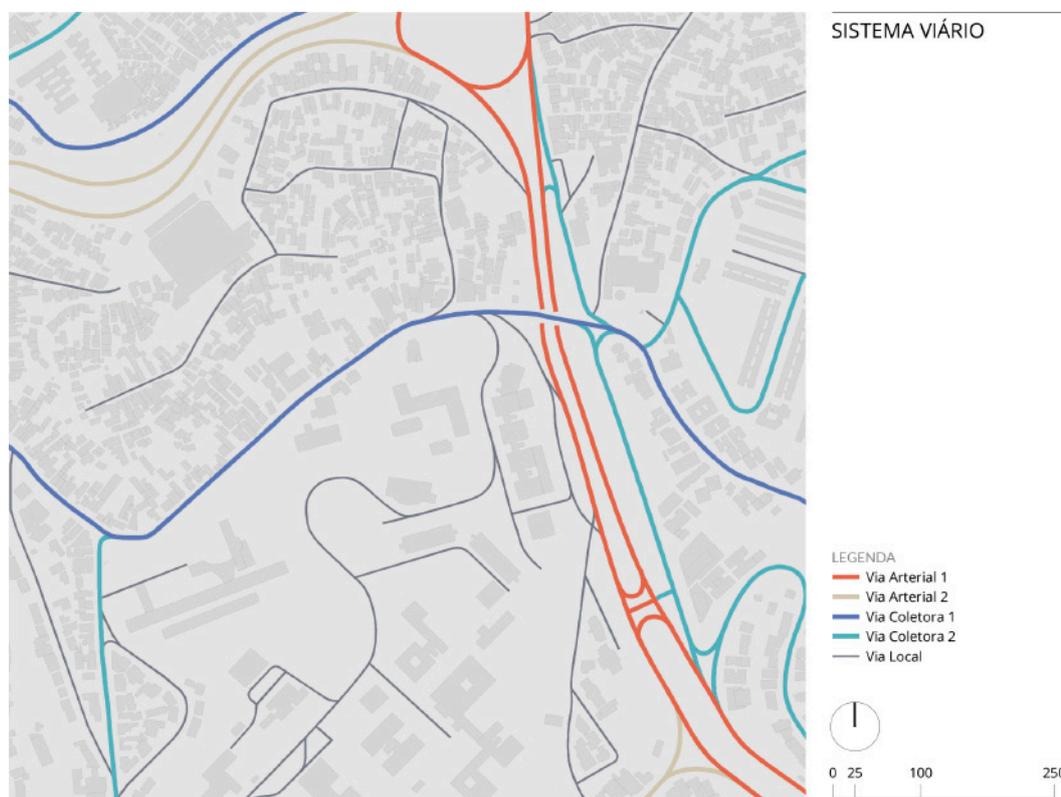
Figura 39 - Vista da ocupação a norte da FAUFBA, com o Gantois visto parcialmente na parte inferior da fotografia. Foto tirada de edifício na rua Caetano Moura, 609.



Fonte: Foto realizada pelo autor, abr./2018.

A malha viária também se encontra adaptada à topografia acidentada com vias coletoras distribuídas nos morros conectando-se às vias arteriais concentradas nas zonas de vale (Figura 34), estrutura viária descendente dos estudos do EPUCS. De acordo com a Lei Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo do Município de Salvador (LOUOS), a rua Caetano Moura é classificada como Via Coletora 1, com “a função principal de coletar e distribuir os fluxos do trânsito local e de passagem em percursos entre bairros lindeiros” (Lei nº 9.069/2016, Art. 204). Esta articula-se a outras vias de mesma classificação e também localizadas em áreas de cumeada, como a avenida Cardeal da Silva no sentido Rio Vermelho e a rua Padre Feijó no sentido Campo Grande. Conecta-se também à avenida Anita Garibaldi, classificada pela LOUOS como Via Arterial 1, com “função principal de interligar as diversas regiões do Município, promovendo ligações intraurbanas de média distância” (Lei nº 9.069/2016, p. 104). Dessa forma, o sistema viário no entorno da Faculdade interliga as centralidades metropolitanas do Centro Antigo e Camaragibe através da sucessão de vias coletoras e arteriais, possibilitando o fácil acesso à instituição.

Figura 40 - Planta do sistema viário.



Fonte: Planta elaborada pelo autor a partir da base SICAR (1988) e da LOUOS (2016).

A partir da análise da relação de cheios e vazios (Figura 41), percebe-se o contraste da ocupação dos edifícios do campus da UFBA e dos lotes do entorno tanto em densidade quanto na relação com a via. Atentando-se à rua Caetano Moura no trecho entre a rua Aristides Novis e a avenida Garibaldi, é possível notar, na porção norte, a prevalência da ocupação quase total dos lotes (com testada média de 8 a 10 metros) diretamente relacionada com a caixa de via. A sul, majoritariamente ocupado pela Universidade, predominam as edificações implantadas de acordo com os preceitos do movimento moderno, recuadas do logradouro e afastadas entre si, conformando blocos autônomos. O espaço entre esses blocos é ocupado por uma densa massa arbórea contrastando com a ocupação densamente edificada predominante do lado oposto da via. Nesse contexto, o campus da UFBA, na percepção dos transeuntes da Caetano Moura, exerce o papel de limite, definido por Lynch (1997) como barreira penetrável ou costura, funcionando como referência lateral na apreensão urbana.

Figura 41 - Planta de ocupação dos lotes, evidenciando a relação de cheios e vazios.



Fonte: Planta elaborada pelo autor a partir da base SICAR.

As edificações circunvizinhas à Faculdade de Arquitetura e externas ao

campus da UFBA são de gabarito reduzido (à exceção de eventuais edifícios de residência plurifamiliar) e de uso predominantemente residencial, havendo alguns estabelecimentos comerciais, por vezes relacionados ao cotidiano acadêmico na rua Caetano Moura, a exemplo de copiadoras e restaurantes. Parte do entorno é definida pela LOUOS como Área de Proteção Cultural e Paisagística (APCP) devido à presença do terreiro de candomblé Ilê Iyá Omin Axé Iyamassé, no Gantois. É também considerada APCP pela Lei Municipal a Encosta de Ondina e São Lázaro, que margeia a FAUFBA à leste, sul e oeste.

Inserida em um contexto urbano de múltiplas estratificações, a Faculdade de Arquitetura se destaca pelo modo que está implantada. Por seu caráter permeável e público, o edifício atua como elemento de conexão entre cumeada e vale ao permitir o deslocamento de pedestres entre a rua Caetano Moura e o Campus de Ondina. Ressalta-se, ainda, o impacto urbano e ambiental do Campus Federação-Ondina cujo valor paisagístico pode ser contemplado a partir das instalações da Faculdade.

análise arquitetônica

O edifício da Faculdade de Arquitetura que nos chega hoje se revela um objeto arquitetônico cuja matriz tectônica e racionalista se combina à qualidade compositiva que trabalha o contraste de seus elementos e à simplicidade dos materiais empregados de modo criativo. Chama-se a atenção para a integração espacial e a permeabilidade física e visual do edifício e se destaca sua implantação, acomodação no terreno e relação com o entorno paisagístico, além de sua adequação ao clima tropical.

Rebouças conseguiu achar um vocabulário adequado para as circunstâncias: simples, funcional e expressivo. A composição repousa no emprego de elementos estruturais aparentados, que garantem ao conjunto a unidade de concepção desejável, ao mesmo tempo que evitam, por engenhosas variações, toda sensação de monotonia (BRUAND, 1981, p. 262).

A descrição de Yves Bruand referente à Escola-Parque do Centro Educacional Carneiro Ribeiro é oportuna ao edifício da FAUFBA (Figura 42). Composto por três volumes prismáticos em concreto armado aparente, com dimensões e tratamentos distintos, o edifício estabelece uma relação paisagística com o entorno na qual os espaços internos e externos recebem igual importância. A implantação do edifício

acompanhando o terreno em declive, com cada volume construído em cotas distintas, demonstra o conhecimento topográfico e elabora uma interessante relação espacial entre os volumes. A distribuição da estrutura, “disposta a partir de módulos que possibilitaram uma organização funcional do espaço” (BIERRENBACH & NERY 2013, p. 07), evidencia o pensamento racionalista e a priorização do programa na concepção do projeto. Assim, podem ser observadas no edifício, características intrínsecas à produção de Diógenes Rebouças, cuja obra, segundo Azevedo (1997), se caracteriza plasticamente pelo cartesianismo e austeridade, sendo notória a importância dada à sistematização funcional em seus projetos, nos quais a adequação à topografia e a distribuição espacial das funções são aspectos prioritários.

Figura 42 - Panorâmica do edifício e entorno



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

O racionalismo e o funcionalismo presente na obra de Rebouças advém do “movimento racionalista, fonte fundamental da nova arquitetura brasileira” (BRUAND, 1981, p. 269), especialmente da denominada escola carioca, da qual Diógenes “foi um notável seguidor [...] por aproximação aos mestres Niemeyer e Reidy, sem todavia ter vivenciado diretamente a agitação cultural do Rio de Janeiro” (SEGAWA, 2000, p. 142). A influência do racionalismo francês disseminado por Le Corbusier pode ser observada na concepção arquitetônica do edifício da FAUFBA também no purismo de sua planta original (um quadrado com pátio central) e no imbricamento entre forma, função e estrutura. Relação esta que remonta ao discurso de Viollet-le-Duc, defensor da “estrita vinculação da forma à função, da forma à estrutura, da forma ao programa, o que faz dele o ponto de inflexão entre o historicismo eclético por ele criticado e as correntes funcionalistas do nosso século

[XX]” (DOURADO, 1994, p. 4).

Tais correntes surgem a partir da compreensão de que “as formas existentes eram inadequadas à tarefa de conter funções, materiais, aspirações e ideologias novos e fomentados pela Revolução Industrial” (CURTIS, 2008, p. 687). Assim, no início do século XX, ganham profusão os pensamentos acerca de uma arquitetura em resposta às demandas sociais e programáticas oriundas da revolução industrial, exigentes de soluções racionais e econômicas para as construções empregando novos materiais e tecnologias como o aço e o concreto armado. São exploradas novas posturas estéticas em contraponto ao historicismo arquitetônico remanescente do século XIX, iniciando um processo investigativo dos aspectos formais e construtivos representantes de um ideal de modernidade pautado no racionalismo estrutural e programático. Dessa maneira, foram progressivamente atribuídos às edificações traços simplificados e desprovidos de adornos, ao passo em que seus elementos estruturais adquiriram maior expressividade na composição arquitetônica. No cerne desse processo está o juízo da concepção estrutural como expressão fundamental da forma e definidora do espaço, atitude tectônica amplamente adotada tanto pela "escola carioca" como pela "escola paulista" e observada também na produção de Diógenes Rebouças.

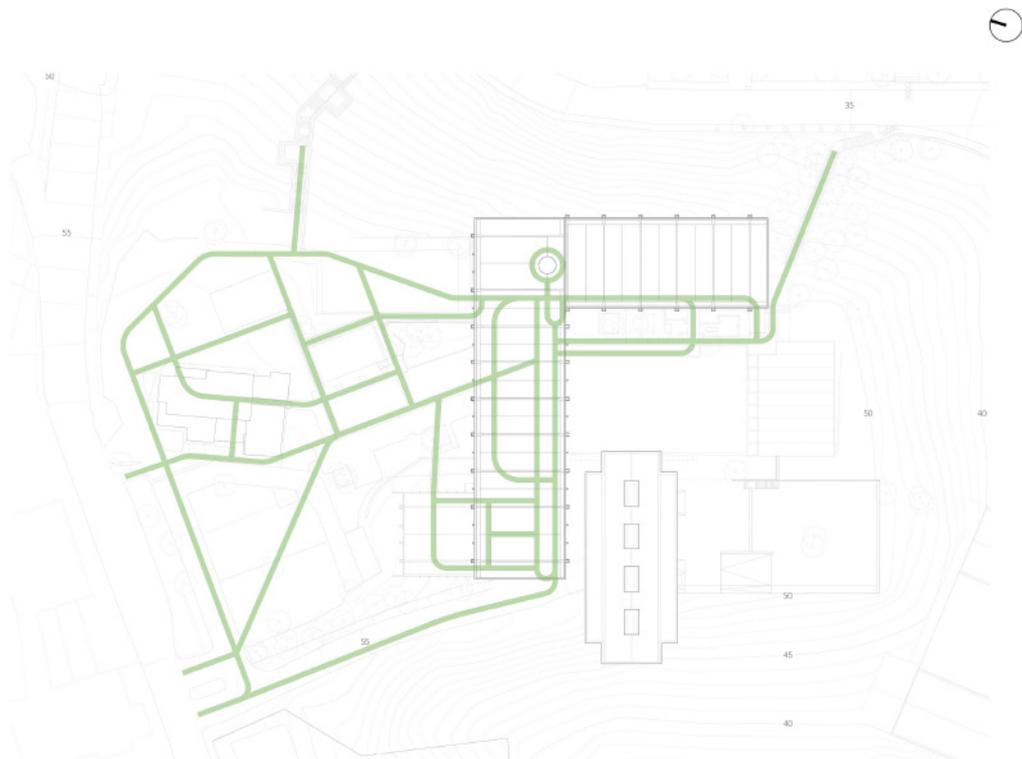
No caso da Faculdade de Arquitetura, esse conceito é potencializado pela exposição do sistema construtivo em concreto armado, material predominante na imagem do edifício. Essa característica inerente à produção brutalista desenvolvida no Brasil provém da influência da arquitetura corbusiana desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial na qual se destaca o uso “do béton brut, não apenas como material ou técnica construtiva, mas enquanto atitude artística” (ZEIN, 2005, p.16). Assumindo uma posição ética à qual a estética é subordinada, o brutalismo enfatizou o cunho político do movimento moderno ao acreditar “na verdade, na correção, na virtude e na igualdade dos homens. Esta ideologia conduzia soluções arquitetônicas nas quais nada havia a esconder” (SANVITTO, 2013, p. 11). Assim, a estética brutalista se caracteriza por uma arquitetura voltada à exibição das técnicas que possibilitam sua execução (verdade construtiva) em detrimento da dissimulação promovida pelos revestimentos. A postura brutalista adotada na sede da FAUFBA está explícita na forte expressividade de seus elementos estruturais e funcionais (observada nos pilares de seção variável, nas vigas da cobertura, nos extensos balanços estruturais, no desenho das escadas e na estrutura aporticada da empena do auditório), no emprego de materiais em seu estado natural (representado na estrutura em concreto armado aparente, nas alvenarias de pedra e nos cobogós de blocos cerâmicos) e na exibição das instalações complementares. Essa atitude

de expor as soluções arquitetônicas e construtivas valoriza o edifício como parte integrante do ensino de arquitetura.

Sob esse aspecto, pode-se dizer que “o edifício da FAUFBA cumpriu, na Bahia, papel equivalente ao edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), construído no mesmo período e responsável pela consolidação de uma estética brutalista em âmbito nacional” (ANDRADE JUNIOR et al., 2013, p. 9) e faz-se relevante tecer um paralelo com o edifício de Villanova Artigas, tombado pelo CONDEPHAAT em 1982. O processo de projeto e construção das duas faculdades é semelhante, tendo a FAU-USP “diferentes versões - 1961, 1965, 1966 e a definitiva de 1969 que passou por diversas alterações durante a obra” (OKSMAN, 2013, p. 5). Os projetos de ambas contemplavam o desenvolvimento do programa ao redor de um pátio central, sendo o de São Paulo coberto e o da Bahia aberto. Enquanto no projeto de Rebouças observa-se a importância dada à relação entre os espaços internos e externos que permite diferentes opções de percursos e caracteriza a faculdade como “aberta”, no projeto de Artigas, apesar das empenas cegas que fecham o edifício, “o espaço único e a continuidade interior-exterior eram vistos como um ato de liberdade, que permitiam a livre circulação” (SANVITTO, 2013, p. 11). Os aspectos formais da arquitetura brutalista também são objetos de convergência entre as duas obras, “com destaque para os pilares escultóricos, de seção variável, e para a monumentalidade dos espaços” (ANDRADE JUNIOR et al., 2016, p. 256).

O edifício da FAUFBA pode ser caracterizado, ainda, como uma arquitetura cuja composição trabalha os contrastes, perceptíveis na relação entre os cheios e vazios, entre os avanços e recuos, e entre os elementos horizontais e verticais. Para além, o edifício se destaca como exemplo de arquitetura adequada ao clima tropical. O resultado combinado de sua implantação, distribuição espacial e detalhes construtivos permite a boa ventilação e o sombreamento de seus espaços. O edifício se caracteriza, ainda, pelos espaços amplos que permitem a flexibilidade de uso, úteis a vida universitária, e a possibilidade múltipla de percurso (Figura 43). Essa abertura espacial que lhe garante uma permeabilidade física e visual alinhada à sua localização urbana atribui ao edifício um carácter público que, embora louvável, levanta questões relacionadas à segurança de seu espaço.

Figura 43 - Esquema das possibilidades de percurso ressaltando o carácter permeável e público do edifício.



Fonte: Desenho desenvolvido pelo autor, abr./2019.

Recuado no terreno, o acesso principal ao edifício é feito pelo bloco transversal situado na cota 59,00 que compõe um pórtico de entrada (Figura 44), elemento de carácter monumental que enaltece a estrutura em concreto aparente e emoldura a paisagem ao fundo. Devido ao seu grande vão com pé direito duplo e pilares espaçados, o Pórtico se configura como um espaço amplo e vazado, bem iluminado e ventilado que se integra com o espaço não construído e com os outros dois volumes. Essa generosidade espacial valoriza o pórtico como espaço de convergência e convivência, permitindo o uso diverso de seu vão e estimulando sua apropriação. A distribuição do fluxo para o Bloco dos Auditórios e a Ala Leste ocorre longitudinalmente e é evidenciada pelo desnível no piso que segmenta os acessos e delimita as largas escadas acomodadas no terreno que direcionam ao pavimento inferior (56,00) de ambos os blocos. Conectando o auditório à Ala Leste na cota do pavimento superior (62,50), está instalado o mezanino com as funções administrativas e departamentais cuja inserção, por se tratar de uma intervenção, será abordada detalhadamente no próximo capítulo.

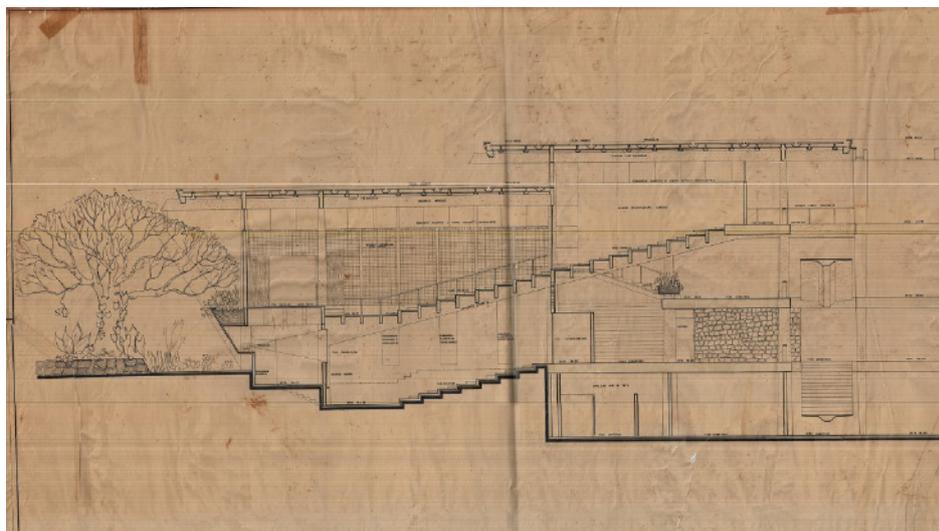
Figura 44 - Vista do acesso ao Pórtico



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

Parcialmente inserido no volume do Pórtico, o bloco dos auditórios avança em direção à Rua Caetano Moura, destacando-se no percurso de acesso à Faculdade. Devido a essa situação e ao formato e tratamento de sua empena, o volume é de fácil identificação, condição fundamental para o uso do equipamento visto que este extrapola o âmbito acadêmico, servindo a toda comunidade. O traço racionalista de Rebouças é aqui observado na distribuição dos auditórios que permite a flexibilidade de uso e de acessos. O bloco é composto por três auditórios, onde: o Auditório 1 corresponde ao volume destacado do Pórtico; o Auditório 2 é abrigado pelo Pórtico e contínuo ao Auditório 1, podendo a este ser integrado; a Mastaba está situada sob o Auditório 1 (Figura 45). O volume do Auditório 1 possui estruturas laterais de grande expressividade que seguem a inclinação da plateia. A vedação dessas empenas é composta por blocos cerâmicos de oito furos utilizados como cobogó e esquadria tipo basculante em alumínio e vidro que favorecem a ventilação e iluminação natural do espaço interno, solução que, sem a devida intervenção, impossibilita a climatização artificial e o isolamento acústico. A cobertura é disposta pouco abaixo da cobertura do pórtico, dissociando os dois volumes. essa solução, somada ao recuo das paredes laterais do Auditório 2 resulta em um artifício compositivo que permite a leitura independente e clara tanto do volume do pórtico como do auditório que se destaca dele.

Figura 45 - Desenho do Corte longitudinal do Bloco dos Auditórios, [1964].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA.

As áreas livres projetadas próximas aos acessos dos auditórios, logo foram ocupadas pela necessidade de um maior aproveitamento do espaço construído. O espaço sob o Auditório 2, conformava um pequeno foyer que foi fechado, restringindo um dos acessos aos auditórios. A área livre abaixo desse espaço (Figura 46), em frente à Mastaba, foi ocupada primeiramente pela cantina e o diretório acadêmico, depois foi transformada em sala de projeção, sala de aula e, atualmente, é destinada à Empresa Júnior de Arquitetura (Projecta) e a um laboratório de pesquisa. O bloco possui, ainda, uma área no nível 52,50 de acesso externo inicialmente projetado como sanitário, mas logo adaptado para a instalação de uma carpintaria (fechada por muitos anos e recentemente retomada). Uma escada faz a ligação desse nível com o da Mastaba e, na mesma projeção e em sentido oposto, uma segunda escada conecta o térreo ao pavimento superior.

Figura 46 - Ocupação do foyer da Mastaba.



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de imagem da DIRETORIA/FAUFBA e foto realizada pelo autor, ago./2018.

A Ala Leste (Figura 47), responsável por conter as salas de aulas, a biblioteca e os sanitários, se configura como o volume mais adensado do conjunto. No entanto, sua implantação, sua fragmentação volumétrica e o emprego de diferentes materiais impedem a leitura monolítica que o objeto poderia assumir. Adaptado a topografia, o bloco inferior do volume é constituído por dois pavimentos semienterrados (nas cotas 49,00 e 52,50). Sua fachada leste caracteriza-se pelo recuo do pavimento no nível 52,50 e pela materialidade das alvenarias de pedra e de bloco cerâmico e das esquadrias de alumínio e vidro dispostas em faixas horizontais. A fachada oeste deste bloco é marcada pelo painel vazado formado pela distribuição de tijolos cerâmicos dispostos ora em pares, ora individualmente, que proporciona um efeito de luz e sombra no corredor que resguarda. O pavimento situado no nível 56,00 (que de acordo com o projeto inicial seria totalmente vazado) reforça a horizontalidade da Ala ao marcar uma divisão entre os blocos inferior e superior. Este último, composto pelos pavimentos nos níveis 59,00 e 62,50, diferencia-se pelo avanço de seu volume, em balanço, e pela predominância das esquadrias de alumínio e vidro nas fachadas leste e oeste, afastadas do plano do piso para permitir a circulação de ar entre os pavimentos. A viga perimetral da cobertura evidencia a horizontalidade do volume que é contraposta pelos elementos de circulação vertical dispostos nas extremidades norte e sul. A área de intercessão com o bloco do Pórtico é marcada pelo jogo de alturas entre os níveis 56,00, 59,00 e 62,50 conectados pela escada helicoidal que atua como elemento protagonista deste espaço. Na área resultante do afastamento entre o pátio e Ala Leste, é criado um percurso de caráter contemplativo formado por uma escadaria adjunta à uma fonte em cascata, atualmente inativa, cujos elementos, em concreto armado e tijolo, estão bastante deteriorados. Adaptado à topografia, o bloco inferior do volume é constituído por dois pavimentos semienterrados (nas cotas 49,00 e 52,50). Sua fachada leste caracteriza-se pelo recuo do pavimento no nível 52,50 e pela materialidade das alvenarias de pedra e de bloco cerâmico e das esquadrias de alumínio e vidro dispostas em faixas horizontais. A fachada oeste deste bloco é marcada pelo painel vazado no nível 52,50 formado pela distribuição de tijolos cerâmicos dispostos ora em pares, ora individualmente, que proporciona um forte efeito de luz e sombra no corredor que resguarda. O pavimento situado no nível 56,00 (que de acordo com o projeto inicial seria totalmente vazado) reforça a horizontalidade da Ala ao marcar uma divisão entre os blocos inferior e superior. Este último, composto pelos pavimentos nos níveis 59,00 e 62,50, se diferencia pelo avanço de seu volume, em balanço, e pela predominância das esquadrias de alumínio e vidro nas fachadas leste e oeste, afastadas do plano do piso para permitir a circulação de ar entre os pavimentos. A viga perimetral da cobertura evidencia a

horizontalidade do volume que é contraposta pelos elementos de circulação vertical dispostos nas extremidades norte e sul. A área de intercessão com o bloco transversal é marcada pelo jogo de alturas entre os níveis 56,00, 59,00 e 62,50, conectados pela escada helicoidal, com caixa de elevador central em formato cilíndrico, que atua como elemento protagonista deste espaço. Na área resultante do afastamento entre o pátio e Ala Leste, é criado um percurso de caráter contemplativo formado por uma escadaria adjunta à uma fonte em cascata, atualmente inativa.

Figura 47 - Vista nordeste da Ala Leste [1969].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA.

sistema construtivo

O concreto aparente está intrinsecamente relacionado à imagem do edifício da Faculdade de Arquitetura tornando-se um elemento primário na associação da obra à produção denominada brutalista. Embora se tenha conhecimento da utilização tanto do concreto como do ferro em construções antigas, o desenvolvimento tecnológico e a alargamento do uso destes materiais vieram a ocorrer apenas no final do século XVIII com o advento da revolução industrial. “O concreto havia sido empregado pelos arquitetos romanos e cristãos primitivos, mas seu uso fora abandonado durante a maior parte da Idade Média e da Renascença” (CURTIS,

2008, p. 76). O ferro, por sua vez, metal de difícil trabalhabilidade e pouca resistência às intempéries, teve seu uso na antiguidade limitado às junções de peças de pedra ou madeira e, eventualmente, à armação estrutural, passando a ser mais utilizado com o avanço da metalurgia que também possibilitou a produção em larga escala de ligas como o aço. Embora o uso combinado dos dois materiais possa ser encontrado ao longo da história, “a construção em concreto armado se desenvolveu no final do século XIX e início do século XX para cumprir dois objetivos: estabelecer métodos de construção à prova de fogo mais eficientes, e encontrar maneiras baratas de substituir a cara estrutura de aço” (ADDIS, 2009, p. 518).

Desse modo, “a invenção da armadura do concreto, na qual as barras de aço são inseridas para aumentar sua força, surgiu na década de 1870” (CURTIS, 2008, p. 76) e foi aprimorada nas décadas seguintes em caráter experimental. Destacou-se nesse processo de aprimoramento a figura do construtor francês François Hennebique, que realizou

um vasto programa de pesquisas particulares antes de patentear seu abrangente sistema em 1892. Antes de Hennebique, o grande problema do concreto armado fora produzir uma articulação monolítica. [...] Hennebique superou essa dificuldade com o emprego de vergalhões de seção cilíndrica, que podiam ser curvados enganchados uns nos outros. Fazia parte de seu sistema exclusivo o uso de vergalhões de reforço dobrados em cotovelo e a amarração das juntas com cintas em estribo para resistir à tração local. (FRAMPTON, 1997, p. 34-35)

Segundo Frampton, a Maison Dom-ino de Le Corbusier “postulava o sistema Hennebique como uma estrutura primária ‘patente’, à qual, à maneira da cabana primitiva de Laugier, o desenvolvimento da nova arquitetura teria de se referir”, fazendo do sistema construtivo corbusiano a primeira apropriação do concreto armado “como elemento expressivo primordial de uma linguagem arquitetônica” (FRAMPTON, 1997, p. 36). Já o sistema de cimento armado, desenvolvido em 1890 pelo engenheiro Paul Cottancin, exerceu “forte atração sobre o arquiteto racionalista Anatole de Baudot, que, discípulo do grande teórico ‘estrutural’ Viollet-le-Duc, interessava-se pela estrutura aparente como única base válida para a expressão na arquitetura” (FRAMPTON, 1997, p. 36). Assim, com a apropriação e interpretação das técnicas construtivas envolvendo o cimento e concreto armado pelos arquitetos e engenheiros da época, aumentou a produção arquitetônica empregando essa tecnologia, de modo que, “entre 1910 e 1920, o concreto armado tornou-se quase a marca registrada da nova arquitetura” (GIEDION, 2004, p. 349).

A estrutura em concreto armado do edifício foi executada utilizando fôrmas

de compensado, sendo visíveis as emendas destas no concreto¹. A distribuição da estrutura segue a modulação de 1,20m, com distância padrão entre pilares (em eixo) de 7,20m, havendo variações como 3,60m ou 10,80m. A estrutura está ancorada no terreno por fundação direta com sapatas isoladas. Delas se desenvolvem os pilares que, em sua grande maioria, possuem seção retangular 30x70cm na base, proporção que é invertida no topo do pilar configurando assim diferentes seções a cada nível.

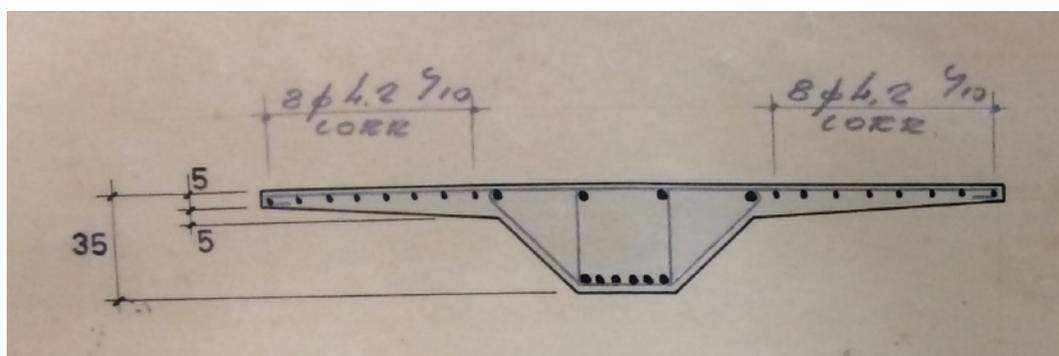
Na Ala Leste, é empregado o sistema de laje nervurada nos pavimentos 52,50 e 56,00 enquanto que nos pavimentos 59,00 e 62,00 opta-se pelo sistema de viga em grelha com laje de placas pré-moldadas. Nesse último caso, as vigas se configuram, transversalmente, como bi apoiadas com balanço em ambos os lados. Para vencer o vão de 10,80m entre pilares, são dispostas em grelha com distância entre eixos de 3,60 por 1,20m apoiando a laje formada por placas pré-moldadas (0,60x1,20m). Nos balanços laterais, de 3,60m, esse sistema é ocultado pelo forro em concreto (e=6cm) e as vigas-console avançam 60cm da laje, afastando o plano de esquadria do piso. Longitudinalmente, no eixo dos pilares, são aplicadas vigas de 1,20x0,46m. No nível 59,00, uma dessas vigas se prologa no sentido norte estruturando a passarela que, de acordo com o projeto, daria acesso ao bloco menor. Apoiada nessa viga central, se desenvolvem o sistema de laje-viga em balanço que, de um lado, dá continuidade ao balanço voltado para oeste e, de outro, tangencia a escada helicoidal. No nível 62.50, o patamar que conecta a escada helicoidal às salas de aula consiste numa estrutura laje-viga de caixão perdido, com planta em forma de um quadrante circular, e encontra-se engastado na estrutura da escada, apoiando-se em consolos da viga que delimita o piso das salas de aula.

A escada helicoidal é um marco visual no edifício, articulando ininterruptamente três pavimentos (56,00, 59,00 e 62,00). A escada é descontinuada entre os níveis 56,00 e 52,50 e ressurge para conectar este último ao nível 49,00. Sua estrutura central em formato cilíndrico com 2,30m de diâmetro está apoiada em sapata de mesmo formato, com diâmetro de três metros. Essa estrutura conforma a caixa de elevador com acesso a todos os níveis que é arrematada, acima da cobertura, pelo reservatório superior com 3,50m de diâmetro e 1,10m de altura. Os degraus são formados por lajes e vigas engastadas na estrutura central, com balanço de 2,15m. No nível 56,00, há dois degraus de convite em alvenaria apoiados sobre a laje desse pavimento. As escadas presentes na fachada sudeste da Ala Leste e do Bloco

¹ Informação encontrada no desenho referente aos detalhes estruturais onde é observada a atenção ao acabamento do concreto aparente na especificação das fôrmas.

dos Auditórios têm 2,40m de largura e são estruturadas por viga central de seção trapezoidal de onde partem as lajes em balanço, cuja seção é progressivamente reduzida ao se afastar do apoio (Figura 48). As duas escadas de acesso ao auditório principal possuem seção similar, porém com largura de 2,25m. A escadaria da área da fonte está engastada na contenção, com seus degraus de 1m de piso se projetando em um balanço de 1,20m. As demais escadas encontradas na edificação são em laje assentadas sobre o solo.

Figura 48 - Figura 49 – Detalhe construtivo da escada.



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA.

A cobertura do edifício é estruturada por vigas-calhas transversais apoiadas diretamente sobre os pilares, que também apoiam as vigas distribuídas longitudinalmente que sustentam as vigas intermediárias, paralelas às vigas-calhas. Apoiadas neste vigamento estão as vigas em T invertido que, por sua vez, ancoram as placas pré-moldadas. Apoiada sobre estas placas, uma estrutura formada por pontaletes e caibros em madeira maciça sustenta as telhas onduladas cujo caimento de 10% direciona as águas pluviais para as vigas-calhas (Figuras 49 e 50), impermeabilizadas com manta asfáltica. Próximo às extremidades das vigas-calhas e intermediárias há uma viga de arremate da cobertura cujo desenho inclinado e localização recuada dinamizam a estrutura da cobertura. Pode-se observar, nessa estrutura, juntas de dilatação (Figura 51) resultantes da duplicação de vigas intermediárias, revelando balanços estruturais no sentido longitudinal do edifício, dividindo-o, estruturalmente, em quatro blocos: Auditórios, Pórtico, Escada Helicoidal e Salas de Aula.

Figura 49 - Vista aérea da cobertura, direcionada para a Ala Leste.



Fonte: Foto realizada por Manuel Sá, ago./2018.

Figura 50 - Figura 51 – Vista aérea da cobertura, direcionada para o Pórtico.



Fonte: Foto realizada por Manuel Sá, ago./2018.

Figura 51 - Panorâmica do pátio e anexos.

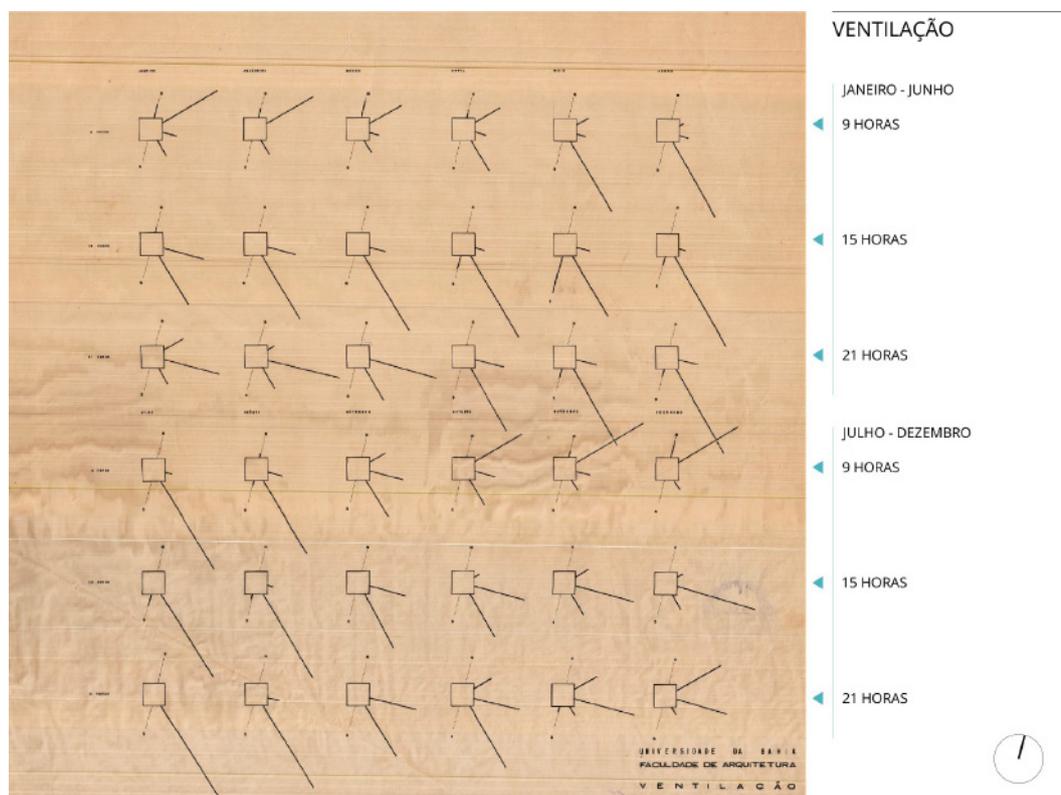


Fonte: Foto realizada pelo autor, ago./2018.

análise ambiental

“Situada entre os paralelos 12°54’ e 13°1’ e a 38°31’ W, Salvador avança como uma ponta sobre o Atlântico, tendo a leste o mar aberto e a oeste a Baía de Todos os Santos” (KLÜPPEL, 2009, p. 193). A sul, um trecho de orla atlântica está compreendido entre Amaralina e o Farol da Barra, sendo a frente marítima mais próxima ao edifício da FAUFBA. Salvador se configura como uma cidade litorânea de clima tropical, onde “os valores elevados de temperatura e umidade relativa do ar são amenizados pelos ventos alísios que incidem na costa, com predominância sudeste, durante a maior parte do ano” (KLÜPPEL, 2009, p. 193). O aproveitamento dessa ventilação predominante é potencializado pela já citada implantação em altiplano, voltada para o vale na orientação sul, que se estende até a orla de Ondina. A atenção dada a essa questão no edifício pode ser observada no estudo de ventilação do seu projeto original, o qual analisa a direção dos ventos em todos os meses do ano, nos turnos da manhã, tarde e noite (Figura 52).

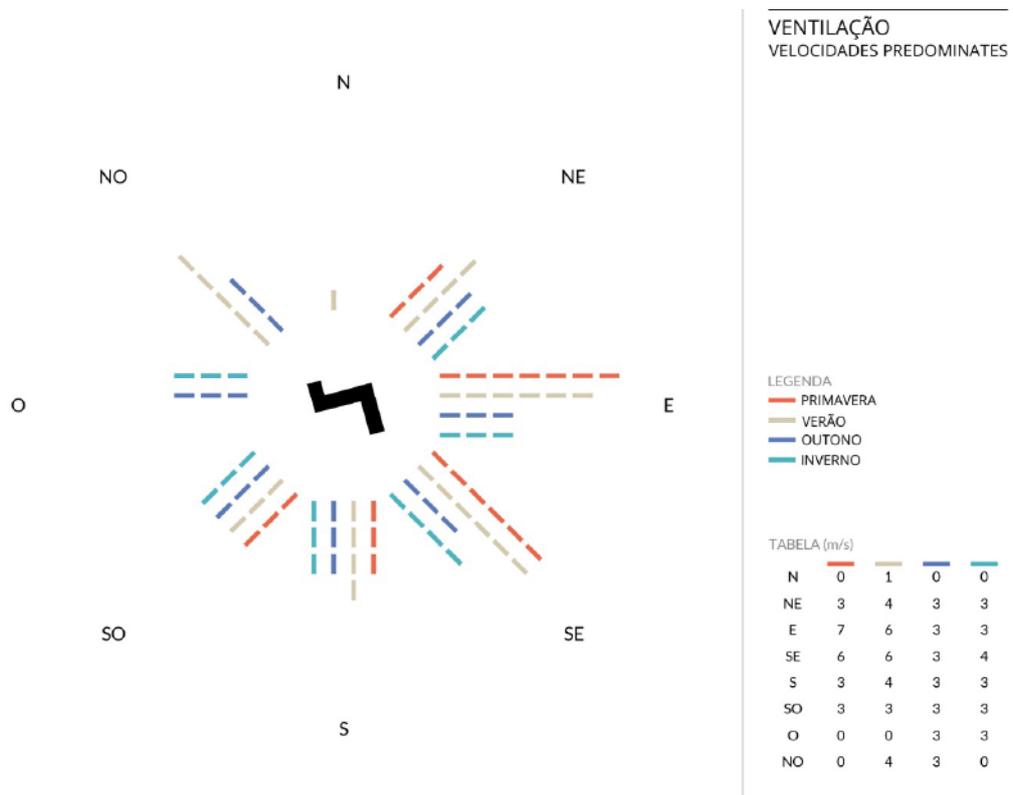
Figura 52 - Estudo de ventilação [1963].



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA com adaptação do autor.

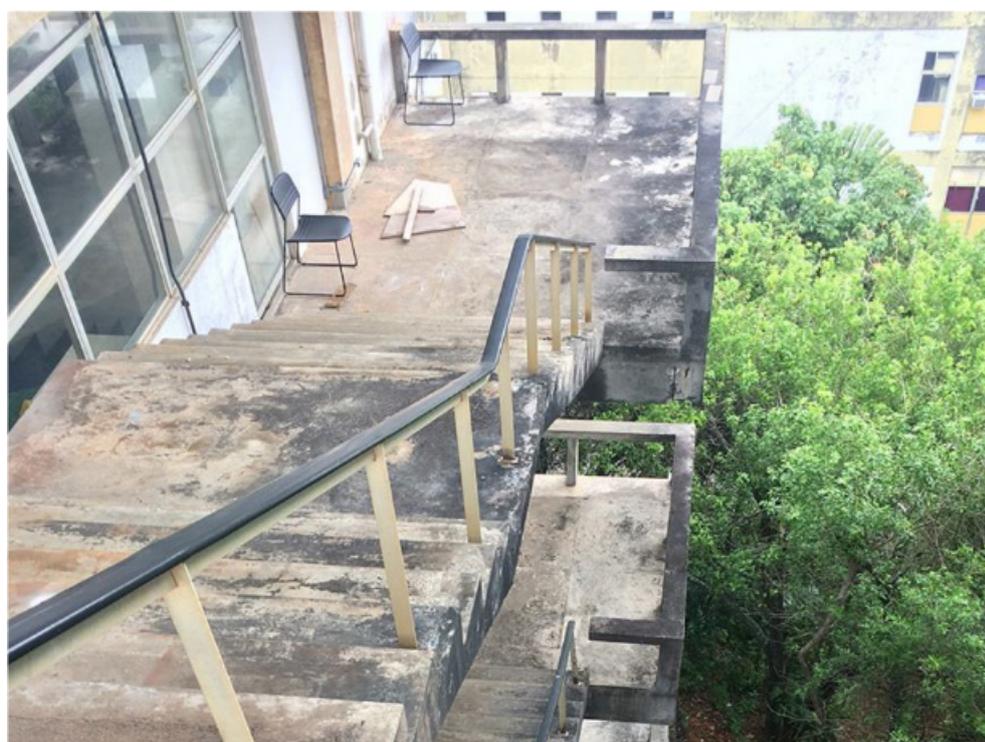
O fato da Ala Sul não ter sido construída acarretou, no que se refere às ações dos ventos e das chuvas, na vulnerabilidade da fachada sul do edifício, tanto na escadaria sul da Ala Leste como, em menor escala, na área do pórtico. Estas áreas passam a receber diretamente o vento sul, com velocidade predominante de 4m/s no verão, e o vento sudeste, com velocidade predominante de 6m/s na primavera e no verão (Figura 53), expondo essas áreas às intempéries de maneira indesejada. No caso da área do pórtico, a inserção do mezanino justamente na orientação sul desse bloco funciona como um anteparo, reduzindo o pé-direito e abrandando a entrada da chuva no espaço. Na escadaria sul da Ala Leste, contudo, a forte incidência de ventos e chuvas contribui para a acelerada deterioração da matéria nesse espaço (Figura 54), principalmente nos pavimentos que ultrapassam as copas das árvores próximas que oferecem algum resguardo aos pavimentos inferiores, mesmo que mínimo.

Figura 53 - Velocidades predominantes por direção.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do programa SOL-AR.

Figura 54 - Estado atual da escadaria sul da ala leste.



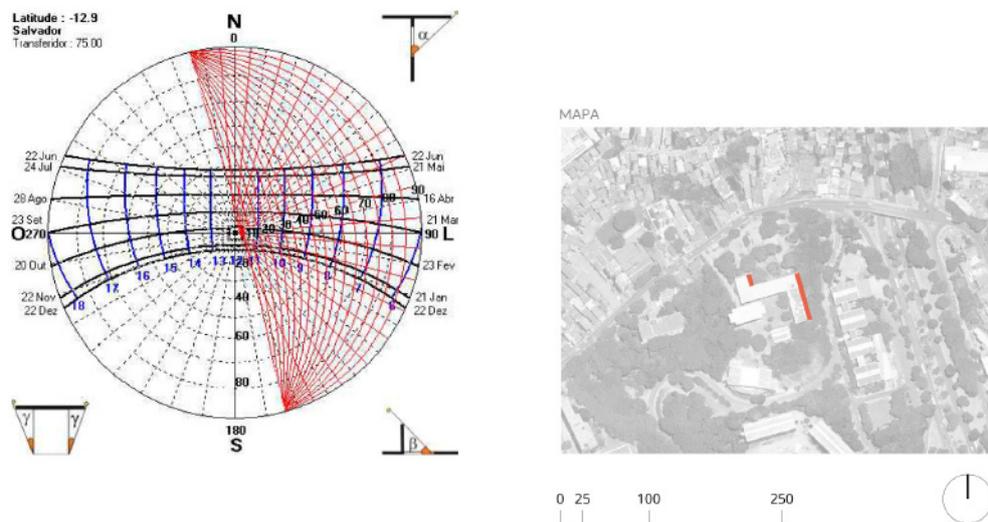
Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

A presença da vegetação de grande porte no entorno favorece o microclima de algumas áreas da faculdade e é marcante na ambiência do edifício, constituído por múltiplos espaços abertos à paisagem. Uma maior concentração arbórea a leste encontra-se próxima à edificação, com altura que ultrapassa a cobertura a norte e próxima ao nível 56,00 a sul, devido ao declive do terreno nesse sentido. Assim, por exemplo, a área na qual a escada helicoidal está inserida, especialmente no nível 56,00, onde está a cantina, torna-se ambientalmente agradável pela proporção do pé-direito e pela concentração de árvores a leste que protege o ambiente tanto dos ventos como da incidência solar direta.

A partir da análise da carta solar percebe-se que a fachada nordeste (Figura 55) recebe quantidade semelhante de ensolejamento ao longo do ano, pela manhã, com mudança de uma hora entre os solstícios (aproximadamente de 5:30 às 11:30 no de verão e de 6:30 às 12:30 no de inverno). Na fachada sudoeste (Figura 56), a incidência solar ocorre no período vespertino, de forma prolongada no solstício de verão (das 12:00 às 18:30, aproximadamente), e reduzida no inverno (restringindo-se entre 13:00 e 17:30). Essa configuração se mostra propícia para o uso de sala de aula do pavimento superior da Ala Leste, uma vez que este piso se encontra bastante iluminado durante todo o dia, independente da época do ano, e revela a necessidade do uso de elementos vazados como proteção das empenas do auditório principal. As fachadas voltadas para noroeste e sudeste recebem a luz do sol apenas em certos períodos do ano. No caso da fachada noroeste (Figura 57), a luz incide diretamente no edifício durante todo o dia no solstício de inverno e se ausenta no solstício de verão, ocorrendo o posto no caso da fachada sudeste (Figura 58).

Figura 55 - Carta Solar para a fachada nordeste do edifício.

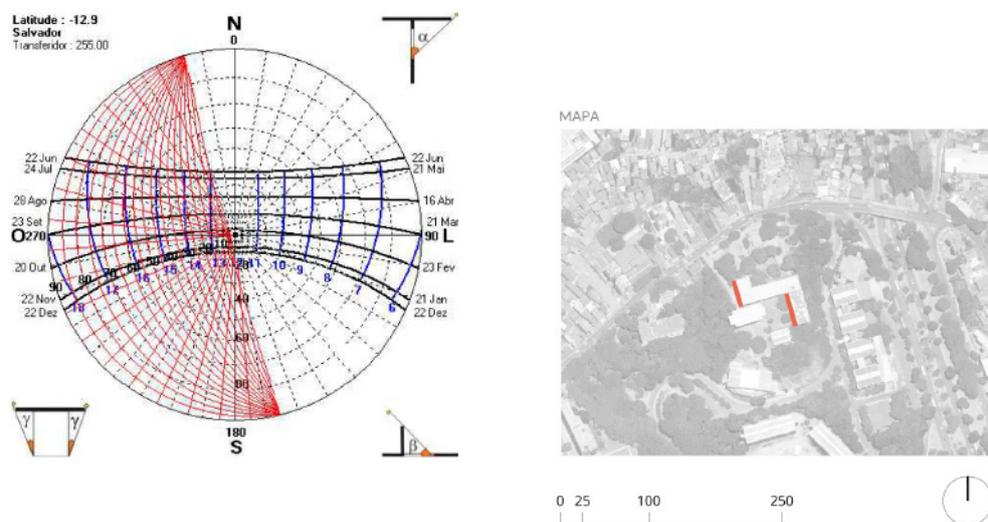
CARTA SOLAR - FACHADA NORDESTE



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do programa SOL-AR e Google Earth.

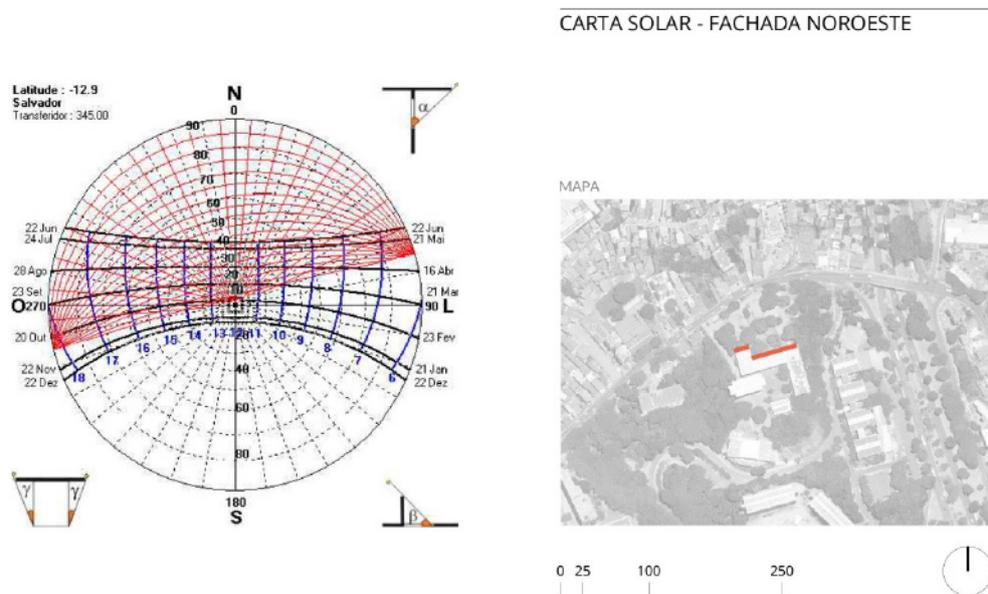
Figura 56 - Carta Solar para a fachada sudoeste do edifício.

CARTA SOLAR - FACHADA SUDOESTE



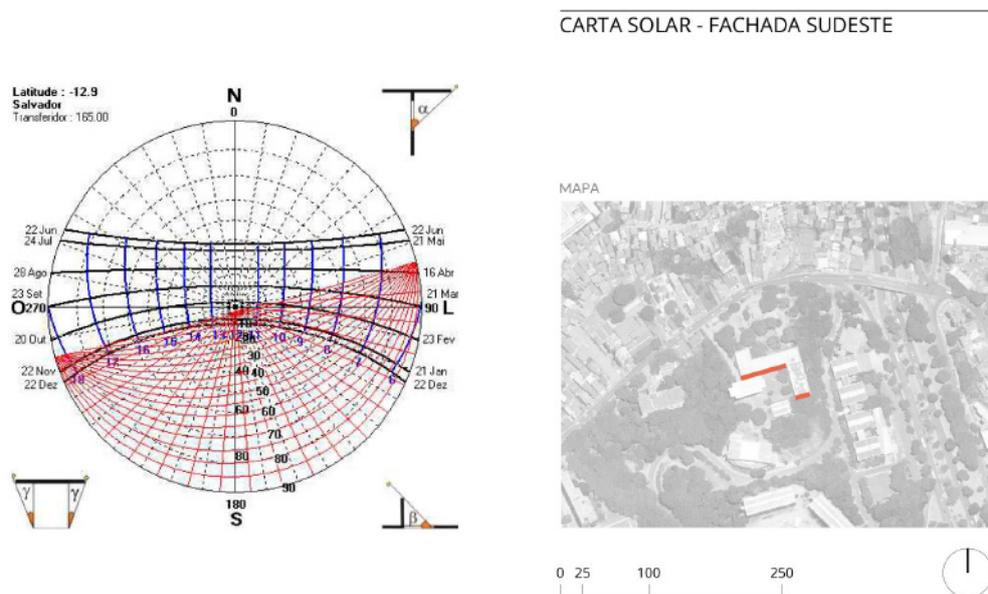
Fonte: Elaborado pelo autor a partir do programa SOL-AR e Google Earth.

Figura 57 - Carta Solar para a fachada noroeste do edifício.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do programa SOL-AR e Google Earth.

Figura 58 - Carta Solar para a fachada sudeste do edifício.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do programa SOL-AR e Google Earth.

As cartas acima desconsideram as obstruções ocasionadas parcialmente nas fachadas pelas árvores do entorno e pelo edifício anexo recém construído. Além destas obstruções, o edifício cria zonas de sombreamento em si próprio. O volume do Pórtico projeta sua sombra na fachada nordeste do auditório principal no período da manhã entre os meses de outubro e fevereiro e na fachada noroeste da

Ala Leste no período da tarde, com efeito mais prolongado no inverno. O oposto também ocorre, ou seja, o Pórtico é sombreado pelos volumes do auditório e da Ala Leste. Pelo primeiro, na sua fachada noroeste nas tardes de outubro e março e, pelo segundo, na sua fachada sudeste nas manhãs de outono e inverno.

Os espaços do edifício são, de maneira geral, bem iluminados. Contudo, a adaptação de alguns espaços da Ala Leste para sala de aula da disciplina de projeto se mostra inadequada. Originalmente projetados para funcionar como tal, os ateliês localizados no nível 62,50, como já comentado, recebem a iluminação natural de forma abundante devido a orientação de suas fachadas longitudinais e a disposição horizontal das janelas ao longo destas. A adaptação do pavimento vazado (nível 56,00) e de parte do 3º subsolo para esse uso conforma salas com pouca iluminação natural, como pode-se observar na imagem comparativa (Figura 59). No caso das salas localizadas no nível 56,00, de pé-direito menor, o balanço do piso superior reduz a incidência solar no ambiente, que é diretamente iluminado apenas durante a manhã. Essa situação também ocorre em uma das salas do 3º subsolo, na qual é agravada pela profundidade do espaço em relação ao plano de esquadria.

Figura 59 - Comparativo da iluminação natural em três salas de Atelier.



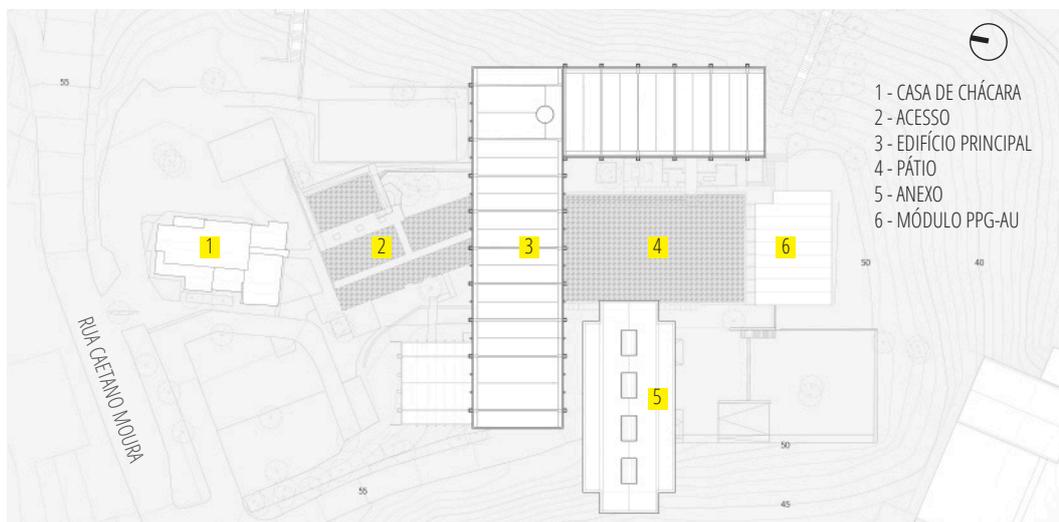
Fonte: Fotos realizadas pelo autor, jun./2018.

diagnóstico

questões funcionais/formais

Conforme apontado nos levantamentos, o edifício da Faculdade de Arquitetura que nos chega hoje está inserido em um conjunto (Figura 60) que estabelece relações diversas com a história da cidade, da produção arquitetônica na Bahia, da UFBA e da própria formação da faculdade. A partir de seu acesso pela rua Caetano Moura, temos em primeiro plano a casa de chácara remanescente no terreno que, conforme previsto no Plano Piloto, deveria ser demolida, mas que, por fim, foi ampliada e requalificada para atender à demanda curricular. Em seguida, é avistada a área de acesso ao edifício da FAUFBA que preserva o desenho da implantação dos barracões instalados antes da construção deste. Este acesso, oblíquo ao edifício principal, proporciona uma perspectiva menos direta e permite que a paisagem do vale de Ondina revele-se aos poucos. É então que se chega ao pórtico, espaço polivalente que concentra e distribui os fluxos e exerce o papel de pátio central, uma vez que o pátio originalmente projetado, em cota inferior e isolado, funciona apenas como um platô que assegura a visada do vale e se configura como um espaço marginal no cotidiano da faculdade. Logo além do pátio, e com gabarito limitado por este, está implantado o bloco do PPG-AU e a oeste do pátio está o recém construído anexo. Destaca-se ainda a importância do edifício como elemento de conexão entre a rua Caetano Moura e o Campus de Ondina.

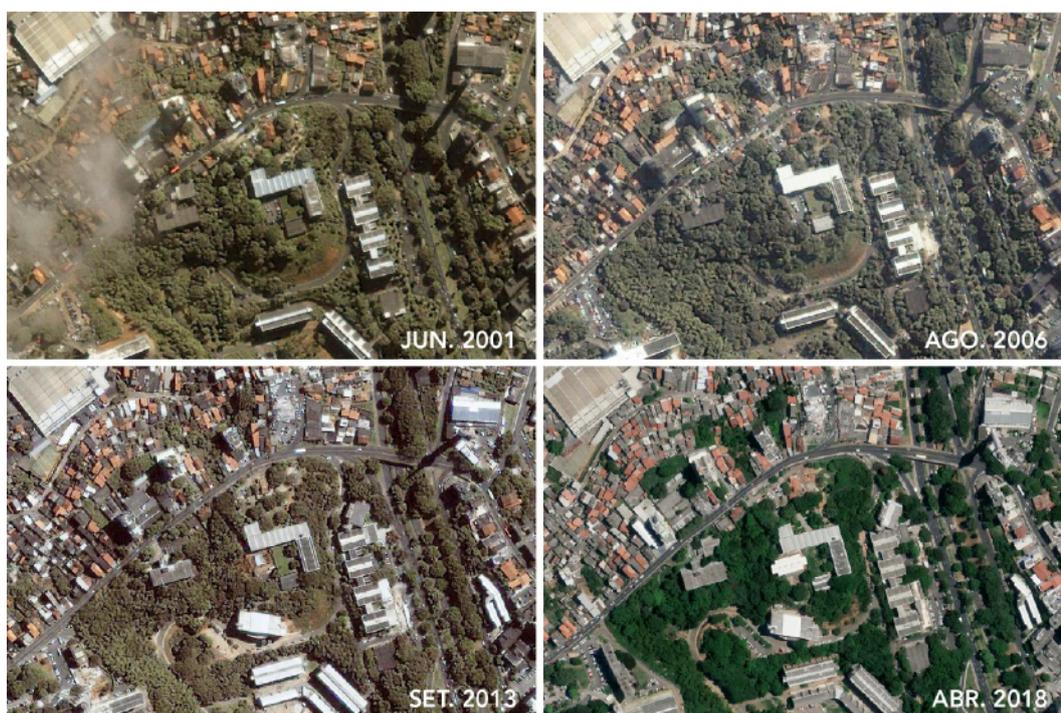
Figura 60 - Planta situação.



Fonte: Desenho desenvolvido pelo autor, abr./2019.

A inserção do edifício da FAUFBA no lote apresenta-se como um elemento importante no entendimento da obra arquitetônica. Nesse sentido, é importante observar a ocupação do seu entorno imediato nas últimas décadas (Figura 61), podendo-se constatar o aumento na quantidade de edificações em sua área envoltória. Destaca-se a ampliação do Instituto de Geociências, a leste, a construção da Biblioteca Universitária de Ciências e Tecnologia, a sul, e do Anexo da faculdade. A indissociável relação entre objeto e sítio torna imperativa a manutenção do entorno da Faculdade respeitando a implantação autônoma do edifício no lote não apenas por se tratar de um importante preceito modernista a ser resguardado, mas também por este espaço envoltório ser estruturante na apreensão do objeto arquitetônico.

Figura 61 - Comparativo histórico do edifício e seu entorno imediato.



Fonte: Foto realizada pelo autor a partir de imagens de satélite do Google, dez./2017.

Como explanado anteriormente, o edifício da FAUFBA possui uma matriz tectônica e racionalista, cuja intrínseca relação entre forma e função é combinada a uma qualidade compositiva que trabalha o contraste de seus elementos, e possui como um de seus principais atributos a conformação de espaços amplos que permitem a flexibilidade de uso e a possibilidade múltipla de percursos, garantindo uma permeabilidade física e visual e atribuindo à Faculdade um carácter público. Esta permeabilidade é marcada principalmente pela integração entre os espaços

interno e externo, assegurada pelos generosos vãos entre pilares e pelos grandes espaços cobertos sem vedação, como também pela relação visual entre os diferentes níveis e suas diferentes alturas de pé-direito. O uso de elementos vazados ou planos de esquadrias para vedação e a predileção pela circulação perimetral possibilitam a transição gradual entre os espaços e a diversidade de caminhos.

Historicamente, todavia, pode-se observar o carácter dinâmico da apropriação espacial na sede da FAUFBA, tanto nas intervenções das áreas destinadas ao vão livre do edifício, assim como nas adaptações de ambientes para diversos usos. Nesse sentido, ressalta-se as intervenções que alteram drasticamente a relação entre o programa e o espaço que o acolhe, fragmentam a espacialidade ampla e permeável da obra, interferem na leitura volumétrica e nas relações tectônicas do edifício, ou interrompem o percurso contínuo na edificação.

No bloco dos auditórios, parte do foyer da Mastaba, no nível 56,00, teve ocupações diversas, reconfigurando espacialmente essa área a cada intervenção. Atualmente, o espaço, com vedação de alvenaria, encontra-se ocupado pela sala da Projecta e por um laboratório de pesquisa, impossibilitando o acesso à sacada da escadaria sul e a vista para o vale. Já o foyer do auditório principal, no nível 59,00, comporta atualmente o Diretório Acadêmico em ambiente vedado com esquadria de alumínio e vidro (com exceção da face voltada para o vão do foyer da Mastaba que é delimitada apenas por uma jardineira). Essa configuração, ainda que dificulte o acesso a uma das entradas dos auditórios 1 e 2, interrompendo assim a continuidade espacial e o percurso livre, não rompe completamente a vista do ambiente externo, preservando, em certa medida, a relação original entre interior e exterior e interferindo pouco na leitura do volume do auditório. Ambas as adaptações preservam a distinção entre estrutura e vedação ainda que, no caso da intervenção em alvenaria do nível 56,00, interfira diretamente na volumetria e cause a remoção de uma jardineira da fachada oeste. No nível 62,50, a instalação de um bloco em alvenaria com dois sanitários adjunto ao auditório 2 se configura como uma saliência maciça que rompe a leitura do balanço em concreto e se destaca do volume do auditório (Figura 62).

Figura 62 - Detalhe da fachada oeste do bloco dos auditórios.



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

A Ala Leste sofreu diversas alterações programáticas e espaciais. A importância dada ao programa na concepção da arquitetura, tão cara ao Arquiteto e aqui evidente no tratamento de cada bloco do volume, é esmaecida na adaptação de parte do pavimento vazado e das salas inferiores (mais fechadas, voltadas para o uso de oficinas e trabalhos instrumentais) em salas de aulas inicialmente destinadas aos pavimentos superiores (com espaços mais generosos e bem iluminados). A escadaria sul deste volume é bastante subutilizada devido à inexistência da Ala Sul e à obstrução de sua continuidade vertical. A biblioteca, contemplada em bloco isolado no Plano Piloto e situada no nível 62,50 da Ala Leste após a primeira adaptação do projeto, atualmente encontra-se alocada no nível 59,00 sob as salas de aula sem o isolamento acústico adequado. Essa transferência da biblioteca entre pavimentos ocorreu por causa dos problemas de infiltração da cobertura que comprometiam o acervo. Sua configuração atual que restringe e fragmenta o espaço a partir da adoção, por exemplo, de um gradil que corta o ambiente diagonalmente e da designação da área restrita próxima ao acesso à escadaria sul (Figura 65), impede a apreciação da continuidade espacial e infringe o cartesianismo do pensamento racionalista presente em toda a edificação. No nível 62,50, as duas salas de atelier, conformadas no espaço amplo entre os planos de esquadrias das fachadas leste e oeste são separadas por uma sala oclusa, que interrompe a espacialidade do pavimento e

é adaptada para climatização artificial. Neste nível, a varanda que compõe o jogo de balanços da escadaria sul, foi fechada para a instalação de sanitários (atualmente desativados) que, assim como os localizados no bloco dos auditórios no mesmo pavimento, corrompe a leitura do jogo de patamares em balanço.

Figura 63 - Foto atual da biblioteca.



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

Ainda na Ala Leste, pode-se observar o impacto visual causado pela inserção de salas de aula no vão livre do nível 56,00, dificultando a legibilidade da linguagem tectônica do edifício e sua relação compositiva de cheios e vazios (Figura 64). O bloco de salas de aula, limitado aos vãos entre pilares (e escondendo estes), interrompe a fluidez espacial existente na área que conecta ao Pórtico resultando na conformação de um corredor na parte leste e na necessidade de instalação de esquadrias na parte leste (feitas em madeira e vidro, sinalizando o intuito de efemeridade da intervenção). Em 2007, uma das salas de aula, a mais próxima à escada helicoidal, ao ser adaptada em catina, teve seu espaço reduzido, liberando a escada do volume das salas (Figura 65), e melhorando, assim, a leitura da escada a partir da relação de figura e fundo. Como já levantado na análise ambiental, as salas deste pavimento não recebem iluminação natural adequada.

Figura 64 - Comparativo entre dois momentos: 1971, à esquerda, e 2017, à direita.



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de imagem do Acervo SUMAI/UFBA (1971) e foto realizada pelo autor, dez./2017.

Figura 65 - Escada helicoidal e ocupação do vão livre da Ala Leste.



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de imagem da DIRETORIA/FAUFBA e foto realizada pelo autor, ago./2018.

As salas do nível 52,50 seguem o alinhamento do eixo de pilares, preservando tanto a linguagem tectônica como a circulação perimetral. No entanto, a circulação externa, localizada na porção leste, não está inserida no fluxo cotidiano do edifício e a adaptação da área livre próxima ao elevador para a implantação de uma gráfica suprime uma área de desfogo do pavimento e esconde a circulação vertical que dá acesso ao nível 49,00. Neste, que encontra-se desconfigurado e fragmentado, o espaço com salas destinadas inicialmente ao uso de oficinas e trabalhos instrumentais foi adaptado em parte para a implantação do laboratório de informática e de salas de aula, alterando a disposição da circulação e salas (Figura 66). Se, em um primeiro momento, a circulação atua como zona de transição entre o muro de contenção e as oficinas (voltadas para a fachada leste e servidas de ventilação natural), atualmente, a circulação central dispõe algumas salas para perto da contenção, sem ventilação apropriada e com questões de umidade. A outra parte desse pavimento foi adaptada para acomodar duas salas de atelier e com acesso a partir da escadaria sul. Por

causa do uso e da distribuição espacial que impedem a ventilação cruzada, todas as salas do nível 49,00 climatizadas artificialmente.

Figura 66 - Ocupação do 3º subsolo da Ala Leste. À esquerda, relação com corredor lateral, já apresentando problemas de infiltração (1973); à direita, estado atual com corredor central, adição de piso vinílico, forro de EPS e revestimento dos pilares (2018).



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de imagem do Acervo SUMAI/FAUFBA e foto realizada pelo autor, ago./2018.

Desde sua fundação, a necessidade de espaço é uma questão constante da FAUFBA que se estende até os dias atuais. Para além das diversas adaptações programáticas e espaciais que ocorreram no edifício, na busca por suprir em parte essa demanda, três obras de ampliação foram executadas ao longo do tempo. A primeira delas, realizada em 1988, trata-se da construção do módulo da pós-graduação (PPG-AU), o Pavilhão Iansã. Projetado pelo Arquiteto João Filgueiras Lima (Lelé), o módulo segue o padrão da Fábrica de Equipamentos Comunitários (FAEC), criada em 1986¹, que também foi reproduzido em outras unidades da UFBA. Consiste em um prisma retangular de 2 pavimentos construído com peças pré-fabricadas em argamassa armada adotando uma modulação construtiva clara. Sua implantação, à face sul do pátio, corresponde ao que seria Ala Sul do projeto original, seguindo o plano de expansão idealizado por Diógenes Rebouças. O projeto do pavilhão, assim como o edifício preexistente, também se favorece da declividade do terreno para reduzir o seu impacto na paisagem. Neste caso, a adaptação à topografia e seu gabarito baixo permitem ao PPG-AU uma implantação

1 A FAEC, fruto da parceria de Lelé com a Prefeitura Municipal de Salvador no segundo mandato de Mario Kertész, era uma subsidiária da Companhia de Renovação Urbana de Salvador (RENURB) e tinha como objetivo a fabricação e montagem de equipamentos urbanos (de hospitais a mobiliários) utilizando a tecnologia da argamassa armada.

cuja cota mais alta se restringe ao nível do pátio. Assim, diferente do volume previsto originalmente para Ala Sul, as vistas existentes para o vale de Ondina são preservadas, não alterando a relação paisagística do edifício preexistente. O projeto da FAUFBA é utilizado como uma referência para a implantação do módulo, mas não define sua volumetria, sistema construtivo ou programa. O pátio é utilizado como referência não apenas para a cota da cobertura do PPG-AU como também para os limites laterais, de modo que o volume do edifício se configura como prolongamento deste pátio (figura 67).

Figura 67 - Vista do módulo do PPG-AU e do Pátio, 1995.



Fonte: Arquivo DOCOMOMO/BA.

Além da relação formal, o diálogo estabelecido com a preexistência pode ser observado na racionalização estrutural e na linguagem tectônica provenientes do sistema de pré-fabricação adotado. Nota-se a postura de evidenciar o método construtivo na clareza de cada elemento e de seus sistemas de conexão. Outros atributos como o uso de componentes estruturais esbeltos e do balanço, assim como a modulação das vedações, aproximam os dois edifícios (figura 68). No entanto, considerando a reprodutibilidade e a pouca adaptabilidade do sistema fabril, e ciente dos valores arquitetônicos do Pavilhão Iansã, é na implantação do edifício que está o cuidado com a preexistência.

Figura 68 - Vista sudoeste do módulo do PPG-AU com a Ala Leste ao fundo, 1988.

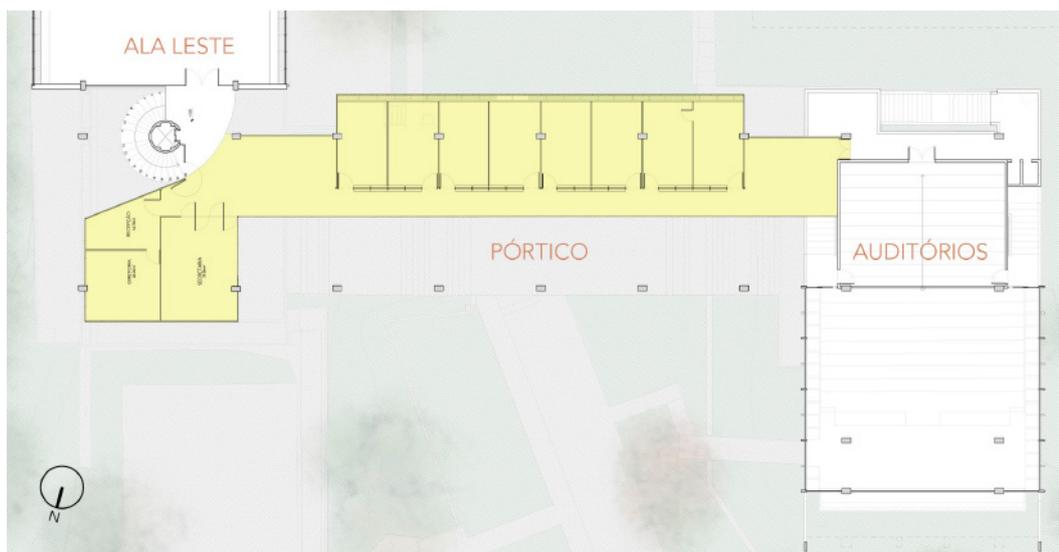


Fonte: Diretoria FAUFBA.

A segunda intervenção analisada, o mezanino projetado em 1991 pelo professor Heliodório Sampaio, pode ser considerada a de situação mais delicada das três obras. Inserido no volume do Pórtico, o mezanino com as funções administrativas e departamentais é instalado na cota do pavimento superior (62,50) conectando o Bloco dos Auditórios à Ala Leste (Figura 69). Sua inserção, seguindo a projeção do desnível no piso existente no pavimento térreo já comentado, reduz parcialmente o pé direito do Pórtico reforçando a horizontalidade do edifício e conformando um espaço no térreo melhor protegido das intempéries e mais próximo à escala do usuário. Desse modo, essa nova configuração espacial fomenta a apropriação da área do Pórtico sem comprometer a monumentalidade do volume (Figura 70). Esta instalação recuada do mezanino no Pórtico, a partir da perspectiva do acesso principal da rua Caetano Moura, garante o sombreamento do novo volume e o destaque da estrutura original ao mesmo tempo em que, na perspectiva oposta (ou seja, a partir do pátio), cria uma relação direta com o plano de esquadrias da Ala Leste (Figura 71). Nota-se que o recuo simétrico do volume das salas nas extremidades laterais do Pórtico não somente garante um acesso amplo à circulação como também reafirma a independência volumétrica

dos 3 blocos existentes. Na área de interseção do Pórtico com a Ala Leste, o volume do mezanino avança até a fachada norte reforçando o dinamismo espacial deste trecho que possui um pé direito triplo interrompido apenas por uma passarela que também avança no sentido norte (Figura 72).

Figura 69 - Planta Baixa parcial do pav. 1 nível 62,00 com a área do mezanino destacada.



Fonte: Elaborada pelo autor, dez./2018.

Figura 70 - Vista da área do Pórtico com o mezanino a partir da entrada dos auditórios.



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

Figura 71 - Panorâmica do Pórtico e da Ala Leste a partir do pátio.



Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

Figura 72 - Panorâmica da fachada norte do Pórtico da FAUFBA.

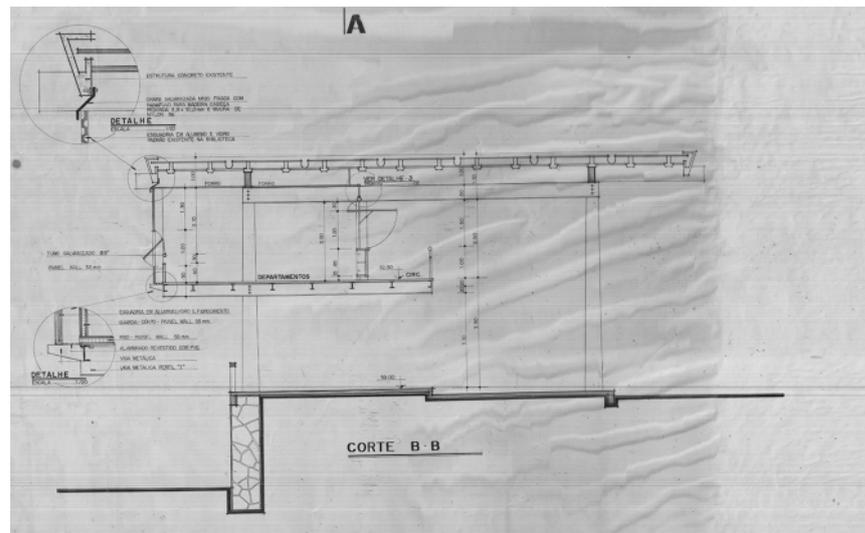


Fonte: Foto realizada pelo autor, dez./2017.

A solução estrutural, de vigamento fixado nos pilares existentes e atirantamento (Figura 73), proporciona a mínima intervenção e permite a suspensão completa do mezanino. Dessa forma, sua instalação não interfere na planta livre do espaço, ao mesmo tempo em que intensifica o enquadramento da paisagem. Destaca-se que a ancoragem das vigas metálicas na parte superior dos pilares estabelece uma relação direta com as vigas-calhas da estrutura preexistente. No desenho da nova estrutura, observa-se também o cuidado em reduzir o impacto do volume ao se utilizar de artifícios como a redução da seção das vigas transversais do piso, a utilização de consoles para destacar da malha estrutural os planos verticais de vedação, e o alinhamento dos tirantes ao plano de esquadrias das salas voltado para a circulação.

Esta última solução intensifica o efeito do balanço do piso do mezanino e, junto à opção de utilizar um guarda-corpo bastante permeável, proporciona leveza à passarela de circulação voltada para o alto pé direito do Pórtico.

Figura 73 - Corte transversal do mezanino, 1991.



Fonte: Acervo SUMAI/UFBA

A predileção pela estrutura metálica e pelo emprego de materiais pré-fabricados, a exemplo das placas de Painel Wall para vedação vertical e piso, além de ter proporcionado a execução do mezanino no período de férias letivas, contempla as questões de retrabalhabilidade e distinguibilidade da intervenção. Aqui também vemos a opção por deixar a vista todos os elementos construtivos. A escolha de materiais com tonalidades acinzentadas não cria um contraste forte com o tom amarelado do concreto original, evitando que a intervenção se destaque na leitura do conjunto. As assimilações possíveis, no entanto, não induzem ao erro uma vez que a intervenção não reproduz a forma, o material e o detalhe originais. Ao contrário, os materiais utilizados, apesar de serem consonantes com a lógica construtiva da preexistência, apontam a posterioridade da execução.

A terceira intervenção, o Anexo de autoria do prof. Pasqualino Magnavita, teve sua construção iniciada em 2012 e encontra-se inativo devido à não conclusão de sua torre de acesso. Diferentemente das outras duas intervenções, o novo volume possui uma relação de oposição intencional com o edifício da FAUFBA (Figura 74). Sua implantação, atrás do bloco dos auditórios e com eixo paralelo ao Pórtico, rompe não apenas com a lógica de expansão prevista como também com a leitura da preexistência. Esta situação é agravada pela volumetria composta por recortes

e balanços progressivos, dissonante do purismo formal dominante no conjunto. O novo volume, que avança ligeiramente sobre o sobre o pátio e se estende para a porção oeste do terreno, configura-se como um maciço em contraponto à permeabilidade da Faculdade. Formado por 4 pavimentos, sendo o primeiro vazado e outros três acima fechados conformando uma proporção estranha ao conjunto, tem cobertura um pouco mais alta que a do edifício preexistente.

Figura 74 - Vista de satélite com a implantação do anexo e do PPG-AU, 2017.



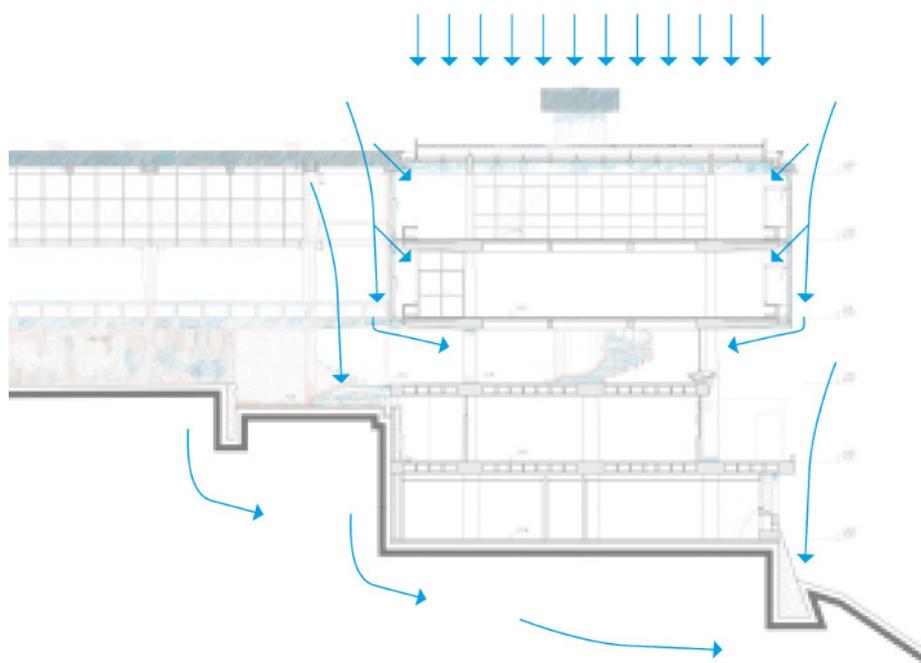
Fonte: Google, dez./2017.

questões técnicas/construtivas

Passados cinquenta anos da conclusão da primeira etapa (1968) e início da construção da segunda (1969), o edifício da Faculdade de Arquitetura encontra-se em bom estado de conservação. Contudo, uma série de danos afligem sua matéria, imagem e espacialidade. A exposição do concreto armado ao intemperismo associada à implantação e à construção parcial de seu projeto são os principais fatores que levam à degradação do edifício, intensificada pela dificuldade orçamentária para sua devida manutenção. Desse modo, a ação antrópica e a ação

da água atuam como principais agentes de degradação do edifício. O primeiro age principalmente na imagem figurativa do edifício, com destaque para as questões de adaptações espaciais, ampliações e instalações complementares (especialmente de equipamentos de climatização). O segundo consiste nos danos causados à matéria pelo percurso da água pluvial no edifício, desde a cobertura, passando pelos elementos de concreto aparente até sua drenagem no nível do solo (Figura 75).

Figura 75 - Percursos da água pluvial no edifício e terreno.



Fonte: Desenho desenvolvido pelo autor, abr./2019.

O edifício está situado a aproximadamente 1500m de distância da orla atlântica, em área de classe de agressividade ambiental considerada moderada (ALBUQUERQUE, 2016, p. 60). A implantação em altiplano voltada para o vale na orientação sul acentua a atuação da chuva e do aerossol marinho na edificação. Essa implantação acomodada ao terreno mostra-se protagonista no edifício da Faculdade de Arquitetura. Considerando seu acesso principal pela Rua Caetano Moura, o edifício possui três pavimentos semienterrados que apresentam problemas relacionados a passagem da água pelo solo. A não execução das Alas Oeste e Sul resultam na vulnerabilidade das escadarias localizadas nas áreas de conexão com estas alas, uma vez que, sem o resguardo dos volumes projetados, essas escadarias

passam a receber diretamente os ventos sul e sudeste. São nestas áreas de maior exposição às intempéries que se encontram grande parte dos casos de ferragens expostas do concreto armado.

O emprego do concreto aparente e a configuração arquitetônica da FAUFBA, a exemplo dos amplos vãos e do uso recorrente de balanços, são basilares para o entendimento dos danos do objeto de estudo. O edifício, de alta permeabilidade espacial e composto por 8 planos de fachada, mostra-se vulnerável às intempéries, principalmente à ação da chuva, cujo escoamento forma manchas de água descendente em todas as fachadas, com maior intensidade nas fachadas sul e leste devido a ação dos ventos predominantes. Essa água, ao infiltrar no concreto e atingir a armadura, contribui para o processo de oxidação das ferragens. Ocorre, então, o aumento volumétrico da armadura, criando tensões sobre o concreto, ocasionando a perda do recobrimento, expondo a armadura que sofrerá assim um processo de corrosão mais intensificado (Figura 76). Nas pranchas do projeto estrutural da primeira etapa, desenvolvido pelo Escritório Técnico Julio Kassoy e Mario Franco, é especificado o recobrimento de 15mm para as vigas de concreto armado, sendo atualmente prescrito na NBR 6118:2014 – Projeto de Estruturas de Concreto o recobrimento mínimo de 30mm para vigas e pilares em ambiente de agressividade moderada. Soma-se a estas questões, outros motivos específicos que podem levar ao dano do concreto armado. Como exemplo, observa-se na escada helicoidal a substituição do guarda-corpo original (ver Figura 65) por um modelo mais robusto fixado horizontalmente nos consoles, enquanto que a fixação original era vertical (como pode ser notado nos exemplares remanescentes). Desse modo, acredita-se que essa substituição pode estar relacionada aos danos existentes nesses elementos da escada (Figura 77). A área da fonte, no nível 52,50, apresenta elementos em concreto armado e tijolo bastante deteriorados, situação agravada pela falta de manutenção destes.

Figura 76 - Exemplos de ferragem exposta em elementos de concreto armado do edifício (2017).
Da esquerda pra direita: parte inferior da laje da escadaria sul, Ala Leste; pilar da escadaria sul, Ala Leste; guarda-corpo da fachada oeste do Bloco dos Auditórios; jardineira da fachada oeste do Bloco dos Auditórios.



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de fotos realizadas pelo autor, dez./2017.

Figura 77 - Figura 14 – Danos na escada helicoidal.



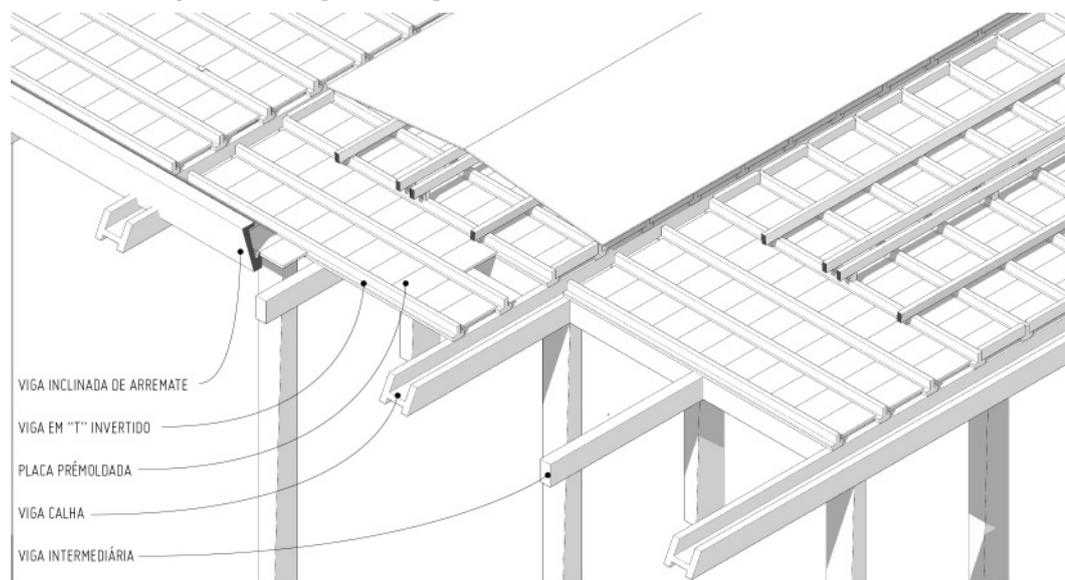
Fonte: foto realizada pelo autor, abr./2018.

Antecedendo a perda de material por tensões internas derivadas da oxidação da armadura, manchas de ferrugem podem ser encontradas nas superfícies dos elementos de concreto. Este fenômeno pode ser presenciado na base das vigas da cobertura, onde é perceptível a marcação das manchas de ferrugem dos estribos das vigas. Outras superfícies podem apresentar manchas de ferrugem provenientes de outros elementos como resultado do escoamento acentuado da água na região.

A ação da água é o principal agente de degradação do edifício da FAUFBA, da cobertura às contenções. A cobertura da edificação é estruturada por vigas-calhas transversais apoiadas diretamente sobre os pilares que também apoiam

as vigas distribuídas longitudinalmente que sustentam as vigas intermediárias, paralelas as vigas-calhas. Apoiadas neste vigamento estão as vigas em T invertido que, por sua vez, ancoram as placas pré-moldadas (Figura 78). Apoiada sobre estas placas, uma estrutura formada por pontaletes e caibros em madeira maciça sustenta as telhas onduladas cujo caimento de 5% direciona águas pluviais para as vigas-calhas, impermeabilizadas com manta asfáltica. As telhas da cobertura do pátio e auditório são metálicas e estão em bom estado de conservação, diferentemente das telhas da Ala Leste que são de fibrocimento e apresentam algumas peças danificadas, sendo necessária sua substituição. A viga de arremate perimetral da cobertura tem um desenho inclinado, tornando-se um dos principais pontos de infiltração. Os recorrentes problemas de estanqueidade da cobertura, talvez vinculados à atitude experimental da arquitetura modernista, levaram à modificação de sua concepção original para o recolhimento de águas pluviais (Figura 79). A eflorescência salina presente nas vigas de cobertura é resultante da migração de sais solúveis decorrente da infiltração de água. Em casos extremos, é observado a conformação de estalactites, a exemplo da viga pré-moldada próxima à escada helicoidal, correspondendo justamente à região da cobertura protegida apenas por manta impermeabilizante (Figura 80).

Figura 78 - Perspectiva esquemática do sistema construtivo da cobertura.



Fonte: Desenho desenvolvido pelo autor, ago./2018.

Figura 79 - Figura 18 – Modificações no sistema de cobertura. Foto da construção do edifício (1969) e foto do estado atual indicando não apenas a mudança da direção do caimento original das telhas como também a diferença entre as telhas do pórtico e Ala Leste (2018).



Fonte: Montagem realizada pelo autor a partir de imagem do CEAB/FAUFBA e foto realizada por Manuel Sá, ago./2018.

Figura 80 - Figura 19 – Situação da estrutura da cobertura próximo à escada helicoidal (2018).



Fonte: Foto realizada pelo autor, jun./2018.

A implantação em patamares, uma das principais características do edifício, direciona de maneira acumulativa o fluxo de águas pluviais para a extremidade sudeste do edifício. Esse acúmulo sobrecarrega o sistema de drenagem já defeituoso, ocorrendo o vazamento da água para o solo. A passagem de água pelo solo pode estar assoreando o mesmo, provocando movimentações nas contenções de pedra e causando fissuras nesses muros e nas paredes próximas à fachada leste neste pavimento, assim como deformações no piso do terceiro subsolo.

Os danos presentes nas contenções de alvenaria de pedra são intrínsecos ao

material e ao sistema construtivo. Em ambientes externos, a porosidade da pedra e da argamassa de assentamento e a proximidade com o solo facilitam a apresentação de manchas de água ascendentes e descendentes, sujidades, manchas enegrecidas, microflora e vegetação de pequeno porte.

Por todo o edifício, pode-se observar instalações improvisadas e desorganizadas que destoam do purismo formal estabelecido no projeto e, em alguns casos, prejudicam a integridade física da edificação. As instalações sanitárias no nível 62,50, tanto do Bloco dos Auditórios como da Ala Leste, configuram-se não apenas como acréscimos espúrios, mas criam condições para o desenvolvimento de danos devido, principalmente, às tubulações hidrossanitárias (Figura 81). Já os equipamentos de ar condicionado, além da situação improvisada destoante figurativamente do objeto, estão geralmente relacionados a danificação de peças de esquadrias.

Figura 81 - Danos causados pelas instalações sanitárias do pavimento superior (2018).



Fonte: Fotos realizadas pelo autor, jun./2018.

No mezanino, algumas vigas metálicas apresentam corrosão alveolar (pitting) demonstrando a necessidade de se realizar a limpeza e aplicar uma nova pintura protetora. O piso do mezanino possui diversas aberturas causadas pela infiltração de água nas placas de Painel Wall que o compõe. Algumas dessas placas foram substituídas por um sistema de laje formado por perfis metálicos em “U”, que receberam pintura branca na parte inferior, preenchidos com concreto magro (Figura 82). Essa substituição se destaca na leitura do espaço pela diferença de cor, textura e escala em relação ao piso original do mezanino, afetando a apreensão da arquitetura do edifício como um todo.

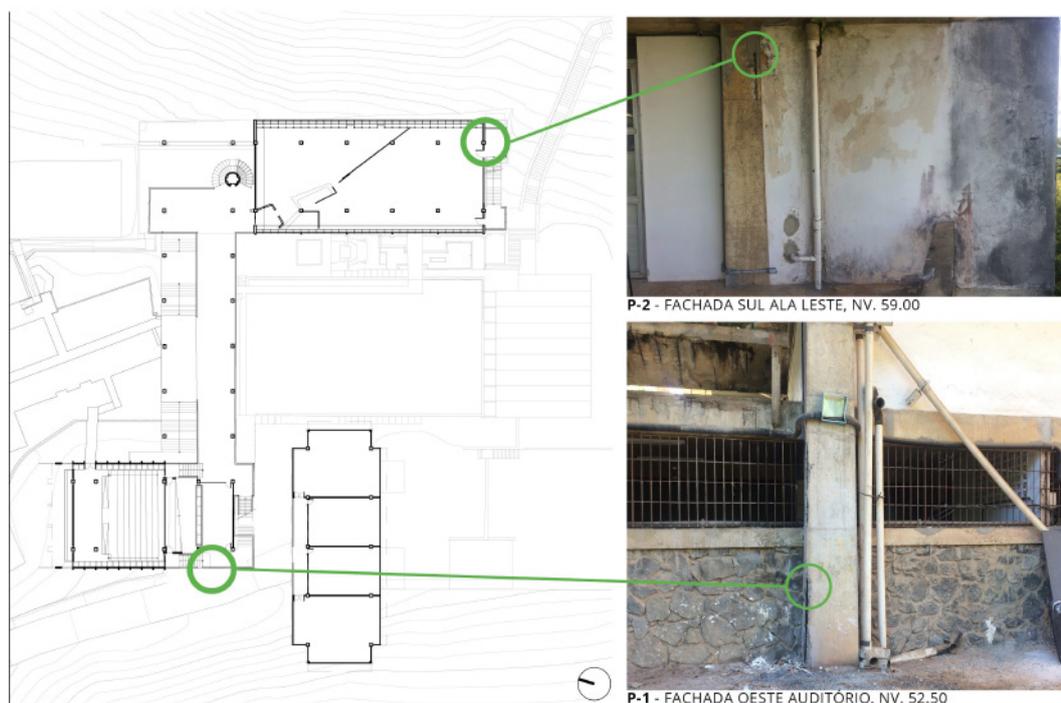
Figura 82 - Situação da estrutura da cobertura próximo à escada helicoidal (2019).



Fonte: Foto realizada pelo autor, fev./2019.

Afim de possibilitar conclusões mais precisas em relação aos danos materiais e à propriedade física do edifício da FAUFBA, uma análise laboratorial foi realizada no NTPR (Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração), localizado na Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia – UFBA). A análise consistiu na identificação de sais, da absorção total em água (porosidade acessível), do traço provável e da granulometria da argamassa. Para o desenvolvimento dos ensaios, foram colhidas amostras do edifício selecionadas de regiões que apresentavam maior debilidade da constituição física. Assim, as amostras foram obtidas de dois pilares, denominados P-1, P-2, escolhidos por representarem etapas distintas da construção da faculdade como também por serem os pilares que apresentam maior perda de recobrimento da armadura, sendo o P-1 extraído do pilar da fachada oeste do auditório (nível +52,50) a 100cm de altura do piso e o P-2 pertencente ao pilar localizado na escada sul da Ala Leste (nível +59,00) 230cm de altura do piso (Figura 83).

Figura 83 - Localização das amostras de concreto (2018).



Fonte: Fotos realizadas pelo autor, jun./2018.

Para a realização do teste qualitativo de sais solúveis - nitrato, cloreto e sulfato - (Tabela 01), foram seguidos os procedimentos do laboratório, consistindo em:

Para identificação do NITRATO:

- Pesar cerca de 10g da amostra moída e seca, para um béquer de 150ml
- Colocar aproximadamente 80 ml de água deionizada. E mais 20 ml para lavagem do bequer. Proporção 10g / 100ml.
- Agitar com um bastão de vidro e filtrar para um papel de filtro em um funil.
- Recolher o filtrado num erlenmayer.
- Se o filtrado estiver turvo, centrifugar por cinco minutos.
- Colocar um pouco do filtrado límpido numa placa de toque.
- Adicionar cinco gotas do reativo: 1% Difenilamina em H₂SO₄ concentrado.
- Verificar o aparecimento de uma coloração azul indicativa de nitrato.
- Fazer um teste em branco com água deionizada.

Para identificação do CLORETO:

- Colocar um pouco do filtrado do item anterior em um tubo de ensaio.
- Usar outro tubo para o teste em branco com água deionizada.

- Adicionar aos tubos cinco gotas de HNO₃ concentrado.
- Adicionar também cinco gotas da solução: 1% AgNO₃ em água deionizada.
- Verificar o aparecimento de um precipitado branco (turvação) indicativo da presença de cloreto. Precipitado de AgCl.
- Comparar com o ensaio em branco do outro tubo.

Para identificação do SULFATO:

- Colocar um pouco do filtrado do item 1 em um tubo de ensaio.
- Usar outro tubo para o teste em branco com água deionizada
- Adicionar aos tubos, cinco gotas de HCl concentrado.
- Verificar o aparecimento de uma turvação indicativa da presença de sulfato. Precipitado de BaSO₄.
- Comparar com o ensaio em branco.

Tabela 2 - Teste qualitativo de sais solúveis (2018).

TESTES QUALITATIVOS DE SAIS SOLÚVEIS

AMOSTRAS TESTE	P-1	P-2	
NITRATO	++	++	
CLORETO	+++	+++	
SULFATO	+	++	

LEGENDA: - = ausência
 + = pequena quantidade
 ++ = média quantidade
 +++ = grande quantidade

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, dez./2018.

A presença de nitrato em média quantidade indicando a possível presença de dejetos orgânicos sugere que a instalação sanitária localizada acima do pilar, em ambos os casos, está danificada e pode ter influência na degradação desses elementos. Ou seja, estes sanitários instalados a posteriori além de infringirem a imagem figurativa do edifício, danificam a sua matéria. A presença de cloreto em grande quantidade confirma a atuação do aerossol marinho sobre o concreto armado ao longo dos anos. A presença de sulfato é algo esperado nesse material e é encontrada em pouca quantidade na mostra do pilar P-1 e em média no P-2. Essa diferença de quantidade de sulfato encontrada nas amostras provavelmente é

oriunda da relação de traço entre cimento e areia na composição do concreto de cada pilar, lembrando que estes foram executados em anos diferentes.

O teste de absorção total em água foi realizado em amostras do P-1 afim de identificar a porosidade acessível do material e, conseqüentemente, definir a resistência do concreto em relação às tensões de cristalização. O procedimento consiste na separação de dois fragmentos da amostra, secadas em estufa a 75°C por um mínimo de 24 horas e, posteriormente, resfriadas em dessecador por 30 min. As amostras secas são, então, pesadas em balança semi-analítica e colocadas num recipiente de vidro com água acoplado a uma bomba de alto vácuo. Então, é feito o vácuo total 760mmHg por uma hora e as amostras permanecem em água por 24 horas. Por fim, as amostras úmidas são pesadas na mesma balança retirando-se o excesso de água. Faz-se então a medição da porosidade ao dividir a variação de peso das amostras (úmida menos seca) pelo peso da amostra seca e multiplicar o resultado por 100 para atingir o valor em porcentagem. Desse modo, a porosidade das amostras do P-1 foi de 3,72% e 5,88%, gerando uma média de 4,8%, classificando o concreto como medianamente poroso (OLIVEIRA, 2011, p. 54). Essa porosidade indica o processo de carbonatação do concreto a partir da reação química dos componentes do concreto em contato com a água e os poluentes atmosféricos. O aumento da porosidade do concreto facilita a infiltração da água atingindo as ferragens, estando, assim, estritamente relacionado ao processo de corrosão da armadura e, por conseguinte, de sua exposição.

Desse modo, entende-se que os danos no concreto estão presentes em diversos estágios de degradação e possuem relação de efeito e causa acumulativo e estão relacionados à ação da água e de agentes atmosféricos. Apesar da exposição das ferragens em alguns elementos, a estrutura de concreto da edificação encontra-se estável e em bom estado de conservação, com exceção das escadas da fachada sul. Para estas, são necessários reparos imediatos para evitar o agravamento dos danos levantados. Recomenda-se o desenvolvimento de um plano de conservação preventiva da edificação para facilitar, a título de planejamento, a manutenção periódica de seus diversos elementos. Deve-se monitorar as fissuras das paredes no nível 49,00 para verificar a estabilidade do terreno e da contenção da fachada leste. Os problemas levantados no diagnóstico indicam a necessidade de rever o sistema de drenagem do edifício para minimizar a ação da água sobre o terreno e sobre as estruturas de contenção. Apontam também para as questões de estanqueidade da cobertura e esquadrias, um desafio complexo devido a diversos fatores como a forma complexa das vigotas e placas pré-moldadas que dificultam a impermeabilização e os encontros entre as vigas da cobertura e os planos de esquadria. Evidencia

também a necessidade de revisar e redistribuir os usos para melhor compatibilização com os espaços do edifício e suas características arquitetônicas. Por último, se faz necessário adotar medidas de reduzir a força de elementos dissonantes com a linguagem do objeto como as instalações de ar condicionados, as intervenções no piso do mezanino e o edifício anexo.

projeto

conceituação teórica

O trabalho aqui apresentado desenvolve-se a partir da leitura sobre o restauro crítico teorizado e aplicado por Cesare Brandi e suas atualizações apresentadas pela vertente do restauro crítico-conservativo e criativo representado por Giovanni Carbonara. Essa reafirmação contemporânea dos argumentos de Brandi mostra-se oportuna uma vez que objeto de estudo se trata não apenas de uma obra arquitetônica, devendo ressaltar a aplicabilidade da teoria de Cesare Brandi para o campo da arquitetura, mas também de uma obra modernista, sendo necessário demonstrar que “embora a arquitetura moderna de fato apresente algumas características peculiares que têm que ser tidas em consideração quando se atua nelas, isso não conduz necessariamente a um método específico de restauro” (BIERRENBACH, 2017 p. 137). De imediato, faz-se necessário destacar as bases do pensamento brandiano afim de esclarecer os princípios a serem adotados na proposta de intervenção.

Ao assumir o conceito amplo de restauração enquanto intervenção voltada a reestabelecer a funcionalidade de um produto da atividade humana, Cesare Brandi em sua Teoria da Restauração aponta a necessidade se distinguir a intervenção voltada aos produtos industrializados e aos produtos que possuem um reconhecimento singular por sua excepcionalidade na produção humana: as obras de arte. Enquanto no primeiro caso a intervenção tem sinônimo de reparação, com objetivo prioritário de devolver a funcionalidade do objeto, no caso da obra de arte, essa questão funcional, quando há, é colocada simultaneamente, mas nunca prioritariamente. Deve-se, assim, priorizar as instâncias estéticas e históricas que qualificam o objeto, respectivamente, enquanto obra de arte e produto humano em seu transcurso no tempo, desde sua realização até o momento em que se encontra. Dessa maneira, Brandi condiciona a intervenção de restauro à obra de arte, devendo este ser conduzido caso a caso, de modo crítico e nunca empírico, analisando as singularidades da obra ao qual está submetido e com a atenção voltada para as questões de legitimidade desta. Está implícita também nessa condicionante do restauro, no caso da arquitetura, a questão do uso, devendo este ser compatível com o objeto a intervir.

Seguindo essa noção inicial, Brandi deduz que, antes de tudo, para se trabalhar com o objeto artístico, faz-se necessário validar a obra de arte como tal, e explicita que “qualquer comportamento em relação à obra de arte, nisso compreendendo

a intervenção de restauro, depende de que ocorra o reconhecimento ou não da obra de arte como obra de arte" (BRANDI, 2004, p. 28). Essa abordagem fenomenológica, ou seja, esse reconhecimento, com olhar contemporâneo, da obra de arte, é fundamental para o restauro brandiano uma vez que o olhar crítico sobre o objeto assinala não apenas os atributos que qualificam a obra de arte em si como também os elementos que a descaracterizam e afetam sua unidade potencial, guiando a intervenção. Assim, Brandi define que "a restauração constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à transmissão para o futuro" (BRANDI, 2004, p. 30).

Definido o conceito de restauro e sua relação com a obra de arte, são estabelecidos os critérios para atuar nesse campo disciplinar. O primeiro axioma do restauro brandiano defende que "restaura-se somente a matéria da obra de arte" (BRANDI, 2004, p. 30) pois compreende-se que o meio físico é o elemento responsável por assegurar a transmissão da imagem da obra de arte, isto é, o meio pelo qual a intenção artística, intangível e irreplicável, se manifesta. A relação intrínseca entre a matéria e a imagem da obra de arte é exposta na dupla função da matéria enquanto estrutura e aspecto. A singularidade inerente a obra de arte torna variável a influência dessas duas manifestações da matéria na imagem figurativa do objeto artístico, devendo, mais uma vez, ser analisada caso a caso. Ressalta-se, ainda, que essas funções não se limitam à consistência material, considerando outros elementos que venham a intervir na apreensão da obra de arte pelo observador, como a luz e a atmosfera. Esse princípio busca assegurar a autenticidade da obra de arte ao reforçar que se deve intervir na matéria, entendida como meio e não fim, e não na imagem concebida pelo artista uma vez que "a ideia do artista é uma realidade pura, incorruptível, mas a matéria se degrada" (KUHL, 2008, p. 72). Assim:

O restauro é considerado como intervenção sobre a matéria, mas também como salvaguarda das condições ambientais que assegurem a melhor apreciação do objeto e, quando necessário, como resolução da articulação do espaço físico, no qual tanto observador quanto a obra de arte se colocam, e a espacialidade própria da obra. (CARBONARA, 2006, pg. 3)

O segundo axioma da teoria desenvolvida por Brandi, afirma que "a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo" (BRANDI,

2004, p. 33). O conceito de unidade potencial que se busca reestabelecer com o restauro está atrelado à noção de inteiro, único, e não total, resultante das somas das partes, pois a especificidade da obra de arte está no todo e não nos fragmentos que a compõem, caso contrário seria uma antologia e não uma obra unitária. Entende-se então que, por mais que uma obra de arte, como a de carácter arquitetônico, seja composta por diversos elementos que possuam qualidades estéticas isoladas, estes não são em si uma obra de arte, mas sim parte de um todo, unitário e coeso, formado pela associação compositiva destes elementos. Assim, a obra de arte, “ainda que fisicamente fracionada, deverá continuar a subsistir potencialmente como um todo” (BRANDI, 2004, p. 46), sendo necessário “desenvolver a unidade potencial originária que cada fragmento contém” (BRANDI, 2004, p. 46), limitando-se, contudo, aos acenos contidos nos próprios fragmentos ou em registros autênticos e sem “constituir um falso histórico ou a perpetrar uma ofensa estética” (BRANDI, 2004, p. 47).

Com esses dois princípios, são demarcados os limites da ação restaurativa. Se no primeiro é colocado o limite sobre o que se deve intervir, no segundo é instituído os parâmetros sobre o modo e a finalidade da intervenção. Estes axiomas são guiados pela dialética entre a instância histórica e a instância estética, central da teoria brandiana, na qual se constrói a noção de autenticidade, norteadora da intervenção, sendo latente o repúdio ao falso e a defesa do uso do juízo de valor nas decisões específicas sobre a prevalência das instâncias. Contudo, de modo geral, Brandi julga que a instância estética deva prevalecer sobre a histórica nas decisões voltadas ao restauro justamente pelo carácter fundamental da estética no reconhecimento da obra de arte como obra de arte, mas considera que a autenticidade de ambas instâncias seja respeitada pela intervenção.

Brandi demanda, ainda, que a intervenção voltada a restaurar essa unidade potencial siga os princípios da distinguibilidade, sendo de fácil identificação sem infringir a unidade almejada, e da reversibilidade, possibilitando intervenções futuras. Entende a matéria como insubstituível apenas quando esta interferir diretamente na imagem figurativa da obra de arte, voltando a atenção à diferença entre a reintegração de fragmentos e o preenchimento de lacuna, que deve fugir das integrações fantasiosas. Trabalha-se então com a ideia de figura e fundo desenvolvida pela Gestalt para buscar soluções referentes aos problemas lacunares, recorrendo aos exemplos práticos a fim de estabelecer os devidos critérios de intervenção. A lacuna é o elemento de que, ao se transformar em figura, rompe a leitura da obra de arte. Na busca por meios de neutralizar a lacuna, ou seja, remover o protagonismo desta na leitura figurativa da obra de arte, passando-a de figura para fundo, Brandi

explicita a insuficiência do elemento neutro como ferramenta de recomposição uma vez que este resulta em um elemento impactante na figura, criando assim uma nova lacuna. Deve-se então intervir de maneira contemporânea, sendo o momento presente “o único momento legítimo que se oferece para o ato da restauração” (BRANDI, 2004, p. 61), evitando intervenções fantasiosas e reconstituições, de modo que a própria intervenção “deverá ser pontuada como evento histórico” (BRANDI, 2004, p. 61).

Dessa maneira, fica estabelecida a base teórica para a intervenção somada à defesa de Carbonara de que a restauração “não aceita como fatos separados o momento conservativo e aquele inovador, reconhecendo os dois como necessariamente alinhados sobre os mesmos binários críticos, em contemporaneidade mais que cronológica, metodológica, onde um nutre e dirige o outro e vice-versa” (CARBONARA, 1997).

O projeto de intervenção baseia-se no reconhecimento singular da obra de arte e seu transcurso no tempo, respeitando as suas estratificações, e no juízo crítico sobre o objeto. Assim, entende-se o edifício da FAUFBA como o objeto que nos chega hoje, cuja totalidade se restringe ao edifício construído e não ao que seria caso o projeto fosse executado por completo. Este passa a ser apenas uma hipótese, e querer completá-lo seria intervir no primeiro tempo, “na zelosíssima e não repetível fase do processo artístico” (BRANDI, 2004, p. 60), extinguindo o lapso temporal. Não se ignora, contudo, os desdobramentos provocados pela incompletude do projeto, resultando em alterações espaciais significativas, tanto no edifício quanto nas suas proximidades. Essas mudanças, ainda que se configurem como testemunho do tempo transcorrido, não podem ser conservadas indiscriminadamente, sendo necessário avaliar o impacto delas na imagem figurativa do edifício. Imagem está pautada nas qualidades arquitetônicas que configuram a unidade potencial do edifício e da qual é priorizada a manutenção através do restauro da matéria. Dito isso, aponta-se a existência de situações que “exigem não só uma boa manutenção, mas aquela dupla categoria de operações que C. Brandi claramente individualizou e discutiu: a reintegração das lacunas e a remoção dos acréscimos” (CARBONARA, 1997, p. 24). Ressalta-se que “se a adição deturpa, desnatura, ofusca, subtrai parcialmente à vista a obra de arte, essa adição deve ser removida” ((BRANDI, 2004, p. 84), entendendo que, contudo, “a remoção deve ser justificada e, em todo caso, deve ser feita de modo a deixar traços de si mesma” (BRANDI, 2004, p. 71). Entende-se também que a teoria brandiana “não excetua o restauro arquitetônico daquele das outras artes e, quando se detém sobre o tema, coloca quando muito uma vinculação a mais: a inalienabilidade do objeto de seu sítio e, possivelmente, a

conservação do próprio sítio, entendido como espaço-ambiente” (CARBONARA, 2006, pg. 7).

A proposta de restauração de um edifício modernista cujo projeto foi executado parcialmente se põe como um duplo desafio teórico balizado sobre a perspectiva do restauro crítico que, em resumo:

(...) se alicerça em razões históricas e de juízo crítico, rejeita o reprimido estilístico e o embelezamento da obra a favor de sua transmissão ao futuro respeitando suas estratificações. Sem tons dogmáticos e regras fixas, reconhece que cada intervenção é um caso em si, e o restauro, como um momento dialético entre o ato criativo e o processo crítico. (BONELLI, 1959 apud BRENDLE, 2017, p. 286).

Ou seja, o restauro entendido como ato crítico

(...) não se parte de um pragmatismo de base, para se atuar segundo uma lógica indutiva; parte-se de uma lógica dedutiva fundamentada em axiomas éticos e científicos, para, em seguida, voltar-se para a análise pormenorizada da obra em seus aspectos materiais, formais e históricos, os quais vão balizar as soluções técnicas adotadas (KUHL, 2006, p. 201).

O fato do momento da arquitetura moderna se encontrar tão próxima ao nosso tempo, permitindo, muitas vezes, o fácil acesso aos desenhos originais e até mesmo a utilização dos mesmos materiais e técnicas construtivas, induz à repriminação e cria a falsa ideia de que a atuação sobre essa arquitetura não é compatível com os preceitos teóricos da restauração. Essa atitude é desconstruída ao seguir a metodologia estabelecida por Brandi. Embora se reconheça a importância do projeto original, fica evidente que, adotando a teoria brandiana, o presente histórico deve ser a base para o reconhecimento da obra de arte e principal norteador da intervenção.

arquitetura modernista e sua preservação

Uma leitura a partir da visão do movimento racionalista nos aponta que, no final do século XIX e início do século XX, ganham profusão no campo da arquitetura os pensamentos pautados no entendimento de que “as formas existentes eram inadequadas à tarefa de conter funções, materiais, aspirações e ideologias novos e fomentados pela Revolução Industrial” (CURTIS, 2008, p. 687). Surge, então, postulações arquitetônicas em resposta às demandas sociais e programáticas

exigentes de soluções racionais e econômicas para as construções empregando novos materiais e tecnologias. Assim, são exploradas novas posturas estéticas em contraponto ao historicismo arquitetônico remanescente do século XIX, iniciando um processo investigativo dos aspectos formais e construtivos representantes de um ideal de modernidade pautado, principalmente, no racionalismo estrutural e programático. Dessa maneira, traços simplificados e desprovidos de adornos foram progressivamente atribuídos às edificações ao passo em que seus elementos estruturais adquiriram uma maior expressividade compositiva.

As obras de arquitetura pertencentes ao Movimento Moderno, apresentadas como inovadoras e articuladoras dos discursos artísticos, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos, estão inseridas nesse contexto de ruptura com os paradigmas estilísticos vigentes na época. Não por acaso “a arquitetura do Movimento Moderno nasceu em meio a manifestos e controvérsias, e veio acompanhada desde o início com uma impressionante comitiva de manuais e monografias”¹. (RIVERA, 2015, p. 61). De maneira geral, a necessidade de persuadir o público da validade dos preceitos modernistas, assim como a reafirmação de seu discurso ao longo das décadas seguintes, conduziu a uma vasta produção literária em defesa desta arquitetura, não apenas pelos arquitetos autores dos projetos, a exemplo de Le Corbusier e seu *Vers une architecture*, de 1923, como também de críticos de arquitetura e editores de revistas especializadas tais quais Siegfried Giedion, Philip L. Goodwin e Ernesto Nathan Rogers. Esta produção, com certo tom publicitário e difundida internacionalmente, foi assistida em grande parte pela fotografia fortalecendo o vínculo entre conceito e imagem.

É ainda nesse momento de afirmação do Movimento Moderno que ocorrem as primeiras medidas preservacionistas de seus exemplares. No Brasil, a figura central de Lúcio Costa² nos campos da arquitetura e da preservação possibilitou o tombamento do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, em 1948, três anos após a conclusão do edifício (RIBEIRO, 1999). Outros exemplos nacionais como a Igreja de São Francisco de Assis (Pampulha, Belo Horizonte), tombada em 1947, e a Catedral Metropolitana, em Brasília, tombada em 1967, ambas de autoria de Oscar Niemeyer, são protegidas legalmente quando ainda estavam em construção

1 La arquitectura del Movimiento Moderno nació rodeada de manifestos y polémicas, y fue acompañada desde el principio por un impresionante cortejo de manuales y monografías (Tradução nossa).

2 Ressalta-se a predominância do pensamento modernista no âmbito do patrimônio nacional até a década de 1960 de modo que “os critérios que presidiram a seleção e a valorização dos objetos a serem qualificados como patrimônio foram estabelecidos por esses intelectuais, especialmente Lúcio Costa e Rodrigo Melo Franco de Andrade” (SANT’ANNA, 1997, p. 120)

como medida preventiva para assegurar a finalização de suas obras (PESSÔA, 2003). Essa atitude demonstra uma forte atribuição de valor ao projeto que se repete também na preservação do Plano Piloto de Brasília iniciada com o decreto distrital 10.829 de 1987³, sendo “o primeiro bem contemporâneo reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade, em 1987, quando tinha apenas 27 anos de existência” (TAVARES, 2014, p. 8).

A partir dos anos 1970, no âmbito internacional, e dos anos 1980, no Brasil, devido, principalmente, ao processo de redemocratização, consolida-se a ampliação do escopo da preservação, viabilizando o tombamento de novos bens culturais para além dos valores estéticos ou históricos. Essa expansão tipológica e cronológica do patrimônio possibilitou a inserção nesse campo do conjunto de arquiteturas do século XX que, “quase sempre ameaçado de demolição em vista de seu mau estado, gerou nos dias de hoje um complexo de Noé, que tende a abrigar na arca patrimonial o conjunto completo dos novos tipos de construção que surgiram nesse período” (CHOAY, 2001, p. 209). Nesse momento ocorre também uma revisão historiográfica do Movimento Moderno proveniente do afastamento temporal e conceitual de suas postulações iniciais e do surgimento de novas vertentes que se contrapõem ao modernismo. Datam desse período as publicações revisionistas que apresentam estudos mais abrangentes sobre as arquiteturas do século XX permitindo analisar de maneira ampla o contexto histórico no qual se insere o Movimento Moderno. Assim, “o desencanto com a arquitetura moderna significou a possibilidade de finalmente identificar suas qualidades autênticas e apreciá-la como produto exótico e fascinante de uma época passada”⁴ (RIVERA, 2015, p. 61). Essa separação geracional permitiu suscitar questões analisadas sob uma perspectiva crítica, alcançada com o devido distanciamento temporal, em busca das relações reais ou falsas entre o discurso e a produção, afetando também o campo da restauração da arquitetura modernista uma vez que:

Os cânones vigentes no século XX foram substituídos pela observação exterior; e os responsáveis das restaurações se viram forçados a se perguntar sobre o significado de cada elemento, tentando discernir com critério entre o essencial e o acessório. O que é mais importante na

3 Ressalta-se que “o decreto de 1987 possibilitou a inscrição do Plano Piloto de Brasília como Patrimônio da Humanidade. Era o reconhecimento internacional do ‘centro histórico’ modernista que precedeu ao tombamento nacional. Este só aconteceu três anos depois, em 1990” (PESSÔA, 2003, p.5).

4 El desencantamiento de la arquitectura moderna ha significado la posibilidad de discernir por fin sus auténticas cualidades, y apreciarla como el producto exótico y fascinante de una época ya pasada (Tradução nossa).

arquitetura do Movimento Moderno. O projeto? A imagem "icônica", como tem se tem chamado? Os materiais e procedimentos construtivos originais? A intenção social? O simbolismo maquinista? As instalações?⁵ (RIVERA, 2015, p. 61)

Fruto deste contexto, o DOCOMOMO (Comitê Internacional para a documentação e a conservação dos edifícios, sítios e bairros do Movimento Moderno) surge “num momento em que não poucos haviam dado como morta essa mesma arquitetura, e falidas as expectativas que uma vez haviam animado o projeto cultural e social que foi seu fundamento, o projeto da modernidade” (CABRAL, 2018, p. 2). Desse modo, o DOCOMOMO⁶ é “fundado em 1988 na Holanda, com apoio da Universidade de Eindhoven, por um pequeno grupo de europeus de diferentes formações e vivências profissionais, liderados pelos arquitetos Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge” (GALVÃO, 2017, p. 10). Estes arquitetos haviam iniciado em 1982 um projeto de Investigação Técnica da Arquitetura Jovem utilizando o edifício do Sanatório de Zonnestraal, em Hilversum, como estudo de caso, iniciando um processo que levaria a formação da “nova instituição especializada na proteção e estudo do patrimônio do Movimento Moderno” (RIVERA, 2012 p. 119). O estado de degradação avançada em que se encontrava o sanatório de tuberculose, projetado entre 1925 e 1927 pelos arquitetos Jan Duiker e Bernard Bijvoet e pelo engenheiro Jan Gerko, é atribuído, em grande parte, a sua natureza efêmera⁷. Apesar da iniciativa surgir do estudo de caso que levou a restauração do objeto, na prática, ela não age diretamente na preservação dos edifícios modernos, mas sim na formação de um olhar sobre a importância do inventário dessa produção. Assim, tem por objetivo a troca de conhecimentos visando a proteção das obras modernistas, entendendo como peça fundamental o interesse público por estas obras. Visa não apenas documentar, em esfera internacional, os edifícios e sítios modernistas como

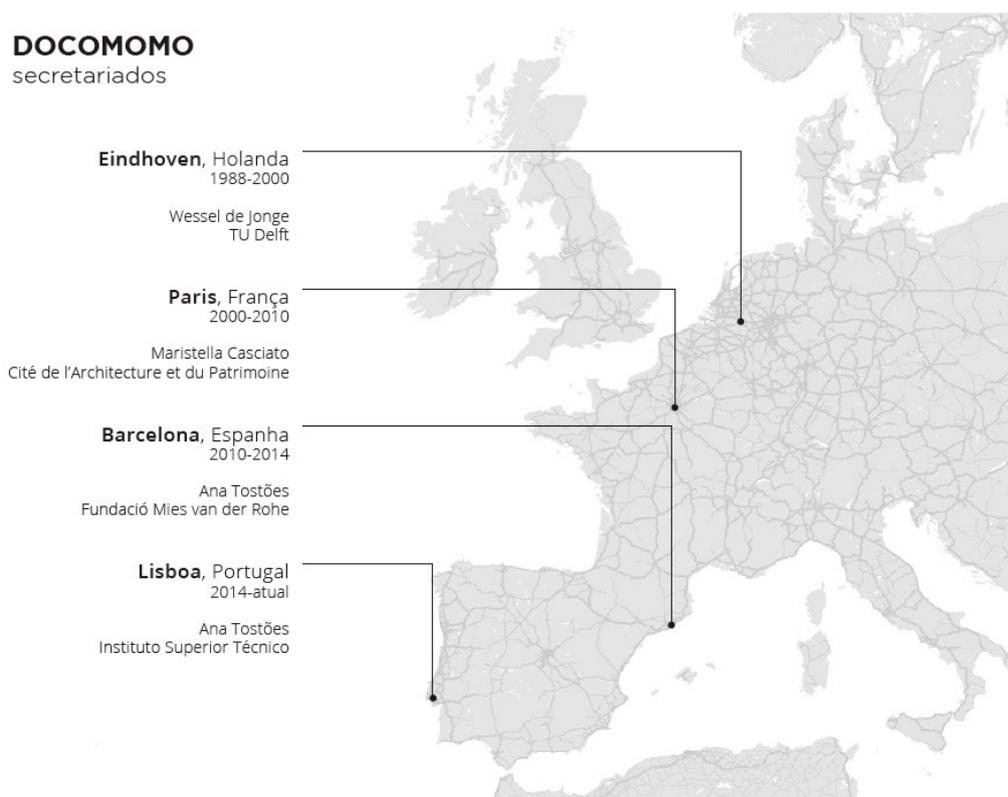
5 Los cánones vigentes em el siglo xx han sido sustituidos por la observación exterior; y los responsables de las restauraciones se han visto obligados a preguntarse por el significado de cada elemento, intentando discernir con criterio entre lo esencial y lo accesorio. ¿Qué es más importante en la arquitectura del Movimiento Moderno? ¿El proyecto? ¿La imagen ‘icónica’, como se le ha dado en llamar? ¿Los materiales y procedimientos constructivos originales? ¿La intención social? ¿El simbolismo maquinista? ¿Las instalaciones? (Tradução nossa).

6 A iniciativa do DOCOMOMO está inserida também no contexto da formação, a partir da segunda guerra mundial, de órgãos de preservação de bens em escala mundial como a UNESCO (1945), o ICCROM (1956) e o ICOMOS (1965).

7 O carácter efêmero está associado ao discurso funcionalista do Movimento Moderno. No caso de Zonnestraal “o tamanho dos edifícios do sanatório era limitado, uma vez que se esperava que a tuberculose fosse exterminada dentro de trinta a cinquenta anos. A expectativa de vida técnica escolhida de acordo, o que permitiu que os edifícios fossem construídos com um orçamento muito limitado” (DE JONGE, 2004, p.4)

também formular novas ideias com base em experiências passadas do Movimento Moderno a partir de uma análise crítica deste (CABRAL, 2018). A multiplicação de núcleos regionais ao redor do globo possibilitou a diversidade cultural nos debates do DOCOMOMO e, conseqüentemente, um entendimento mais amplo acerca do Movimento Moderno conduzindo a discussões sobre os princípios e conceitos para a documentação. De todo modo, apesar de sua abrangência mundial, a visão do comitê sobre o patrimônio ainda é predominante vinculada às matrizes europeias da cultura ocidental, simbolicamente representada na decisão de manter seu secretariado internacional, sempre vinculado a instituições educacionais ou culturais, instalado em países desse continente (Figura 84).

Figura 84 - Infográfico com os secretariados do DOCOMOMO, cidade, país, período, secretário chefe e instituição vinculada.



Fonte: Realizado pelo autor, dez./2018.

Outras duas organizações, ambas americanas e privadas, se destacam por suas iniciativas de preservação voltadas às obras do Movimento Moderno: o World Monuments Fund (WMF, Fundo Mundial de Monumentos), fundado em 1965 e sediado em Nova York; e a Getty Foundation, setor operacional da organização filantrópica dedicada às artes visuais The J. Paul Getty Trust, criada em 1984,

em Los Angeles. Esta última, responsável por dar suporte financeiro a indivíduos ou instituições atuantes na preservação de exemplares das artes visuais, criou o programa Keeping It Modern. Desde sua criação em 2014, o programa distribuiu cerca de 54 subsídios a projetos de conservação e restauro da arquitetura moderna em diversos países. Dentre os projetos contemplados, estão quatro exemplares modernistas brasileiros: em 2015, a Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo conseguiu a quantia de 200 mil dólares para a formulação de um plano de conservação para o edifício da FAUUSP, projetado por João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi na década de 1960; no mesmo ano, foi endereçado à Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz, o valor de 60 mil dólares para a finalização de análises técnicas e a elaboração de um relatório de conservação preventiva do Pavilhão Arthur Neiva, projetado por Jorge Ferreira em 1942 no Rio de Janeiro; em 2017, foram destinados 150 mil dólares para criação de um plano integrado de conservação e manutenção preventiva do MASP, projetado por Lina Bo Bardi em 1957; e em 2018, a UNESCO recebeu 225 mil dólares para desenvolver um plano de gerenciamento de conservação para o complexo da Feira Internacional de Rashid Karami, em Trípoli, no Líbano, projetado por Oscar Niemeyer em 1962 (GETTY).

O WMF, por sua vez, lançou a iniciativa Modernism at Risk em 2006 como meio de captar recursos e trazer a atenção internacional para a preservação dos edifícios modernos. Como desdobramento dessa ação, e em parceria com a empresa Knoll, o fundo passou a organizar, desde 2008, uma premiação bial afim de reconhecer os trabalhos de conservação e restauro em estruturas modernas, o WMF/Knoll Modernism Prize. Composta por um júri fixo⁸, a premiação contemplou diversos trabalhos de restauração ao redor do mundo incluindo o restauro do sanatório de Zonnestraal (Tabela 5), trazendo prestígio a esses projetos, majoritariamente intervenções em edifícios dos anos 1920-1930, e legitimando seus esforços na preservação da arquitetura moderna.

8 O júri é formado por Barry Bergdoll (MoMA, Nova York), Jean-Louis Cohen (NYU, Nova York), Kenneth Frampton (Columbia University, Nova York) Dietrich Neumann (Brown University, Rhode Island) Theodore H.M. Prudon (DOCOMOMO/Columbia University, Nova York), Karen Stein (George Nelson Foundation) e, desde 2014, Susan Macdonald (Getty Conservation Institute).

Tabela 3 - Projetos contemplados na premiação WMF/Knoll Modernism Prize.

Obra premiada	Edição	Data do projeto	Autores do projeto	Data do restauro	Autores do restauro
ADGB Trade Union School, Bernau, Alemanha	2008	1928-1930	Hannes Meyer e Hans Wittwer	2001-2009	Brenne Gesellschaft von Architekten
Sanatório Zonnestraal, Hilversum, Holanda	2010	1928-1931	Jan Duiker, Bernard Bijvoet e Jan Gerko	1982-2003	Bierman Henket e Wessel de Jonge
Escola primária em Hizuchi. Yawatahama, Japão	2012	1956-1958	Masatsune Matsumura	2006-2009	Architectural Consortium
Biblioteca de Viipuri Vyborg, Rússia	2014	1927-1935	Alvar Aalto	1992-2013	Comitê Finlandês
Complexo Justus van Effen, Roterdã, Holanda	2016	1919-1922	Michiel Brinkman	2000-2012	Molenaar & Co. architecten
Colégio Karl Marx, Villejuif, França	2018	1933	André Lurçat	2010 - 2013	Christiane Schmuckle-Mollard

Fonte: Realizado pelo autor, mar./2019.

discussões acerca da intervenção no patrimônio moderno

Resultante do entendimento contemporâneo de que não apenas as obras excepcionais, mas também às obras modestas com relevante valor cultural são passíveis de salvaguarda (KÜHL, 2017), a ampliação significativa do montante patrimonial a ser preservado conduz a uma série de discussões no campo preservacionista atual acerca dos altos custos de intervenção no patrimônio. Essa questão está relacionada diretamente ao mal gerenciamento de recursos que fortalece uma prática na qual “a preferência, cada vez mais difundida em toda a comunidade, pelas restaurações cujo investimento é medido por centenas de milhões, é uma tendência inversamente proporcional à deterioração do enorme patrimônio desassistido”⁹ (MATRÁN, 2017, 33). Pertinente a esse contexto, Andrea Pane (2017) relata a experiência italiana de redução de aporte de recursos nos incentivos culturais relacionada à crise econômica mundial de 2008 citando a redução do orçamento do Ministério do Patrimônio Cultural e Atividades em quase um terço entre os anos de 2001 e 2014. o autor Denuncia que:

se excluirmos as chamadas "grandes atrações", como Pompéia ou o Coliseu, a maior parte do patrimônio não recebe recursos suficientes para ser salvaguardado e preservado. Basta mencionar, a este respeito, o caso da cidade de Áquila, danificada pelo terremoto de

9 Tradução nossa do original em espanhol.

abril de 2009, cujo centro histórico ainda hoje aparece abandonado, silencioso e deserto, com os principais edifícios históricos cercados por imensas estruturas provisórias. Aqui, de fato, uma política míope preferiu investir rios de dinheiro na construção de novas cidades em vez de lidar com a restauração dos edifícios existentes danificados. O resultado, além do abandono do patrimônio do centro histórico, foi também o desenraizamento da população do seu entorno¹⁰ (PANE, 2017, p. 111).

O exemplo de Áquila evidencia o predomínio de uma cultura mercadológica na construção civil que, favorável a um modo de construir a partir da tábula rasa e em busca de um lucro máximo, embute complicações na adoção do restauro como opção construtiva¹¹. Corrobora com essa prática, a atuação dos arquitetos que, com uma formação deficiente no campo do restauro, veem a abordagem respeitosa às estratificações da preexistência como um elemento limitador. Esses fatores constroem uma noção bastante difundida de inviabilidade, técnica e econômica, dos projetos de restauro que pode ser equivocada uma vez que, “tomando por base estudos realizados no exterior, uma restauração criteriosa não é necessariamente mais custosa do que uma intervenção mais invasiva” (KÜHL, 2017, p. 103). Assim, nesse contexto intrincado, mostra-se relevante “reafirmar, diante dessas incertezas, os princípios e as aquisições que a cultura científica produziu no campo do patrimônio e da conservação nas últimas décadas” (PANE, 2017, p. 111).

Dito isso, a constante atualização dos discursos teóricos a partir dos resultados práticos de intervenção no patrimônio aliado ao alargamento da compreensão acerca dos agentes atuantes na conservação deste promove um cenário dinâmico no campo do restauro. A variedade dos temas abordados nos debates abarca desde a interpretação do pensamento brandiano¹² e sua pertinência na atualidade até a negação desde em prol de novos métodos de abordagem, passando por questões importantes como a autenticidade, a compatibilidade de uso e viabilidade técnica e econômica. Na Itália, especificamente, e por causa de sua tradição preservacionista, observa-se, a partir dos anos 1960, a definição mais clara de escolas de pensamento no campo da restauração que contribuíram com diferentes orientações teóricas e operacionais (PANE, 2017), fomentando uma discussão de caráter crítico e amplo

10 Tradução nossa do original em italiano.

11 Ressalta-se que, por vezes, essa atitude apenas esconde “o que motiva a afirmação [de inviabilidade], que é a ganância. Dados da Transparency International, ONG que trata da corrupção no mundo, citados por Joseph Rykwert (apud LA CECLA, 2008), mostram 78% do dinheiro de corrupção do mundo passa pela construção civil” (KÜHL, 2017, p. 104).

12 Ou seja, da Teoria da Restauração de Cesare Brandi, que tem como pontos fundamentais o reconhecimento fenomenológico da obra de arte como tal e a relação dialética entre a instância histórica e a instância estética.

que aponta “diferentes opções de restauro que dependem da determinação dos valores detectados preliminarmente” (BIERRENBACH, 2017, p. 142). Neste cenário, se destacam três posições diante do modo de intervir na preexistência que contribuem para esse cenário de debates: a pura conservação (ou conservação integral), a manutenção-repristinção (ou hipermanutenção) e a crítico-conservativa e criativa (ou posição central).

A corrente da pura conservação se caracteriza por privilegiar a instância histórica, prezando pela preservação dos testemunhos do transcurso do tempo e pela distinguibilidade e considerando que “a autenticidade se centra no caráter único e original das matérias acumuladas pelo tempo e na necessidade que essas transmitam, do modo mais intacto possível, todas as características dos edifícios” (BIERRENBACH, 2017, p. 146). Resulta, assim, em intervenções que valorizam as estratificações das fases construtivas e trabalham a inserção do novo de modo contrastante afim de evitar qualquer dúvida sobre o que é intervenção e o que é conservado. De modo a esta vertente, se coloca a da pura conservação ao priorizar a garantia da vida útil do monumento sobre a autenticidade do material, pois, “de acordo com os teóricos desta orientação, a arquitetura antiga é caracterizada por um processo contínuo de manutenção, acomodação e cuidados constantes que os edifícios sempre receberam nos séculos passados” (PANE, 2017, p. 122). Tendo como um dos preceitos a mínima intervenção, se propõe a consolidar e tratar o existente e substituir apenas onde seja imperativo e utilizando técnicas tradicionais. Por optar pela intervenção por analogia dos materiais e das técnicas, não considerando de modo enfático a distinguibilidade e o passar do tempo, pode induz o observador ao erro na leitura da preexistência.

Alicerçada na releitura do restauro crítico que fundamentou a Carta de Veneza de 1964, a posição crítico-conservativa e criativa é proposta como um equilíbrio dialético entres os extremos citados. Afirma que o objeto de intervenção é passível de uma análise crítica histórica e artística, reconhecendo a autenticidade da matéria tanto por transmitir a imagem como representar o transcurso no tempo. Ressalta também a subordinação do uso a preexistência, devendo ser compatível ou ao menos não infringir as qualidades analisadas, e reforça os princípios da mínima intervenção, distinguibilidade e reversibilidade (ao menos potencialmente), sem anular o ato criativo da intervenção contemporânea; Assim, esta vertente caracteriza o restauro como

qualquer intervenção que vise preservar e transmitir para o futuro, facilitando sua leitura e sem apagar os vestígios de sua passagem no tempo, obras de interesse histórico, artístico e ambiental; baseia-se no respeito pela substância antiga e pela documentação autêntica constituída por tais obras, propondo-se também como um ato de interpretação crítica não-verbal, mas expresso em termos concretos. Mais precisamente, como uma hipótese crítica e uma proposição que sempre pode ser modificada, sem que o original fosse alterado irreversivelmente por isso. (TORSELLO, 2005, p. 25 apud PANE, 2017, p. 114).

A aplicabilidade dessas vertentes teóricas nas práticas de restauro dos exemplares modernistas encontra problemáticas complexas, especialmente no que tange a autenticidade da obra. Os principais enfrentamentos estão ligados ao fato dessa arquitetura apoiar-se em conceitos abstratos, utilizar técnicas construtivas ainda vigentes e ser valorizada por questões autorais. Além disso, a formação de uma perspectiva crítica sobre o Movimento Moderno (em busca das relações reais ou falsas entre o discurso e a produção deste), alcançada com o devido distanciamento temporal, não anula o papel das diretrizes modernistas nos dias atuais enquanto referência projetual. Desse modo, como ressalta Claudio Varagnoli (1998), existe uma tendência em considerar o restauro do moderno como um caso à parte, sobretudo pelo entendimento de que na arquitetura “o mito da reprodutibilidade se apoia na certeza do projeto, entendido como o único portador de todos os valores da obra e de modo a permitir sua replicação” (VARAGNOLI, 1998, p. 111). Essa atitude é adotada pelo DOCOMOMO-Internacional que

indica quatro modelos de ações principais: o restauro pode comportar uma repriminção completa; uma repriminção com a introdução de melhoramentos técnicos, mesmo que imperceptíveis; modificações realizadas com materiais e técnicas atuais; ou, finalmente, reestruturação destinada ao reuso, sem muita atenção aos valores histórico-arquitetônicos. Para tanto, indica-se a possibilidade de redefinir e redesenhar partes inteiras dos edifícios, pautando-se nos mencionados desenhos originais, e/ou no exame das suas características constitutivas. (BIERRENBACH, 2017, p. 142-143).

Esse carácter de excepcionalidade do restauro da arquitetura modernista aponta dificuldades e contradições sobre como abordar os problemas tanto de cunho construtivo como de base conceitual, por vezes imbricados. Por exemplo, de certa forma associados aos conceitos arquitetônicos que incorporavam em seus ensejos as ideias de purismo formal e transitoriedade, os problemas técnicos provenientes de decisões projetuais estão vinculados ao “abandono do detalhamento tradicional

para alcançar a nova estética moderna e a falta de conhecimento sobre os melhores métodos de detalhamento de novos materiais para garantir a sobrevivência a longo prazo” (MACDONALD, 2002, online).

Esse foi um problema no caso do Sanatório de Zonnestraal enfrentado por De Jonge que entende que, no caso da arquitetura do Movimento Moderno, a abordagem inicialmente escolhida pelo autor deve ser considerada nas decisões de projeto de restauração desses edifícios (DE JONGE, 2004).

Esse pensamento corrobora com a afirmação de que “embora a conservação da matéria possa acontecer, não é tida pelo DOCOMOMO como fundamental, porque é considerada contrária ao conceito original de provisoriade do Movimento Moderno” (BIERRENBACH, 2017, p. 143). Demonstra, assim, um afastamento com a teoria do restauro de Brandi na qual é defendida a relação intrínseca entre a matéria e a imagem a partir da noção de que “restaura-se somente a matéria da obra de arte” (BRANDI, 2004, p. 30) pois compreende-se o meio físico como elemento responsável por assegurar a transmissão da imagem da obra de arte, isto é, o meio pelo qual a intenção artística, intangível e irreplicável, se manifesta. Susan Macdonald (2002) aponta, ainda, que o conceito de funcionalismo levanta uma série de questões para conservação do edifício moderno, especialmente sobre a adaptação para novas exigências espaciais e de programa, requisitos de desempenho ambiental e segurança além da questão do uso e da viabilidade econômica do restauro de grandes edifícios.

Assumindo postura diferente à de De Jonge, Simona Salvo (2006) relata a adoção das diretrizes da corrente crítico-conservativa no restauro da fachada da Torre Pirelli, em Milão, projetada por Giò Ponti e Pier Luigi Nervi¹³ entre 1956 e 1960. Em 2002, o edifício foi atingido por um avião de pequeno porte, danificando, assim, parte de sua fachada em curtain-wall. Ao aplicar os princípios da mínima intervenção, distinguibilidade e trabalhabilidade, o caso demonstra a aplicabilidade dos preceitos da posição central no restauro da arquitetura moderna por retomar a unidade do objeto considerando as estratificações do tempo e a autenticidade do material. Sobre o episódio, Salvo considera:

Apesar do caráter inédito e complexo dos temas enfrentados, o resultado obtido é excelente, em termos de conservação material, de êxito estético final, de funcionalidade, além de sustentabilidade econômica da operação; vale, por fim, recordar que o custo para

13 Projeto arquitetônico de autoria de Giò Ponti com colaboração de A. Fornaroli, A. Rosselli, G. Valtolina, E. dell’Orto; Projeto estrutural autoria de Pier Luigi Nervi com colaboração de A. Danusso (SALVO, 2006).

restaurar as fachadas atinge o montante – segundo a declaração frequentemente expressa pelos projetistas encarregados – cerca de 80% da despesa estimada para seu refazimento ex novo; ademais, toda a operação foi executada em tempos brevíssimos, apenas um ano de trabalho, sendo respeitado o cronograma previsto (SALVO, 2006, p. 207)

O carácter vanguardista da linguagem e experimental da técnica levam a deterioração precoce dos exemplares da arquitetura moderna, de modo que, poucas décadas após sua construção, muitos encontram-se susceptíveis a demolições, alterações inadequadas, obsolescência de usos e apatia pública, entendendo a importância de fomentar a preservação destes. No entanto, é preciso reconhecer as diversas frentes possíveis de atuar, devendo-se ter coerência e embasamento no discurso que deve ser validado por uma corrente metodológica. Deve-se, então, balizar, a partir da leitura de suas principais qualidades, a qual posicionamento teórico cabe ao patrimônio a se preservar, considerando a viabilidade técnica e econômica. Isto posto, faz-se necessário esclarecer que “encarar a preservação fundamentada como algo que apenas limita a ação, impede o uso de recursos criativos e inviabiliza a adaptação da obra para as reais necessidades contemporâneas é visão redutora e equivocada do problema” (KÜHL, 2017, p. 96).

partido

A partir dos parâmetros teóricos estabelecidos, a intervenção proposta se segmenta em duas vertentes: As soluções funcionais e formais, que respondem às questões figurativas do objeto a fim de evitar a descaracterização de seus principais atributos, e as soluções técnico-construtivas, voltadas a conservação física e perpetuação de sua imagem. Para tanto, as principais características balizadoras da proposta de intervenção são:

- A implantação autônoma a partir da inserção do edifício recuada no terreno em relação a via de acesso, conformando um volume autônomo implantando em altiplano garantindo ao edifício uma boa ventilação e um amplo campo visual (qualidades ponderadas desde o processo de seleção do terreno) e uma relação paisagística com a massa arbórea envoltória.

- A permeabilidade visual criada a partir da integração dos espaços internos e externos devido ao uso de grandes espaços cobertos e generosos, de pé-direito alto e grandes vãos entre pilares, da relação visual entre os diferentes níveis do edifício, do uso de elementos vazados ou planos de esquadrias para vedação vertical, da

predileção pela circulação perimetral possibilitam a transição gradual entre os espaços.

- A amplitude espacial obtida pela adoção da planta livre, evitando a compartimentação dos ambientes e formando espaços generosos, polivalentes e com programas adaptáveis.

- A fluidez espacial assegurada pela adoção da planta livre, permitindo múltiplas possibilidades de percursos, assim como pela atenção dada às circulações verticais.

- O racionalismo e funcionalismo presentes na distribuição regular da estrutura a partir de uma modulação mínima de 60cm, na configuração de eixos ortogonais claros.

- A matriz tectônica evidente na apresentação dos sistemas construtivos e na distinção entre os elementos estruturais e de vedação. O cuidado com o desenho dos elementos estruturais e arquitetônicos.

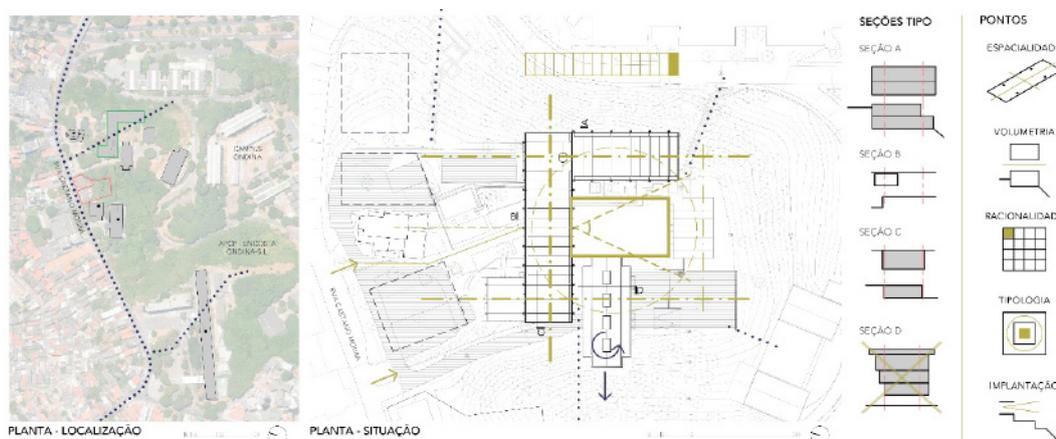
- A materialidade simples que reforça a composição arquitetônica e é atingida a partir do uso ponderado de revestimentos e de cores valorizando os materiais empregados.

- O purismo formal percebido nos volumes prismáticos de fácil assimilação, no emprego de detalhes simplificados e de planos similares de fachadas em cada volume. Ressalta-se as relações volumétricas de cada volume, compostas de embasamento, pavimento vazado e elemento suspenso. Nesse sentido, a instalação do mezanino reforça essa leitura no pórtico.

- A composição de contrastes e os elementos que permitem a leitura das relações de cheios e vazios, horizontalidade e verticalidade, avanços e recuos.

Além destes atributos balizadores, as diretrizes para a intervenção no edifício da FAUFBA (Figura 85) são definidas a partir de um olhar amplo sobre as questões funcionais da faculdade, sua relação com os outros edifícios da UFBA, suas principais características arquitetônicas e os desdobramentos provocados pela incompletude do projeto. Em um contexto ampliado, julga-se importante reforçar o caráter público do espaço da faculdade e as conexões existentes com o campus de Ondina ponderando as questões de segurança, e estudar novas interações com outros edifícios como o PAV VI e a Biblioteca de Exatas considerando a preservação da área verde da encosta. Considera-se também a restrição do fluxo de veículos concentrando o estacionamento na proximidade da rua Caetano Moura e prevendo uma construção à leste para suprir a demanda.

Figura 85 - Esquema do partido.



Fonte: Elaborado pelo autor, abr./2019.

O ordenamento tipológico de pátio central é entendido como estruturante para a organização espacial e ampliação da faculdade. O pátio se apresenta como um princípio organizador do espaço e que, em associação ao caráter racionalista da obra, resulta no desenvolvimento modular do edifício em eixos ortogonais claramente definidos. Soma-se a esse ponto, a implantação em altiplano, a visada para Ondina e a adaptação à topografia em declive como elementos condicionantes dessa distribuição.

A espacialidade, generosa e permeável, resultante do desenho da planta livre e do emprego de grandes vãos que integram os espaços internos e externos e os diferentes níveis do edifício deve ser preservada (e restaurada quando cabível). Nesse ponto, também deve-se ter atenção à fluidez espacial e a multiplicidade de percursos, e considerar a redistribuição do programa e reformulação dos espaços internos alterados de modo incompatível com os atributos levantados.

Outro ponto de partida para o projeto de intervenção diz respeito a volumetria, caracterizada pela composição de elementos autônomos (embasamento e volume suspenso), arrematados pela cobertura relativamente de pouca espessura. Desse modo, se considera importante a manutenção desses elementos e dos pavimentos livres (pilotis) que possibilitam essa distinção de volumes. Ressalta-se, ainda, a composição, de traço simples e preciso, formada por planos (e não por maciços) que criam relações de cheios e vazios, transparência e opacidade, horizontalidade e verticalidade, avanços e recuos, que devem ser preservados ou resgatados. Associada esse ponto, a linguagem brutalista (didática e exposta) deve ser também utilizada como parâmetro da intervenção.

A permanência da casa de chácara e a definição do acesso pelo traçado dos antigos barracões formam um percurso oblíquo no qual o edifício é revelado

aos poucos. Essa situação, no entanto, não impede a plena apreciação do objeto e, embora não se trate de um preceito modernista, se compreende que esse novo contexto, associado a relação paisagística, imerge o edifício em um ambiente cativante a ser preservado. O anexo, por apontar dissonância com diversos aspectos levantados, deve ser retrabalhado ou removido. O módulo do mestrado por se considerar este um acréscimo detentor de qualidade artística e relevância histórica deve ser preservado.

Por último, é proposto um estudo de ampliação para a devida distribuição dos usos permitindo adaptações futuras sem prejudicar a leitura da preexistência, com linguagem contemporânea relacionando de maneira equilibrada os momentos arquitetônicos. Deve-se considerar, principalmente, a conformação espacial e volumétrica caracterizada pelo racionalismo e pela linguagem brutalista, organizada a partir de uma tipologia de pátio central e condicionada pela implantação em altiplano.

projeto de intervenção

O projeto de intervenção baseia-se no reconhecimento singular da obra de arte e seu transcurso no tempo, respeitando as suas estratificações, e no juízo crítico sobre o objeto. Assim, entende-se o edifício da FAUFBA como o objeto que nos chega hoje, cuja totalidade se restringe ao edifício construído e não ao que seria caso o projeto fosse executado por completo. Este passa a ser apenas uma hipótese, e querer completá-lo seria intervir no primeiro tempo, “na zelosíssima e não repetível fase do processo artístico” (BRANDI, 2004, p. 60), extinguindo o lapso temporal. Não se ignora, contudo, os desdobramentos provocados pela incompletude do projeto, resultando em alterações espaciais significativas, tanto no edifício quanto nas suas proximidades. Essas mudanças, ainda que se configurem como testemunho do tempo transcorrido, não podem ser conservadas indiscriminadamente, sendo necessário avaliar o impacto delas na imagem figurativa do edifício. Imagem está pautada nas qualidades arquitetônicas que configuram a unidade potencial do edifício e da qual é priorizada a manutenção através do restauro da matéria. Dito isso, aponta-se a existência de situações que “exigem não só uma boa manutenção, mas aquela dupla categoria de operações que C. Brandi claramente individualizou e discutiu: a reintegração das lacunas e a remoção dos acréscimos” (CARBONARA, 1997, p. 24). Ressalta-se que “se a adição deturpa, desnatura, ofusca, subtrai parcialmente à vista a obra de arte, essa adição deve ser removida” (BRANDI,

2004, p. 84), entendendo que, contudo, “a remoção deve ser justificada e, em todo caso, deve ser feita de modo a deixar traços de si mesma” (BRANDI, 2004, p. 71). Entende-se também que a teoria brandiana “não excetua o restauro arquitetônico daquele das outras artes e, quando se detém sobre o tema, coloca quando muito uma vinculação a mais: a inalienabilidade do objeto de seu sítio e, possivelmente, a conservação do próprio sítio, entendido como espaço-ambiente” (CARBONARA, 2006, pg. 7).

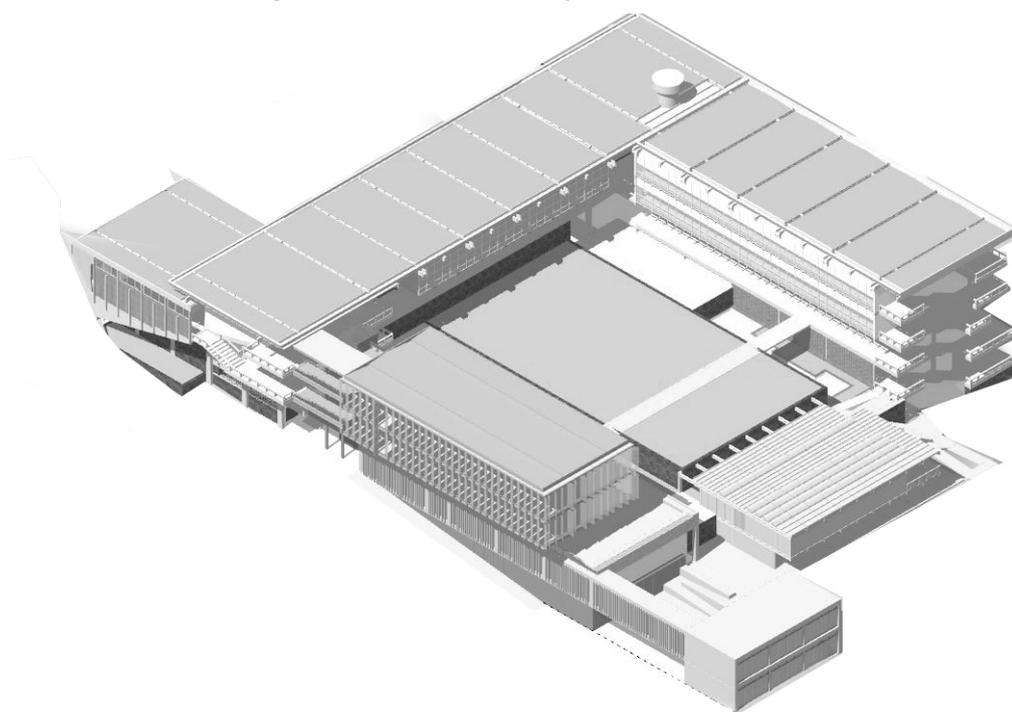
As soluções funcionais-formais partem deste entendimento e visam não apenas as correções de intervenções prévias como também as respostas às demandas da faculdade, como as questões de acessibilidade e de ampliação da área construída, de modo a não descaracterizar o objeto, tendo em mente as diretrizes do partido. Assim, primeiramente, busca-se retrabalhar o anexo ainda inativo por este se configurar como um acréscimo espúrio e não resolver outras questões para além da necessidade de espaço. Essa trabalhabilidade deve estar associada à proposição de um plano de ampliação que respeite a implantação original e as características intrínsecas à preexistência e mostra-se necessária não apenas para suprir a atual demanda de espaço do edifício, de modo a, potencialmente, permitir a retomada de áreas livres atualmente ocupadas, como também para impedir a ocupação desordenada do entorno. O projeto do anexo é também uma oportunidade para promover a centralidade do pátio e possibilitar conexões com a Ala Leste a partir deste, na cota 56,00, e do bloco do PPG-AU, nos níveis 52,50 e 49,00, atentando para as questões de acessibilidade e as demandas programáticas e de instalações hidrossanitária.

O novo edifício anexo é projetado com linguagem contemporânea que relaciona de maneira equilibrada os dois momentos arquitetônicos. É conformado a partir da retirada parcial da estrutura existente e a criação de uma nova estrutura, também com pilares em concreto armado e vigas metálicas (estas podendo ser reaproveitamento do edifício anexo atual), no sentido sul que segue a modulação do edifício preexistente de 7,20, alinhado-se aos eixos estruturais da Ala Leste. Essa nova composição deverá corrigir a implantação do anexo, sua volumetria deverá ser simplificada e adotar como princípio a disposição de embasamento-pilotis-lâmina (Figuras 86 e 87). Entre o edifício da FAUFBA e o anexo, com o cuidado de ocultar o mínimo possível a fachada sul do bloco dos auditórios, será implantado um conjunto com a torre de elevador, sanitários e passarelas de ligação entre os dois edifícios em estrutura metálica. A lâmina será envelopada por uma pele de brises em chapa perfurada, pivotantes e de acionamento manual, estabelecendo uma relação direta com o plano de esquadrias da Ala Leste. No nível dos pilotis,

terá uma conexão por passarela para o pátio de modo a potencializar o uso deste e facilitar a conexão com o pavimento vazado da Ala Leste. Enquanto que a lâmina suspensa tem seu dimensionamento restringido para melhor dialogar com a preexistência, o embasamento se aproximará do pátio e avançará no sentido sul como gesto indicador das novas conexões e para a inserção de áreas de oficinas em local mais afastado. O atual acesso de veículos deverá ser preservado para eventuais cargas e descargas de materiais, havendo alterações em seu desenho para melhorar sua implantação.

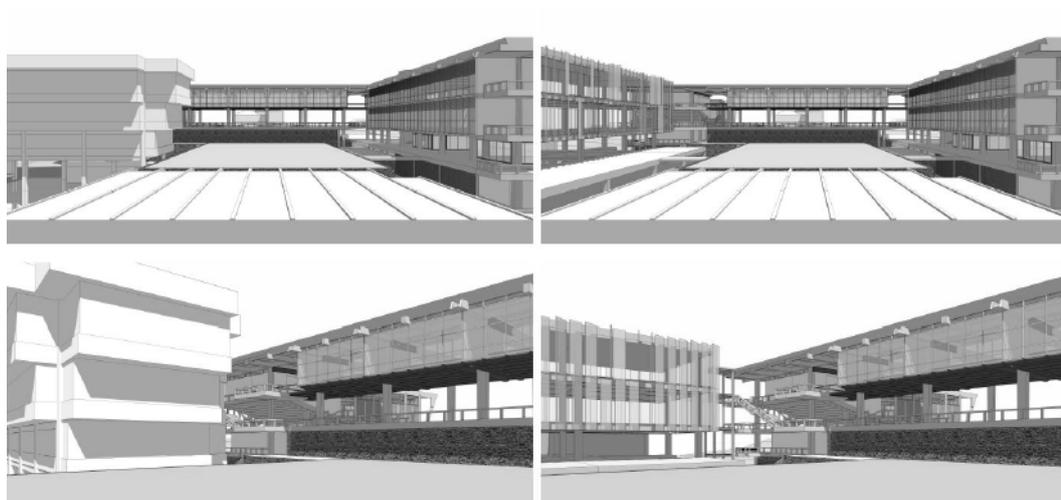
Esta expansão sul da base do novo anexo, no entanto, será feita de modo a não obstruir a vista para o Pavilhão Iansã, que deverá ser preservado por se considerar este um acréscimo detentor de qualidade artística e relevância histórica tanto para a instituição como para a produção arquitetônica local. O edifício de Lelé será utilizado como elemento de ligação entre a Ala Leste e o anexo nos níveis 49,00 e 52,50 e seu uso voltado à pós-graduação deverá ser mantido. As questões referentes ao seu restauro específico não competem no escopo deste trabalho por se tratar de um exemplar da arquitetura pré-fabricada na Bahia que demanda considerações a parte. No entanto, descarta-se a opção de se fazer uma segunda cobertura por entender que essa seria o tipo de solução emergencial da qual buscamos nos distanciar.

Figura 86 - Isométrica do conjunto com o novo anexo.



Fonte: Elaborado pelo autor, jan./2020.

Figura 87 - Comparativo entre o anexo existente e o proposto.

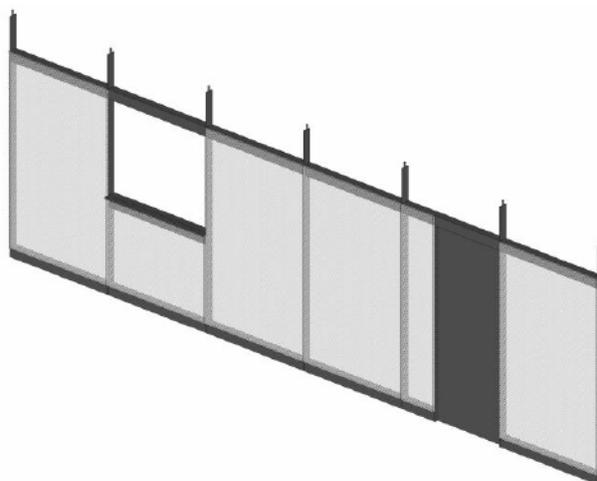


Fonte: Elaborado pelo autor, jan./2020.

Nas áreas internas da Faculdade, deve-se tratar a remoção de acréscimos de modo a possibilitar a legibilidade da linguagem tectônica do edifício e sua relação compositiva de cheios e vazios, permitindo, ainda que de maneira sugestiva, a compreensão da espacialidade. Essa ação deve limitar-se aos casos que comprometem a imagem figurativa ou a integridade física do objeto. Assim, as remoções ocorrerão em todas as alvenarias consideradas espúrias no diagnóstico. A conexão das circulações verticais e a ordenação do fluxo interno do edifício são fundamentais para recuperar a unidade potencial do objeto no que tange sua fluidez espacial.

Nos casos cabíveis, propõe-se uma nova opção de vedação, mais leve que a alvenaria de blocos cerâmicos técnica e visualmente (Figura 88). Tratam-se de painéis modulados com estrutura em perfis em aço fixados por pressão nas vigas, evitando a perfuração destas, e chumbados no contrapiso. Sua vedação, adaptável a depender da necessidade de ventilação, iluminação, visibilidade, isolamento acústico ou climatização, é disposta de modo afastado dos planos do piso e do teto, potencializando, assim, a leitura autônoma dos elementos de estrutura e vedação. A materialidade principal dos painéis é definida pelo uso da chapa expandida que pode ser combinada ou substituída por vidro e painel acústico para promover a adaptabilidade necessária. Todos os componentes metálicos dos painéis deverão receber pintura protetora na cor branca.

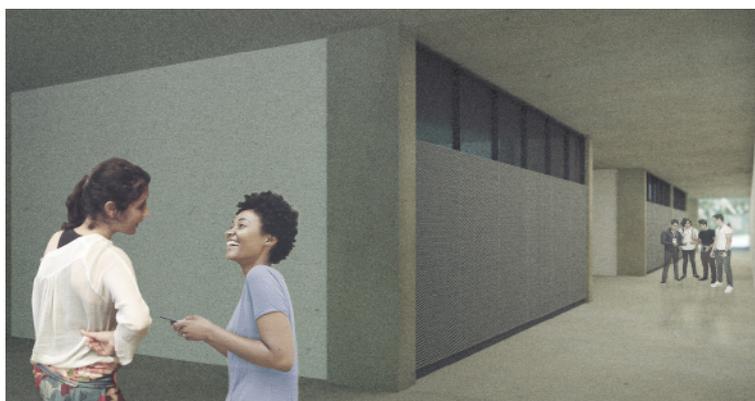
Figura 88 - Isométrica dos painéis modulares propostos.



Fonte: Elaborado pelo autor, mai./2019.

No pavimento 49,00 da Ala Leste, busca-se restaurar as relações de materialidade a partir das seguintes ações: Remover a camada de revestimento da estrutura deixando o concreto aparente; Diferenciar os elementos estruturais das vedações e instalações e evitar o uso de revestimentos e forros quando possível. Considerando outros balizadores, deve-se: Retomar a circulação perimetral ao longo da contenção oeste (Figura 89), não apenas para restaurar as relações espaciais como também para melhorar ambientalmente as salas desse pavimento; Conectar as duas escadas (helicoidal e sul), aumentando as possibilidades de percursos no edifício; Revisar do sistema de climatização e remover a estrutura de apoio das unidades condensadoras fixada na contenção a leste, criando uma nova área técnica próxima à copa e independente da estrutura do edifício da FAUFBA.

Figura 89 - Perspectiva do pavimento nível 49.



Fonte: Elaborado pelo autor, abr./2019.

No nível 52,50 será feita a desobstrução da área próxima à escada helicoidal onde será realizado um acesso à circulação externa a leste (atualmente restrita e subutilizada). Nesta circulação deverá ser instalado guarda-corpo em aço e tela metálica e organizadas áreas técnicas, com vedação em chapa expandida, para a colocação das condensadoras de ar condicionado entre os vãos dos pilares e abaixo do peitoril da esquadria em fita. a área dessa circulação próxima aos sanitários deverá ser vedada também com chapa expandida, restringindo seu acesso. As salas situadas nesse pavimento receberão divisórias em marcenaria para alocar os laboratórios de pesquisa.

No nível 56,00 da Ala Leste, o volume de salas de aula é retirado e são propostos volumes menores e recuados dos dois eixos longitudinais dos pilares (Figura 90). Assim, é feita a remoção das paredes que separam as salas da circulação (e encontram-se alinhadas com a face externa dos pilares, impedindo a plena apreciação destes) e das esquadrias de madeira, recuperando a leitura do pavimento vazado. Acredita-se que essa alteração promoverá a recuperação da legibilidade tectônica e enfatizará a composição volumétrica, contribuindo para o restabelecimento da unidade potencial da obra sem resgatar a configuração primitiva e preservando, ainda que alterada, a espacialidade adotada ao longo do tempo. Seria

(...) uma espacialidade figurativa – não mais aquela original, uma vez perdida ou irreparável, nem aquela atrofiada e incompreensível imagem muito dilacerada – que nasça da colocação em um novo contexto, de cuja estrutura isso venha a fazer parte, mantendo-se uma autônoma legibilidade que se combine com outros novos elementos (CARBONARA, 1997)

Figura 90 - Perspectivas do pavimento nível 56.



Fonte: Elaborado pelo autor, mai./2019.

Ainda no nível 56,00, o volume em frente à mastaba será reconfigurado, afastando da fachada oeste tanto para reduzir o impacto no volume do difícil como para permitir o acesso ao anexo e o canteiro na fachada oeste será resgatado com linguagem simplificada. Acima, no nível 59,00, as esquadrias que conformavam o Diretório Acadêmico serão removidas para desobstruir tanto o acesso aos auditórios como ao anexo. No Pórtico, o piso de acesso será nivelado para atender às demandas de acessibilidade. Na Ala Leste, considerando os princípios racionalistas e a clara adoção da ortogonalidade, além de considerar a conexão das escadas helicoidal e sul para recuperar a fluidez espacial, a biblioteca deverá ser reconfigurada. Os novos painéis, utilizados para isolar o acervo da circulação, deverão ter vedação parcial em vidro, sem uso de chapa expandida, para reduzir o impacto visual destes permitindo ainda a ventilação cruzada do ambiente.

No nível 62,50, os sanitários que conformam elementos espúrios (auditório e sala de ateliê, deverão ser removidos e recuperados os guarda-corpos em concreto. A sala entre os ateliês deverá ser reconfigurada, ficando restrita aos vãos entre os pilares, liberando a circulação próxima à fachada leste e utilizando os novos painéis modulados para permitir a iluminação natural e ventilação cruzada no ambiente. Reitera-se a necessidade de pintar o fundo das peças metálicas do piso do mezanino colocadas recentemente para um tom de cinza próximo ao das placas de Painel Wall originais para reduzir o impacto visual dessa intervenção.

Mesmo que o uso do edifício seja mantido, é preciso organizar sua distribuição em função das demandas programáticas e das relações espaciais e de fluxos.

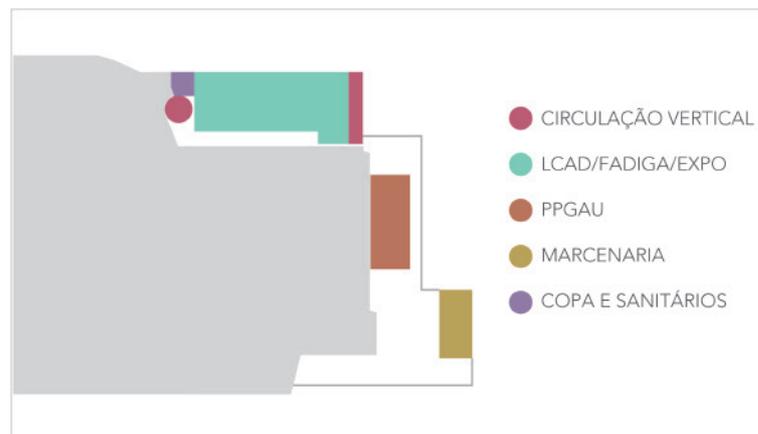
No edifício preexistente, a principal modificação na distribuição do programa acontece na Ala Leste. No Bloco dos Auditórios, este uso predominante será mantido, com a Mastaba localizada no nível 56, o Auditório 01 no nível 59 e o Auditório 02 no nível 62,5. Na área do Pórtico, o uso de diretoria e colegiado será mantido no nível 62,5. Já no bloco da Ala Leste, serão mantidos no pavimento 49 os laboratórios de informática (LIGFAU e LCAD), mas serão retirados os ateliês e ali instalados o laboratório de impressão 3D (FADIGA) e espaço expositivo para as maquetes físicas e os protótipos desenvolvidos pelos alunos. Do pavimento 52,5, serão retirados os laboratórios atualmente existentes, e os espaços serão ocupados por salas dos grupos de pesquisa e extensão. Além disso, será retirado deste pavimento o serviço de plotagem e xerox. No pavimento 56, os usos de cantina e sala de aula, que, com a conformação que apresentam atualmente, ocupam de maneira indevida o vazio proposto para este nível, interferindo negativamente na leitura do edifício, serão retirados. Nesta área serão instalados, de maneira mais leve e evitando o completo preenchimento do vazio resultante, a área de serviços

destinados também a usuários de fora da Faculdade: a plotagem e a Projecta. Já no pavimento 59, que é o principal nível de acesso à faculdade, está mantido nesta ala o uso da biblioteca, que terá seu layout alterado para liberar a conexão com as escadas localizadas na extremidade do bloco. Por fim, no pavimento 62,5, o uso de ateliês será mantido, com alterações na configuração espacial para permitir maior conexão entre os ambientes.

No edifício anexo serão realocados alguns dos usos retirados do edifício preexistente, além de instalados alguns ainda inexistentes. No nível 49, na extremidade sul (?) do novo bloco, será criada uma nova área para a marcenaria. Acima da marcenaria, no nível 52,5, estará novo espaço destinado à máquina CNC – este bloco é dedicado às oficinas de confecções pesadas e deverá ser utilizado como centro de novas tecnologias, espaço experimental para produção de maquetes e prototipagem. Neste mesmo nível, localiza-se a nova cantina, com ampla área livre na sua proximidade. No pavimento 56 estará o Diretório dos Estudantes de Arquitetura (DEA) e sugere-se o uso de canteiro experimental, que pode se estender ao pátio central. Nos dois pavimentos superiores, nos níveis 59 e 62,5, estarão as salas de ateliês que foram retiradas dos pavimentos inferiores da Ala Leste.

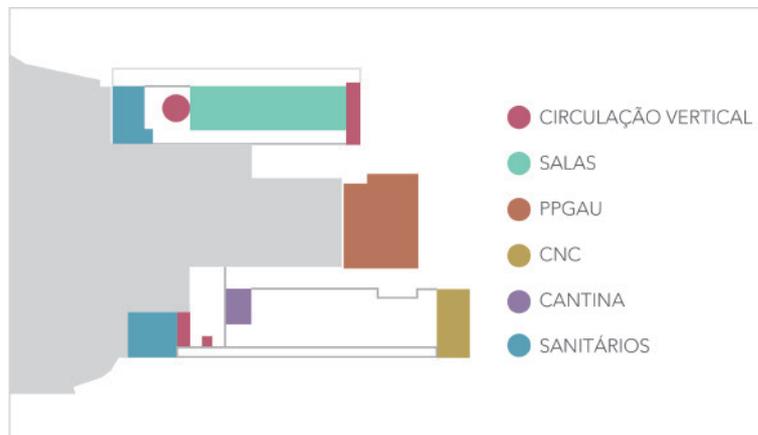
Por fim, no edifício projetado por Lelé, será mantido o uso de salas do Programa da Pós-Graduação, que deverá passar a ocupar os dois pavimentos existentes.

Figura 91 - Esquema da distribuição dos usos, nível 49,00



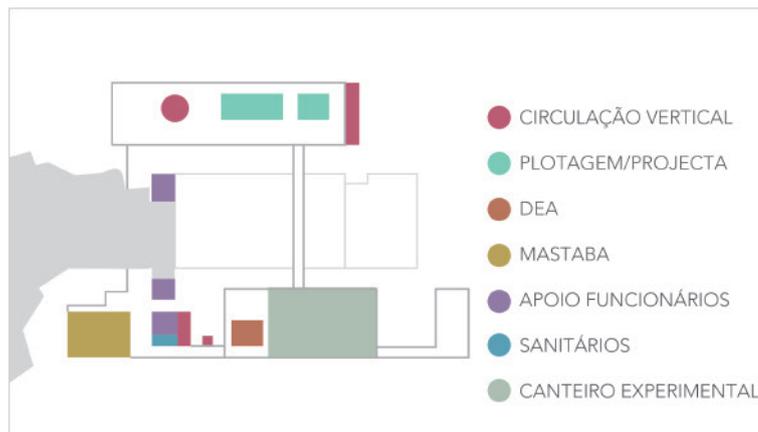
Fonte: Elaborado pelo autor, fev./2020

Figura 92 - Esquema da distribuição dos usos, nível 52,50



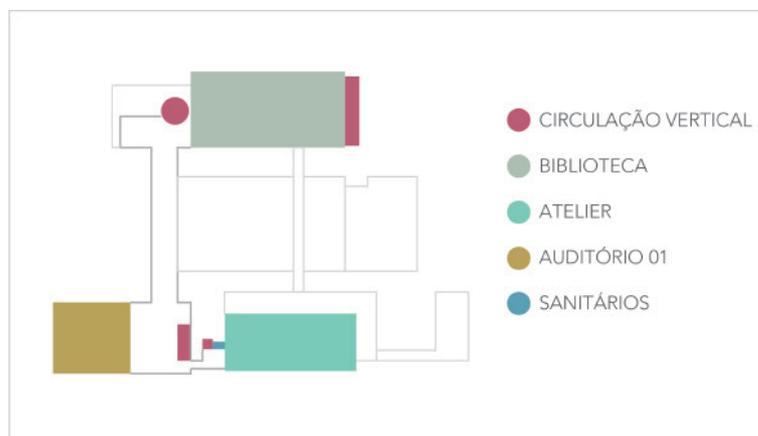
Fonte: Elaborado pelo autor, fev./2020

Figura 93 - Esquema da distribuição dos usos, nível 56,00



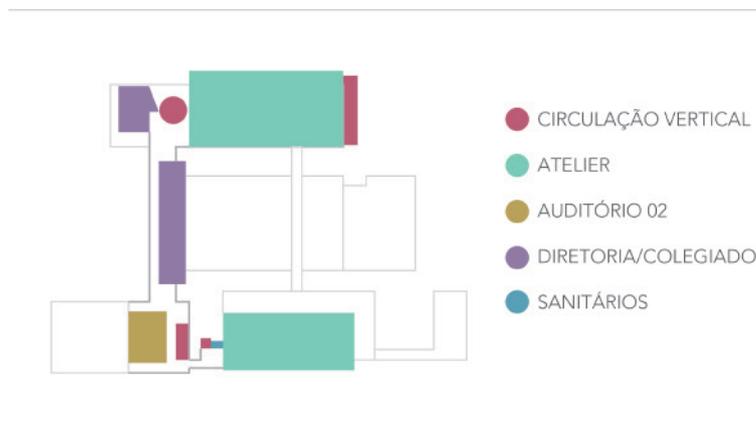
Fonte: Elaborado pelo autor, fev./2020

Figura 94 - Esquema da distribuição dos usos, nível 59,00



Fonte: Elaborado pelo autor, fev./2020

Figura 95 - Esquema da distribuição dos usos, nível 62,50



Fonte: Elaborado pelo autor, fev./2020

No que diz respeito às questões técnico-construtivas, ressalta-se que o emprego de materiais em seu estado natural se configura como um fator primário de associação da obra à produção designada brutalista e um importante elemento definidor da imagem do edifício. Embora o estado de conservação dos componentes seja bom de uma maneira geral, há casos de diferentes níveis de degradação sendo necessário a recuperação ou mesmo substituição de peças, devendo o caso ser tratado como integração de lacunas. Essa intervenção deve ser pautada, principalmente, pela noção de distinguibilidade, preservando a autenticidade tanto do elemento existente quanto do novo, e possibilitando identificar a intervenção sem que isso comprometa a unidade da obra. Assim, as partes novas devem possuir similaridades com as partes existentes suficientemente para não se destacarem no conjunto, mas deverão ser distintas o bastante para serem identificadas na aproximação, não induzindo ao erro. No caso do concreto, isso deverá ser trabalhado no traço da argamassa. No caso dos tijolos que conformam os elementos vazados, deverá ser realizado o complemento de partes com cerâmica do mesmo tipo, ou substituição de blocos por peças similares. As esquadrias em alumínio possuem muitos elementos faltantes, devendo-se buscar peças compatíveis e com leve distinção do desenho ou da tonalidade da anodização.

O concreto deverá receber limpeza com microjateamento de vidro; retirada das partes desagregadas; raspagem e lixamento com máquina rotativa e escova de aço. Lavagem da armação com decapante seguida de recomposição dos trechos com ferragem danificada para então aplicar pintura anticorrosiva na ferragem; recompor as partes desagregadas com graute; finalização com camada de acabamento para homogeneização do concreto aparente com argamassa com traço 1:3 (cimento e areia). No caso das vigas calhas da Ala Leste, cujo dano no concreto

está vinculado à passagem de ventos e águas pluviais, é proposto o fechamento do espaço entre estas e o plano de esquadrias das fachadas leste e oeste com peça em alumínio similar ao da esquadria.

No processo do diagnóstico fica evidente que as principais ocorrências de infiltração de água na cobertura estão concentradas nos trechos sem telhamento ou onde este se encontra danificado. Isto indica que o sistema atual da disposição das telhas e suas inclinações possui resultado satisfatório, sendo necessário a substituição das telhas danificadas, o recobrindo da laje onde for possível e a revisão da impermeabilização do concreto nas lajes e vigas calhas. Para tanto, indica-se a remoção das camadas acumuladas de impermeabilização, o tratamento do concreto como já indicado e o refazimento do sistema de impermeabilização. Ressalta-se a importância da manutenção periódica e da atenção às limitações dos sistemas de impermeabilização e sua precibilidade.

A manutenção periódica também deve ser aplicada ao sistema de drenagem, principalmente para a desobstrução das calhas da cobertura, dos tubos de passagem, dos bueiros e da drenagem das contenções. Deverá ser refeita a impermeabilização da calha localizada ao longo da fachada oeste da Ala Leste com mesmo procedimento indicado para as calhas da cobertura. Também se faz necessário a execução de uma calha perimetral na base contenção da Ala Leste para evitar o assoreamento do terreno. A fim de conter as fissuras provocadas pela movimentação do solo sob as contenções, duas calhas profundas, feitas com manta geotêxtil, brita e argila, deverão ser executadas para reduzir a passagem de água no solo: uma no pátio e outra próxima a contenção da fachada Leste da Ala Leste, sob o piso do nível 49.

Os tubos de queda de águas pluviais, atualmente em PVC deverão ser substituídos por tubos de ferro com pintura cinza chumbo a fim de reduzir o impacto destes na imagem do edifício. Essa solução visa também dignificar as instalações aparentes e deverá ser adotada em todo o edifício. As instalações de ar condicionado também deverão ser padronizadas, evitando utilizar equipamentos de climatização nos ambientes acima do nível 56,00, com exceção dos auditórios. Reitera-se a necessidade de revisar as instalações da faculdade em diálogo com profissionais especializados formando equipe multidisciplinar a fim de promover a compatibilização dessas instalações e reverter as situações de improvisos e precariedade em que se encontram.

referências bibliográficas

ADDIS, William. **Edificação: 3000 anos de projeto, engenharia e construção**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ALBUQUERQUE, Flávia Federico. **Atualização do mapa de agressividade ambiental de Salvador – BA com dados de deposição de cloretos**. Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia Salvador, 2016.

ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty de. **A Victória na Renascença Bahiana**. A ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997

ANDRADE, Rogério Pontes. **Matrizes tectônicas da arquitetura moderna brasileira 1940 – 1960**. 2016. 182 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ANDRADE, Vânia Hemb Magalhães. **A Faculdade de Arquitetura da UFBA: espaço do projeto, espaço da percepção**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. **Diógenes Rebouças: multiplicidade e diversidade na produção de um arquiteto baiano**. FÓRUM > Vol. 4, No. 2 (2011), Artigo Publicado em 09/10/2012. Disponível em <<http://www.forumpatrimonio.com.br/print.php?articleID=214&modo=1>>. Acesso em 07/12/2017

_____. **Arquitetura brutalista na Bahia: Levantamento e análise crítica**. Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75. Curitiba, 15-18 outubro 2013. Disponível em <<http://www.xdocomomobrasil.com.br/artigos>>. Acesso em 01/12/2017

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo; Sampaio, Gabriela Gusmão; Otremba,

Gabriela; Alban, Pedro (org). **Diógenes Rebouças: cidade, arquitetura, patrimônio**. Salvador: EDUFBA, 2016.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de (Org). **Salvador era assim: memórias da cidade**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1999.

AZEVEDO, Paulo Ormino de. Diógenes Rebouças, um pioneiro modernista baiano. In: Cardoso, Luiz Antônio Fernandes; Oliveira, Olívia Fernandes de (org). **(Re) Discutindo o modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil**. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997. p. 187-200.

BAHIA, Faculdade de Arquitetura da Universidade da. **Seleção do terreno para a construção das instalações da Faculdade de Arquitetura da Universidade da Bahia**. Faculdade de Arquitetura, Universidade da Bahia, Salvador, 1960.

BAHIA, Universidade da. **A reestruturação da Universidade: Estudo Preliminar**. Departamento Cultural, Salvador, 1961.

BIERRENBACH, Ana Carolina de Souza. Debates recentes sobre o restauro da arquitetura moderna na Itália. **Thésis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 137-157, jan./out. 2017

BIERRENBACH, Ana Carolina; NERY, Juliana Cardoso. O que é que a Bahia tem? Os edifícios brutalistas da Universidade Federal da Bahia. Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75. Curitiba, 15-18 outubro 2013. Disponível em <<http://www.xdocomomobrasil.com.br/artigos>> acessado em 01/12/2017.

BRANDI, Cesare. **Teoria da restauração**. São Paulo: Cotia: Ateliê, 2004

BRENDLE, Betânia. Uma teoria, alguns princípios e muita arquitetura: a atualidade do pensamento brandiano no em intervenções arquitetônicas na Alemanha, Dinamarca e Itália. **Thésis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 277-307, nov./dez. 2017

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CABRAL, Cláudia Costa. **Docomomo século 21 e a educação arquitetônica**. A construção do futuro e o conhecimento do passado. *Arquitextos*, São Paulo, ano 19, n. 219.01, Vitruvius, ago. 2018. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.219/7031>>. Acesso em: 01/12/2018.

CARBONARA, Giovanni. Brandi e a restauração arquitetônica hoje, **Desígnio**, 2006, n. 6, p. 35-47 Disponível em <<http://www.fau.usp.br/arquivos/disciplinas/au/au1601105/Carbonara-designio6.pdf>> acessado em 11/08/2018

CARBONARA, Giovanni. **Avvicinamento al Restauro**: teoria, storia, monumenti. Nápoles: Liguori, 1997.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CIAM. **Carta de Atenas**. Atenas, 1933. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em 18/05/2018.

CURTIS, William J. R. **Arquitetura moderna desde 1900**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

DEJONGE, Wessel. **Three modern preservation cases**. The restoration of Rietveld's Biennale Pavilion (1953-54) in Venice, Italy, compared to Sanatorium "Zonnestraal" (Jan Duiker, 1926-28) and the Van Nelle Factories (Brinkman&Van der Vlugt, 1926-31). RAI A Sisalation Publication, Sydney, Australia, 2004. Disponível em: <http://www.wesseldejonge.nl/media/downloads/Three%20Modern%20Preservation%20Cases_research%20ENG.pdf>. Acesso em: 05/12/2018.

DO CARMO, Fernanda Heloísa; VICHNEWSKI, Henrique; PASSADOR, João; TERRA, Leonardo. Cesare Brandi. **Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 16, n. 189.01, Vitruvius, fev. 2016. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/>

revistas/read/arquitextos/16.189/5946> acessado em: 11/08/2018

FERNANDES, Ana (org). **Acervo do EPUCS**: contextos, percursos, acesso. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

FONSECA, Fernando. **Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura**. Salvador, 1984. Não publicado.

FONTES, Antônio Nelson Dantas Fontes. **Breve Histórico dos Campi da UFBA**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GALVÃO, Anna Beatriz Ayroza. Há 25 anos.... **Revista DOCOMOMO Brasil**, v. 1, p. 10-13, 2017.

GETTY. **Keeping It Modern**: Architectural Conservation Grants. Disponível em: <http://www.getty.edu/foundation/initiatives/current/keeping_it_modern/>. Acesso em: 01/02/2019.

GIEDION, S. **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KÜHL, Beatriz Mugayar. A preservação como ato de cultura. In: **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

_____. Questões contemporâneas de preservação: A viabilidade da restauração. In: SALCEDO, Rosío Fernández Baca; BENINCASA, Vladimir (org). **Questões contemporâneas**: patrimônio arquitetônico e urbano. Bauru, SP: Canal 6, 2017. p. 89-107.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, S. Federação ainda conserva o seu lado rural. **A Tarde**,

Salvador, 06 dez. 1988. Seu Bairro, p. 6.

MATRÁN, Miguel Ángel Fernandez. La percepción visual de la ciudad histórica y su relación con el paisaje. In: SALCEDO, Rosío Fernández Baca; BENINCASA, Vladimir (org). **Questões contemporâneas:** patrimônio arquitetônico e urbano. Bauru, SP: Canal 6, 2017. p. 27-35.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **Tecnologia da conservação e da restauração** – materiais e estruturas: um roteiro de estudos. Salvador: EDUFBA: PPGAU, 2011.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **Notas de aula.** Salvador, 2018.

OKSMAN, Silvio. **Preservação de Arquitetura Brutalista – A FAUUSP.** Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75. Curitiba, 15-18 outubro 2013. Disponível em <<http://www.xdocomomobrasil.com.br/artigos>> acessado em 01/12/2017

PANE, Andrea. Questões contemporâneas de preservação. In: SALCEDO, Rosío Fernández Baca; BENINCASA, Vladimir (org). **Questões contemporâneas:** patrimônio arquitetônico e urbano. Bauru, SP: Canal 6, 2017. p. 109-130.

PARAÍSO, Juarez. **A Escola de Belas Artes da Ufba.** Salvador, 1990. Disponível em <<http://www.belasartes.ufba.br/historia/>>. Acesso em 17/05/2018.

PESSÔA, José Simões de Belmont. Brasília e o tombamento de uma idéia. In: **5 Seminário DOCOMOMO/Brasil**, 2003, São Carlos/SP. Arquitetura e Urbanismo Modernos: projeto e preservação, 2003.

REBOUÇAS, Diógenes. História do Fazer Moderno Baiano – entrevista de Diógenes Rebouças a Naia Alban e Anna Beatriz Galvão. **Rua**, Salvador, n° 7, p. 116-125, jul-dez 1999.

REBOUÇAS, Diógenes. História do Fazer Moderno Baiano – entrevista de Diógenes Rebouças a Naia Alban e Anna Beatriz Galvão. **Rua**, Salvador, n° 7, p.

116-125, jul-dez 1999.

RIBEIRO, Paulo Eduardo Vidal Leite. **Palácio Gustavo Capanema Processo de restauração e revitalização.** 3º Seminário DOCOMOMO Brasil, 1999. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/3-seminario-docomomo-brasil-sao-paulo/>>. Acesso em: 01/02/2019.

RIVERA, David. **Dios está en los detalles.** La restauración de la arquitectura del Movimiento Moderno. Valencia: General de Ediciones de Arquitectura, 2012.

_____. **Más allá de la ideología.** Restoring Modern Movement Masterpieces. Arquitectura Viva, Madri, Espanha. nº175, 2015. p. 76-79

SALVO, Simona. **A restauração do arranha-céu pirelli: a resposta italiana a uma questão internacional.** Revista Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo, v. 19, 2006. p. 201-210.

SANT'ANNA, Márcia. Modernismo e Patrimônio: o antigo-moderno e o novo antigo. In: Cardoso, Luiz Antônio Fernandes; Oliveira, Olívia Fernandes de (org). **(Re) Discutindo o modernismo: universalidade e diversidade do movimento moderno em arquitetura e urbanismo no Brasil.** Salvador, 1997. p. 119-128.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Brutalismo paulista: uma estética justificada por uma ética?** Anais do X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75. Curitiba, 15-18 outubro 2013. Disponível em <<http://www.xdocomomobrasil.com.br/artigos>> acessado em 01/12/2017

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, Viviane Rummler da. **Pintores fundadores da Academia de Belas Artes da Bahia: João Francisco Lopes Rodrigues (1825-1893) e Miguel Navarro y Cañizares (1834-1913)** Dissertação (Mestrado) –Escola de Belas Artes,

Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

TAVARES, Jeferson Cristiano. **Projetos para Brasília: 1927-1957.** Brasília, DF, Iphan, 2014.

VARAGNOLI, Claudio. **Un restauro a parte?** in “Palladio”, n. s., XI, 22, 1998, pp. 111-115 Disponível em: <<https://unich-it.academia.edu/ClaudioVaragnoli>>. Acesso em: 12/05/2018.

ZEIN, Ruth Verde. **A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973.** Porto Alegre: Tese de Doutorado, PROPAR/UFRGS, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-CECRE - Mestrado Profissional em Conservação
e Restauro de Monumentos e Núcleos Históricos



Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME II

Salvador
2020

Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME II

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração.

Orientador: Nivaldo Vieira de Andrade Junior
Coorientador: Antônio Heliodório Lima Sampaio

Salvador
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)**

F383

Ferreira, Lucas Paes.

Restauo e ampliação do edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA
[manuscrito] / Lucas Paes Ferreira. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura,
Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e
Núcleos Históricos. 2020.

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo Vieira de Andrade Junior.

1. Arquitetura moderna - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2.
Edifícios universitários - Projetos e plantas. 3. Rebouças, Diogenes, 1914-
1994. 4. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. I. Andrade
Junior, Nivaldo Vieira de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

sumário volume 2

documentação fotográfica

acesso principal	1
fachada norte - pórtico	4
fachada leste - auditório	10
fachada norte - auditório	13
fachada oeste - auditório	15
fachada sul - pórtico/auditório	21
fachada oeste - ala leste	26
fachada sul - ala leste	28
fachada leste - ala leste	32
internas	35



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
1

FOTO



AMBIENTE

Rua Caetano Moura

DESCRIÇÃO

Acesso de pedestre

SETOR

Acesso Principal

NÍVEL

59.00

DATA

21/08/2018

AUTOR

Lucas Paes Ferreira

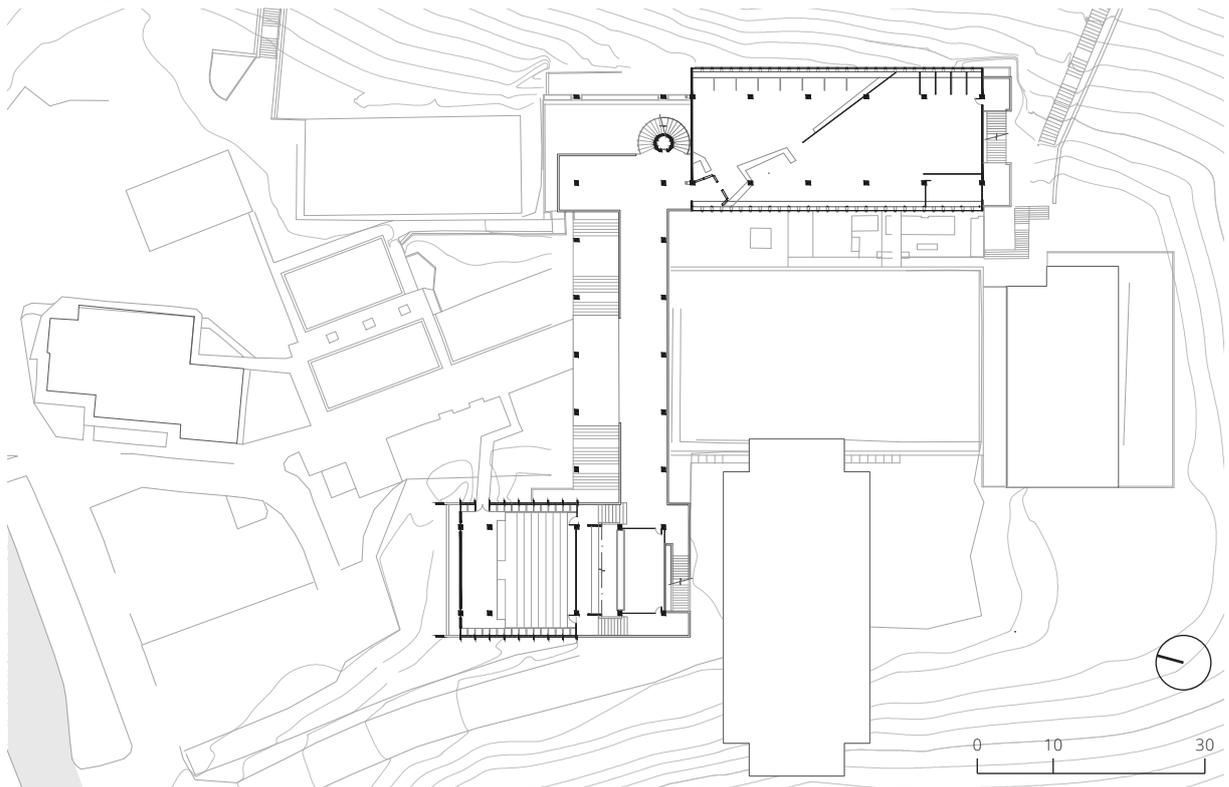
CÂMERA

Canon EOS REBEL T3i

OBSERVAÇÃO

Vista do acesso à faculdade a partir da rua Caetano Moura. Casa de chácara à esquerda.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
2

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso de pedestre

SETOR
Acesso Principal

NÍVEL
59.00

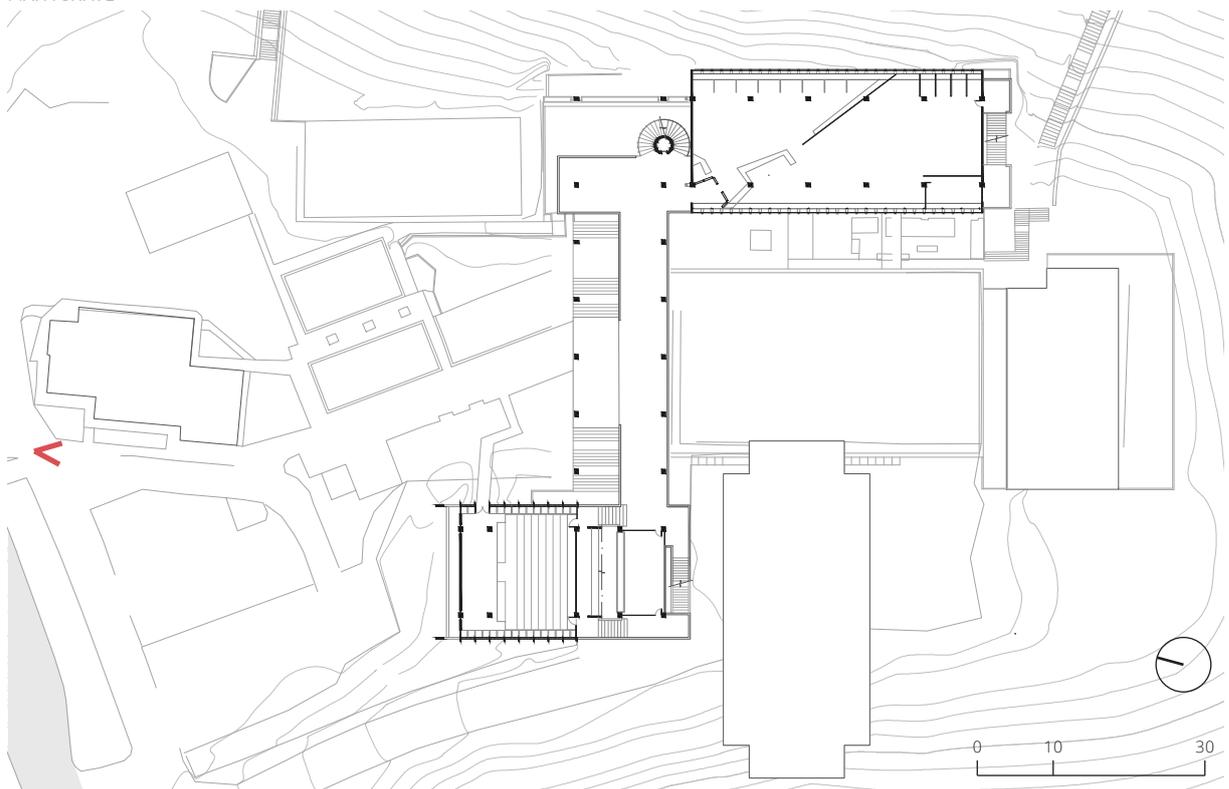
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Canon EOS REBEL T3i

OBSERVAÇÃO
Estacionamento à direita.
Casa de chácara à esquerda.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
3

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso de pedestre

SETOR
Acesso Principal

NÍVEL
59.00

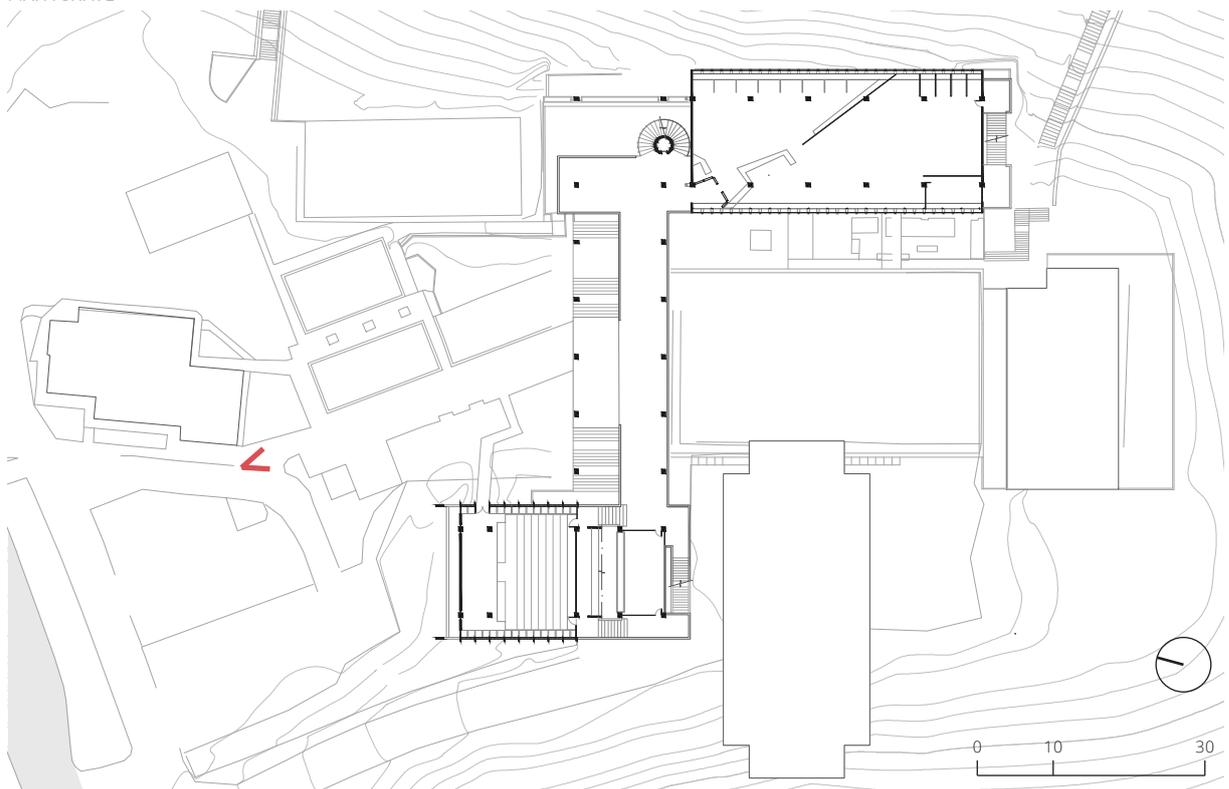
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Canon EOS REBEL T3i

OBSERVAÇÃO
Vista geral da fachada norte
do Pórtico. Acesso principal da
Faculdade de Arquitetura.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
4

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso Pórtico

SETOR
Fachada Norte - Pórtico

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

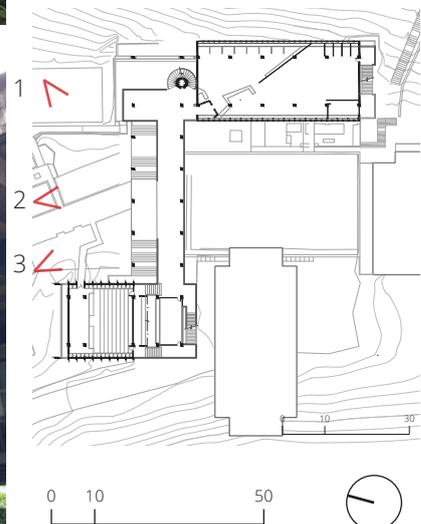
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Vista geral da fachada norte do Pórtico. Acesso principal da FAUFBA. Implantação recuada do mezanino. Relação de cheios e vazios. Desenho da estrutura e cintamento da cobertura. Horizontalidade predominante.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
5

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso Ala Leste

SETOR
Fachada Norte - Pórtico/Ala Leste

NÍVEL
56.00

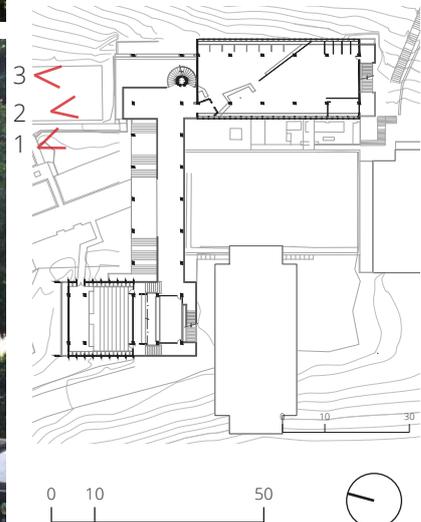
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Inserção do mezanino na área de
interseção entre a Ala Leste e o
Pórtico.

MAPA CHAVE





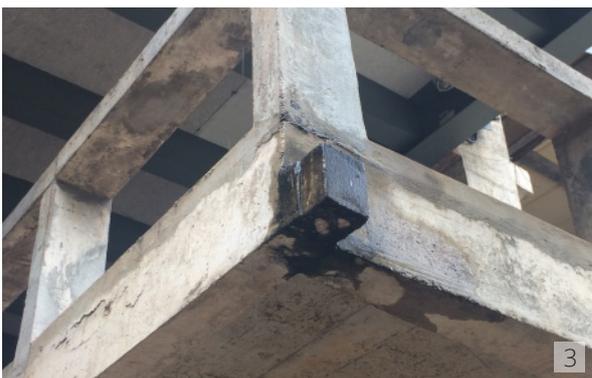
DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
6

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso Ala Leste

SETOR
Fachada Norte - Pórtico/Ala Leste

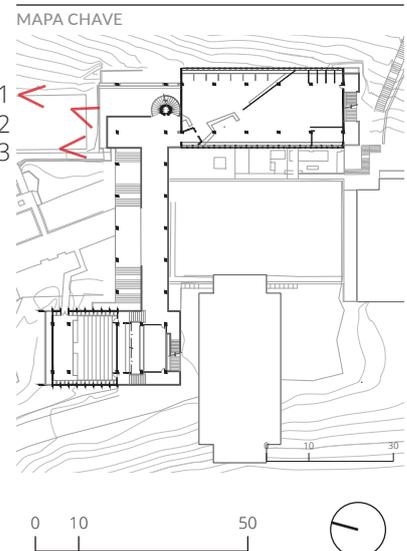
NÍVEL
56.00

DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Instalação de ar condicionado em sala do mezanino e dano no concreto causado pela drenagem do equipamento.





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
7

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Cobertura Pórtico

SETOR
Fachada Norte - Pórtico

NÍVEL
65.5

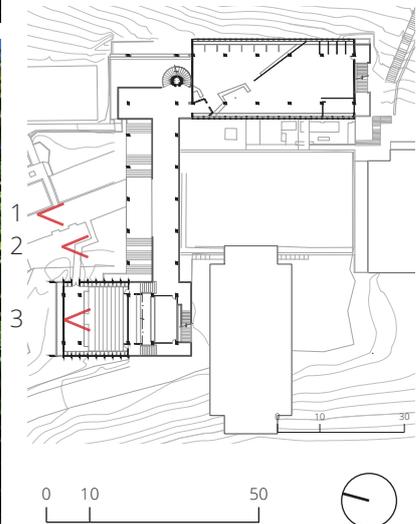
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
8

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhes arquitetônicos

SETOR
Fachada Norte - Pórtico

NÍVEL
65.5

DATA
21/08/2018

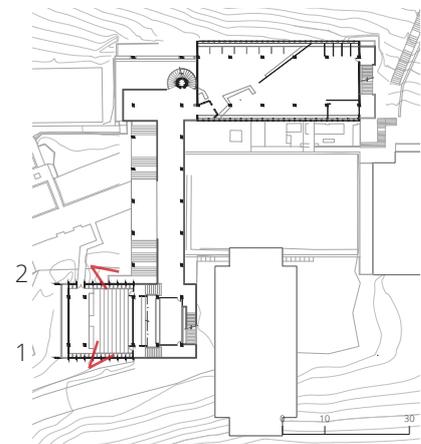
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
1. Relação das coberturas do Pórtico e do auditório principal.
2. Detalhe da fixação de viga do mezanino.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
9

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Pórtico e Auditório

SETOR
Fachada Norte - Pórtico/Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

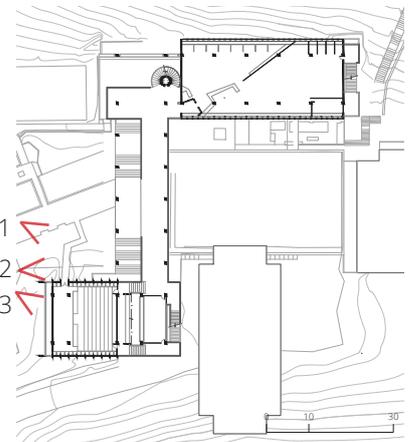
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Relação entre o volume do Pórtico e do Auditório. Mural na Alvenaria do auditório principal.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
10

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Acesso auditório principal

SETOR
Fachada Leste - Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

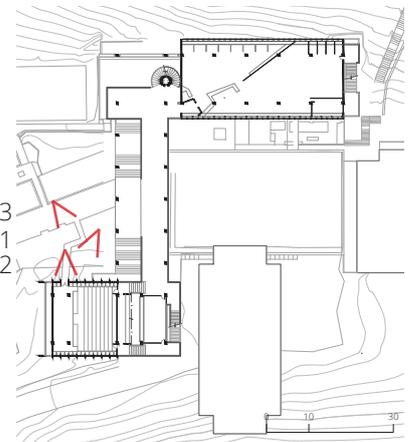
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
..



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
11

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhe passarela

SETOR
Fachada Norte - Pórtico/Auditório

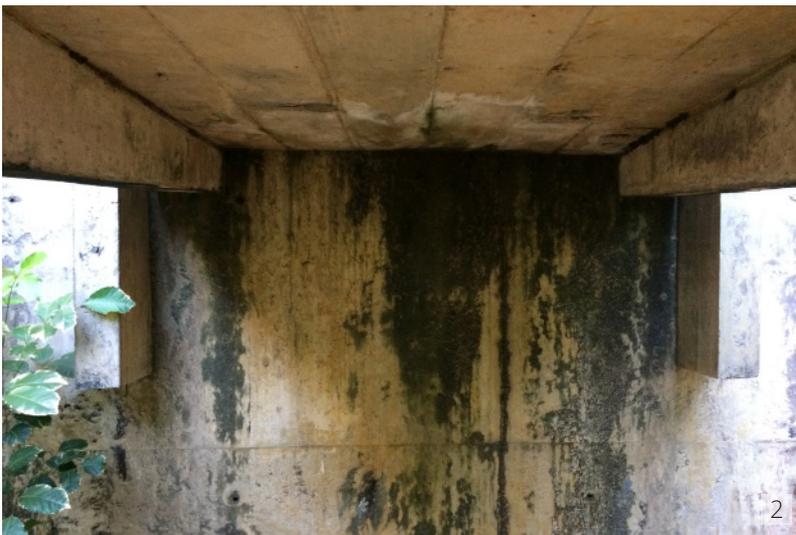
NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

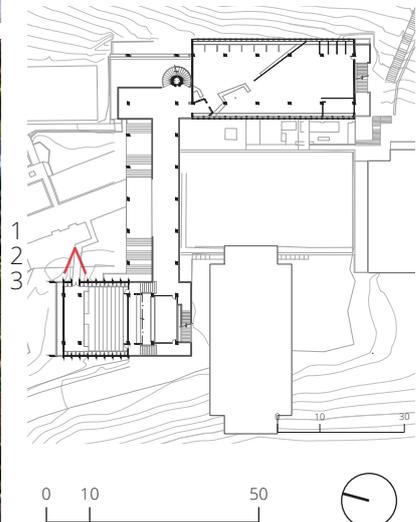
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
..



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
12

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Elementos da fachada

SETOR
Fachada Norte - Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

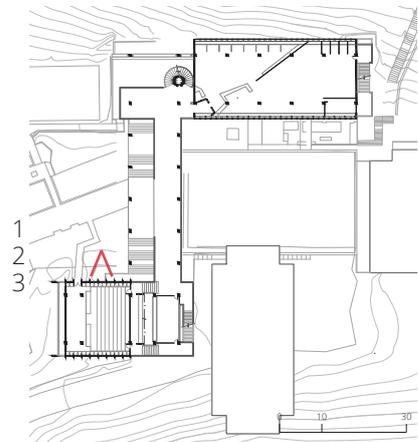
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Estado de degradação dos
elementos. Presença de
vegetação de pequeno porte.



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
13

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhes arquitetônicos

SETOR
Fachada Norte - Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

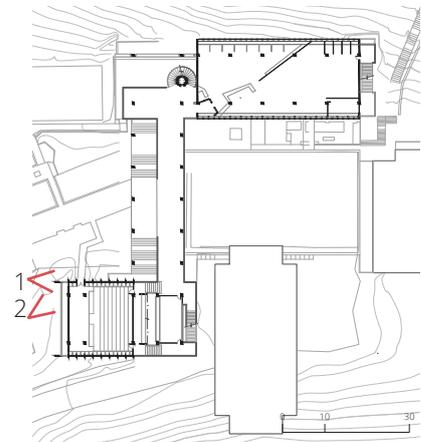
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Relação dos planos de vedação.
Desenho dos elementos em
concreto.



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
14

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhes arquitetônicos

SETOR
Fachada Norte - Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

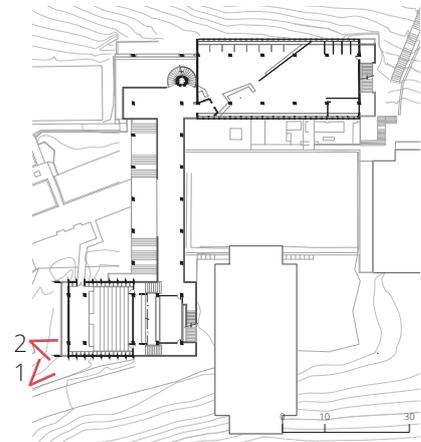
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Desenho dos elementos em
concreto.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
15

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhes arquitetônicos

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

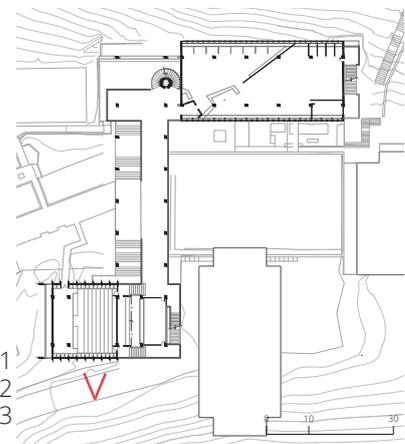
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Relação das empenas do
auditório principal e a mastaba.
destaque para a materialidade
dos diversos elementos.



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
16

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Detalhes arquitetônicos

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
59.00

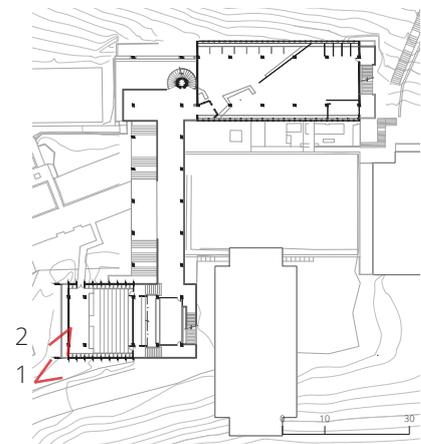
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Desenho da empena do auditório principal. Estado de degradação da estrutura da empena.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
17

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
52.50

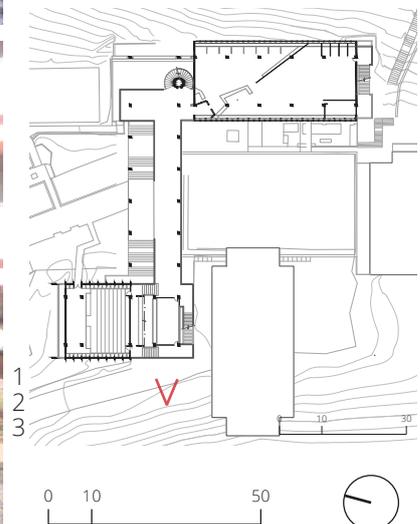
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
18

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
52.50

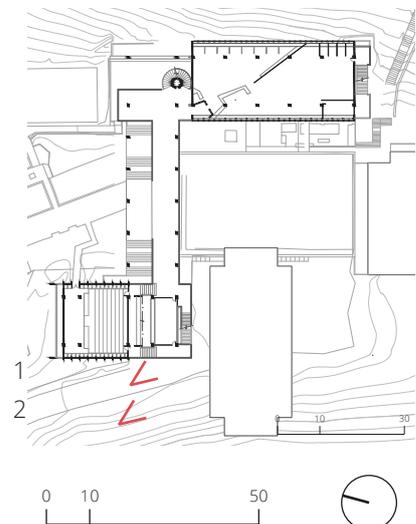
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Impacto das instalações
hidrosanitárias, dos volumes do
sanitário, da Projecta e do anexo
na imagem do edifício.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
19

FOTO



1



2



3

AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
52.50

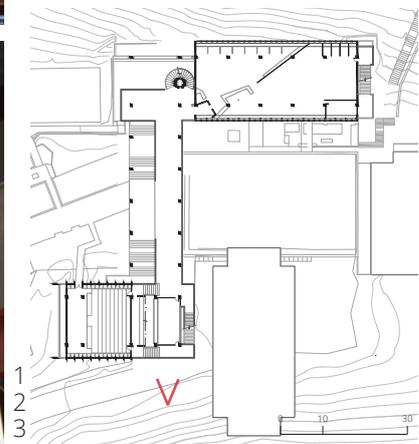
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Relação dos balanços. Estado de
degradação dos elementos em
concreto.

MAPA CHAVE



1
2
3

0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
20

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Oeste - Auditório

NÍVEL
62.50

DATA
21/08/2018

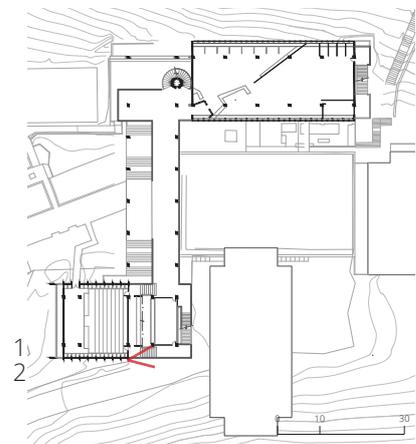
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
Impacto das instalações.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
21

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul dos auditórios

SETOR
Fachada Sul - Pórtico/Auditório

NÍVEL
52.50

DATA
21/08/2018

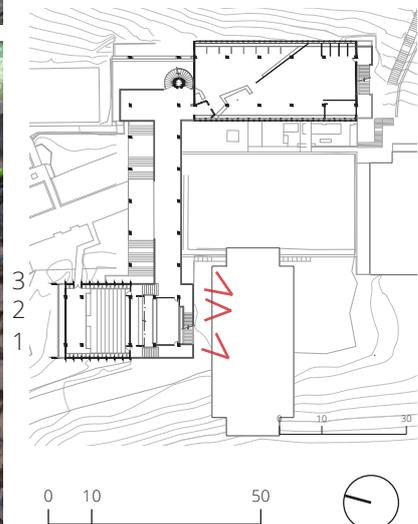
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
22

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul dos auditórios

SETOR
Fachada Sul - Pórtico/Auditório

NÍVEL
52.50

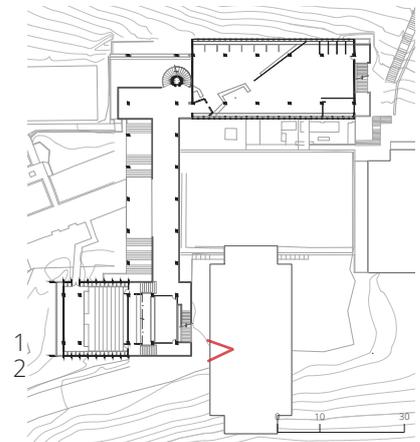
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
23

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul dos auditórios

SETOR
Fachada Sul - Pórtico/Auditório

NÍVEL
52.50

DATA
21/08/2018

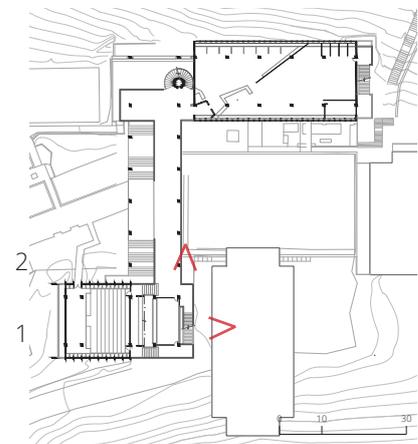
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
24

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
contenção e mezanino

SETOR
Fachada Sul - Pórtico/Auditório

NÍVEL
56.00

DATA
21/08/2018

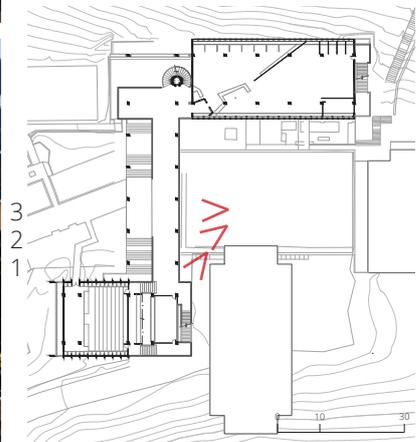
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
25

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Sul - Pórtico

NÍVEL
56.00

DATA
21/08/2018

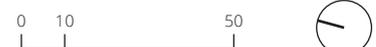
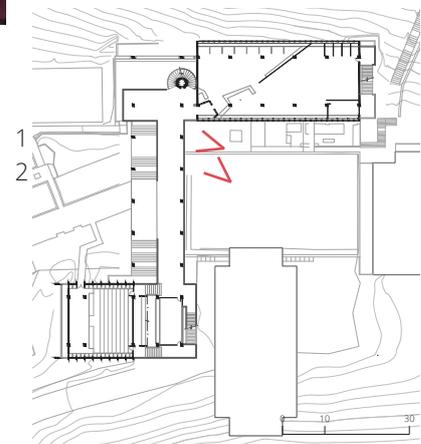
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
impacto das instalações. área de
interseção entre a Ala Leste e o
Pórtico. Permeabilidade visual e
espacial.



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
26

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais do pav. vazado.

SETOR
Fachada Oeste - Ala leste

NÍVEL
56.00

DATA
21/08/2018

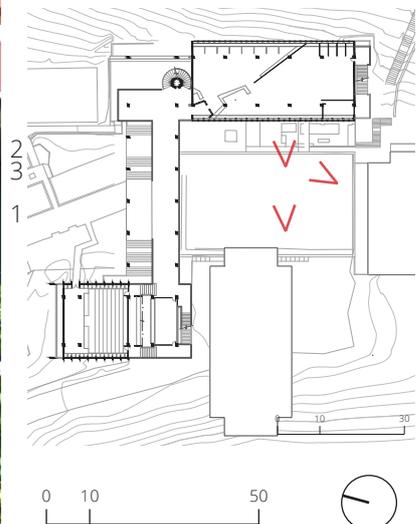
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
27

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul

SETOR
Fachada Oeste - Ala leste

NÍVEL
56.00

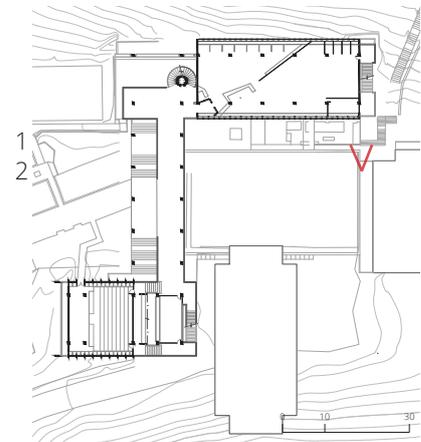
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
28

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul

SETOR
Fachada Sul - Ala leste

NÍVEL
52.50

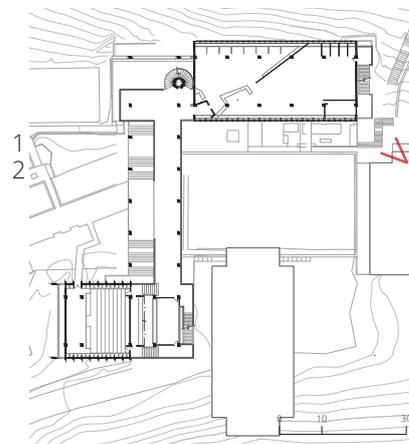
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
29

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Fissuras muro de contenção

SETOR
Fachada Sul - Ala leste

NÍVEL
52.50

DATA
21/08/2018

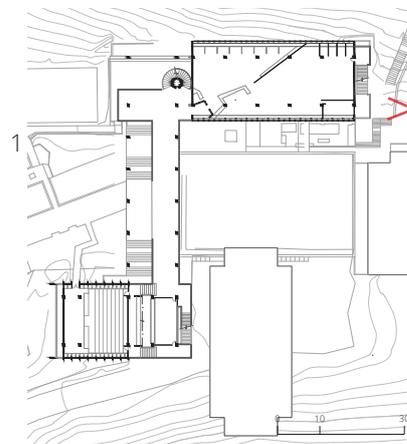
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
30

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul

SETOR
Fachada Sul - Ala leste

NÍVEL
49.00

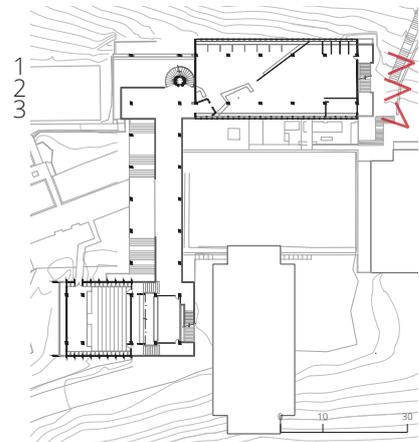
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
31

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Escadaria sul

SETOR
Fachada Sul - Ala leste

NÍVEL
49.00

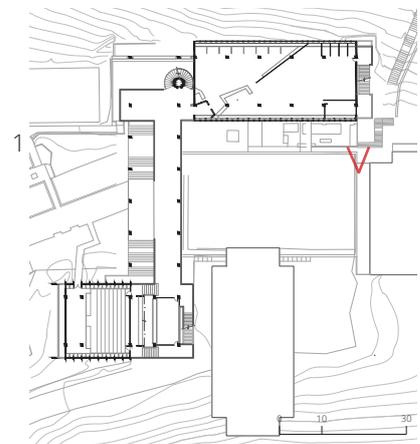
DATA
21/08/2018

AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
1. fissura na alvenaria
2 e 3. estado de degradação do
concreto.

MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
32

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Leste - Ala leste

NÍVEL
49.00

DATA
21/08/2018

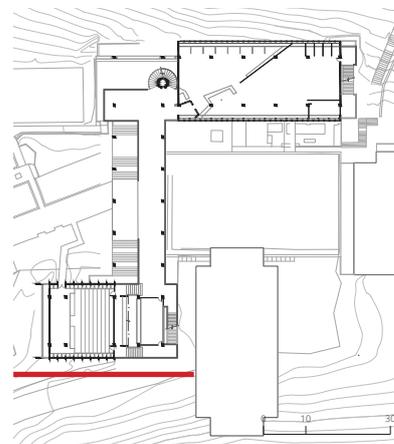
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
33

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Leste - Ala leste

NÍVEL
52.50

DATA
21/08/2018

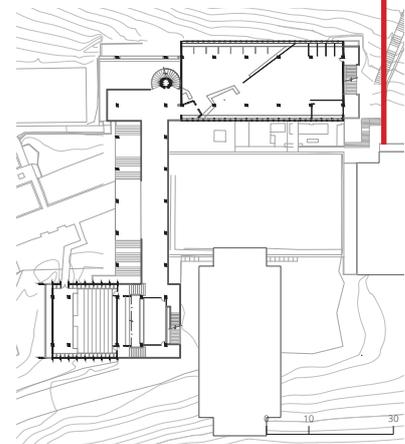
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
34

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Leste - Ala leste

NÍVEL
52.50

DATA
21/08/2018

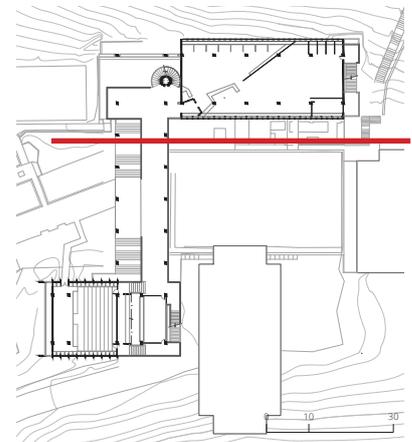
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE



0 10 50





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
35

FOTO



AMBIENTE
Foyer Mastaba

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Auditório

NÍVEL
59.00

DATA
21/08/2018

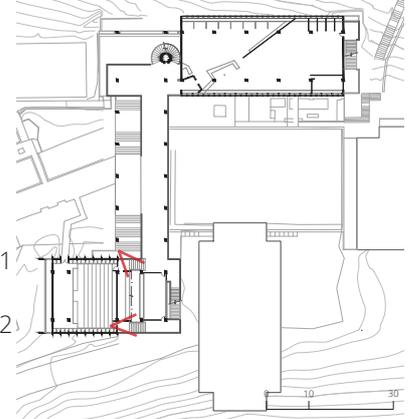
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE



0 10 50 30



DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
36

FOTO



AMBIENTE
Área Externa

DESCRIÇÃO
Condições atuais.

SETOR
Fachada Sul - Pórtico/Auditório

NÍVEL
59.00 e 62.50

DATA
21/08/2018

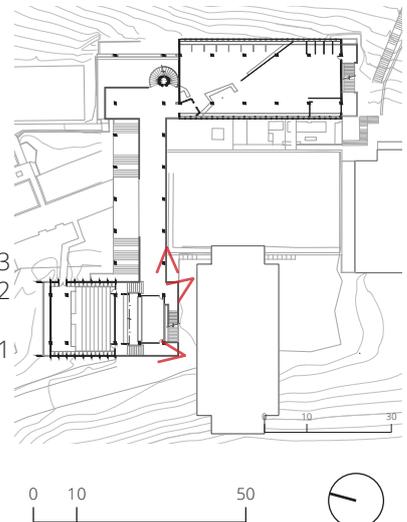
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE





DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

OBJETO
Faculdade de Arquitetura - UFBA

LOCALIZAÇÃO
Rua Caetano Moura, 121, Federação - Salvador | BA

FOLHA
37

FOTO



AMBIENTE
Sala atelie

DESCRIÇÃO
Estrutura da cobertura

SETOR
Ala Lestev

NÍVEL
62.50

DATA
21/08/2018

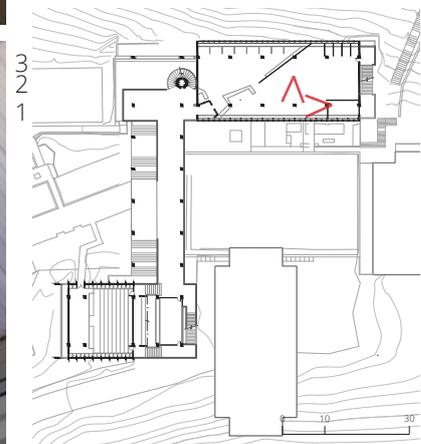
AUTOR
Lucas Paes Ferreira

CÂMERA
Iphone 5s

OBSERVAÇÃO
--



MAPA CHAVE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-CECRE - Mestrado Profissional em Conservação
e Restauro de Monumentos e Núcleos Históricos



Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME III

Salvador
2020

Lucas Paes Ferreira

RESTAURO E AMPLIAÇÃO DO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UFBA

VOLUME III

Trabalho Final apresentado ao Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE) da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação e Restauração.

Orientador: Nivaldo Vieira de Andrade Junior
Coorientador: Antônio Heliodório Lima Sampaio

Salvador
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

F383

Ferreira, Lucas Paes.

Restauo e ampliação do edifício da Faculdade de Arquitetura da UFBA
[manuscrito] / Lucas Paes Ferreira. – Salvador, 2020.

3 v. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura,
Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e
Núcleos Históricos. 2020.

Orientador: Prof. Dr. Nivaldo Vieira de Andrade Junior.

1. Arquitetura moderna - Conservação e restauração - Salvador (BA). 2.
Edifícios universitários - Projetos e plantas. 3. Rebouças, Diogenes, 1914-
1994. 4. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. I. Andrade
Junior, Nivaldo Vieira de. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Arquitetura. III. Título.

CDU: 72.025(813.8)

sumário

volume 3

levantamento

localização	1/17
situação	2/17
planta baixa - nv 49.00 - leste	3/17
planta baixa - nv 52.50 - leste	4/17
planta baixa - nv 52.50 - norte	5/17
planta baixa - nv 56.00 - leste	6/17
planta baixa - nv 56.00 - norte	7/17
planta baixa - nv 59.00 - leste	8/17
planta baixa - nv 59.00 - norte	9/17
planta baixa - nv 62.50 - leste	10/17
planta baixa - nv 62.50 - norte	11/17
planta baixa - nv 65.50 - leste	12/17
planta baixa - nv 65.50 - norte	13/17
corte AA e BB	14/17
corte DD e fachada norte	15/17
corte CC e EE e fachadas oeste e sul	16/17
fachada leste	17/17

diagnóstico

fachadas leste e sul	1/9
cortes AA, BB e CC	2/9
cortes DD e EE, fachadas norte e oeste	3/9
planta baixa - nv 65.50	4/9
planta baixa - nv 62.50	5/9
planta baixa - nv 59.00	6/9
planta baixa - nv 56.00	7/9
planta baixa - nv 52.50	8/9
planta baixa - nv 49.00	9/9

projeto

situação	1/18
planta baixa - nv 49.00	2/18
planta baixa - nv 52.50	3/18
planta baixa - nv 56.00	4/18
planta baixa - nv 59.00	5/18
planta baixa - nv 62.50	6/18
planta baixa - nv 65.50	7/18
planta baixa construtiva - nv 49.00	8/18
planta baixa construtiva - nv 52.50	9/18
planta baixa construtiva - nv 56.00	10/18
planta baixa construtiva - nv 59.00	11/18
planta baixa construtiva - nv 62.50	12/18
planta baixa construtiva - nv 65.50	13/18
corte AA e BB	14/18
corte CC e DD	15/18
corte FF e GG	16/18
fachada sul	17/18
fachadas norte e oeste	18/18



notas:

- Desenho em desenvolvimento.
- Planta desenvolvida a partir da base SICAR.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA



MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

OBJETO

EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA - UFBA

LOCALIZAÇÃO

Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO

Lucas Paes Ferreira

ORIENTADOR

Nivaldo Andrade Junior

CO-ORIENTADOR

Heliódório Sampaio

ASSUNTO

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

ETAPA

LEVANTAMENTO

ESCALA

1:5000

REV.

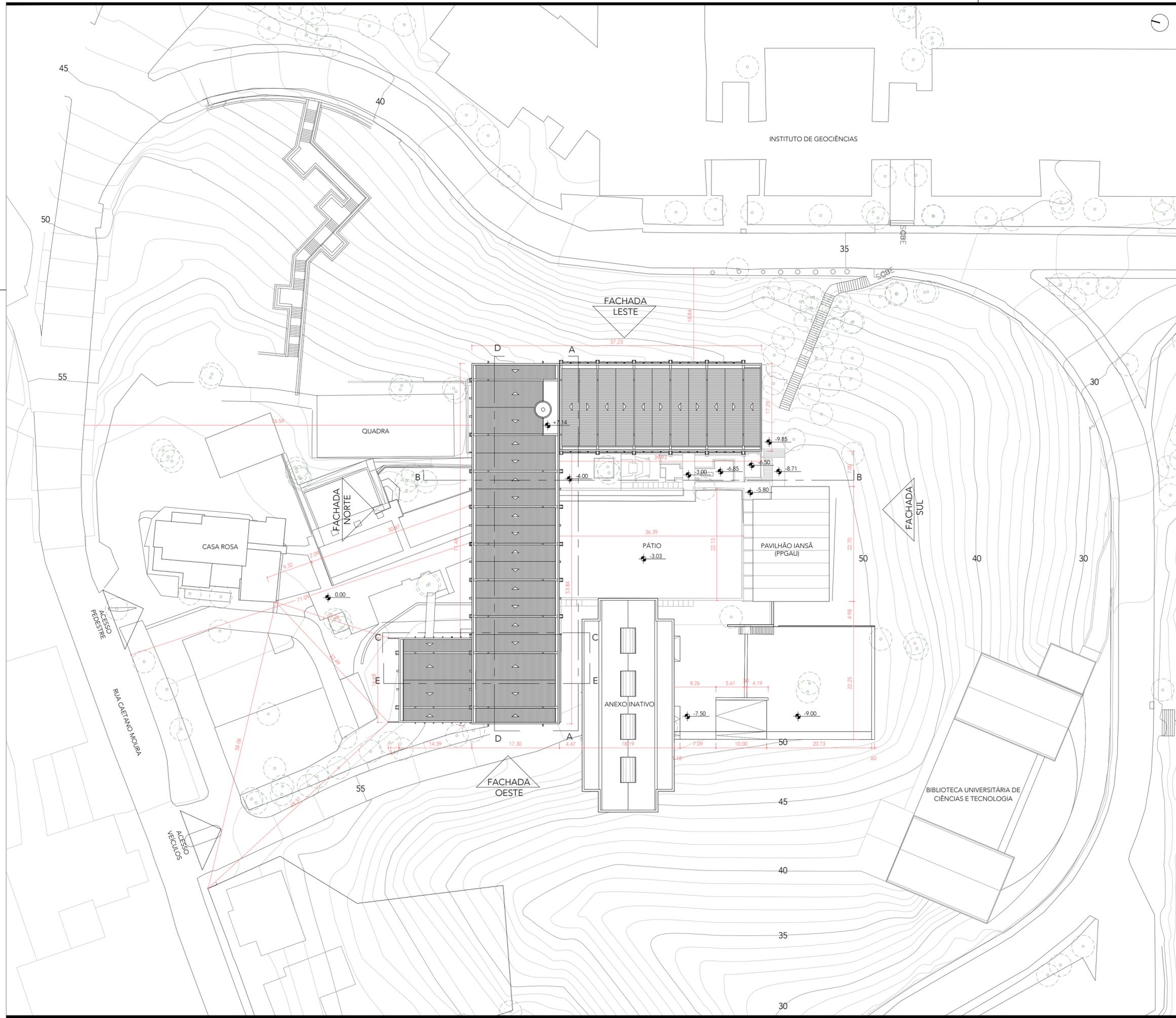
R00

DATA

SET. 2018

FOLHA

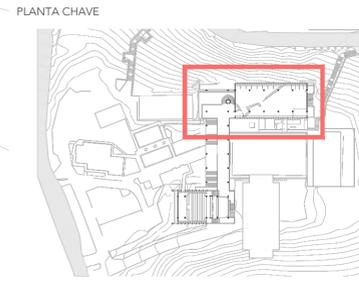
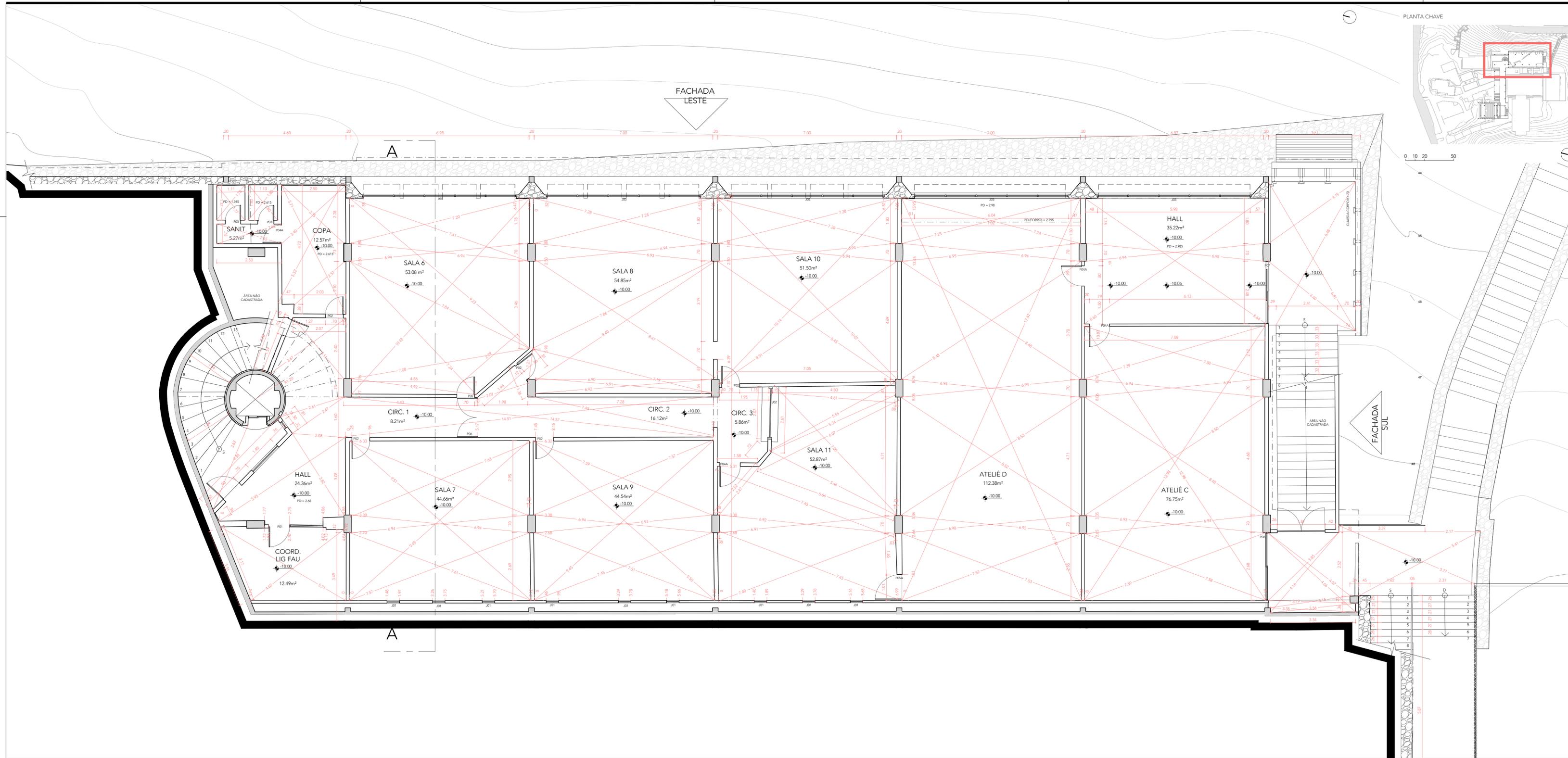
01/07



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
 E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

OBJETO
EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA - UFBA
 LOCALIZAÇÃO
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA
 ALUNO Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR Nivaldo Andrade Junior CO-ORIENTADOR Heliodório Sampaio
 ASSUNTO
PLANTA DE SITUAÇÃO

ETAPA LEVANTAMENTO ESCALA 1:500 REV. R01 DATA MAR. 2019 FOLHA 02/17



QUADRO DE ESQUADRIAS	NÍVEL	QUANT.
P01	+49.00	01
P02	+49.00	06
P03	+49.00	02
P04	+49.00	02
P04B	+52.50	05
P04C	+56.00	04
P05A	+49.00	01
P05B	+52.50	01
P05C	+52.50	03
P06	+49.00	01
P07	+49.00	01
P08	+49.00	01
P09	+52.50	03
P10	+52.50	02
P11	+52.50	02
P12A	+52.50	01
P12B	+52.50	01
P13	+52.50	01
P14	+52.50	01
P15	+52.50	01
P16	+56.00	01
P17	+52.50	01
P18	+59.00	01
P19	+59.00	01
P20	+59.00	01
P21	+59.00	02
P22	+59.00	02
P23	+59.00	01
P24	+59.00	02
P25	+62.50	01
P26	+62.50	01
P27A	+62.50	01
P27B	+62.50	01
P27C	+62.50	03
P27D	+62.50	01
P27E	+62.50	01
P27F	+62.50	01
P28	+62.50	01
J01	+49.00	09
J02	+49.00	01
J03	+49.00	05
J04	+52.50	01
J05	+56.00	01
J06	+59.00	02
J07	+56.00	04
J08	+56.00	02
J09	+59.00	02
J10	+59.00	02
J11	+62.50	08
J12	+62.50	02
J13	+62.50	01
J14	+62.50	02
J16	+62.50	08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

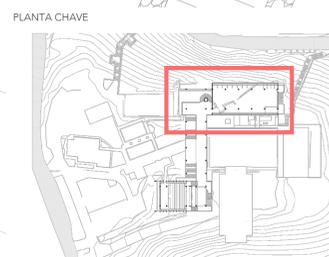
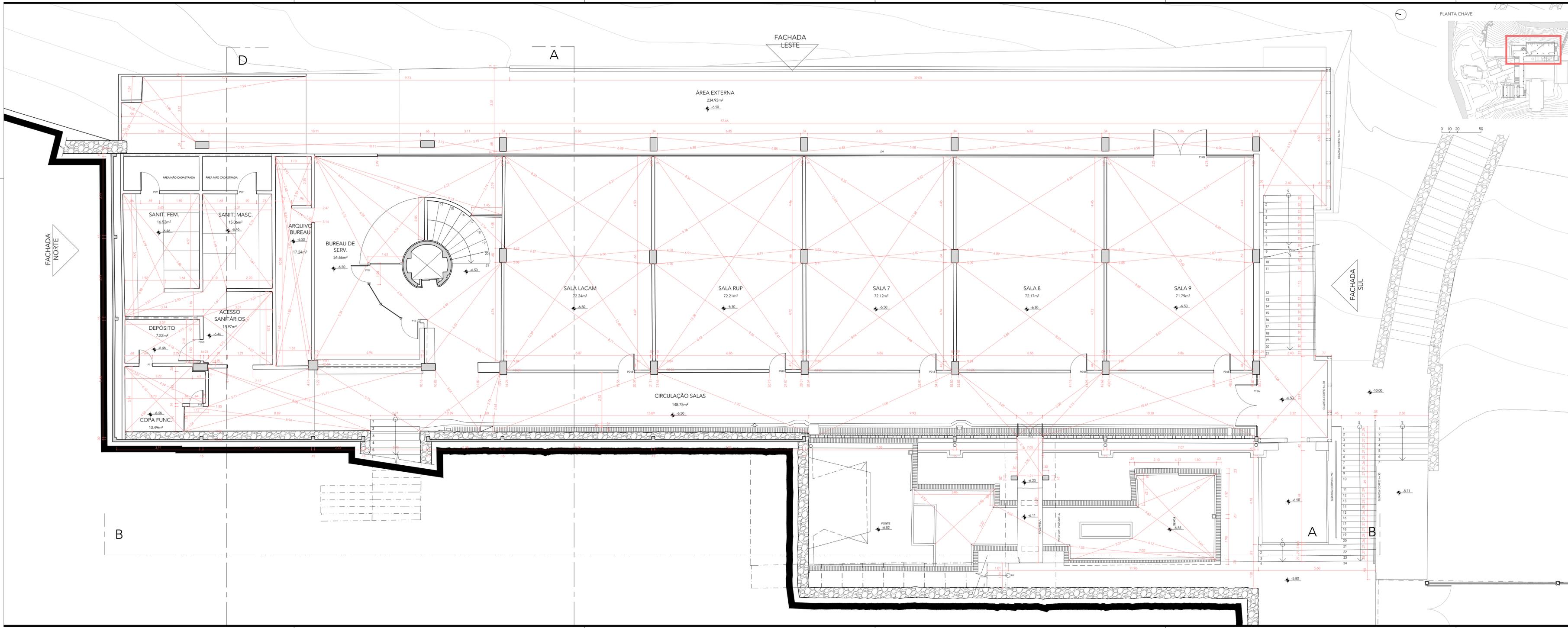
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - Mestrado Profissional em Conservação e Restauro de Monumentos e Núcleos Históricos

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 RUA CAETANO MOURA 121 - FEDERAÇÃO - SALVADOR - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

ASSUNTO: **PLANTA BAIXA - NV. 49.00**
 (3º SUBSOLO) - ALA LESTE

ETAPA: LEVANTAMENTO ESCALA: 1/75 REV: R01 DATA: MAR 2019 FOLHA: 03/17

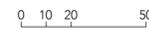


QUADRO DE ESQUADRIAS	QUANT.	VALOR	UNID.
P01	1	49.00	01
P02	1	49.00	02
P03	1	49.00	06
P04	1	49.00	02
P05A	1	52.50	05
P05B	1	58.00	04
P05C	1	52.50	01
P05D	1	52.50	03
P06	1	49.00	01
P07	1	49.00	01
P08	1	49.00	01
P09	1	52.50	03
P10	1	52.50	02
P11	1	52.50	02
P12A	1	52.50	01
P12B	1	52.50	01
P13	1	52.50	01
P14	1	52.50	01
P15	1	52.50	01
P16	1	56.00	01
P17	1	52.50	01
P18	1	59.00	01
P19	1	59.00	01
P20	1	59.00	01
P21	1	59.00	02
P22	1	59.00	02
P23	1	59.00	01
P24	1	59.00	02
P25	1	62.50	01
P26	1	62.50	01
P27A	1	62.50	01
P27B	1	62.50	01
P27C	1	62.50	03
P27D	1	62.50	01
P27E	1	62.50	01
P27F	1	62.50	01
P27G	1	62.50	01
P28	1	62.50	01
J01	1	49.00	09
J02	1	49.00	01
J03	1	49.00	05
J04	1	52.50	01
J05	1	56.00	01
J06	1	59.00	02
J07	1	56.00	04
J08	1	56.00	02
J09	1	59.00	02
J10	1	59.00	02
J11	1	62.50	08
J12	1	62.50	01
J13	1	62.50	02
J14	1	62.50	02
J16	1	62.50	08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

FACHADA OESTE

PLANTA CHAVE

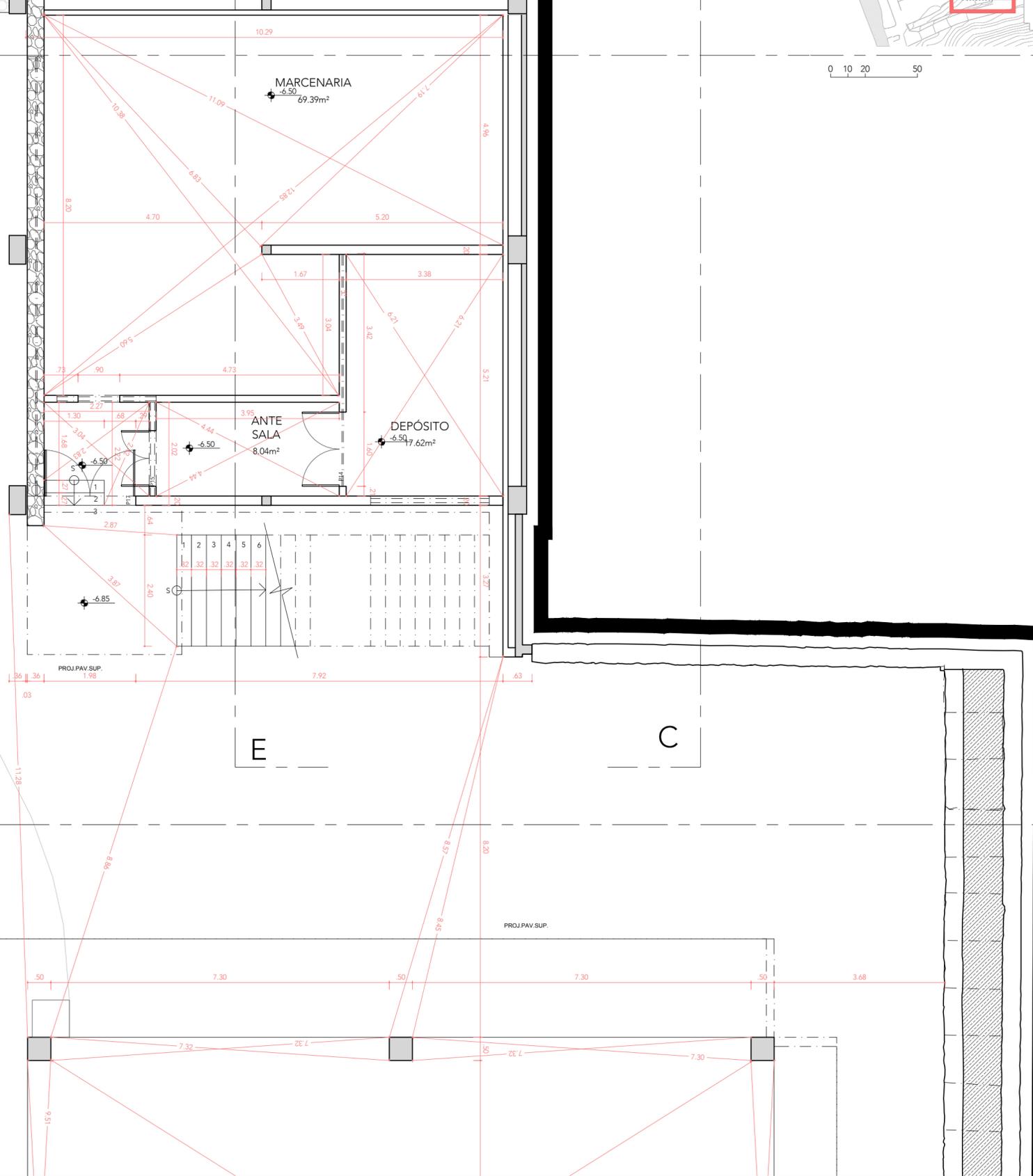


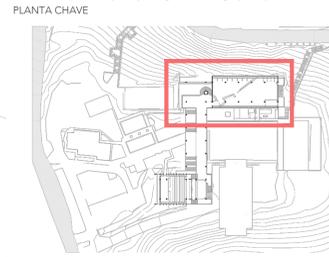
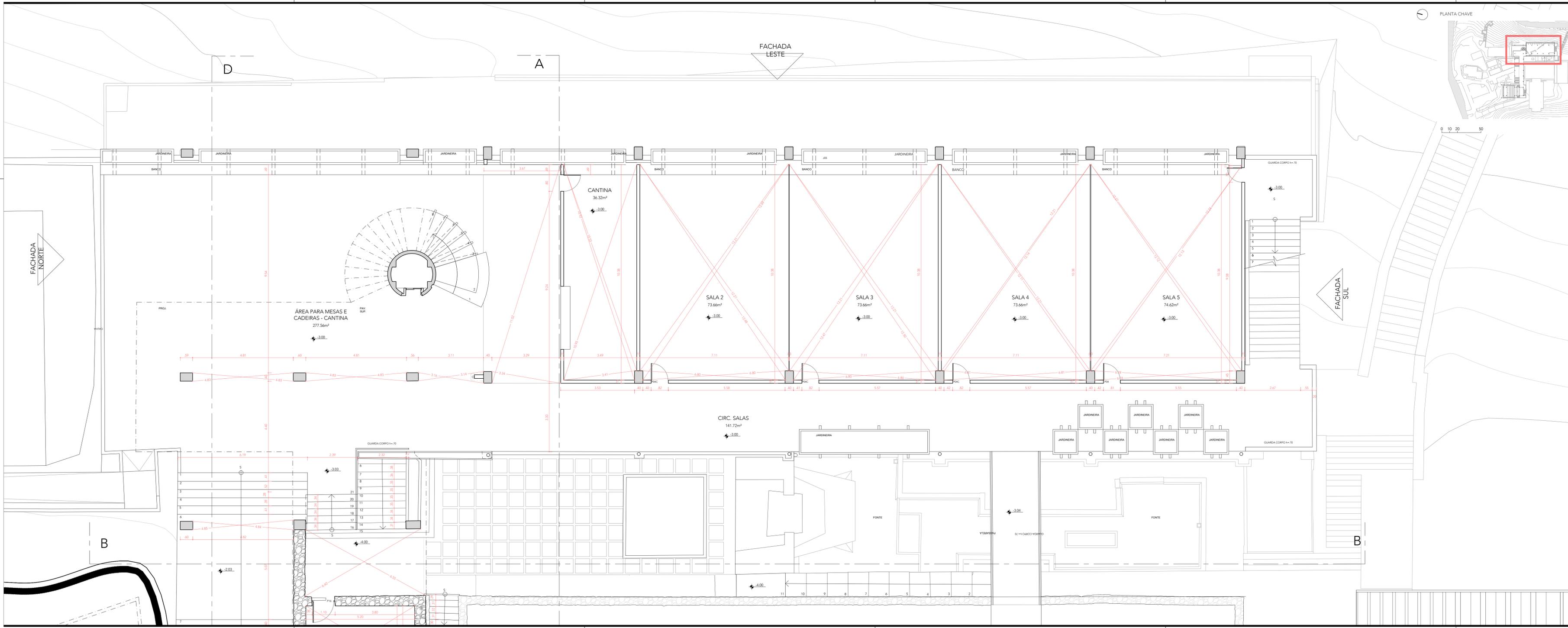
QUADRO DE ESQUADRIAS		NÍVEL	QUANT.
P01	PORTA DE GIRO DE VIDRO .84x2.10 - 1FOLHA	+49.00	01
P02	PORTA DE GIRO DE MADEIRA .70x2.10 - 1 FOLHA	+49.00	06
P03	PORTA DE GIRO DE MADEIRA .60x2.10 - 1 FOLHA	+49.00	02
P04A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA .80x2.10 - 1 FOLHA	+49.00	02
P04B	.79x2.10	+52.50	05
P04C	.82x2.10	+56.00	04
P05A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.01x2.10 - 1 FOLHA	+49.00	01
P05B	1.03x2.10	+52.50	01
P05C	1.0x2.10	+52.50	03
P06	PORTA DE GIRO DE VIDRO 1.58x2.10 - 2 FLS	+49.00	01
P07	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.48x2.10 - 2 FLS	+49.00	01
P08	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.68x2.10 - 2 FLS	+49.00	01
P09	PORTA DE GIRO DE MADEIRA .90x2.10 - 1 FOLHA	+52.50	03
P10	PORTA DE GIRO DE VIDRO .80x2.10 - 1 FOLHA	+52.50	02
P11	PORTA DE GIRO DE MADEIRA .64x2.10 - 1 FOLHA	+52.50	02
P12A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.0x2.10 - 2 FLS	+52.50	01
P12B	2.55x2.10	+52.50	01
P13	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.27x2.75 - 2 FLS	+52.50	01
P14	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.6x2.10 - 2 FLS	+52.50	01
P15	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.2x2.10 - 2 FLS	+52.50	01
P16	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.10x2.10 - 1 FOLHA	+56.00	01
P17	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.97x2.10 - 2 FLS	+52.50	01
P18	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 2.11x2.96 - 2 FLS	+59.00	01
P19	PAINEL VAZADO EM ALUMÍNIO DE CORRER 2.20x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	01
P20	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.15x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	01
P21	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA .8x2.96 - 1 FOLHA	+59.00	02
P22	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.02x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	02
P23	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.7x3.78 - 2FLS	+59.00	01
P24	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.17x2.1 - 2FLS	+59.00	02
P25	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.85x2.1 - 2FLS	+62.50	01
P26	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 2.36x2.96 - 2FLS	+62.50	01
P27A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.08x2.5 - 1FOLHA	+62.50	01
P27B	1.04x2.5	+62.50	01
P27C	1.02x2.5	+62.50	03
P27D	1.12x2.5	+62.50	01
P27E	1.06x2.5	+62.50	01
P27F	1.10x2.5	+62.50	01
P28	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.51x2.96 - 2FLS	+62.50	01
J01	JANELA DE XXXX .49x.	+49.00	09
J02	JANELA FIXA DE VIDRO C/CX EM ALUMÍNIO 2.07x.	+49.00	01
J03	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.43 - 5FLS	+49.00	05
J04	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.15 - 35 FLS	+52.50	01
J05	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 36.05x1.96 H= .54 - 30 FLS	+56.00	01
J06	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 35.76x2.36 H= .64 - 30 FLS	+59.00	02
J07	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.81x.5 H=2.93 - 5 FLS	+56.00	04
J08	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.00x.51 H=2.16 - 5 FLS	+56.00	02
J09	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.11x2.96	+59.00	02
J10	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.24x2.96	+59.00	02
J11	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.52x.9 H=3.8 - 3 FLS	+62.50	08
J12	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.48x.9 H=3.8 - 2 FLS	+62.50	02
J13	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.14x.9 H=3.8 - 8 FLS	+62.50	01
J14	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 7.04x2.96	+62.50	02
J16	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.42x1.50 H=1.0 - 2FLS	+62.50	08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

OBJETO
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 LOCALIZAÇÃO
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA
 ALUNO Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR Heliodório Sampaio
 ASSUNTO
PLANTA BAIXA - NV. 52.50
 (1º SUBSOLO) - ALA NORTE
 ETAPA LEVANTAMENTO ESCALA 1:75 REV. R01 DATA MAR.2019 FOLHA 05/17





QUADRO DE ESQUADRIAS	QUANT.	VALOR
P01	PORTA DE GIRO DE VIDRO 84x210 - 1 FOLHA	+49.00 01
P02	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 70x215 - 1 FOLHA	+49.00 06
P03	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 60x210 - 1 FOLHA	+49.00 02
P04A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 80x210 - 1 FOLHA	+49.00 02
P04B	79x210	+52.50 05
P04C	82x10	+58.00 04
P05A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.01x2.10 - 1 FOLHA	+49.00 01
P05B	1.03x10	+52.50 01
P05C	1.0x2.10	+52.50 03
P06	PORTA DE GIRO DE VIDRO 1.58x2.10 - 2 FLS	+49.00 01
P07	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.48x2.10 - 2 FLS	+49.00 01
P08	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.68x2.10 - 2 FLS	+49.00 01
P09	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 90x210 - 1 FOLHA	+52.50 03
P10	PORTA DE GIRO DE VIDRO 80x210 - 1 FOLHA	+52.50 02
P11	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 64x210 - 1 FOLHA	+52.50 02
P12A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.0x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P12B	2.5x2.10	+52.50 01
P13	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.27x2.75 - 2 FLS	+52.50 01
P14	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.6x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P15	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.2x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P16	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.10x2.10 - 1 FOLHA	+56.00 01
P17	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.97x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P18	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 2.11x2.96 - 2 FLS	+59.00 01
P19	PAINEL VAZADO EM ALUMÍNIO DE CORRER 2.20x2.10 - 1 FOLHA	+59.00 01
P20	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.15x2.10 - 1 FOLHA	+59.00 01
P21	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 8x2.96 - 1 FOLHA	+59.00 02
P22	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.02x2.10 - 1 FOLHA	+59.00 02
P23	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.7x3.78 - 2 FLS	+59.00 01
P24	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.17x2.1 - 2 FLS	+59.00 02
P25	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.85x2.1 - 2 FLS	+62.50 01
P26	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 2.36x2.96 - 2 FLS	+62.50 01
P27A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.08x2.5 - 1 FOLHA	+62.50 01
P27B	1.04x2.5	+62.50 01
P27C	1.02x2.5	+62.50 03
P27D	1.12x2.5	+62.50 01
P27E	1.0x2.5	+62.50 01
P27F	1.10x2.5	+62.50 01
P28	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.51x2.96 - 2 FLS	+62.50 01
J01	JANELA DE XXXX 49x	+49.00 09
J02	JANELA FIXA DE VIDRO C/CX EM ALUMÍNIO 2.07x	+49.00 01
J03	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=4.3 - 5 FLS	+49.00 05
J04	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.15 - 35 FLS	+52.50 01
J05	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 36.00x1.96 H=51 - 30 FLS	+56.00 01
J06	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 35.76x2.36 H=64 - 30 FLS	+59.00 02
J07	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.81x5 H=2.93 - 5 FLS	+62.50 04
J08	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.00x5.1 H=2.16 - 5 FLS	+56.00 02
J09	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.11x2.96	+59.00 02
J10	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.24x2.96	+59.00 02
J11	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.52x9 H=3.8 - 3 FLS	+62.50 08
J12	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.48x9 H=3.8 - 2 FLS	+62.50 02
J13	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.14x9 H=3.8 - 8 FLS	+62.50 01
J14	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 7.04x2.96	+62.50 02
J16	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.42x1.50 H=1.0 - 2 FLS	+62.50 08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

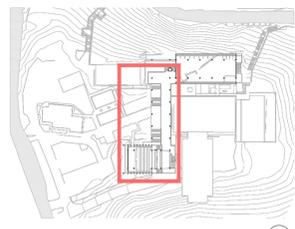
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

PROJETO:
PLANTA BAIXA - NV. 56.00
 (1º SUBSÓLO) - ALA LESTE

11/11/2018 01/13/2019 06/17/2019

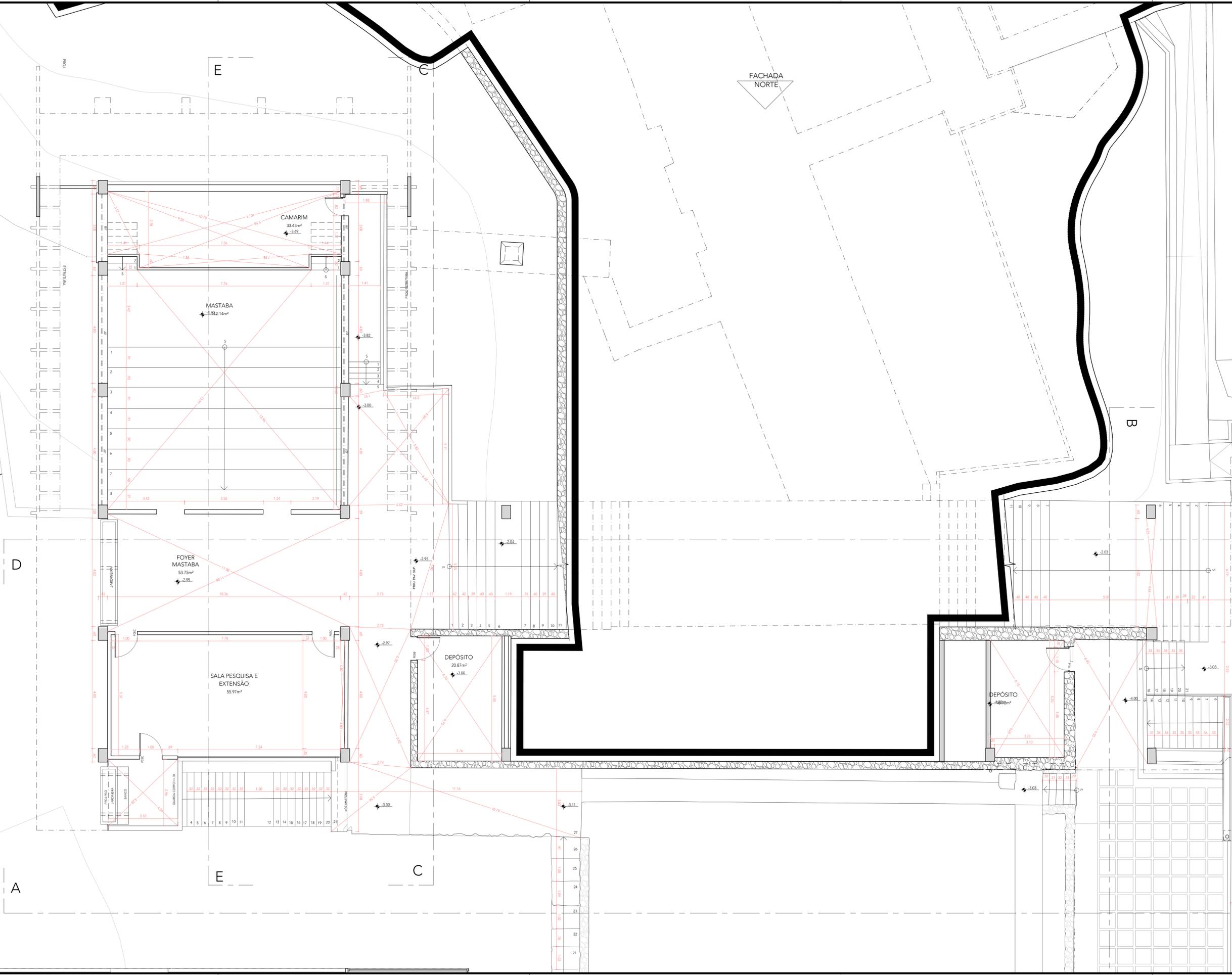
LEVANTAMENTO 1/75 R01 MAR 2019 06/17



0 10 20 50

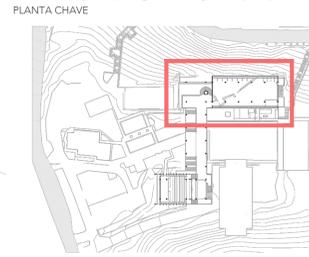
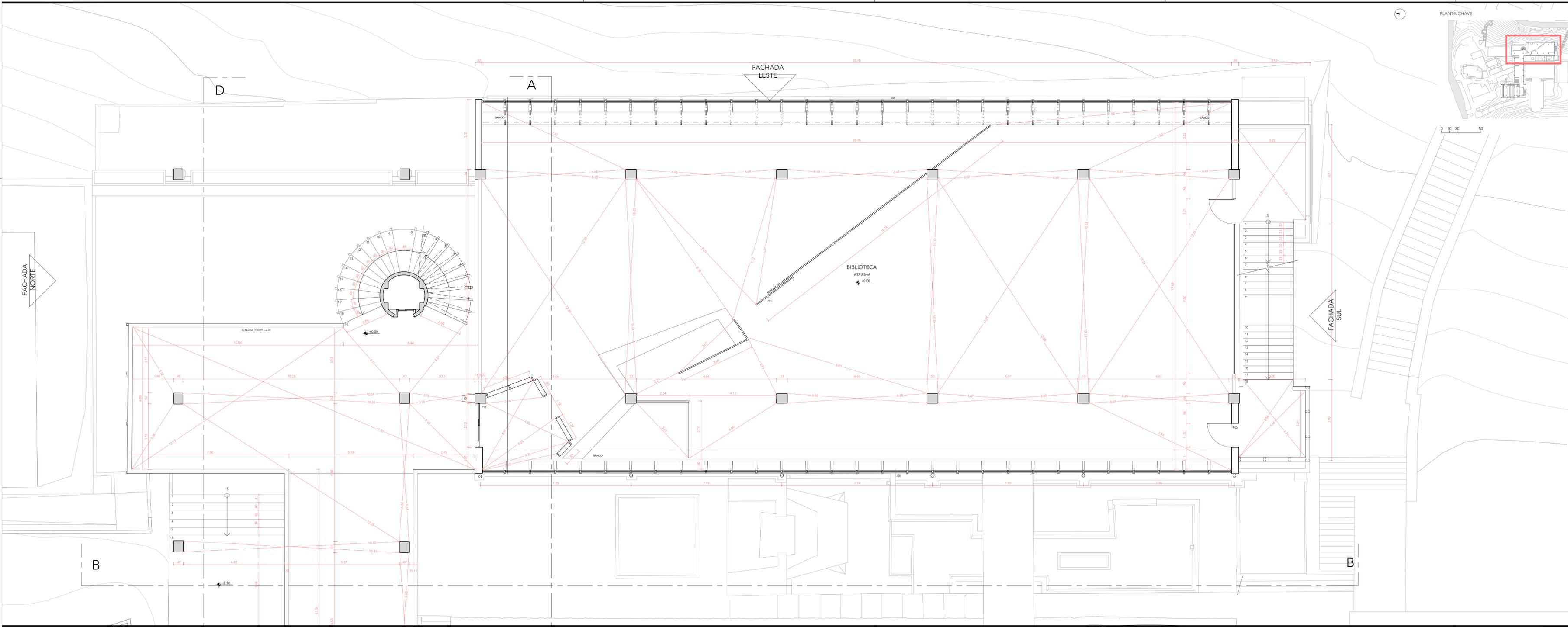
FACHADA NORTE

FACHADA OESTE



QUADRO DE ESQUADRIAS	QUANT.	VALOR
P01 PORTA DE GIRO DE VIDRO 84x2.10 - 1FOLHA	01	+49.00
P02 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 70x2.10 - 1 FOLHA	06	+49.00
P03 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 60x2.10 - 1 FOLHA	02	+49.00
P04 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 80x2.10 - 1 FOLHA	02	+49.00
P08	05	+53.50
P0AC	04	+56.00
P05A PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.01x2.10 - 1 FOLHA	01	+49.00
P08	01	+53.50
P05C	03	+53.50
P06 PORTA DE GIRO DE VIDRO 1.58x2.10 - 2 FLS	01	+49.00
PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.48x2.10 - 2 FLS	01	+49.00
P08	01	+49.00
P09 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 90x2.10 - 1 FOLHA	03	+52.50
P10 PORTA DE GIRO DE VIDRO 80x2.10 - 1 FOLHA	02	+52.50
P11 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 44x2.10 - 1 FOLHA	02	+52.50
P12A PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.0x2.10 - 2 FLS	01	+52.50
P12B	01	+53.50
P13 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.27x2.75 - 2 FLS	01	+52.50
P14 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.6x2.10 - 2 FLS	01	+52.50
P15 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.2x2.10 - 2 FLS	01	+52.50
P16 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.0x2.10 - 1 FOLHA	01	+56.00
P17 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.97x2.10 - 2 FLS	01	+52.50
P18 PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 2.11x2.96 - 2 FLS	01	+59.00
P19 PAINEL VAZADO EM ALUMÍNIO DE CORRER 2.20x2.10 - 1 FOLHA	01	+59.00
P20 PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.15x2.10 - 1 FOLHA	01	+59.00
P21 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 8x2.96 - 1 FOLHA	02	+59.00
P22 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.0x2.10 - 1 FOLHA	02	+59.00
P23 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.7x3.78 - 2FLS	01	+59.00
P24 PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.17x2.1 - 2FLS	02	+59.00
P25 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.85x2.1 - 2FLS	01	+52.50
P26 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 2.36x2.96 - 2FLS	01	+62.50
P27A PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.08x2.5 - 1FOLHA	01	+62.50
P27B	01	+62.50
P27C	01	+62.50
P27E	01	+62.50
P27F	01	+62.50
P28 PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.51x2.96 - 2FLS	01	+62.50
J01 JANELA DE XXXX 49x	09	+49.00
J02 JANELA FIXA DE VIDRO C/CX EM ALUMÍNIO 2.07x	01	+49.00
J03 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.43 - 5FLS	05	+49.00
J04 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.15 - 35 FLS	01	+52.50
J05 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 36.95x1.96 H=54 - 30 FLS	01	+56.00
J06 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 35.76x2.36 H=64 - 30 FLS	02	+59.00
J07 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.81x5 H=2.93 - 5 FLS	04	+56.00
J08 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.00x5.1 H=2.16 - 5 FLS	02	+56.00
J09 JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.11x2.96	02	+59.00
J10 JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.24x2.96	02	+59.00
J11 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.52x9 H=3.8 - 3 FLS	08	+62.50
J12 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.48x9 H=3.8 - 2 FLS	02	+62.50
J13 JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.14x9 H=3.8 - 8 FLS	01	+62.50
J14 JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 7.04x2.96	02	+62.50
J16 JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.42x1.50 H=1.0 - 2FLS	08	+62.50

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.



QUADRO DE ESQUADRIAS	NÍVEL	QUANT.
P01	+49.00	01
P02	+49.00	06
P03	+49.00	02
P04A	+49.00	02
P04B	+52.50	05
P04C	+58.00	04
P05A	+49.00	01
P05B	+52.50	01
P05C	+52.50	03
P06	+49.00	01
P07	+49.00	01
P08	+49.00	01
P09	+52.50	03
P10	+52.50	02
P11	+52.50	02
P12A	+52.50	01
P12B	+52.50	01
P13	+52.50	01
P14	+52.50	01
P15	+52.50	01
P16	+56.00	01
P17	+52.50	01
P18	+59.00	01
P19	+59.00	01
P20	+59.00	01
P21	+59.00	02
P22	+59.00	02
P23	+59.00	01
P24	+59.00	02
P25	+62.50	01
P26	+62.50	01
P27A	+62.50	01
P27B	+62.50	01
P27C	+62.50	03
P27D	+62.50	01
P27E	+62.50	01
P27F	+62.50	01
P28	+62.50	01
J01	+49.00	09
J02	+49.00	01
J03	+49.00	05
J04	+52.50	01
J05	+56.00	01
J06	+59.00	02
J07	+56.00	04
J08	+56.00	02
J09	+59.00	02
J10	+59.00	02
J11	+62.50	08
J12	+62.50	02
J13	+62.50	01
J14	+62.50	02
J16	+62.50	08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

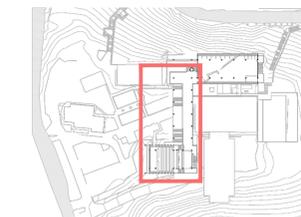
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
 E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

PLANTA BAIXA - NV. 59.00
 (TÉRREO) - ALA LESTE

LEVANTAMENTO: 1/75 DATA: MAR 2019 08/17



0 10 20 30

QUADRO DE ESQUADRIAS	QUANTIDADE	VALOR
P01	1	+49.00
P02	1	+49.00
P03	1	+49.00
P04A	1	+49.00
P04B	1	+52.50
P04C	1	+56.00
P05A	1	+49.00
P05B	1	+52.50
P05C	1	+56.00
P06	1	+49.00
P07	1	+49.00
P08	1	+49.00
P09	1	+52.50
P10	1	+52.50
P11	1	+52.50
P12A	1	+52.50
P12B	1	+52.50
P13	1	+52.50
P14	1	+52.50
P15	1	+52.50
P16	1	+56.00
P17	1	+52.50
P18	1	+59.00
P19	1	+59.00
P20	1	+59.00
P21	1	+59.00
P22	1	+59.00
P23	1	+59.00
P24	1	+59.00
P25	1	+62.50
P26	1	+62.50
P27A	1	+62.50
P27B	1	+62.50
P27C	1	+62.50
P27D	1	+62.50
P27E	1	+62.50
P27F	1	+62.50
P28	1	+62.50
J01	1	+49.00
J02	1	+49.00
J03	1	+49.00
J04	1	+52.50
J05	1	+56.00
J06	1	+59.00
J07	1	+56.00
J08	1	+56.00
J09	1	+59.00
J10	1	+59.00
J11	1	+62.50
J12	1	+62.50
J13	1	+62.50
J14	1	+62.50
J16	1	+62.50

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (ruim de pontão). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

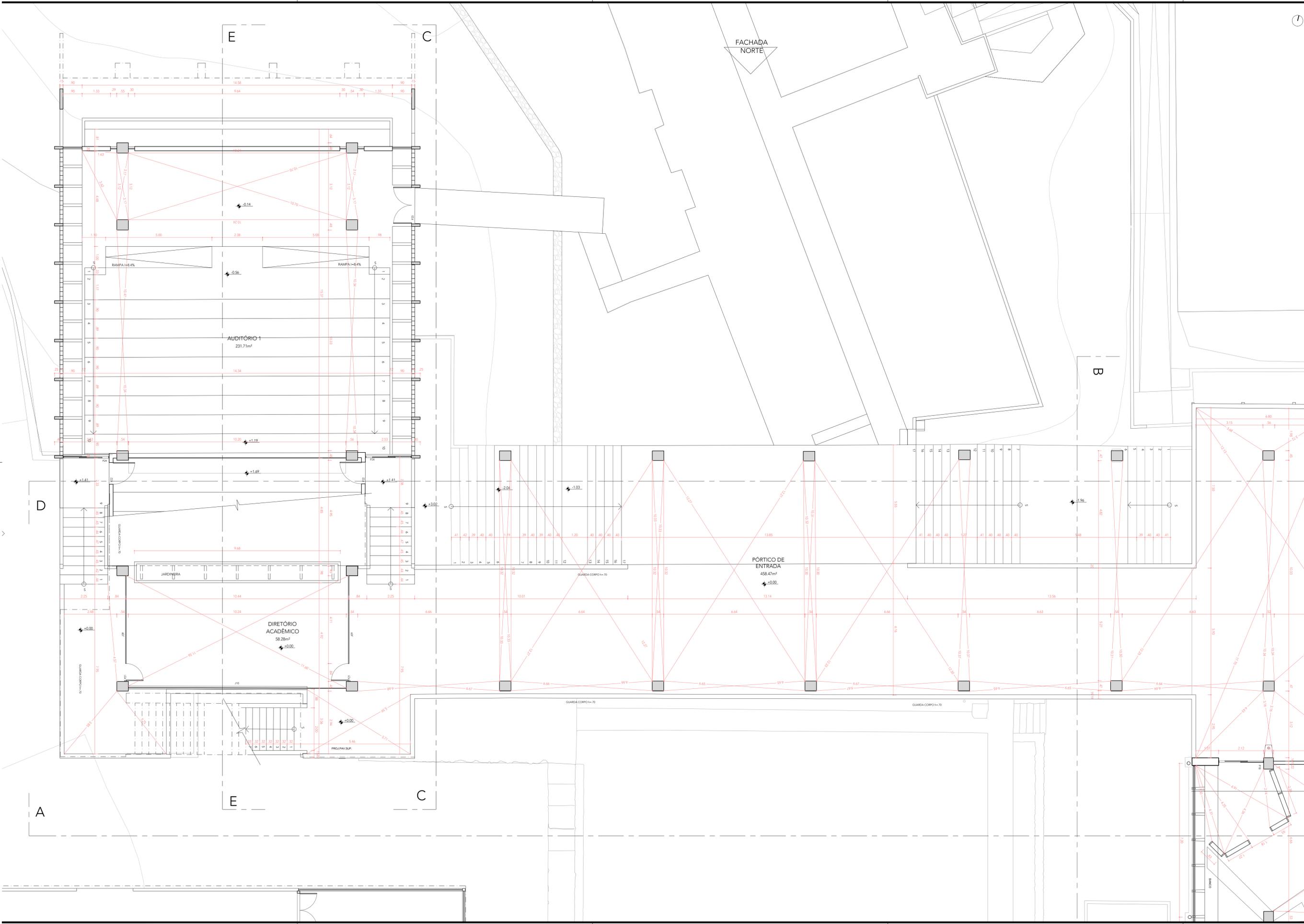
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MIP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAO DE MONUMENTOS E NUCLEOS HISTORICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 LOCALIZAÇÃO: Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr. CO-ORIENTADOR: Heliodoro Sampaio

ASSISTENTE: PLANTA BAIXA - NV. 59.00 (TERREO) - ALA LESTE

FECHA: 09/17
 ESCALA: 1:75
 DATA: MAR 2019



FACHADA NORTE

AUDITÓRIO 1
231,71m²

DIRETÓRIO ACADÊMICO
58,28m²

PÓRTECO DE ENTRADA
458,47m²

JARDINEIRA

GUARDA-CORPO 1-70

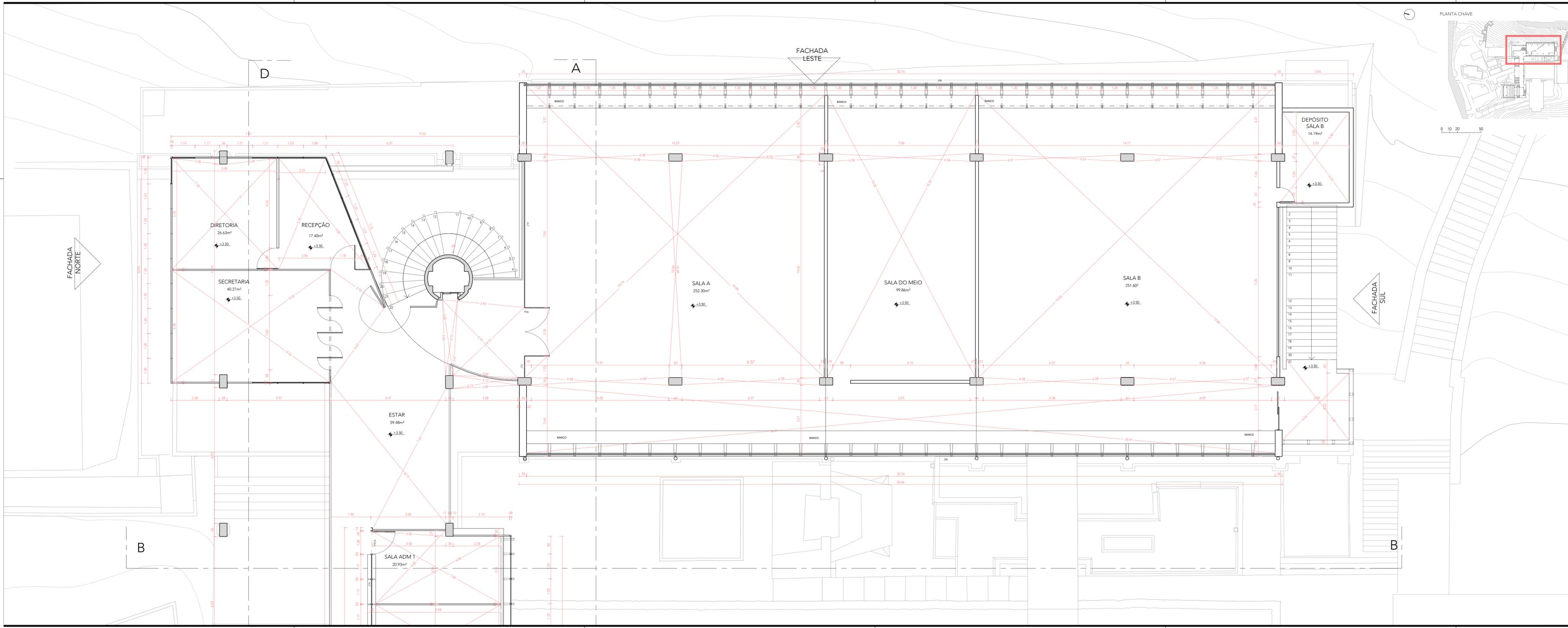
GUARDA-CORPO 1-70

PROJ.FW.SUP.

GUARDA-CORPO 1-70

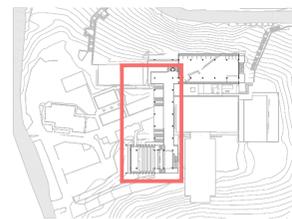
GUARDA-CORPO 1-70

ORIENTAÇÃO



QUADRO DE ESQUADRAS	QUANT.	NÍVEL	QUANT.	
P01	PORTA DE GIRO DE VIDRO 84x210 - 1 FOLHA	+49.00	01	
P02	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 70x210 - 1 FOLHA	+49.00	06	
P03	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 60x210 - 1 FOLHA	+49.00	02	
P04A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 80x210 - 1 FOLHA	+49.00	02	
P04B	79x210	+52.50	05	
P04C	82x210	+58.00	04	
P05A	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.01x2.10 - 1 FOLHA	+49.00	01	
P05B	1.03x2.10	+52.50	01	
P05C	1.0x2.10	+52.50	03	
P06	PORTA DE GIRO DE VIDRO 1.58x2.10 - 2 FLS	+49.00	01	
P07	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.48x2.10 - 2 FLS	+49.00	01	
P08	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.68x2.10 - 2 FLS	+49.00	01	
P09	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 90x210 - 1 FOLHA	+52.50	03	
P10	PORTA DE GIRO DE VIDRO 80x210 - 1 FOLHA	+52.50	02	
P11	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 64x210 - 1 FOLHA	+52.50	02	
P12A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.0x2.10 - 2 FLS	+52.50	01	
P12B	2.25x2.10	+52.50	01	
P13	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.27x2.75 - 2 FLS	+52.50	01	
P14	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.6x2.10 - 2 FLS	+52.50	01	
P15	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.2x2.10 - 2 FLS	+52.50	01	
P16	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.10x2.10 - 1 FOLHA	+56.00	01	
P17	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.97x2.10 - 2 FLS	+52.50	01	
P18	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 2.11x2.96 - 2 FLS	+59.00	01	
P19	PAINEL VAZADO EM ALUMÍNIO DE CORRER 2.20x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	01	
P20	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.15x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	01	
P21	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 8x2.96 - 1 FOLHA	+59.00	02	
P22	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.02x2.10 - 1 FOLHA	+59.00	02	
P23	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.7x3.78 - 2 FLS	+59.00	01	
P24	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.17x2.1 - 2 FLS	+59.00	02	
P25	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.85x2.1 - 2 FLS	+62.50	01	
P26	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 2.36x2.96 - 2 FLS	+62.50	01	
P27A	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.08x2.5 - 1 FOLHA	+62.50	01	
P27B	-	1.04x2.5	+62.50	01
P27C	-	1.02x2.5	+62.50	03
P27D	-	1.12x2.5	+62.50	01
P27E	-	1.04x2.5	+62.50	01
P27F	-	1.10x2.5	+62.50	01
P28	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.51x2.96 - 2 FLS	+62.50	01	
J01	JANELA DE XXXX 49x	+49.00	09	
J02	JANELA FIXA DE VIDRO C/CX EM ALUMÍNIO 2.07x	+49.00	01	
J03	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=43 - 5 FLS	+49.00	05	
J04	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 6.04x1.57 H=1.15 - 35 FLS	+52.50	01	
J05	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 36.00x1.96 H=51 - 30 FLS	+56.00	01	
J06	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 35.76x2.36 H=64 - 30 FLS	+59.00	02	
J07	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.81x5 H=2.93 - 5 FLS	+56.00	04	
J08	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.00x5.1 H=2.16 - 5 FLS	+56.00	02	
J09	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.11x2.96	+59.00	02	
J10	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.24x2.96	+59.00	02	
J11	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.52x9 H=3.8 - 3 FLS	+62.50	08	
J12	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.48x9 H=3.8 - 2 FLS	+62.50	02	
J13	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.14x9 H=3.8 - 8 FLS	+62.50	01	
J14	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 7.04x2.96	+62.50	02	
J16	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.42x1.50 H=1.0 - 2 FLS	+62.50	08	

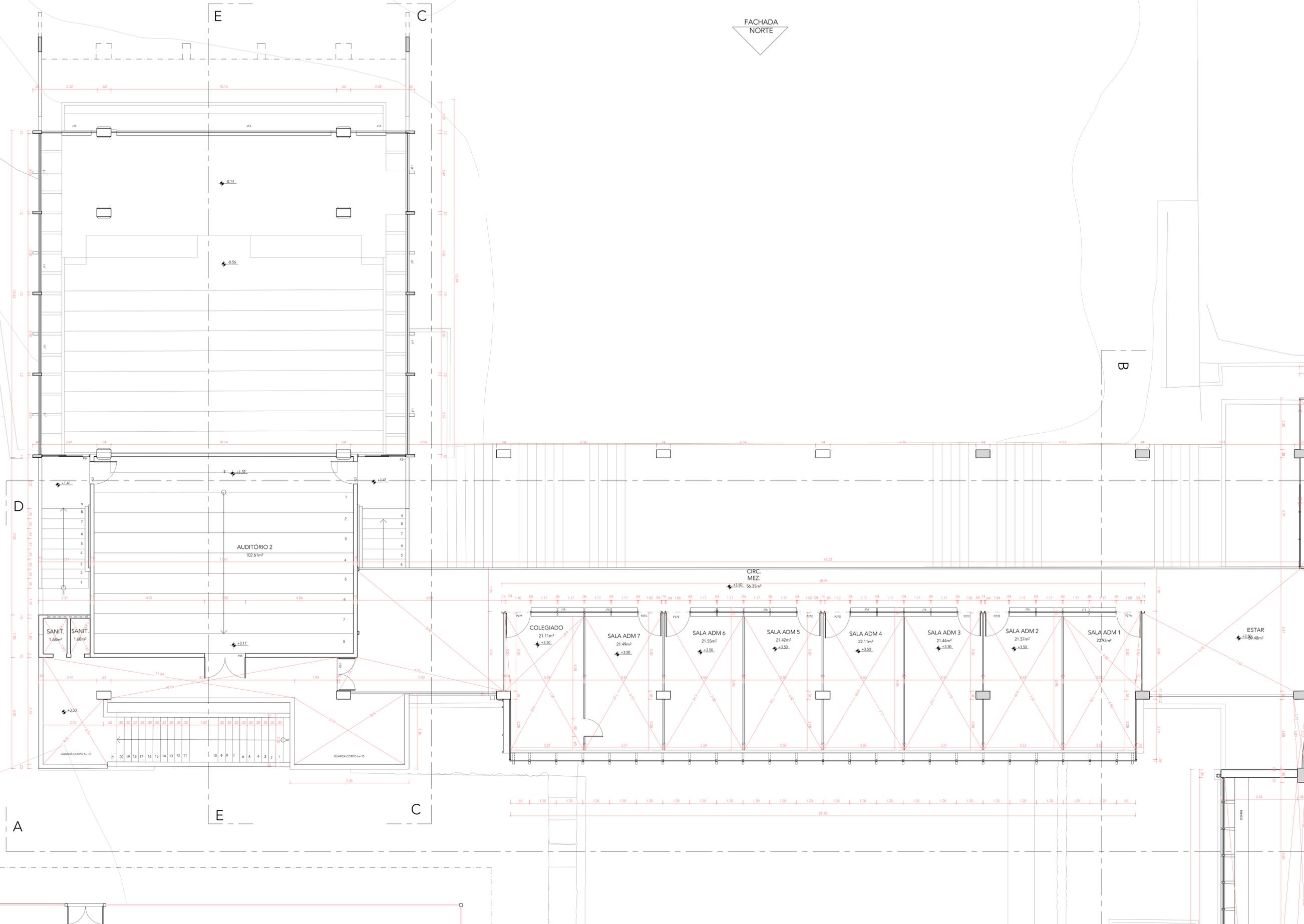
notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.



0 10 20 50

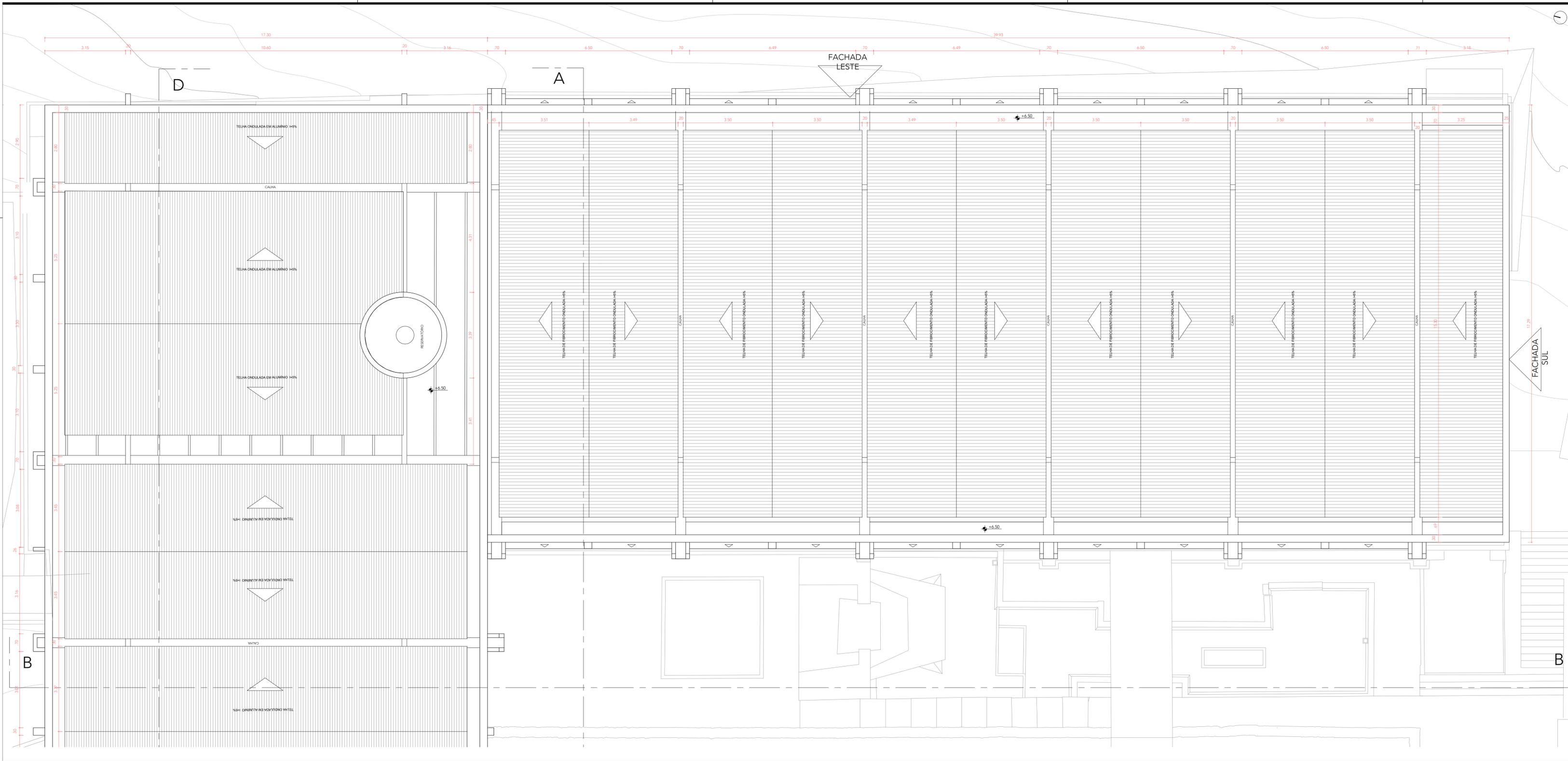
FACHADA NORTE

FACHADA OESTE



QUADRO DE ESQUADRIAS	QUANT.	UNID.	VALOR
P01	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO 84x210 - 1FOLHA	+49.00 01
P02	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 70x210 - 1 FOLHA	+49.00 06
P03	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 60x210 - 1 FOLHA	+49.00 02
P04	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 80x210 - 1 FOLHA	+49.00 02
P06	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 100x210 - 1 FOLHA	+52.50 05
P08	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 120x210 - 1 FOLHA	+52.50 01
P09	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 140x210 - 1 FOLHA	+52.50 03
P10	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 160x210 - 1 FOLHA	+52.50 02
P11	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 180x210 - 1 FOLHA	+52.50 02
P12A	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.0x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P13	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.27x2.75 - 2 FLS	+52.50 01
P14	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.6x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P15	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 1.2x2.10 - 2 FLS	+52.50 01
P16	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 110x210 - 1 FOLHA	+56.00 01
P17	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 192x210 - 2 FLS	+52.50 01
P18	1	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 2.11x2.96 - 2 FLS	+59.00 01
P19	1	PAINEL VAZADO EM ALUMÍNIO DE CORRER 2.20x2.10 - 1 FOLHA	+59.00 01
P20	1	PORTA DE GIRO DE MADEIRA 115x210 - 1 FOLHA	+59.00 01
P21	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 8x2.96 - 1 FOLHA	+59.00 02
P22	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.02x2.10 - 1 FOLHA	+59.00 02
P23	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO E BANDEIRA FIXA 1.7x3.78 - 2FLS	+59.00 01
P24	1	PORTA DE CORRER DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.17x2.1 - 2FLS	+59.00 02
P25	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 1.85x2.1 - 2FLS	+62.50 01
P26	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 2.36x2.96 - 2FLS	+62.50 01
P27A	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.02x2.5 - 1FOLHA	+62.50 01
P27B	1	JANELA DE 1.0x2.5	+62.50 01
P27C	1	JANELA DE 1.0x2.5	+62.50 03
P27D	1	JANELA DE 1.0x2.5	+62.50 01
P27E	1	JANELA DE 1.0x2.5	+62.50 01
P27F	1	JANELA DE 1.0x2.5	+62.50 01
P28	1	PORTA DE GIRO DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 1.51x2.96 - 2FLS	+62.50 01
J01	1	JANELA DE XXXX 49x	+49.00 09
J02	1	JANELA FIXA DE VIDRO C/CAIXILHO EM ALUMÍNIO 2.07x	+49.00 01
J03	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 4.0x4.157 H=1.43 - 5FLS	+49.00 05
J04	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 4.0x4.157 H=1.15 - 35 FLS	+52.50 01
J05	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 36.05x1.96 H= - 54 - 30 FLS	+56.00 01
J06	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO C/ BANDEIRA FIXA 35.76x2.36 H=64 - 30 FLS	+59.00 02
J07	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.81x5 H=2.93 - 5 FLS	+56.00 04
J08	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.00x5.1 H=2.16 - 5 FLS	+56.00 02
J09	1	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 4.11x2.96	+59.00 02
J10	1	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.24x2.96	+59.00 02
J11	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 3.52x9 H=3.8 - 31 FLS	+62.50 08
J12	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.48x9 H=3.8 - 2 FLS	+62.50 02
J13	1	JANELA BASCULANTE DE VIDRO E ALUMÍNIO 10.14x9 H=3.8 - 8 FLS	+62.50 01
J14	1	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 7.04x2.96	+62.50 02
J15	1	JANELA FIXA DE VIDRO E ALUMÍNIO 2.42x1.50 H=1.0 - 2FLS	+62.50 08

notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.



notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - Mestrado Profissional em Conservação e Restauro de Monumentos e Núcleos Históricos

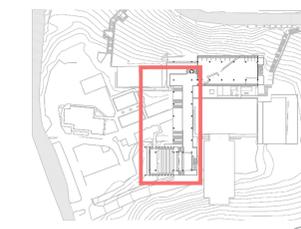
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 (COBERTURA - ALA LESTE)

Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

ASSUNTO: **PLANTA BAIXA - NV. 65.50**
 (COBERTURA - ALA LESTE)

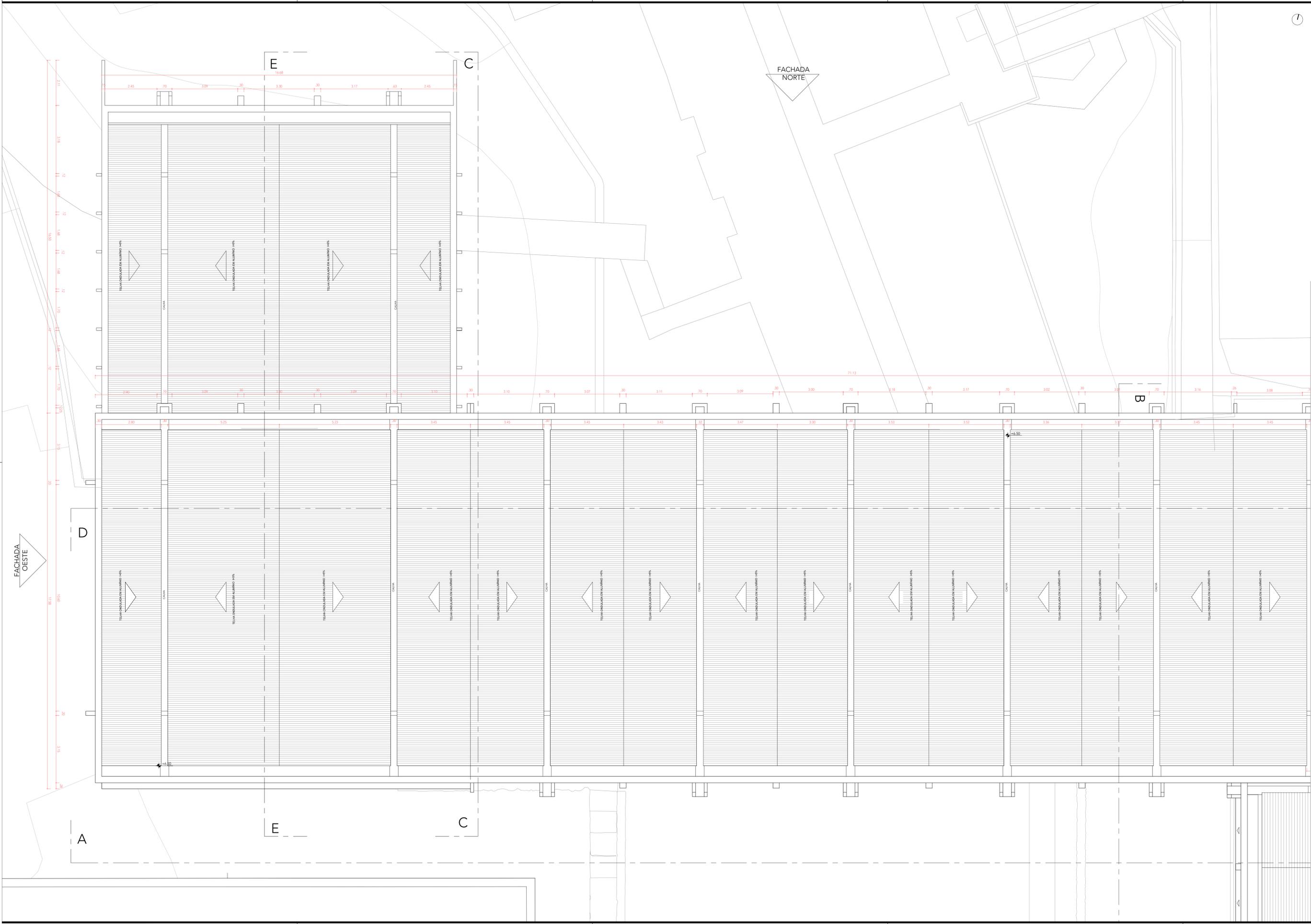
ETAPA: LEVANTAMENTO ESCALA: 1:75 REV: R01 DATA: MAR 2019 FOLHA: 12/17



0 10 20 50

FACHADA NORTE

FACHADA OESTE



notas:
- Medidas em metros.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

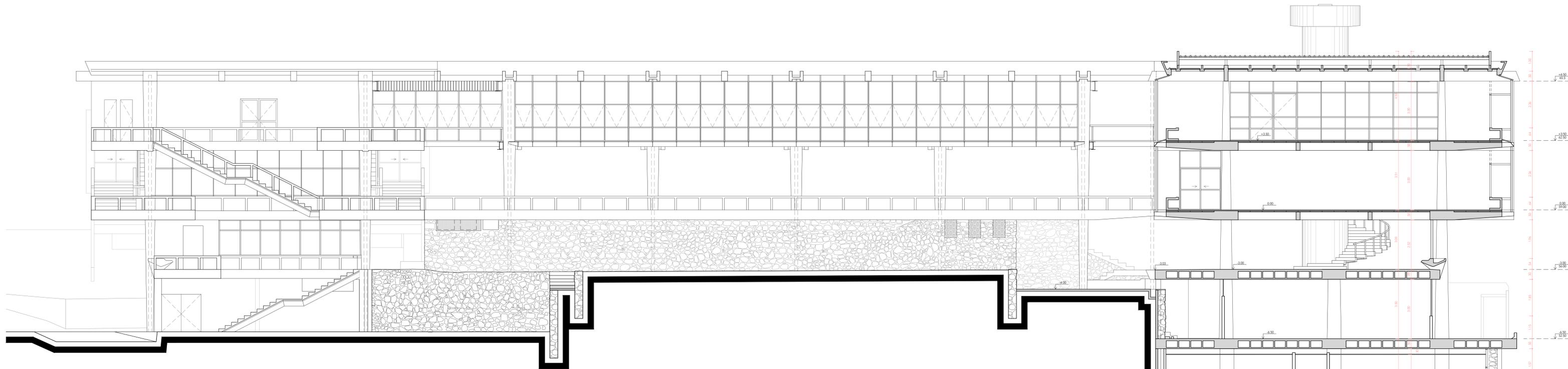
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA

LOCALIZAÇÃO: Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

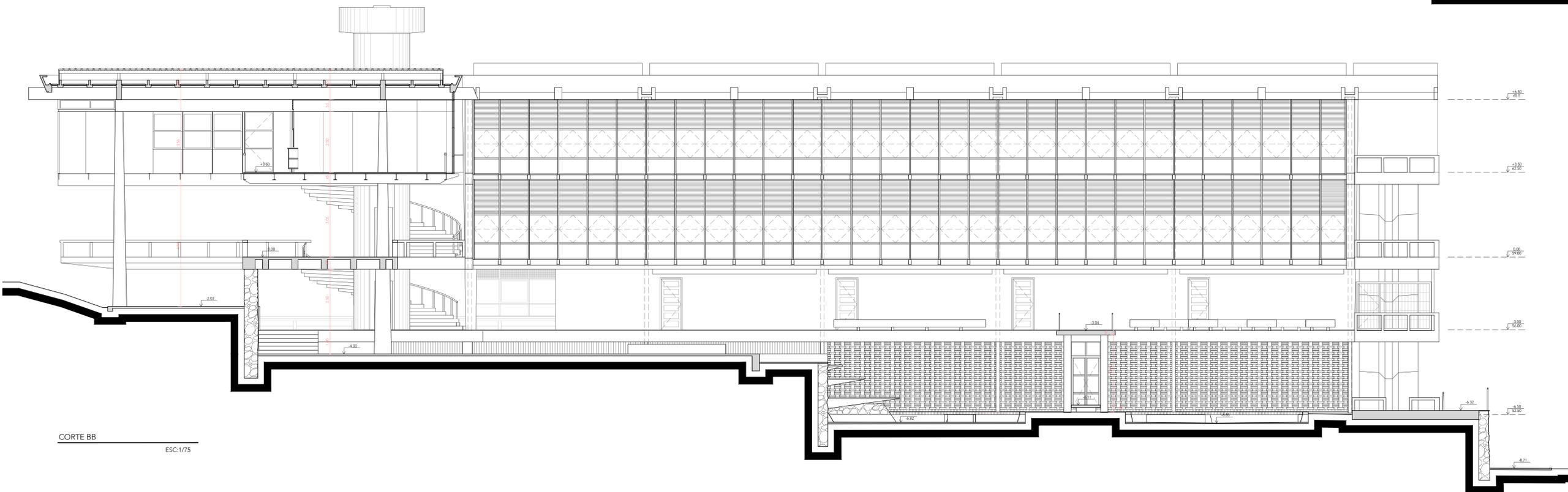
ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr. CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

ASSINHA: PLANTA BAIXA - NV. 65.50 (COBERTURA - ALA NORTE)

TEMPO DE LEVANTAMENTO: 1,75 ESCALA: R01 DATA: MAR 2019 13/17



CORTE AA
ESC:1/75



CORTE BB
ESC:1/75

NOTAS:
- Medidas em metros.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

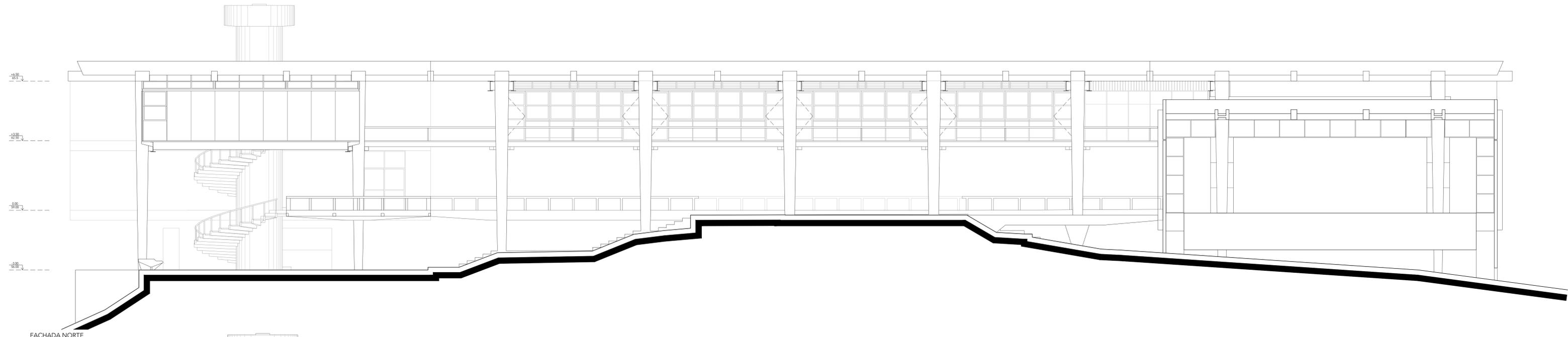
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MFC/CCCB - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
LOCALIZAÇÃO:
Rua Costeiro Moura 121 - Federação - Salvador - BA

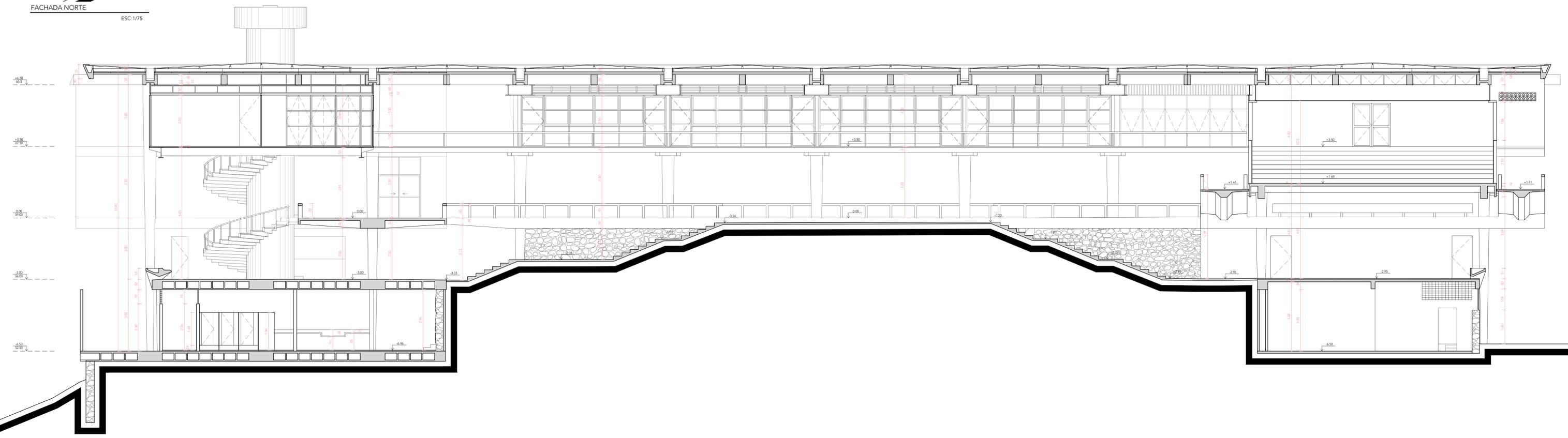
PROFESSOR RESPONSÁVEL:
Lucas Paes Ferreira
Núcleo Orientador:
Heliodório Sampaio

ASSISTENTE:
ELEVACOES
(CORTE AA e BB)

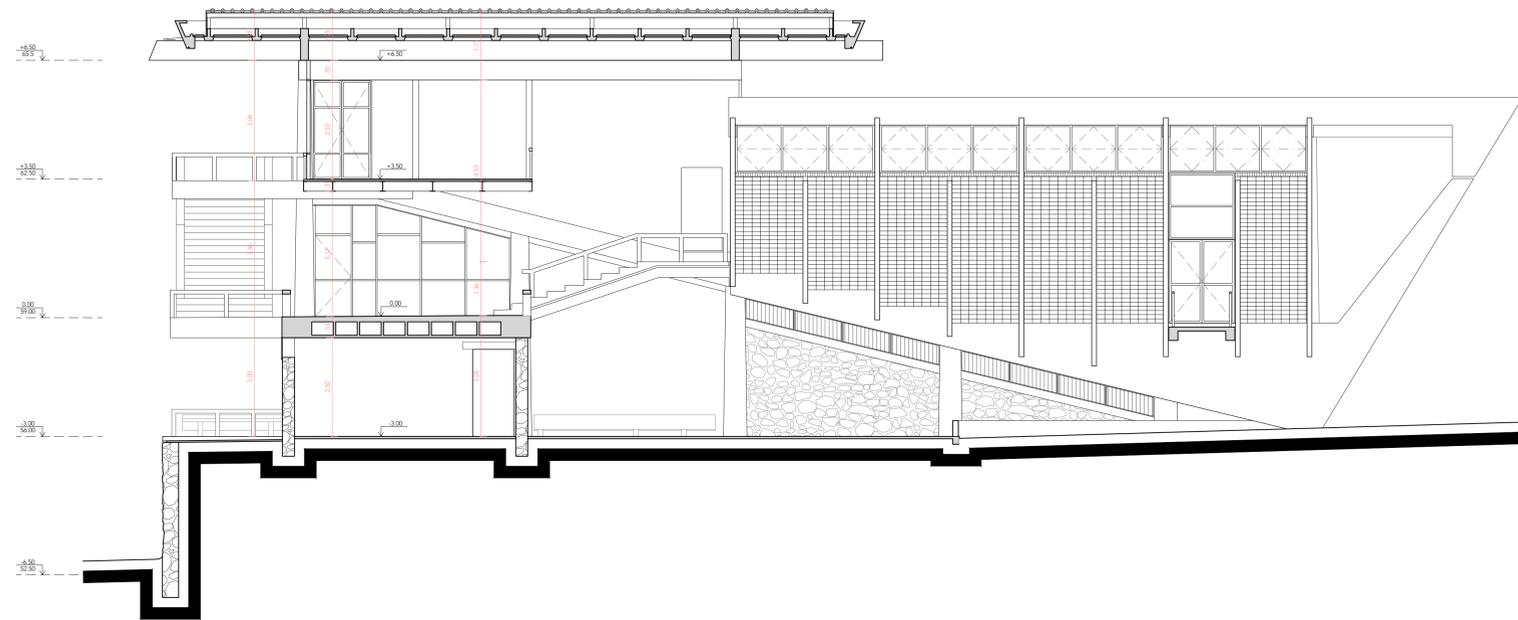
ESCALA: LEVANTAMENTO 1/75 REV: R01 DATA: MAR 2019 FOLHA: 14/17



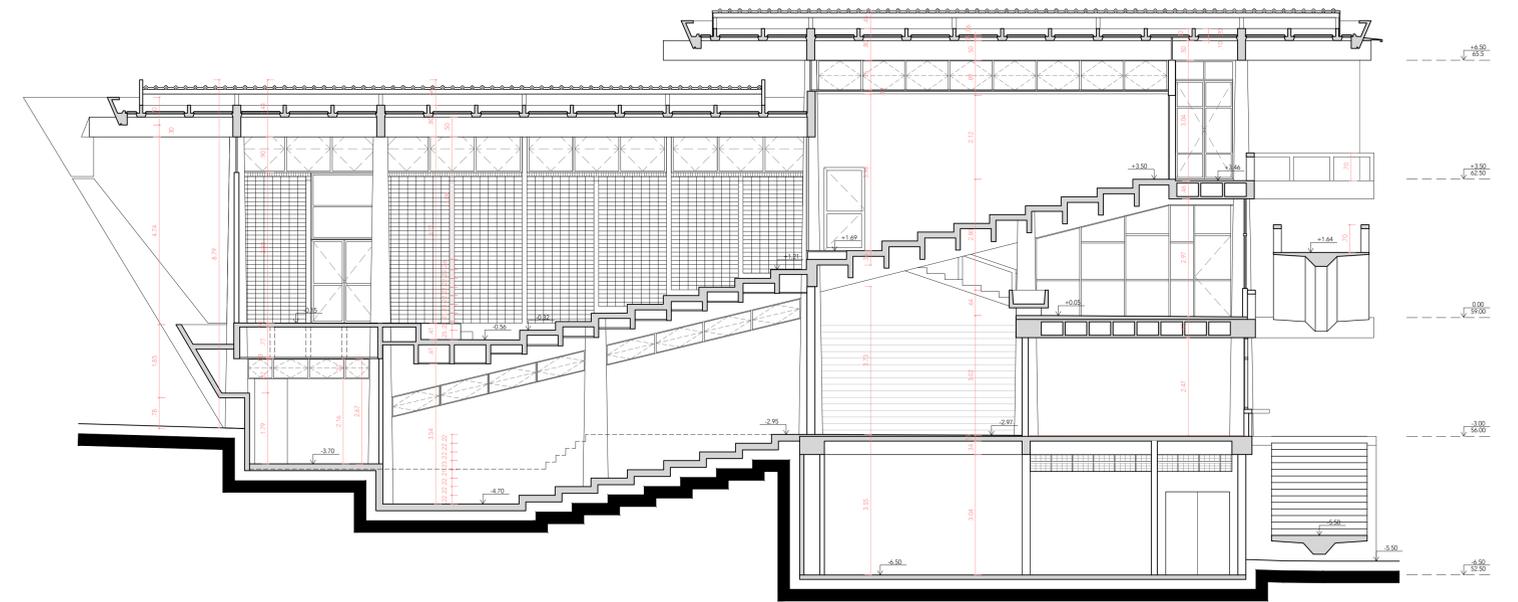
FACHADA NORTE
ESC:1/75



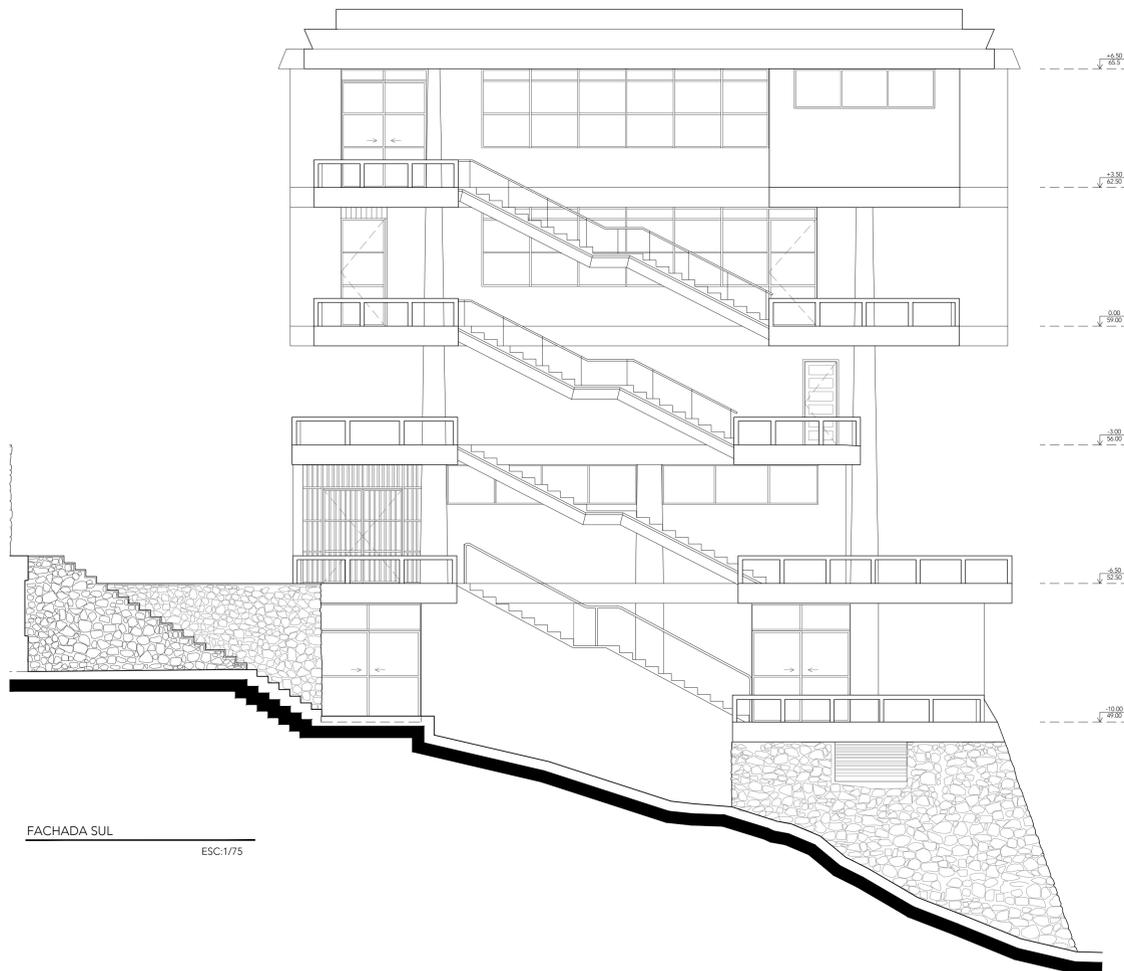
CORTE DD
ESC:1/75



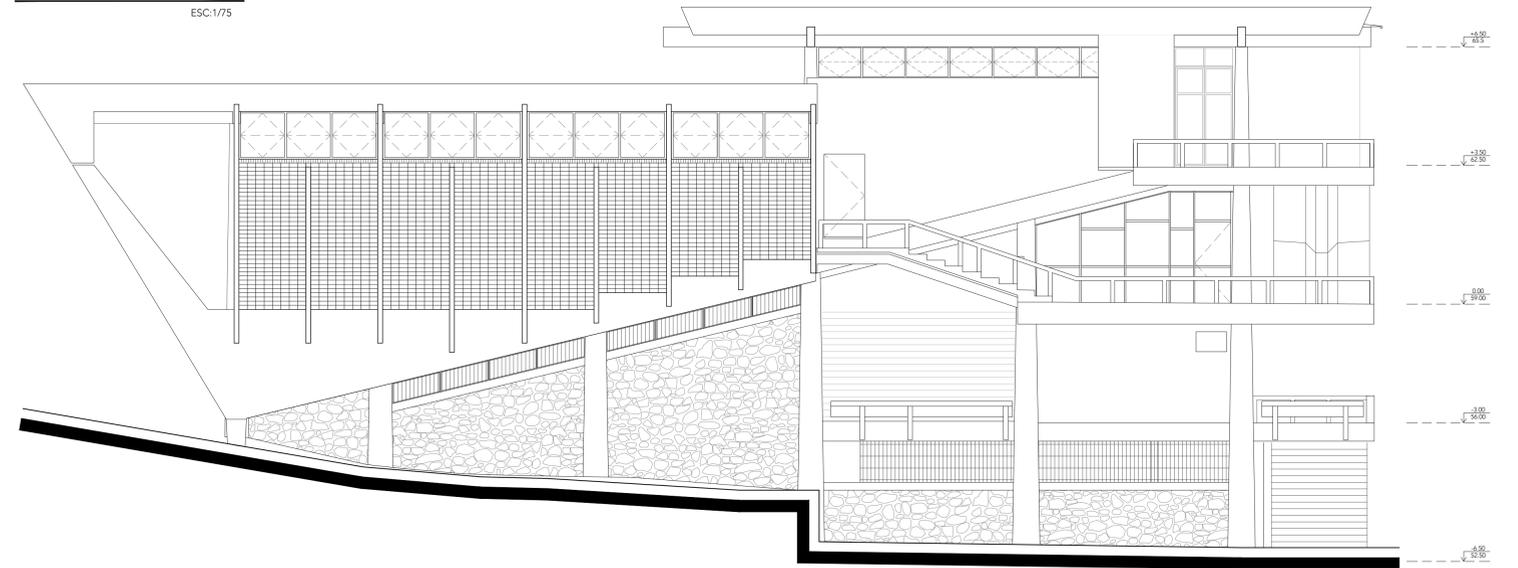
CORTE CC
ESC:1/75



CORTE EE
ESC:1/75



FACHADA SUL
ESC:1/75



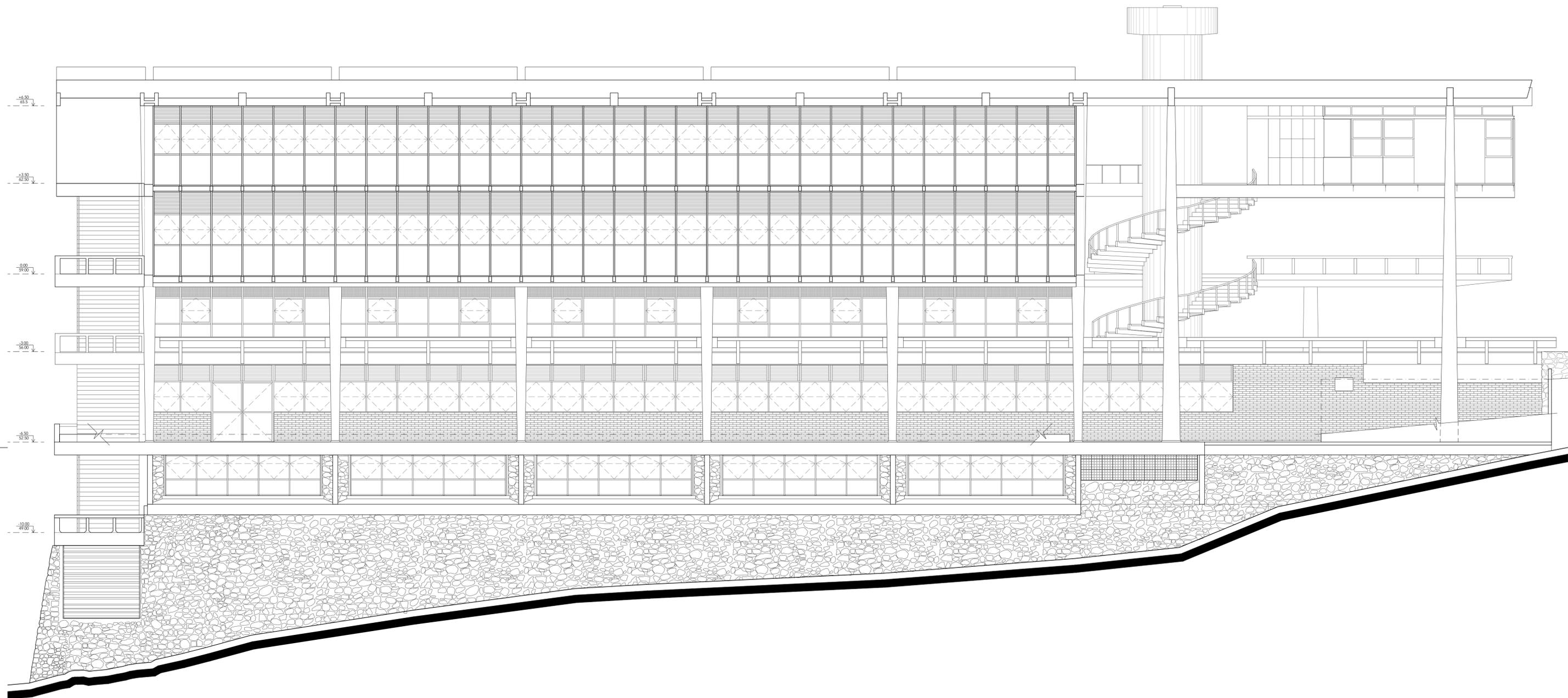
FACHADA OESTE
ESC:1/75

notas:
- Medidas em metros.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (ruam de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-CECIB - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
LOCALIZAÇÃO:
Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA
ALUNOS:
Lucas Paes Ferreira Nivaldo Andrade Jr Heliodório Sampaio

ELEVAÇÕES
(CORTE CC E EEE FACHADA OESTE E SUL)
TÍTULO:
LEVANTAMENTO ESCALA: 1/75 R01 DATA: MAR.2019 16/17



FACHADA LESTE

ESC:1/75

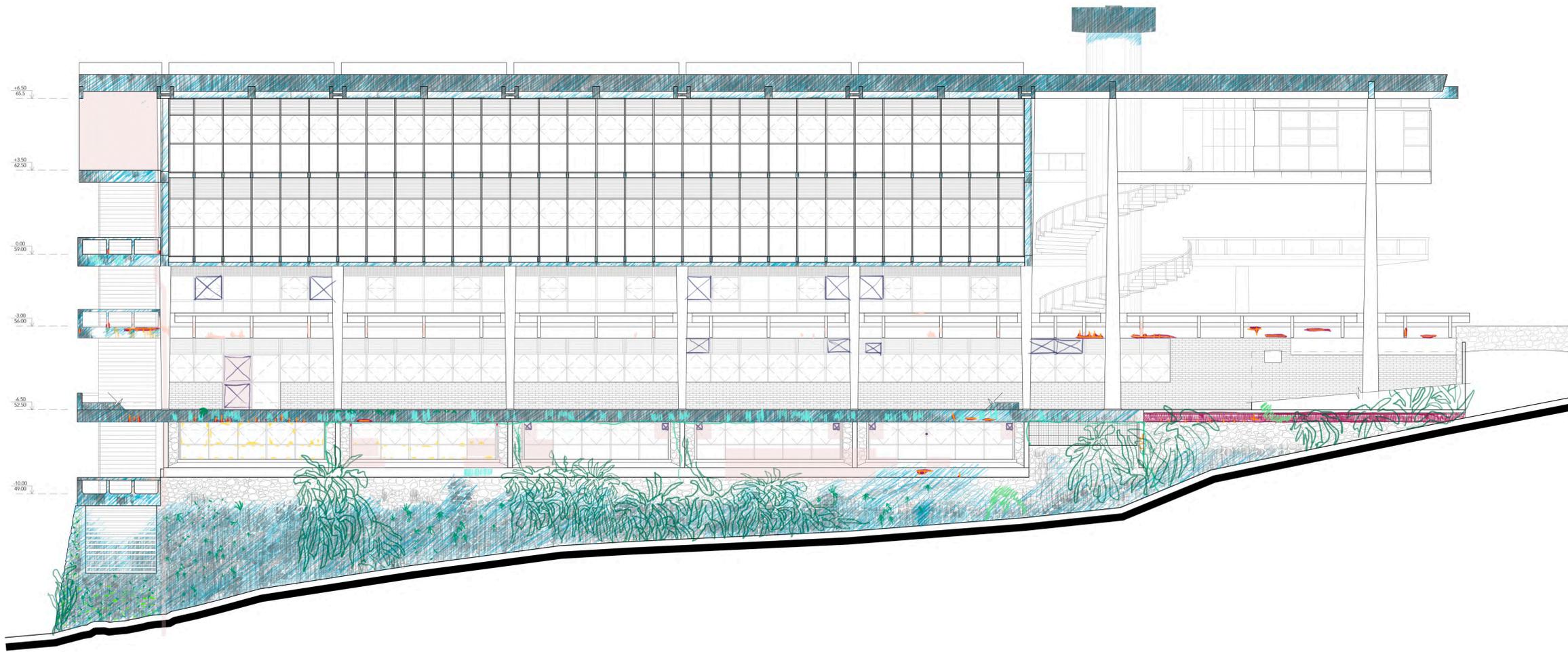
notas:
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
 E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

OBJETO
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 ENDEREÇO
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

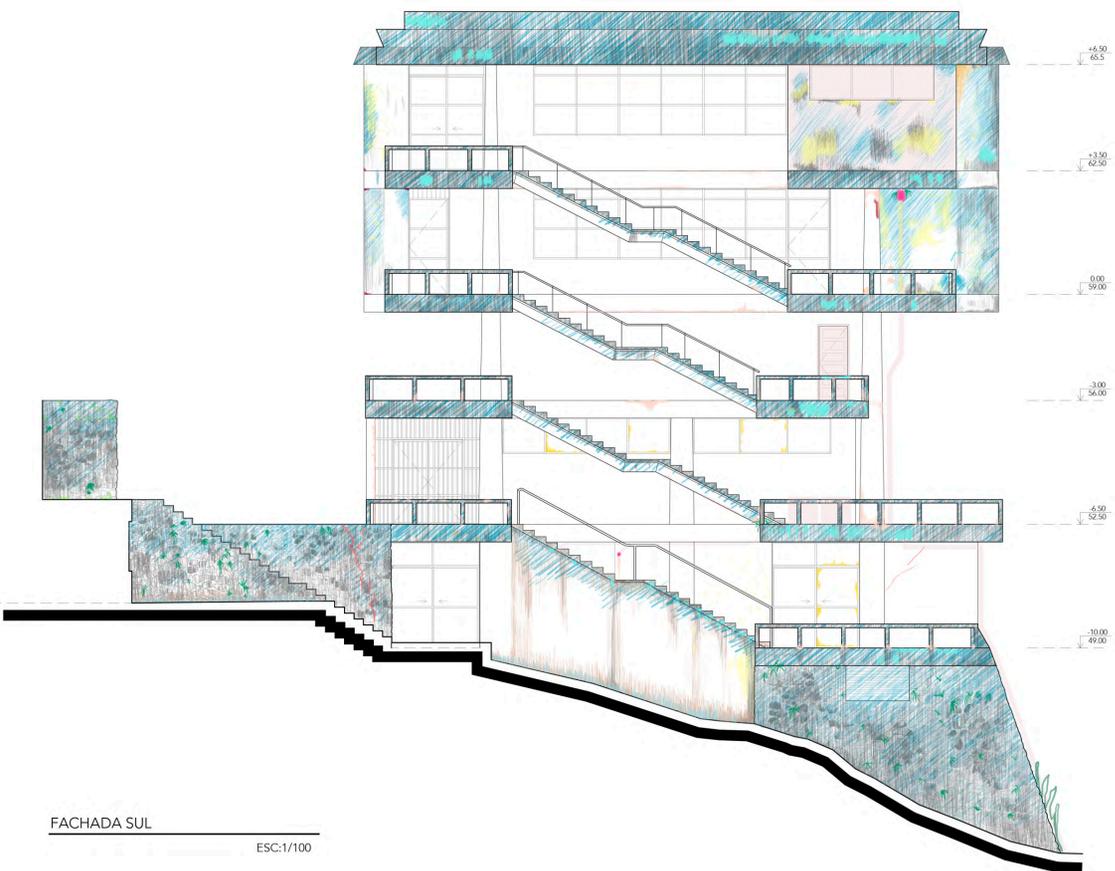
ALUNO
 Lucas Paes Ferreira
 ORIENTADOR
 Nivaldo Andrade Jr
 CO-ORIENTADOR
 Heliodório Sampaio

ASSUNTO
ELEVACOES
(FACHADA LESTE)
 TIPO DE
 LEVANTAMENTO
 ESCALA
 1:75
 REV
 R01
 DATA
 MAR 2019
 FOLHA
 17/17



FACHADA LESTE

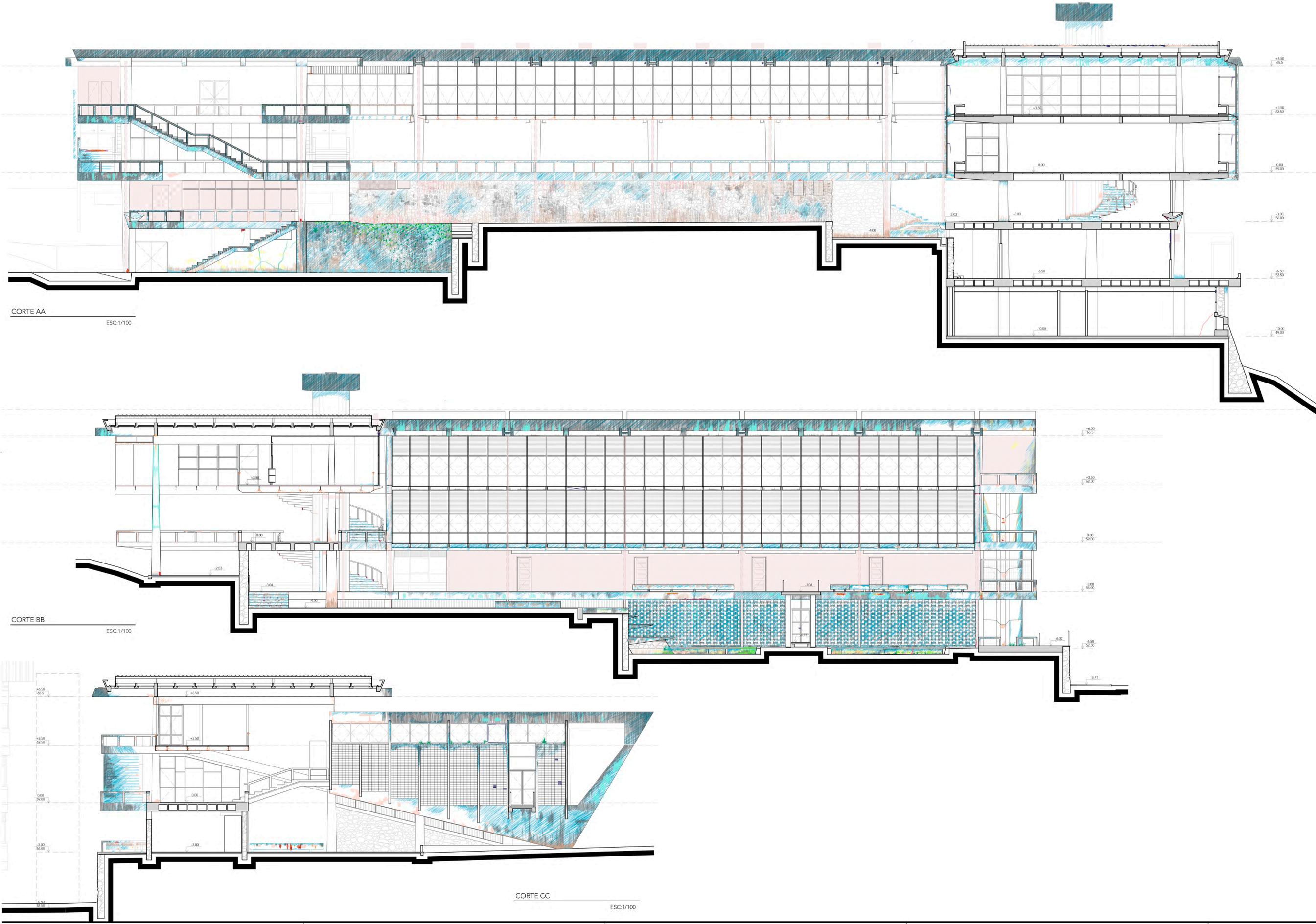
ESC:1/100



FACHADA SUL

ESC:1/100

COD.	APARÊNCIA DO DANO	AGENTE
01	MANCHA DE SUJIDADE	Ação de agentes poluentes e água
02	MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	Escorrimento de águas pluviais
03	MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	Infiltração de água por capilaridade
04	MANCHA ENEGRECIDADA	Ação de água pluvial e poluição
05	MANCHA ESBRANQUIÇADA	Migração de sais
06	SINAIS DE REPARO	Ação humana
07	MANCHA ALARANJADA	Ação de água
08	PERDA DE CAMADA PICTÓRICA	Infiltração de água
09	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação de água
10	MANCHA EM VIDRO ARAMADO	Corrosão do Arame
11	ALVENARIA DANIFICADA	Ação Humana
12	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Ação de água
13	FISURA (TRAÇÃO)	Ação de água
14	FISSURAS SUPERFICIAIS	Retração da argamassa
15	ELEMENTOS DANIFICADOS	Ação Humana
16	VEGETAÇÃO DE GRANDE PORTE	Geminção de sementes
17	VEGETAÇÃO DE MÉDIO PORTE	Geminção de sementes
18	VEGETAÇÃO DE PEQ. PORTE	Geminção de sementes
19	MICROFLORA	Geminção de sementes
20	GALEIA DE XILOFAGOS	Impregnação
21	ELEMENTOS ESPÓRIOS	Interferência direta na imagem e/ou na espacialidade do edifício, podendo haver relação com alguns dos danos identificados

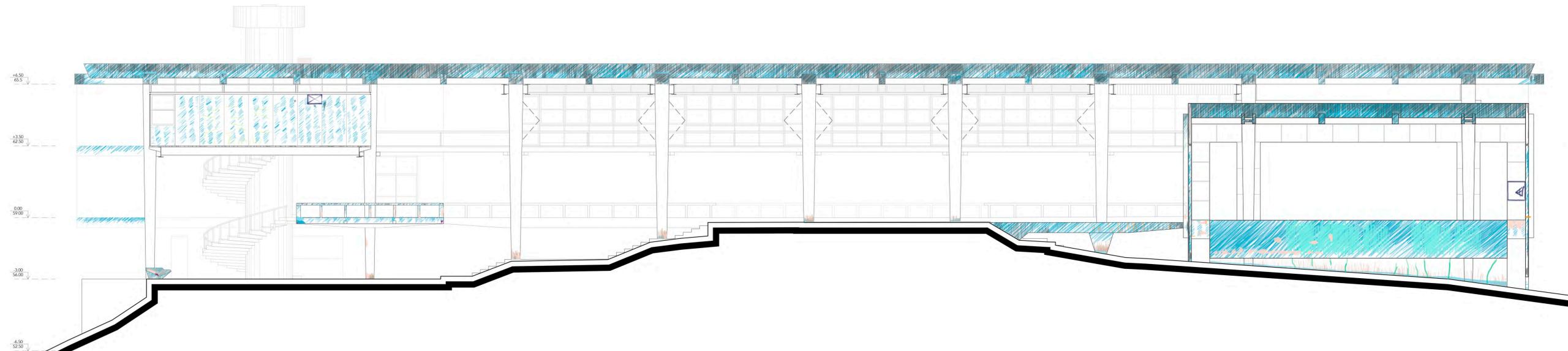


QUADRO DE DANOS		
COD.	APARÊNCIA DO DANO	AGENTE
001	MANCHA DE SUJEIDADE	Ação de agentes poluentes e água
002	MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	Escorrimento de águas pluviais
003	MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	Infiltração de água por capilaridade
004	MANCHA ENEGRECIDADA	Ação de água pluvial e poluição
005	MANCHA ESBANQUIÇADA	Migração de sais
006	SINAIS DE REPARO	Ação humana
007	MANCHA ALARANJADA	Ação de água
008	PERDA DE CAMADA PICTÓRICA	Infiltração de água
009	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação de água
010	PERDA SUPERFICIAL DO CONCRETO	Ação de água
011	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Ação de água
012	FISSURA (TRAÇÃO)	Ação de água
013	FISSURAS SUPERFICIAIS	Retração de argamassa
014	ELEMENTOS DANIFICADOS	Ação Humana
015	Pontos de oxidação	Corrosão alveolar (pitting)
016	VEGETAÇÃO DE PEQ. PORTE	Geminção de sementes
017	MICROFLORA	Geminção de sementes
018	GALERIA DE XILOFAGOS	Impregnação
019	ELEMENTOS ESPÚRIOS	Interferência direta na imagem e/ou na espacialidade do edifício, podendo haver relação com alguns dos danos identificados

CORTE AA
ESC:1/100

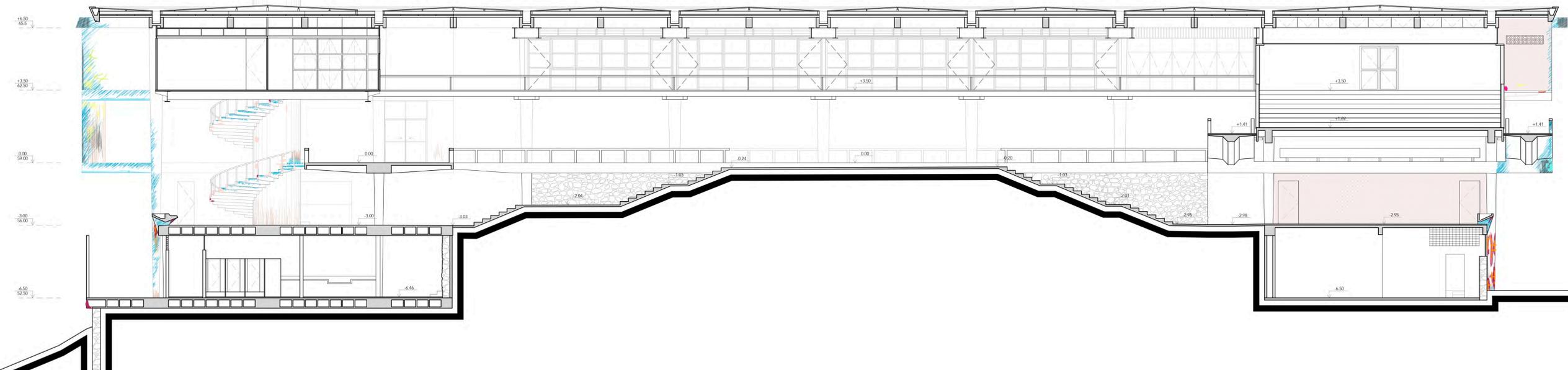
CORTE BB
ESC:1/100

CORTE CC
ESC:1/100



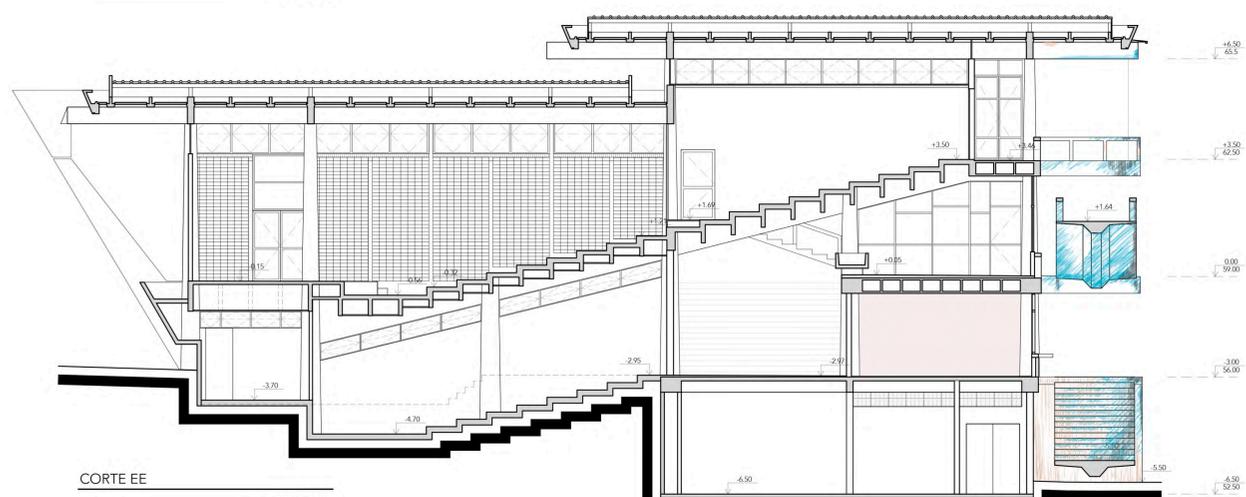
FACHADA NORTE

ESC:1/100



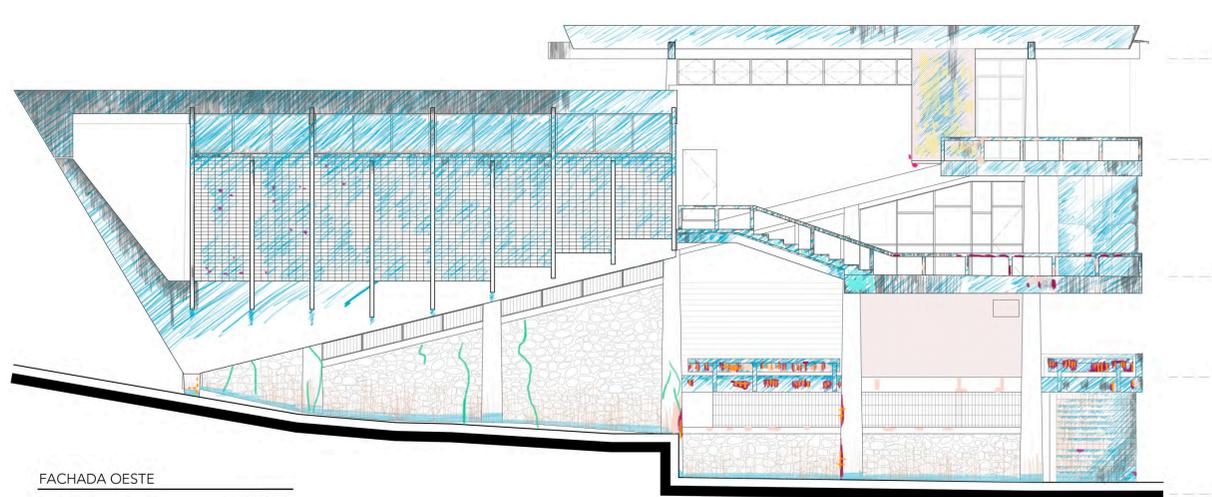
CORTE DD

ESC:1/100



CORTE EE

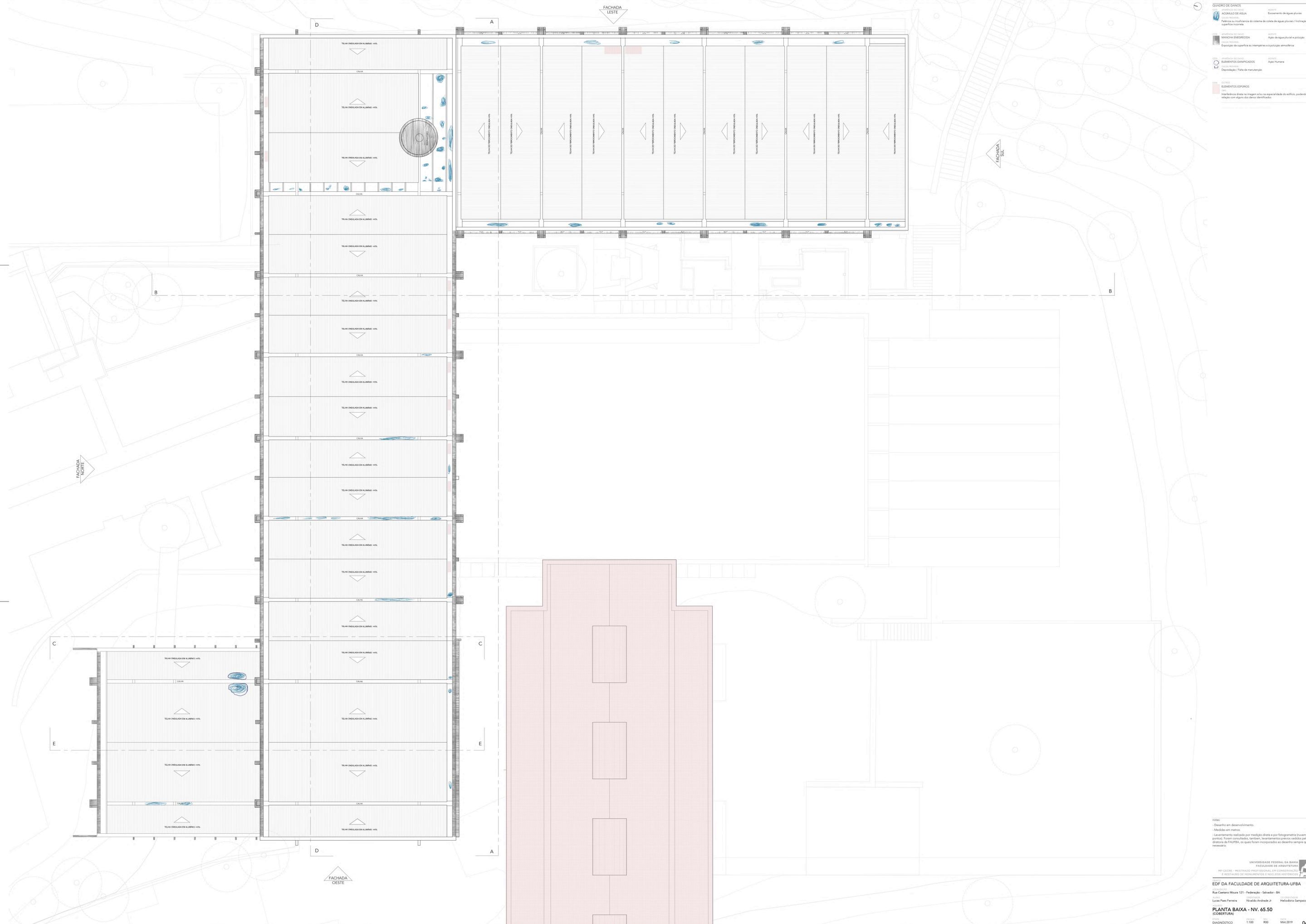
ESC:1/100



FACHADA OESTE

ESC:1/100

QUADRO DE DANOS		
COD.	APARÊNCIA DO DANO	AGENTE
001	MANCHA DE SUJIDADE	Agente de agentes poluentes e água
002	MANCHA DE ÁGUA DESCENDENTE	Esgotamento de águas pluviais
003	MANCHA DE ÁGUA ASCENDENTE	Infiltração de água por capilaridade
004	MANCHA ENEGRECIDADA	Ação da água pluvial e poluição
005	MANCHA EBRANQUIÇADA	Migração de sais
006	SINAIS DE REPARO	Ação humana
007	MANCHA ALARANJADA	Ação da água
008	PERDA DE PINTURA	Infiltração
009	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação da água
010	PERDA SUPERFICIAL DO CONCRETO	Ação da água
011	ALVENARIA DANIFICADA	Ação Humana
012	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Oxidação
013	FISSURAS SUPERFICIAIS	Retração da argamassa
014	ELEMENTOS DANIFICADOS	Ação Humana
015	VEGETAÇÃO DE PEQ. PORTE	Geminção de sementes
016	MICROFLORA	Geminção de sementes
017	GALERIA DE XILOFAGOS	Impregnação
018	ELEMENTOS ESPÚRIOS	Interferência direta na imagem e/ou na espacialidade do edifício, podendo haver relação com alguns dos danos identificados



QUADRO DE DADOS

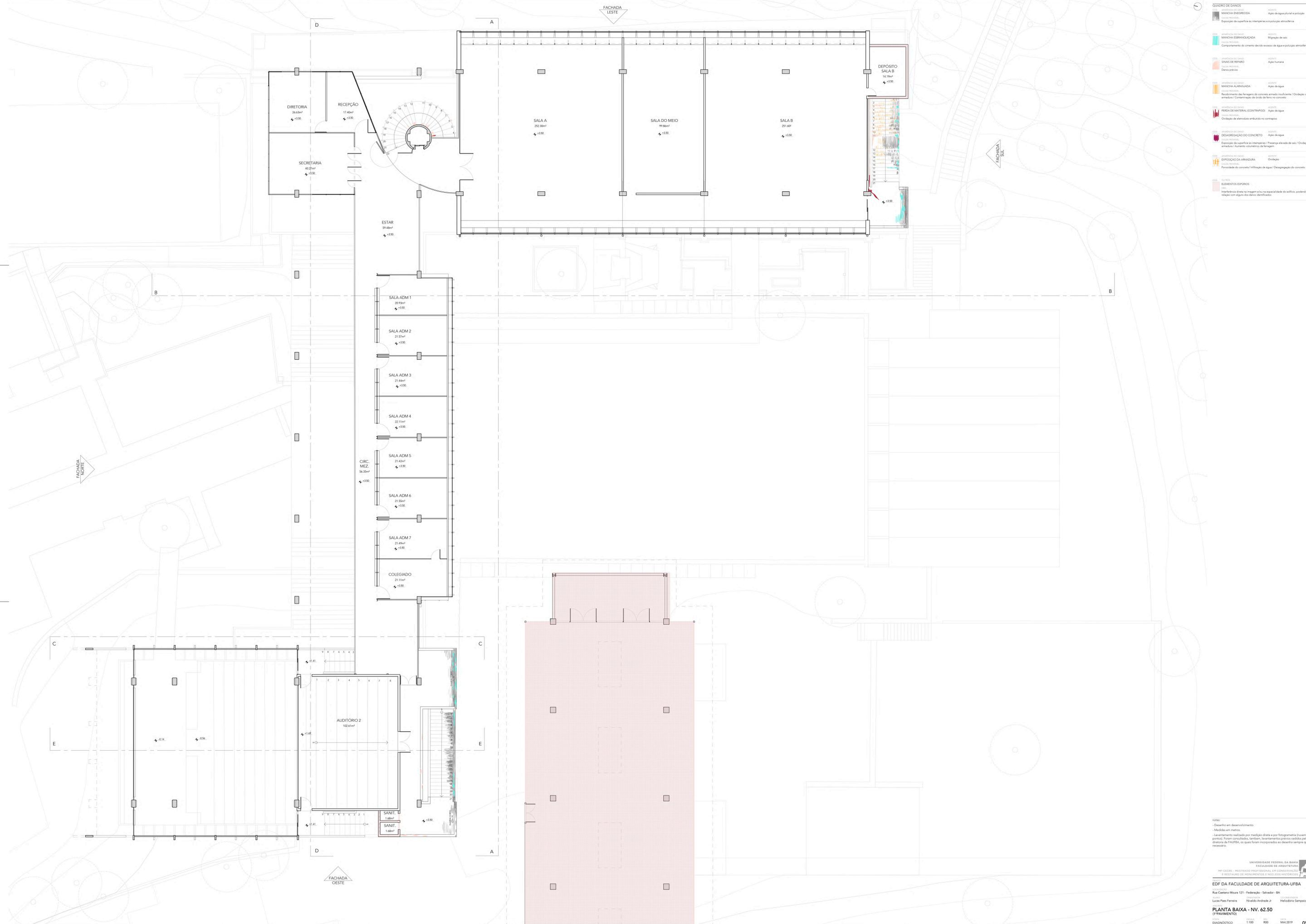
001	OPERAÇÃO DE DADOS	001	ESQUEMA DE ÁGUA PLUVIAL
002	AGUAMENTO	002	ESQUEMA DE ÁGUA PLUVIAL
003	ABRIGAMENTO DE DADOS	003	ABRIGAMENTO DE DADOS
004	ABRIGAMENTO DE DADOS	004	ABRIGAMENTO DE DADOS
005	ABRIGAMENTO DE DADOS	005	ABRIGAMENTO DE DADOS
006	ABRIGAMENTO DE DADOS	006	ABRIGAMENTO DE DADOS
007	ABRIGAMENTO DE DADOS	007	ABRIGAMENTO DE DADOS
008	ABRIGAMENTO DE DADOS	008	ABRIGAMENTO DE DADOS
009	ABRIGAMENTO DE DADOS	009	ABRIGAMENTO DE DADOS
010	ABRIGAMENTO DE DADOS	010	ABRIGAMENTO DE DADOS
011	ABRIGAMENTO DE DADOS	011	ABRIGAMENTO DE DADOS
012	ABRIGAMENTO DE DADOS	012	ABRIGAMENTO DE DADOS
013	ABRIGAMENTO DE DADOS	013	ABRIGAMENTO DE DADOS
014	ABRIGAMENTO DE DADOS	014	ABRIGAMENTO DE DADOS
015	ABRIGAMENTO DE DADOS	015	ABRIGAMENTO DE DADOS
016	ABRIGAMENTO DE DADOS	016	ABRIGAMENTO DE DADOS
017	ABRIGAMENTO DE DADOS	017	ABRIGAMENTO DE DADOS
018	ABRIGAMENTO DE DADOS	018	ABRIGAMENTO DE DADOS
019	ABRIGAMENTO DE DADOS	019	ABRIGAMENTO DE DADOS
020	ABRIGAMENTO DE DADOS	020	ABRIGAMENTO DE DADOS
021	ABRIGAMENTO DE DADOS	021	ABRIGAMENTO DE DADOS
022	ABRIGAMENTO DE DADOS	022	ABRIGAMENTO DE DADOS
023	ABRIGAMENTO DE DADOS	023	ABRIGAMENTO DE DADOS
024	ABRIGAMENTO DE DADOS	024	ABRIGAMENTO DE DADOS
025	ABRIGAMENTO DE DADOS	025	ABRIGAMENTO DE DADOS
026	ABRIGAMENTO DE DADOS	026	ABRIGAMENTO DE DADOS
027	ABRIGAMENTO DE DADOS	027	ABRIGAMENTO DE DADOS
028	ABRIGAMENTO DE DADOS	028	ABRIGAMENTO DE DADOS
029	ABRIGAMENTO DE DADOS	029	ABRIGAMENTO DE DADOS
030	ABRIGAMENTO DE DADOS	030	ABRIGAMENTO DE DADOS
031	ABRIGAMENTO DE DADOS	031	ABRIGAMENTO DE DADOS
032	ABRIGAMENTO DE DADOS	032	ABRIGAMENTO DE DADOS
033	ABRIGAMENTO DE DADOS	033	ABRIGAMENTO DE DADOS
034	ABRIGAMENTO DE DADOS	034	ABRIGAMENTO DE DADOS
035	ABRIGAMENTO DE DADOS	035	ABRIGAMENTO DE DADOS
036	ABRIGAMENTO DE DADOS	036	ABRIGAMENTO DE DADOS
037	ABRIGAMENTO DE DADOS	037	ABRIGAMENTO DE DADOS
038	ABRIGAMENTO DE DADOS	038	ABRIGAMENTO DE DADOS
039	ABRIGAMENTO DE DADOS	039	ABRIGAMENTO DE DADOS
040	ABRIGAMENTO DE DADOS	040	ABRIGAMENTO DE DADOS
041	ABRIGAMENTO DE DADOS	041	ABRIGAMENTO DE DADOS
042	ABRIGAMENTO DE DADOS	042	ABRIGAMENTO DE DADOS
043	ABRIGAMENTO DE DADOS	043	ABRIGAMENTO DE DADOS
044	ABRIGAMENTO DE DADOS	044	ABRIGAMENTO DE DADOS
045	ABRIGAMENTO DE DADOS	045	ABRIGAMENTO DE DADOS
046	ABRIGAMENTO DE DADOS	046	ABRIGAMENTO DE DADOS
047	ABRIGAMENTO DE DADOS	047	ABRIGAMENTO DE DADOS
048	ABRIGAMENTO DE DADOS	048	ABRIGAMENTO DE DADOS
049	ABRIGAMENTO DE DADOS	049	ABRIGAMENTO DE DADOS
050	ABRIGAMENTO DE DADOS	050	ABRIGAMENTO DE DADOS
051	ABRIGAMENTO DE DADOS	051	ABRIGAMENTO DE DADOS
052	ABRIGAMENTO DE DADOS	052	ABRIGAMENTO DE DADOS
053	ABRIGAMENTO DE DADOS	053	ABRIGAMENTO DE DADOS
054	ABRIGAMENTO DE DADOS	054	ABRIGAMENTO DE DADOS
055	ABRIGAMENTO DE DADOS	055	ABRIGAMENTO DE DADOS
056	ABRIGAMENTO DE DADOS	056	ABRIGAMENTO DE DADOS
057	ABRIGAMENTO DE DADOS	057	ABRIGAMENTO DE DADOS
058	ABRIGAMENTO DE DADOS	058	ABRIGAMENTO DE DADOS
059	ABRIGAMENTO DE DADOS	059	ABRIGAMENTO DE DADOS
060	ABRIGAMENTO DE DADOS	060	ABRIGAMENTO DE DADOS
061	ABRIGAMENTO DE DADOS	061	ABRIGAMENTO DE DADOS
062	ABRIGAMENTO DE DADOS	062	ABRIGAMENTO DE DADOS
063	ABRIGAMENTO DE DADOS	063	ABRIGAMENTO DE DADOS
064	ABRIGAMENTO DE DADOS	064	ABRIGAMENTO DE DADOS
065	ABRIGAMENTO DE DADOS	065	ABRIGAMENTO DE DADOS
066	ABRIGAMENTO DE DADOS	066	ABRIGAMENTO DE DADOS
067	ABRIGAMENTO DE DADOS	067	ABRIGAMENTO DE DADOS
068	ABRIGAMENTO DE DADOS	068	ABRIGAMENTO DE DADOS
069	ABRIGAMENTO DE DADOS	069	ABRIGAMENTO DE DADOS
070	ABRIGAMENTO DE DADOS	070	ABRIGAMENTO DE DADOS
071	ABRIGAMENTO DE DADOS	071	ABRIGAMENTO DE DADOS
072	ABRIGAMENTO DE DADOS	072	ABRIGAMENTO DE DADOS
073	ABRIGAMENTO DE DADOS	073	ABRIGAMENTO DE DADOS
074	ABRIGAMENTO DE DADOS	074	ABRIGAMENTO DE DADOS
075	ABRIGAMENTO DE DADOS	075	ABRIGAMENTO DE DADOS
076	ABRIGAMENTO DE DADOS	076	ABRIGAMENTO DE DADOS
077	ABRIGAMENTO DE DADOS	077	ABRIGAMENTO DE DADOS
078	ABRIGAMENTO DE DADOS	078	ABRIGAMENTO DE DADOS
079	ABRIGAMENTO DE DADOS	079	ABRIGAMENTO DE DADOS
080	ABRIGAMENTO DE DADOS	080	ABRIGAMENTO DE DADOS
081	ABRIGAMENTO DE DADOS	081	ABRIGAMENTO DE DADOS
082	ABRIGAMENTO DE DADOS	082	ABRIGAMENTO DE DADOS
083	ABRIGAMENTO DE DADOS	083	ABRIGAMENTO DE DADOS
084	ABRIGAMENTO DE DADOS	084	ABRIGAMENTO DE DADOS
085	ABRIGAMENTO DE DADOS	085	ABRIGAMENTO DE DADOS
086	ABRIGAMENTO DE DADOS	086	ABRIGAMENTO DE DADOS
087	ABRIGAMENTO DE DADOS	087	ABRIGAMENTO DE DADOS
088	ABRIGAMENTO DE DADOS	088	ABRIGAMENTO DE DADOS
089	ABRIGAMENTO DE DADOS	089	ABRIGAMENTO DE DADOS
090	ABRIGAMENTO DE DADOS	090	ABRIGAMENTO DE DADOS
091	ABRIGAMENTO DE DADOS	091	ABRIGAMENTO DE DADOS
092	ABRIGAMENTO DE DADOS	092	ABRIGAMENTO DE DADOS
093	ABRIGAMENTO DE DADOS	093	ABRIGAMENTO DE DADOS
094	ABRIGAMENTO DE DADOS	094	ABRIGAMENTO DE DADOS
095	ABRIGAMENTO DE DADOS	095	ABRIGAMENTO DE DADOS
096	ABRIGAMENTO DE DADOS	096	ABRIGAMENTO DE DADOS
097	ABRIGAMENTO DE DADOS	097	ABRIGAMENTO DE DADOS
098	ABRIGAMENTO DE DADOS	098	ABRIGAMENTO DE DADOS
099	ABRIGAMENTO DE DADOS	099	ABRIGAMENTO DE DADOS
100	ABRIGAMENTO DE DADOS	100	ABRIGAMENTO DE DADOS

NOTAS:
 - Desenho em desenvolvimento.
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (travessia de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela Diretoria de FURPEA, de qual foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECIB - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURÃO DE MONUMENTOS E LUGARES HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
 Rua Cláudio Moura 121 - Federação - Salvador - BA
 Lúcia Paes Ferreira - Nivaldo Andrade Jr. - Helódoro Sampaio

PLANTA BAIXA - NV. 65.50
 (COBERTURA)
 DIAGNÓSTICO
 1:100
 MAI/2019



QUADRO DE DANOS	TIPO DE DANOS	CAUSAS
001	MANCHA INDEBIDA	Ação de água pluvial e poluição
002	MANCHA ESBRAQUEADA	Migração de sais
003	COMPORTAMENTO DO CONCRETO DEVIDO ACESSO DE ÁGUA E POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA	
004	INSTRUMENTAÇÃO DE DANOS	
005	SINAIS DE REPARO	Ação humana
006	DEFORMAÇÕES	
007	MANCHA ALBARELADA	Ação de água
008	REABOLAMENTO DAS FERRELAGENS DE CONCRETO ARMADO/INCLUSAÇÃO / OCLUSÃO DE ARMADURA / CONTRAÇÃO DE SÓLIDO DE FERRO NO CONCRETO	
009	PERDA DE MATERIAL (CONTRAFIOS)	Ação de água
010	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação de água
011	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação de água
012	EXPANSÃO DA ARMADURA	Oclusão
013	PERDIDA DE MATERIAIS	
014	PERDIDA DE MATERIAIS	
015	PERDIDA DE MATERIAIS	
016	PERDIDA DE MATERIAIS	
017	PERDIDA DE MATERIAIS	
018	PERDIDA DE MATERIAIS	
019	PERDIDA DE MATERIAIS	
020	PERDIDA DE MATERIAIS	
021	PERDIDA DE MATERIAIS	
022	PERDIDA DE MATERIAIS	
023	PERDIDA DE MATERIAIS	
024	PERDIDA DE MATERIAIS	
025	PERDIDA DE MATERIAIS	
026	PERDIDA DE MATERIAIS	
027	PERDIDA DE MATERIAIS	
028	PERDIDA DE MATERIAIS	
029	PERDIDA DE MATERIAIS	
030	PERDIDA DE MATERIAIS	
031	PERDIDA DE MATERIAIS	
032	PERDIDA DE MATERIAIS	
033	PERDIDA DE MATERIAIS	
034	PERDIDA DE MATERIAIS	
035	PERDIDA DE MATERIAIS	
036	PERDIDA DE MATERIAIS	
037	PERDIDA DE MATERIAIS	
038	PERDIDA DE MATERIAIS	
039	PERDIDA DE MATERIAIS	
040	PERDIDA DE MATERIAIS	
041	PERDIDA DE MATERIAIS	
042	PERDIDA DE MATERIAIS	
043	PERDIDA DE MATERIAIS	
044	PERDIDA DE MATERIAIS	
045	PERDIDA DE MATERIAIS	
046	PERDIDA DE MATERIAIS	
047	PERDIDA DE MATERIAIS	
048	PERDIDA DE MATERIAIS	
049	PERDIDA DE MATERIAIS	
050	PERDIDA DE MATERIAIS	

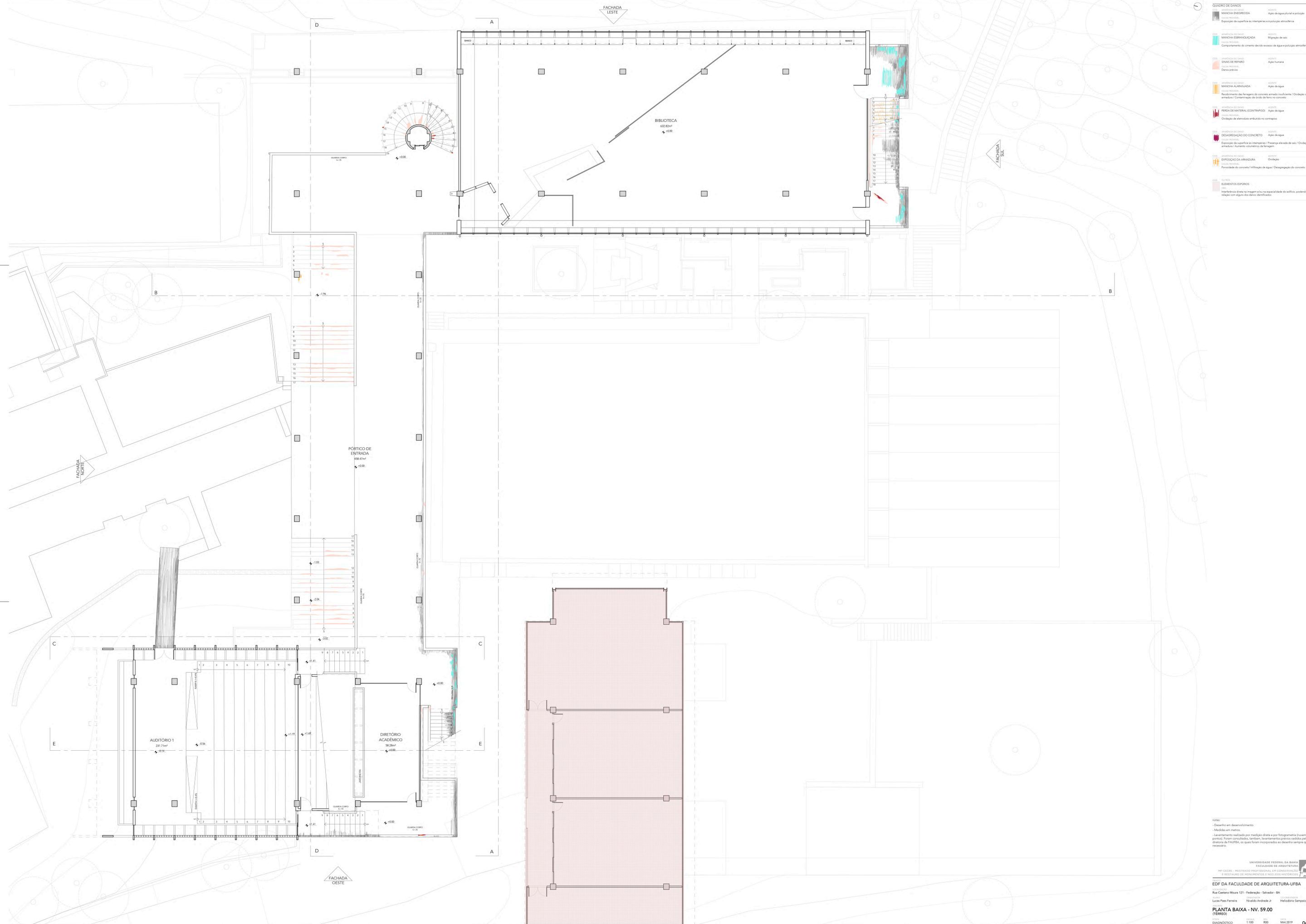
NOTAS:

- Desenho em desenvolvimento.
- Medida em metros.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (travessia de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela Diretoria de Patrimônio, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MP-02/CEB - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAR DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
RUA CLAYTON MOURA 121 - FEDERAÇÃO - SALVADOR - BA
LUCAS PAUL FERRERIA - NIVEL: ANDAR 2º
HELIOBRO SAMPAYO

PLANTA BAIXA - NV. 62.50 (1º ANDAR)
DIAGNÓSTICO
1:100 800
MAY 2019 05/09



QUADRO DE DANOS	IDENTIFICADOR	DESCRIÇÃO
001	MANCHA INDETERMINADA	Ação de água pluvial e poluição
002	MANCHA ESCURACIÇÃO	Migração de sais
003	MANCHA ALBIFORME	Comportamento do concreto devido a ação de água e poluição atmosférica
004	INCRUSTAÇÃO DE SAIS	Ação de sais
005	INCRUSTAÇÃO DE SAIS	Ação humana
006	INCRUSTAÇÃO DE SAIS	Depositos
007	MANCHA ALBIFORME	Ação de água
008	MANCHA ALBIFORME	Resquebraçamento das ferragens de concreto armado malfeitas / Oclusão de armadura / Contaminação de ácidos de ferro no concreto
009	PERDA DE MATERIAL (CONTRAFIOS)	Ação de água
010	PERDA DE MATERIAL (CONTRAFIOS)	Oclusão de armadura embutido no concreto
011	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Ação de água
012	DESAGREGAÇÃO DO CONCRETO	Resquebraçamento das ferragens de concreto armado malfeitas / Oclusão de armadura / Aumento volumétrico de ferragem
013	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Oclusão de armadura
014	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Permeabilidade do concreto / Infiltração de água / Desagregação do concreto
015	ELEMENTOS ESPÁRIOS	Interferência direta na imagem e/ou na espacialidade do edifício, podendo haver relação com alguns dos danos identificados

NOTAS:

- Desenho em desenvolvimento.
- Medida em metros.
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (travessia de pontão). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela Diretoria de FAP/UFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA

MP-02/CEB - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURÃO DE MONUMENTOS E LUGARES HISTÓRICOS

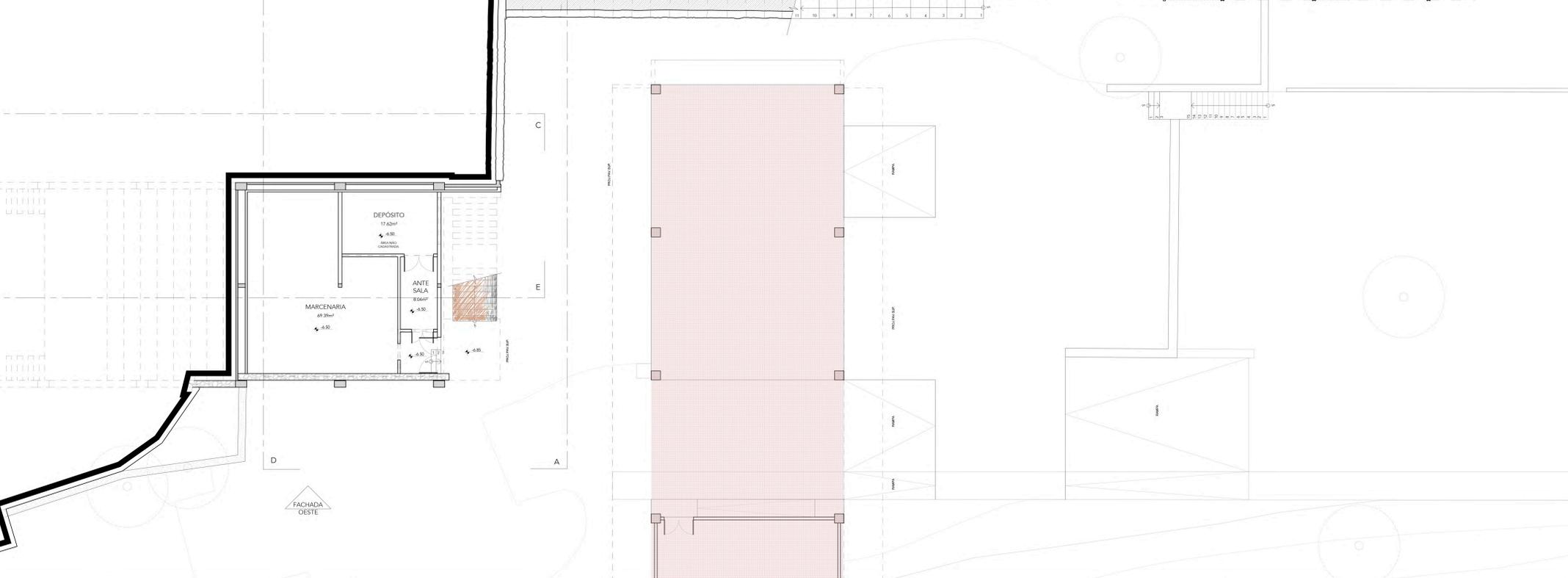
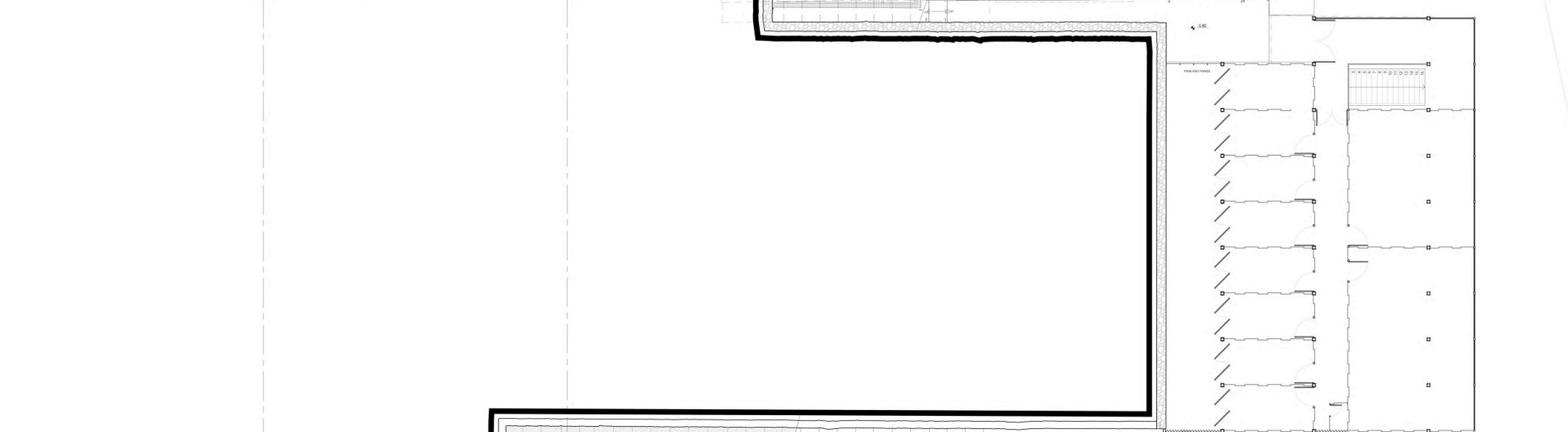
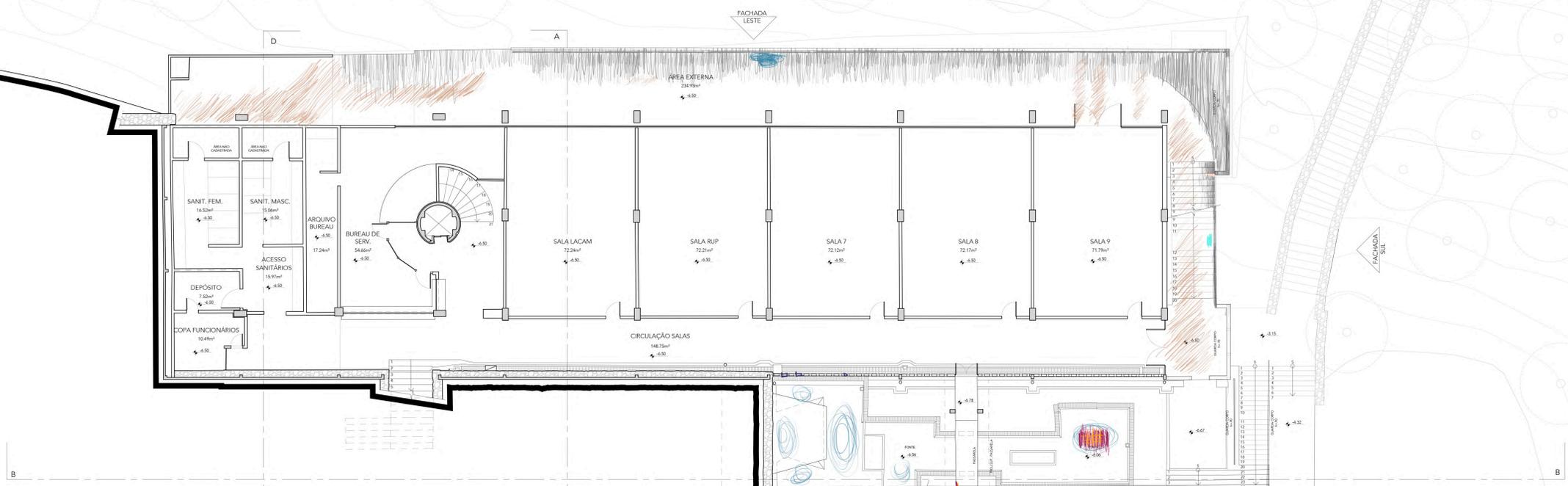
EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA

Rua Cláudio Moura 121 - Federação - Salvador - BA

Luís Paes Faria Nivaldo Andrade Jr Helódoro Sampaio

PLANTA BAIXA - NV. 59.00 (TÉRREO)

DIAGNÓSTICO 1:100 800 1000 MAI/2019 06/09



QUADRO DE DANOS	TIPO DE DANOS	CAUSAS
MANCHA DE SAÚDE	Mancha de saúde	Ação de agentes poluentes e água
ACUMULO DE ÁGUA	Acúmulo de água	Escorrimento de águas pluviais
MANCHA INDEBECIDA	Mancha indebecida	Fabrica ou molhagem do sistema de água pluvial / Infiltração de águas pluviais
MANCHA ESTRANHA	Mancha estranha	Exposição de superfícies às intempéries e à poluição atmosférica
MANCHA DE CIMENTO	Mancha de cimento	Exposição de superfícies às intempéries e à poluição atmosférica
MANCHA DE CIMENTO	Mancha de cimento	Exposição de superfícies às intempéries e à poluição atmosférica
ELEMENTOS DANIFICADOS	ELEMENTOS DANIFICADOS	Ações Humanas
DEGRADAÇÃO DO CONCRETO	DEGRADAÇÃO DO CONCRETO	Exposição de superfícies às intempéries / Presença elevada de sais / Obstrução de arrebudas / Aumento volumétrico de ferragem
EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	EXPOSIÇÃO DA ARMADURA	Obstrução
POSSIBILIDADE DE CONCRETAR	POSSIBILIDADE DE CONCRETAR	Exposição de superfícies às intempéries / Infiltração de água / Desagregação do concreto

NOTAS:

- Desenho em desenvolvimento
- Medidas em metros
- Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (ruas de pontos). Foram consultadas, também, levantamentos prévios cedidos pela Diretoria de FURB/BA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
MPC/CEBR - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURÃO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA
Rua Cantarino Moura 121 - Federação - Salvador - BA
COORDENADOR: Nelson de Sá
PROFESSORES: Nelson de Sá, Heloísa Sampaio
LUCAS PAES FERREIRA, NIVALDO ANDRADE JR.

PLANTA BAIXA - NV. S2.S0
(2º SUBSÓLO)

DIAGNÓSTICO 1:100 R00
MÁI 2019 08/09



QUADRO DE DANOS

COD.	APARÊNCIA DO DANO	AGENTE
1	MANCHA DE SUJEIDADE CAUSA PROVÁVEL: Acúmulo de material orgânico e inorgânico / Falta de manutenção e limpeza regulares	Ação de agentes poluentes e água
2	ACÚMULO DE ÁGUA CAUSA PROVÁVEL: Falência ou insuficiência do sistema de coleta de águas pluviais / Inclinação da superfície incorreta.	Esgoamento de águas pluviais
3	MANCHA ENEGRECIDADA CAUSA PROVÁVEL: Exposição da superfície às intempéries e à poluição atmosférica	Ação de água pluvial e poluição
4	FISSURA (TRAÇÃO) - PAREDES CAUSA PROVÁVEL: Drenagem defeituosa / Movimentação do solo / Sobrecarga de contenção / Tração do material (alvenarias de pedra e tijolo)	Ação de água

notas:
 - Desenho em desenvolvimento.
 - Medidas em metros.
 - Levantamento realizado por medição direta e por fotogrametria (nuvem de pontos). Foram consultados, também, levantamentos prévios cedidos pela diretoria da FAUFBA, os quais foram incorporados ao desenho sempre que necessário.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CÉCRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

EDF DA FACULDADE DE ARQUITETURA-UFBA

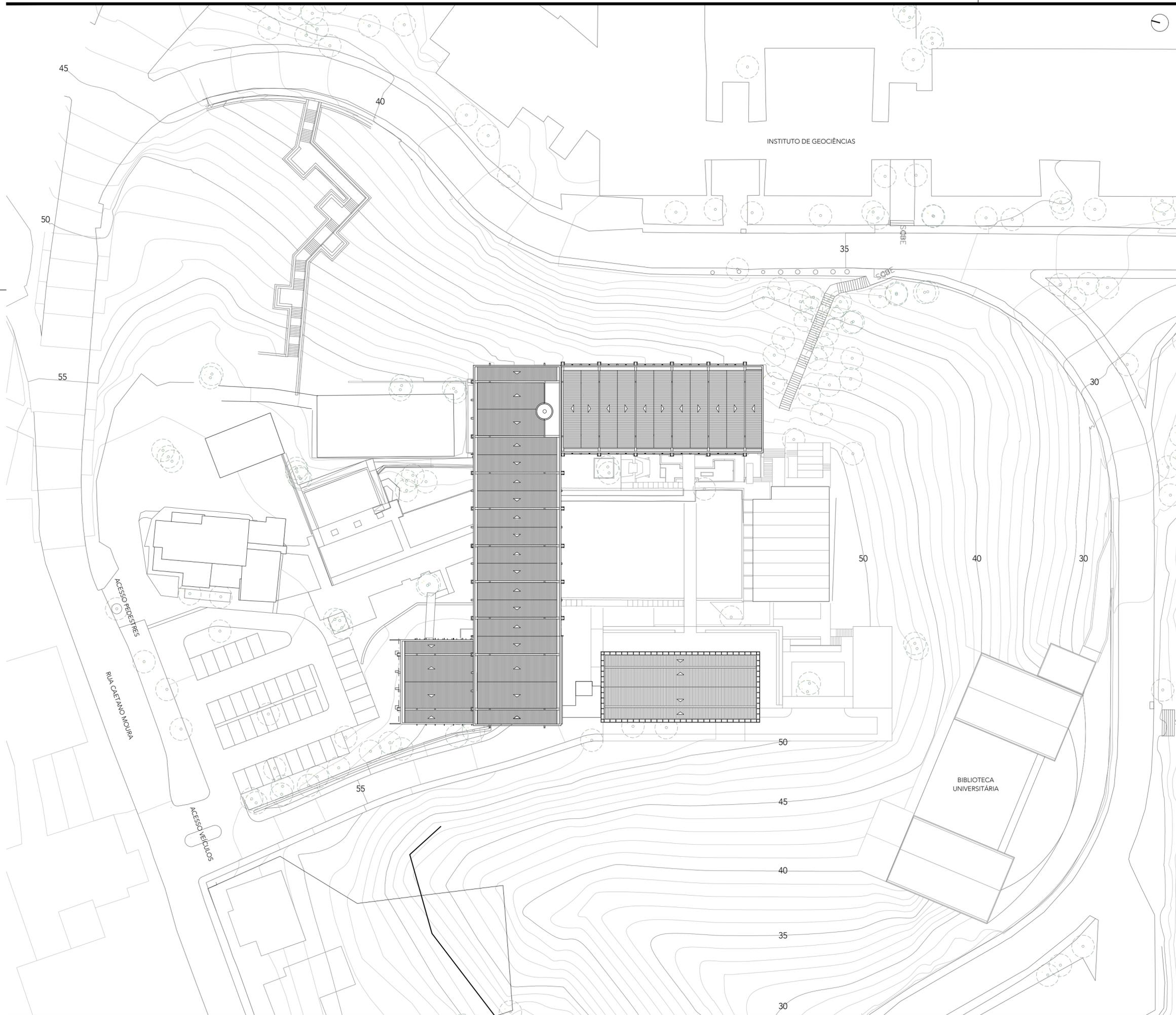
LOCALIZAÇÃO
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA

ALUNO: Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR: Nivaldo Andrade Jr CO-ORIENTADOR: Heliodório Sampaio

PLANTA BAIXA - NV. 49.00
 (3º SUBSOLO)

ETAPA: DIAGNÓSTICO ESCALA: 1:100 REV: R00 DATA: MAI.2019 FOLHA: 09/09

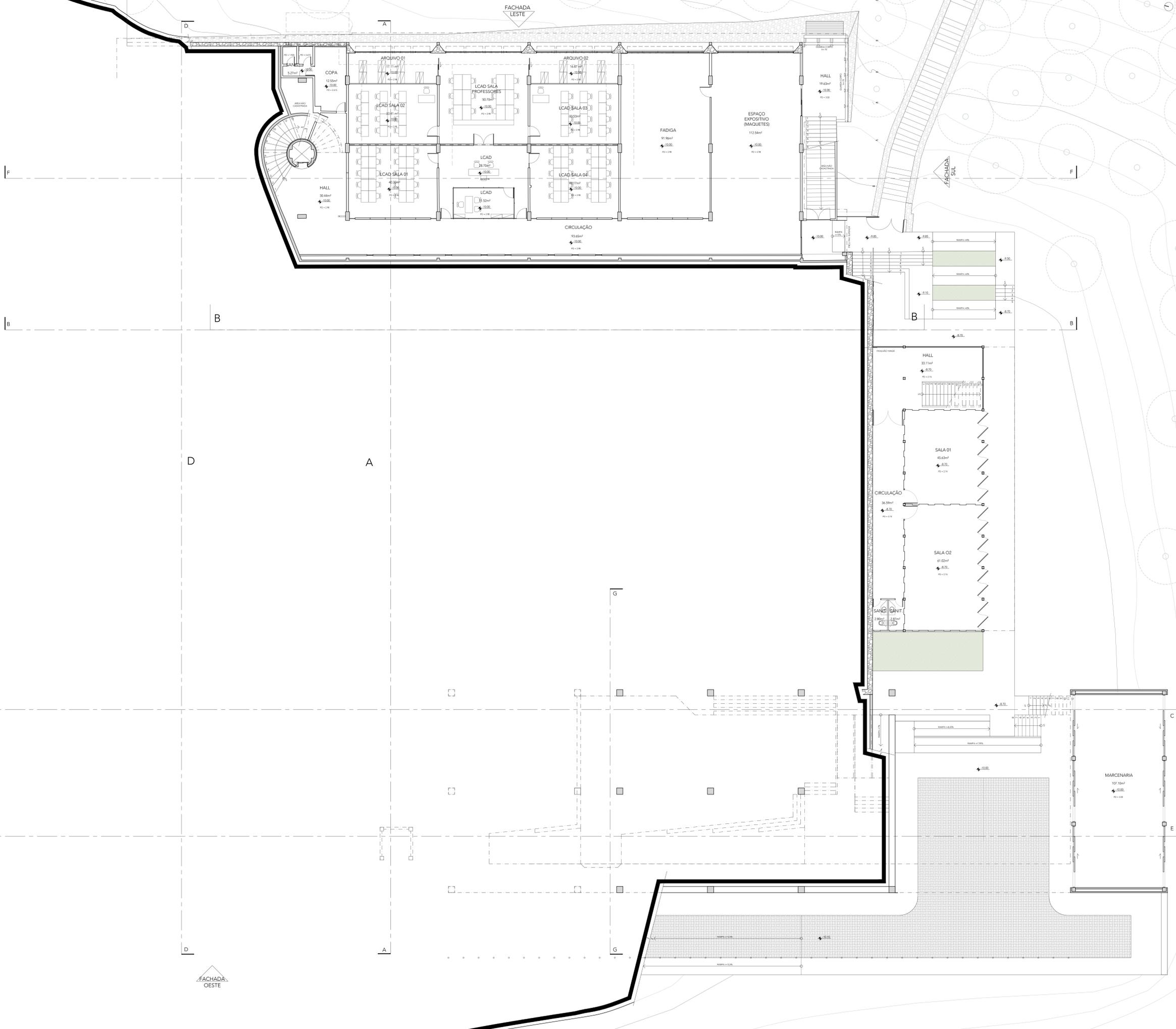
MFC-FAUFBA
 diagnostico\PLANTAS_100 - R00.dwg

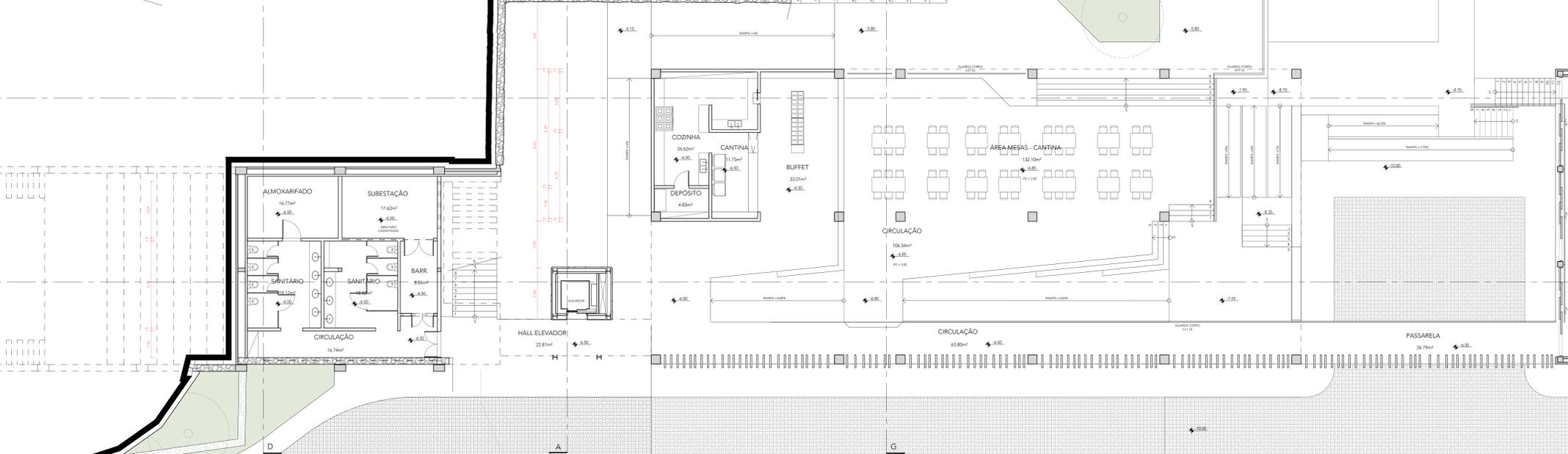
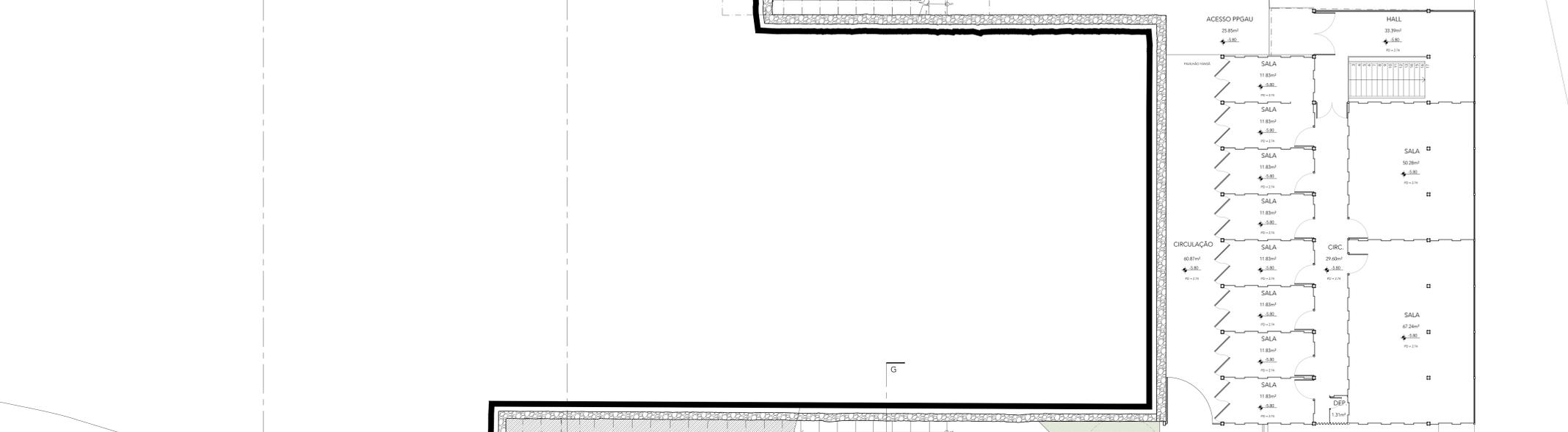
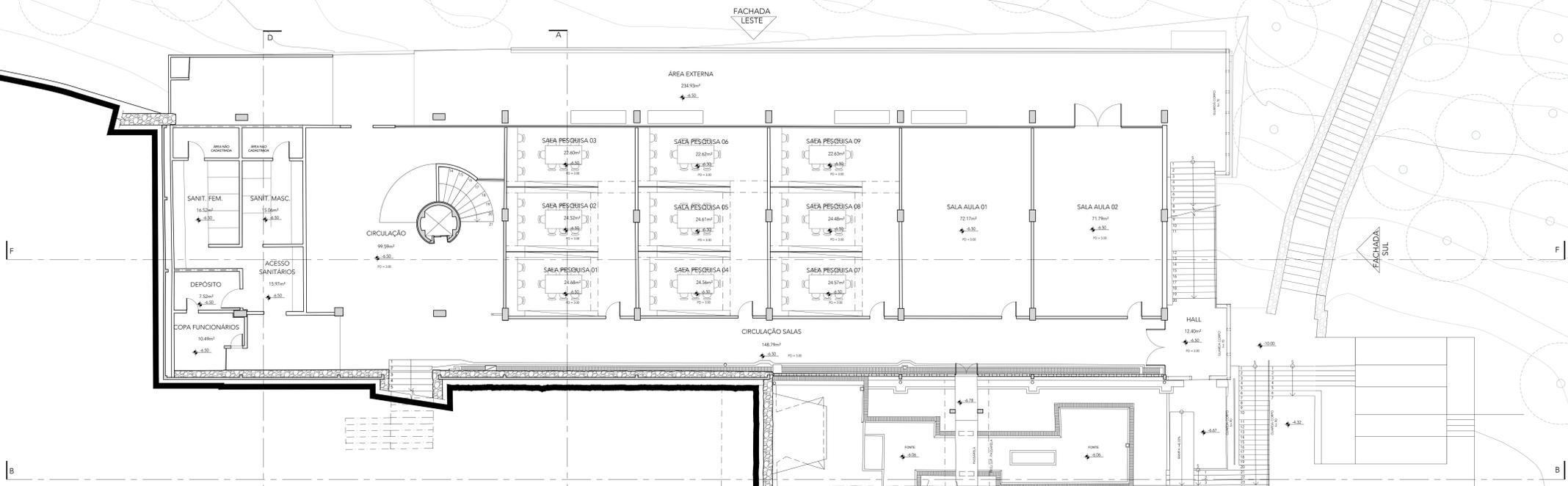


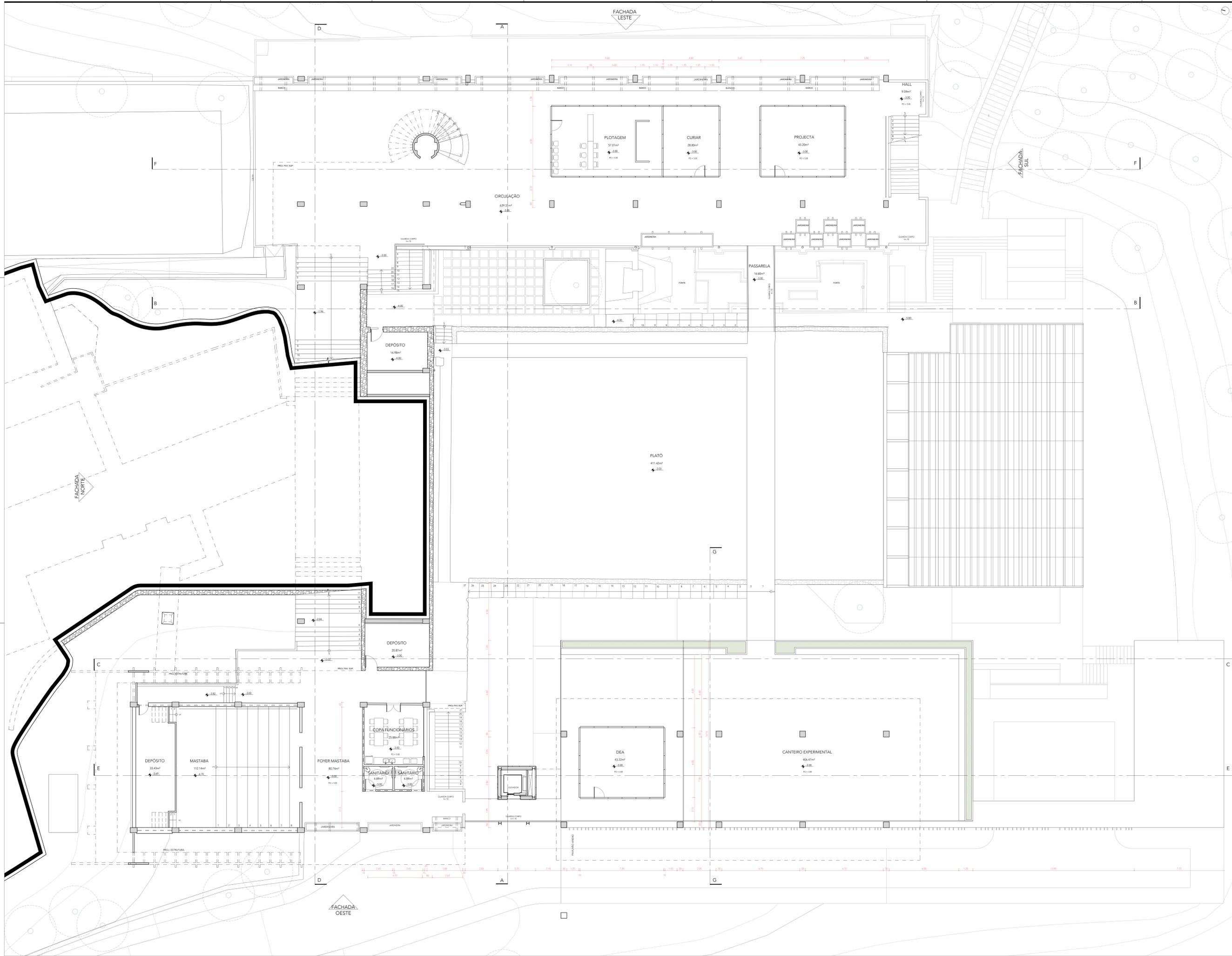
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 FACULDADE DE ARQUITETURA
 MP-CECRE - MESTRADO PROFISSIONAL EM CONSERVAÇÃO
 E RESTAURO DE MONUMENTOS E NÚCLEOS HISTÓRICOS

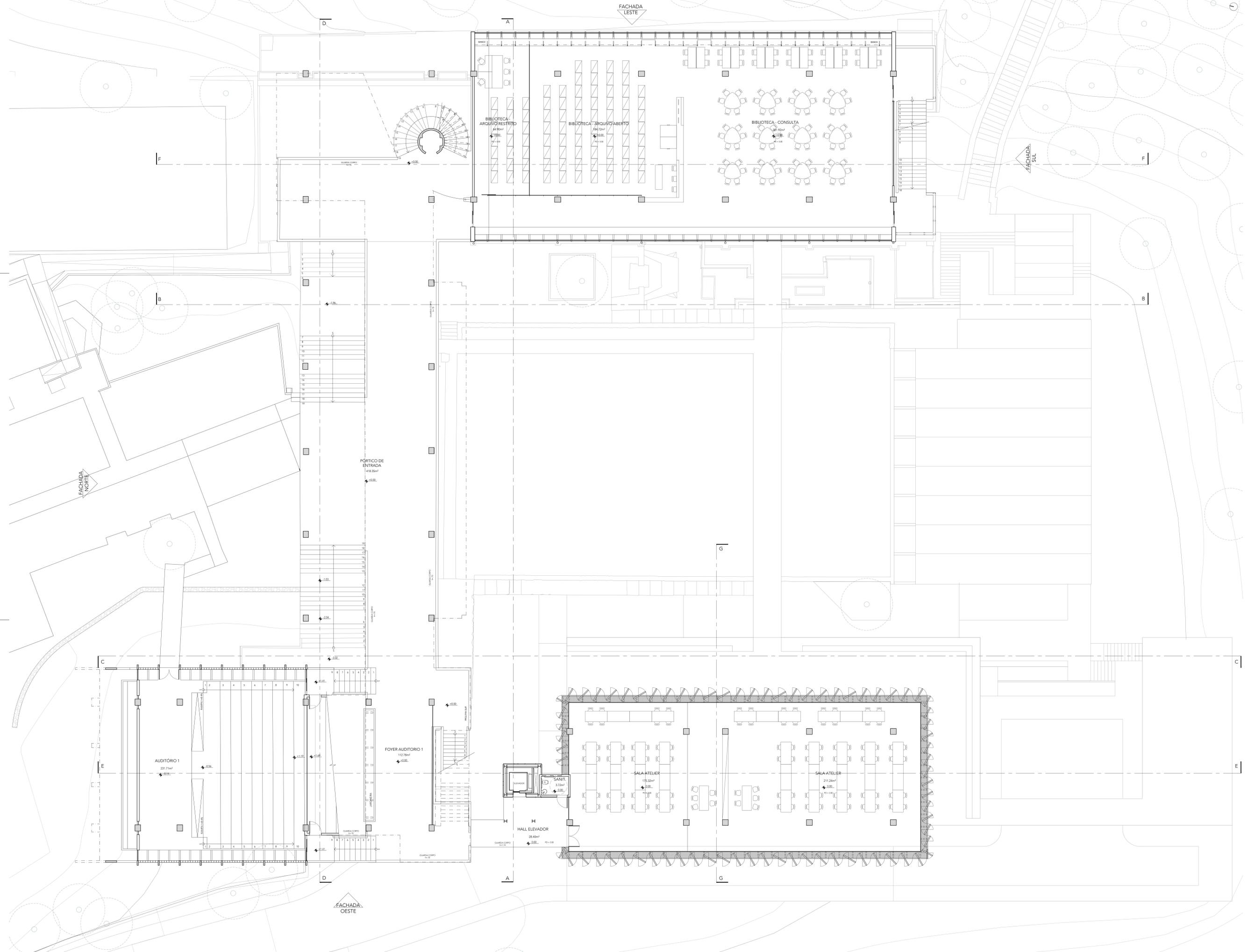
OBJETO
EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ARQUITETURA - UFBA
 LOCALIZAÇÃO
 Rua Caetano Moura 121 - Federação - Salvador - BA
 ALUNO Lucas Paes Ferreira ORIENTADOR Nivaldo Andrade Junior CO-ORIENTADOR Heliodório Sampaio
 ASSUNTO
PLANTA DE SITUAÇÃO

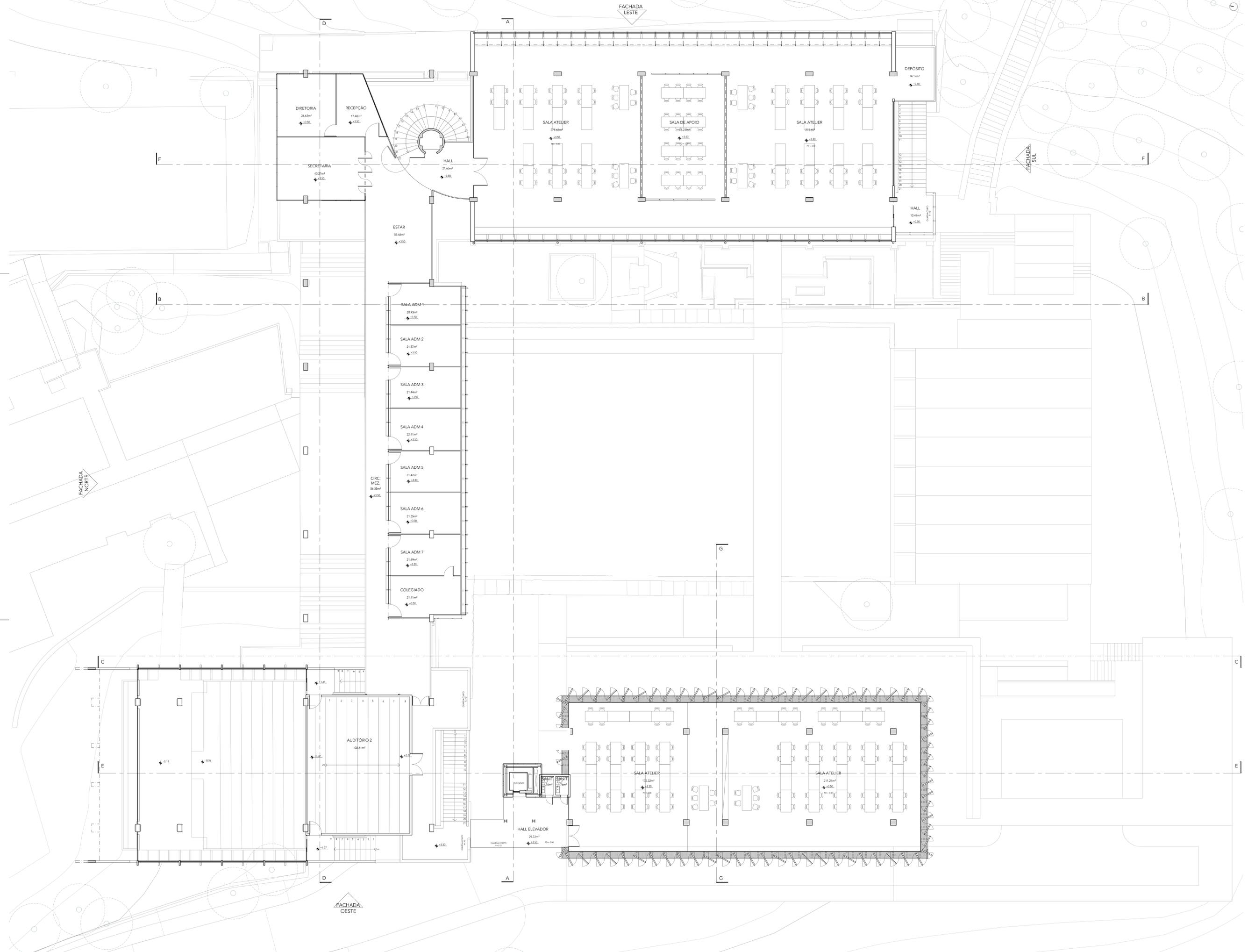
ETAPA PROJETO ESCALA 1:500 REV. R00 DATA FEV. 2020 FOLHA 01/18

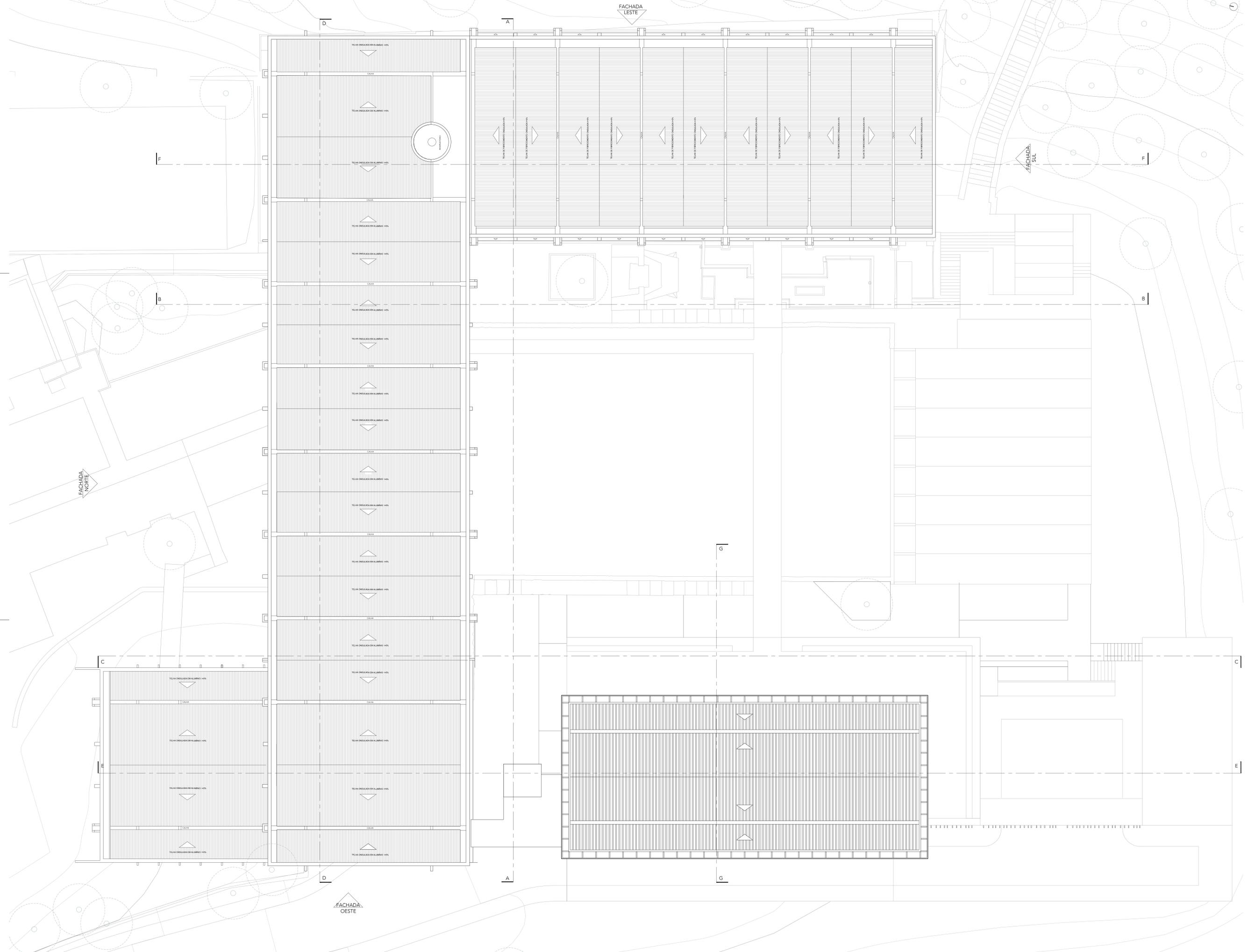


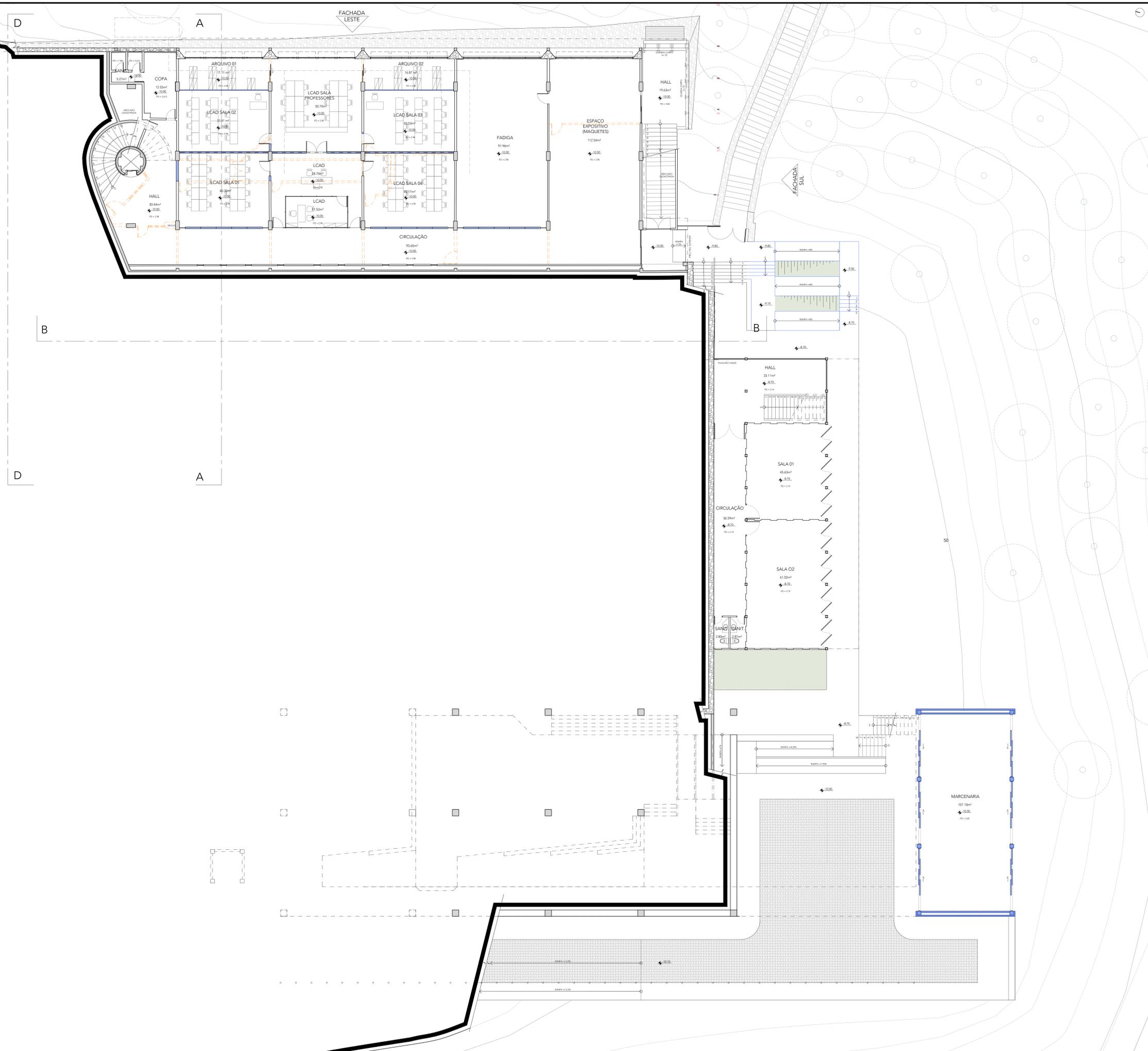




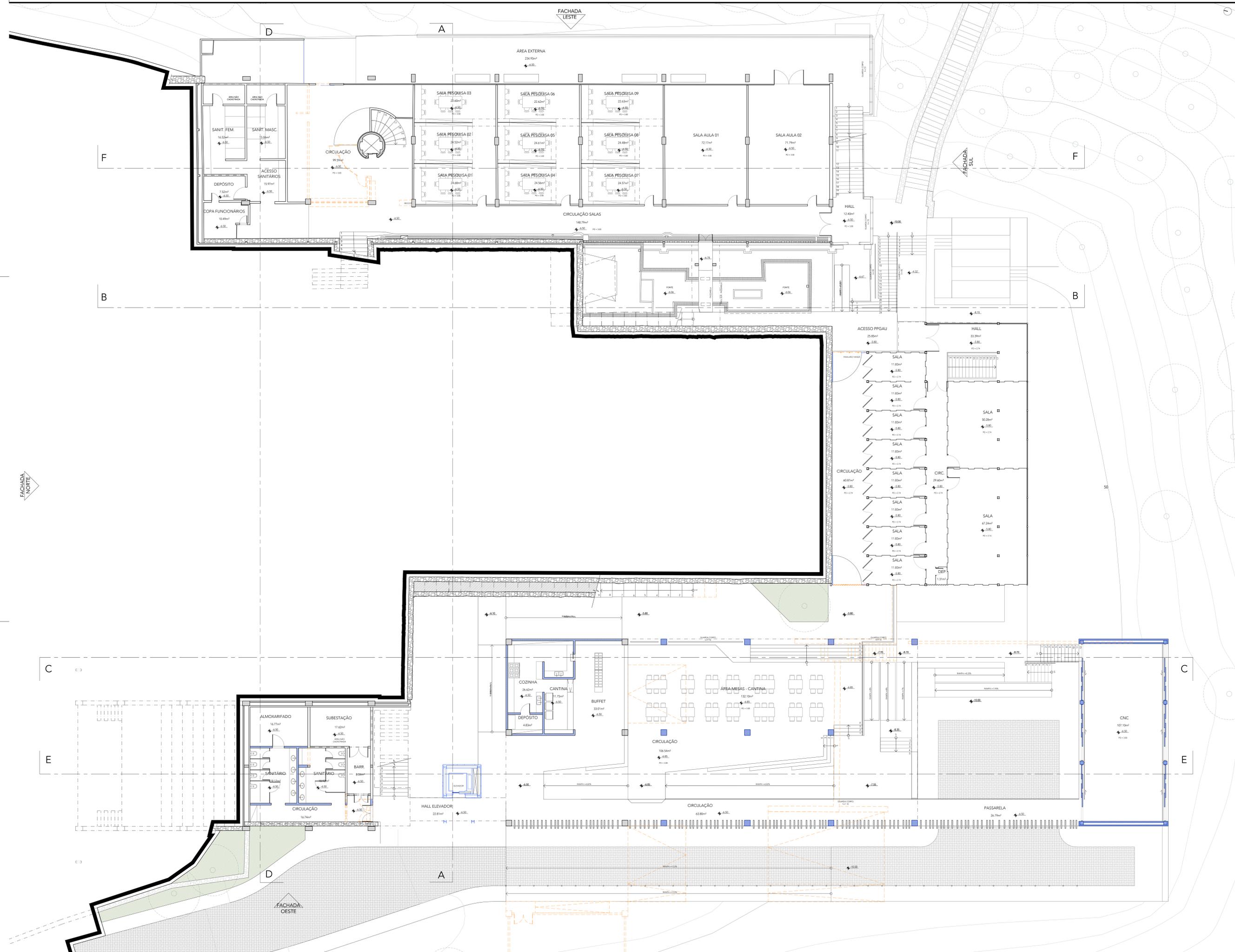




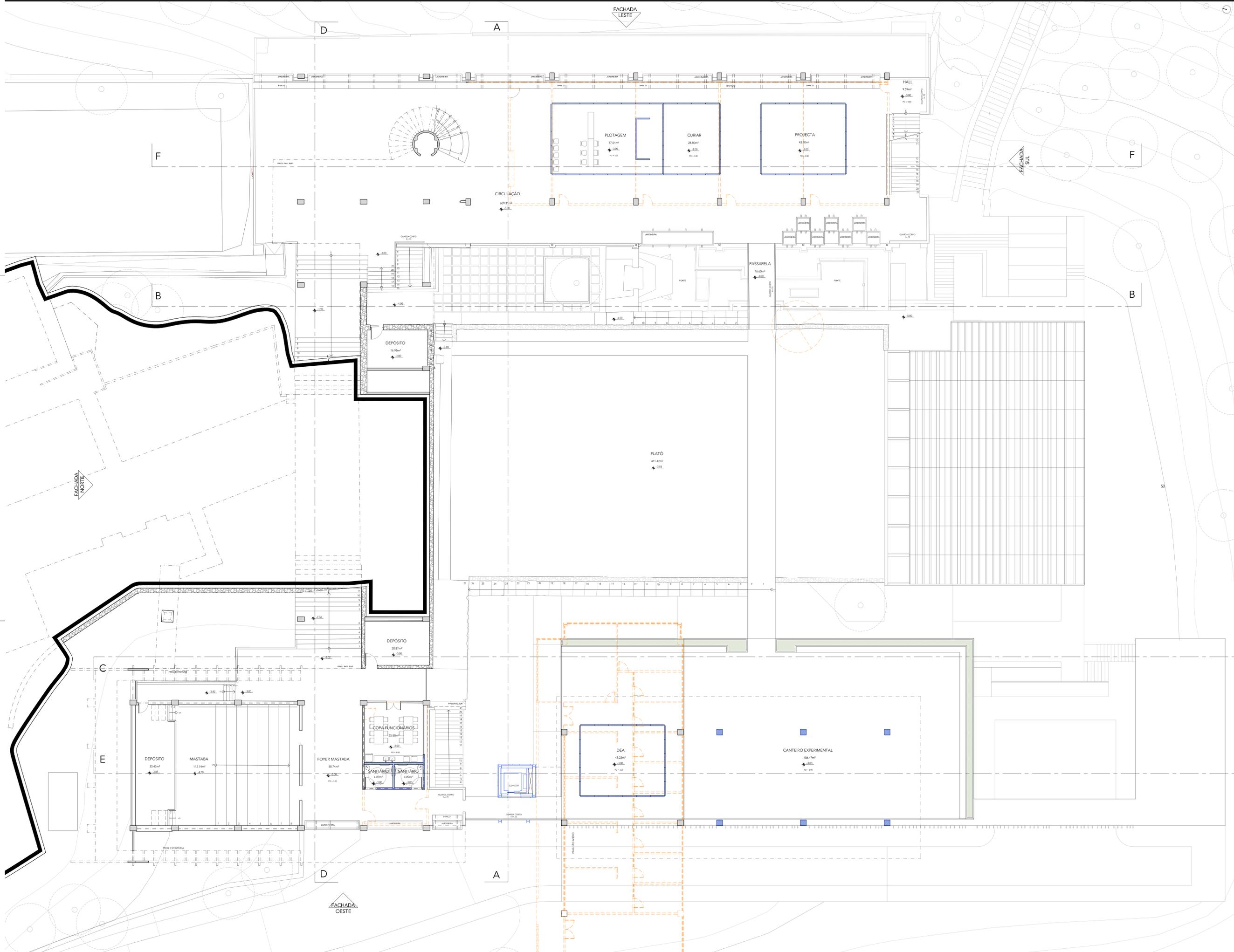




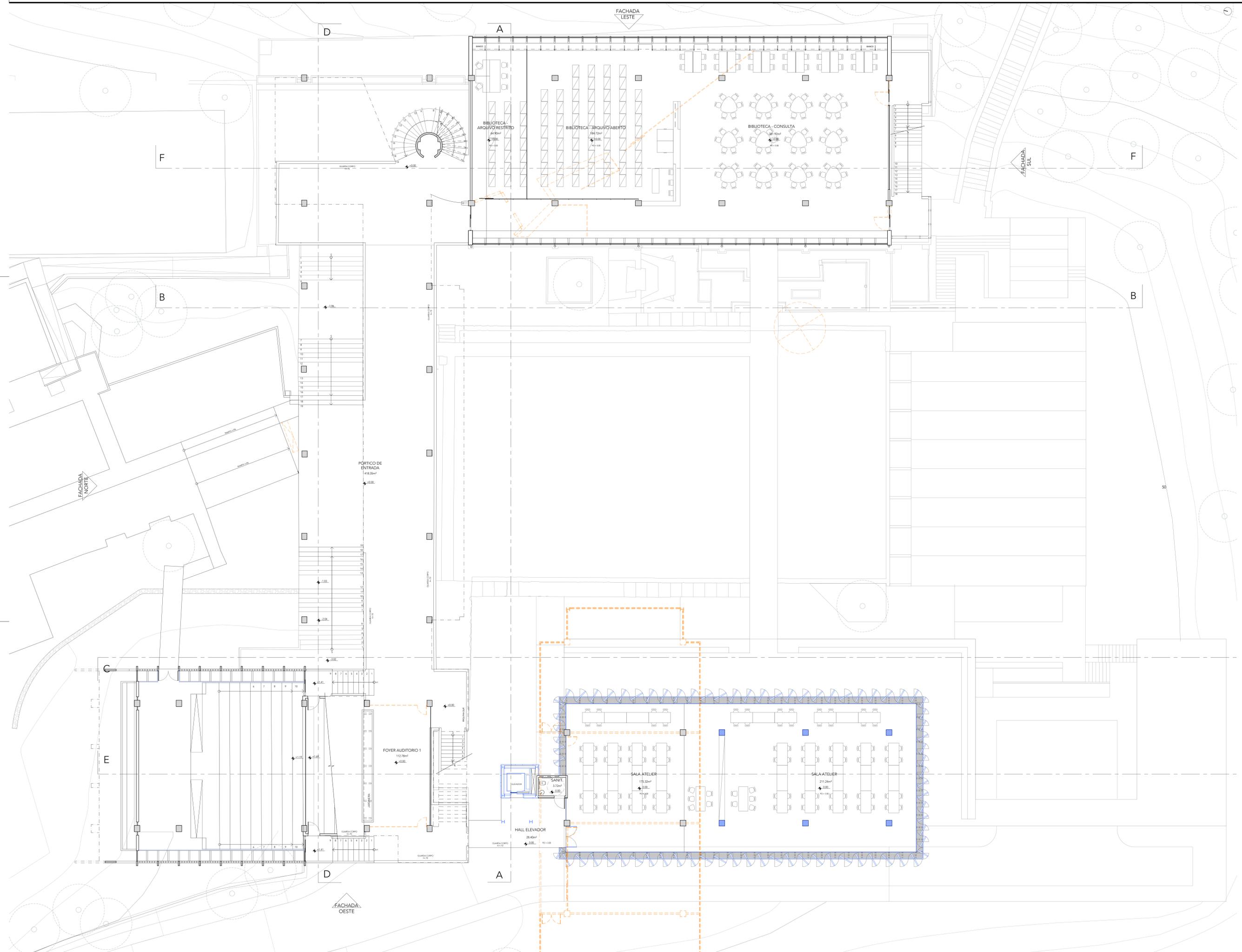
- LEGENDA
- A CONSTRUIR
 - A DEMOLIR
 - A MANTER



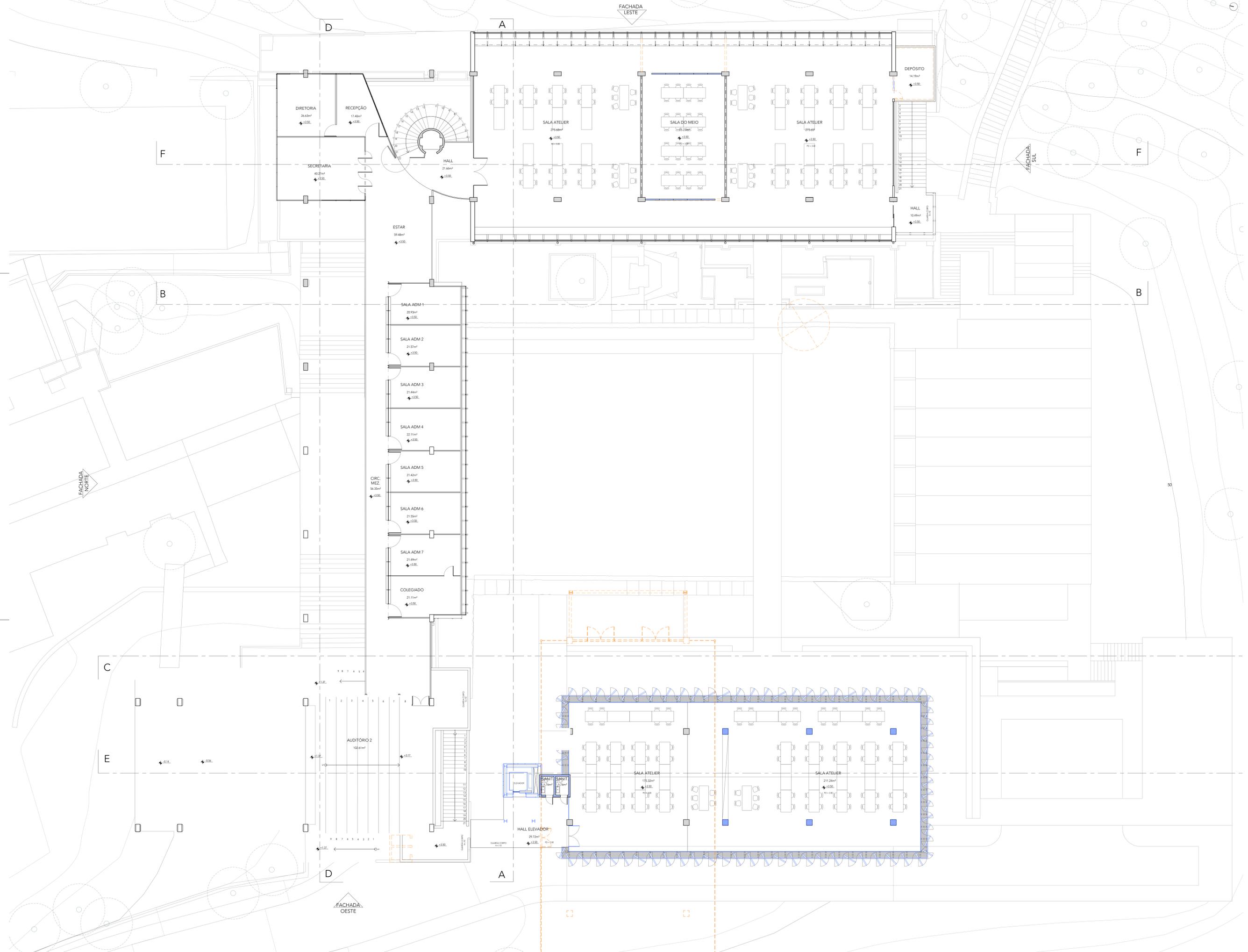
LEGENDA
 A CONSTRUIR
 A DEMOLIR
 A MANTER



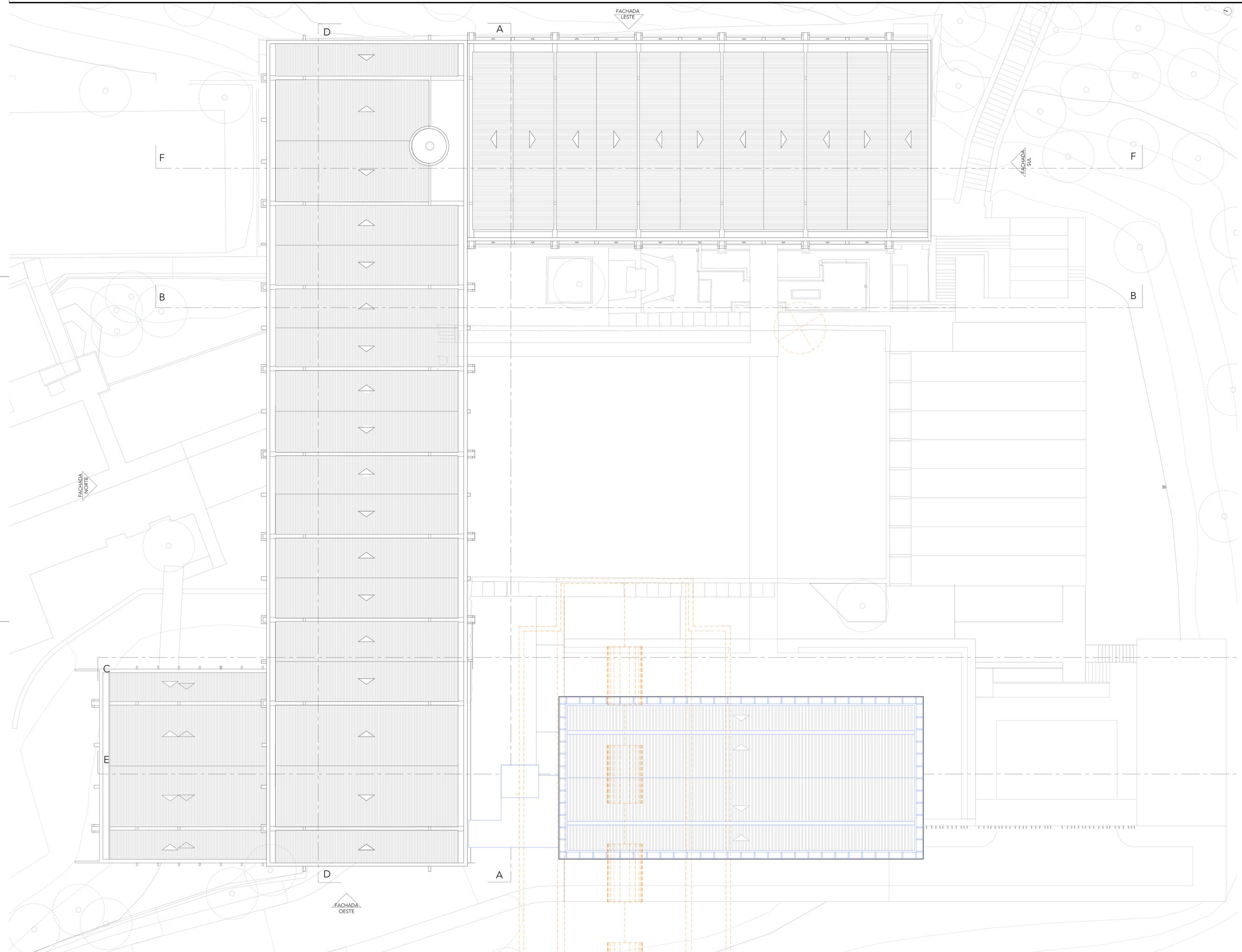
LEGENDA
■ A CONSTRUIR
 A DEMOLIR
 A MANTER



- LEGENDA
- A CONSTRUIR
 - A DEMOLIR
 - A MANTER

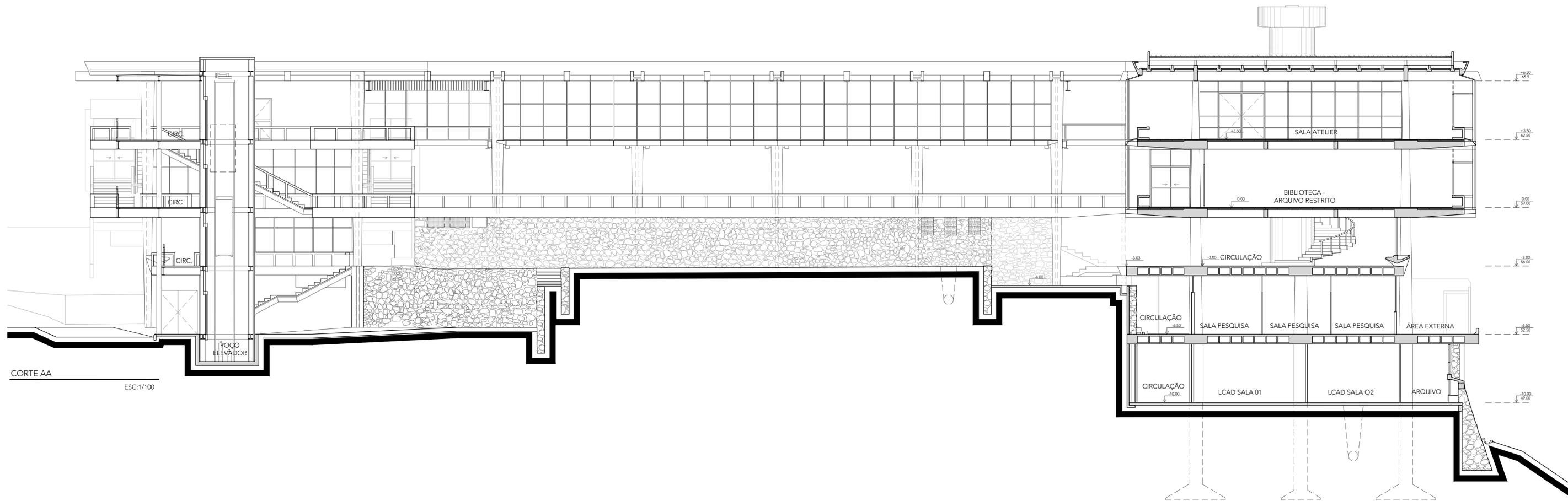


LEGENDA
 A CONSTRUIR
 A DEMOLIR
 A MANTER

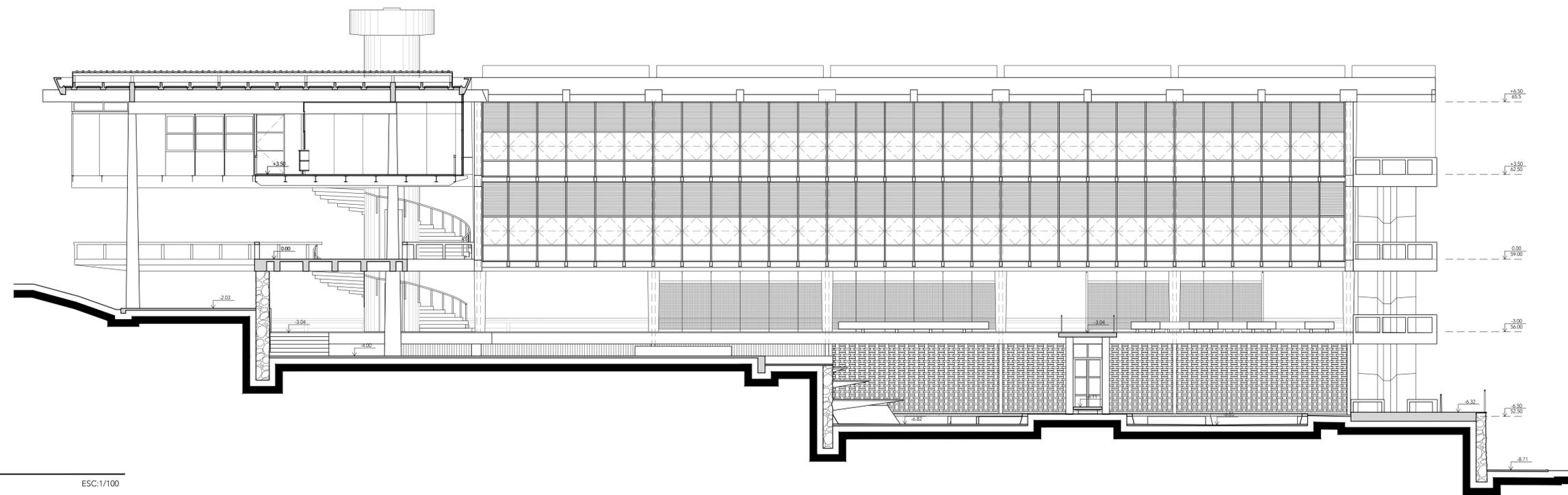


LEGENDA

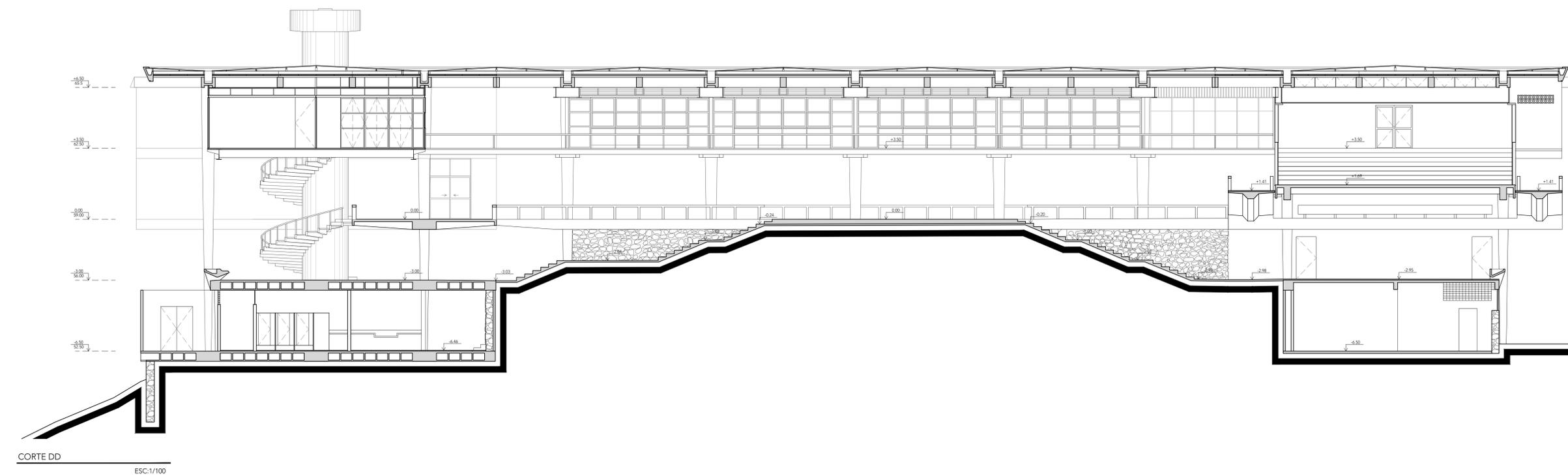
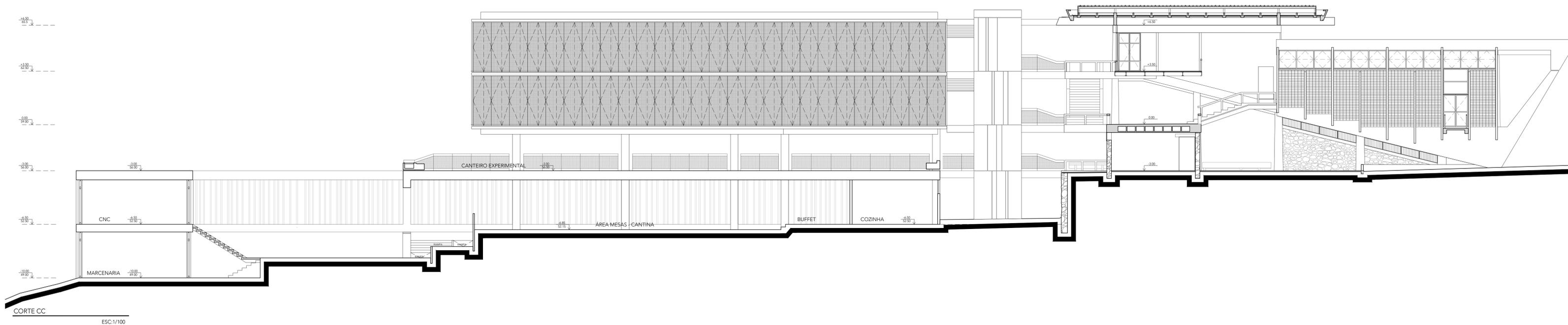
- A CONSTRUIR
- A DEMOLIR
- A MANTER

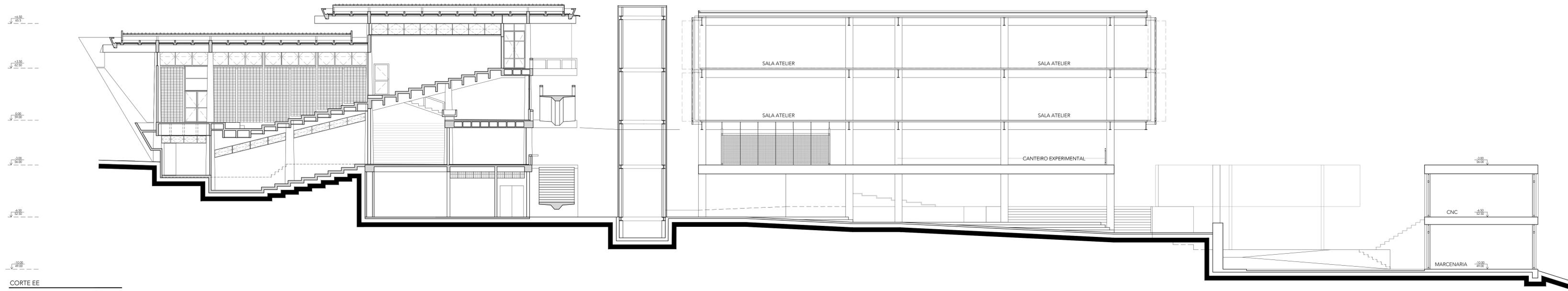


CORTE AA
ESC:1/100

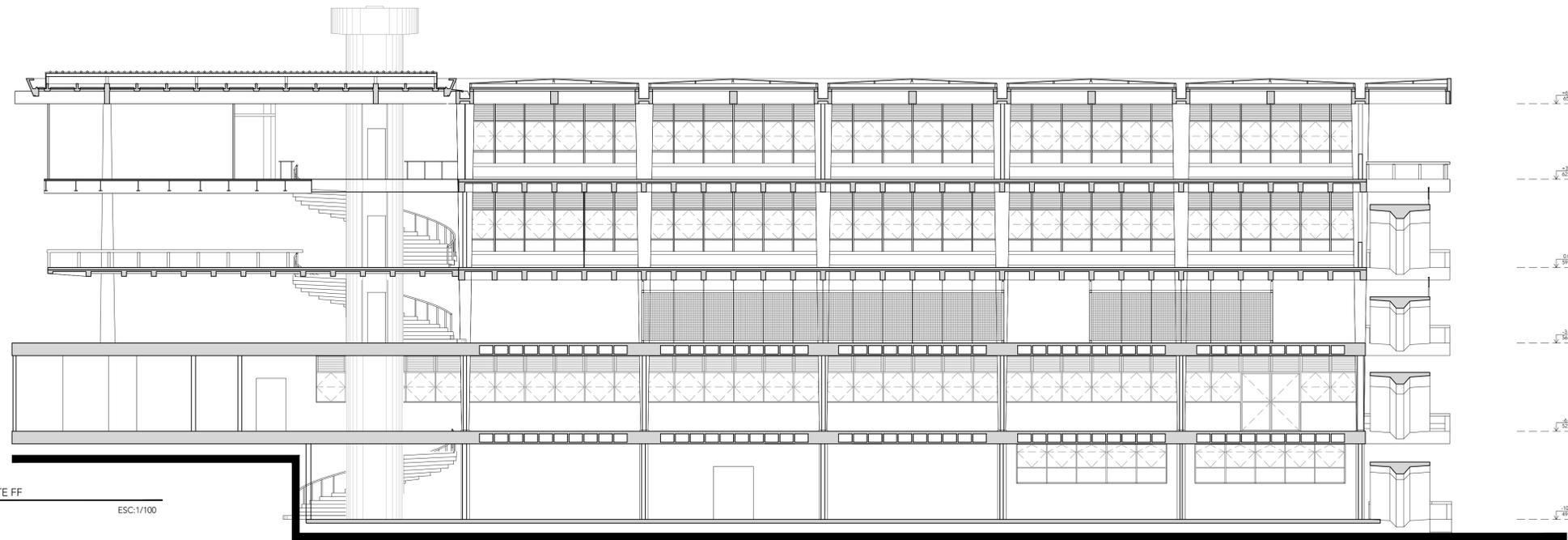


CORTE BB
ESC:1/100

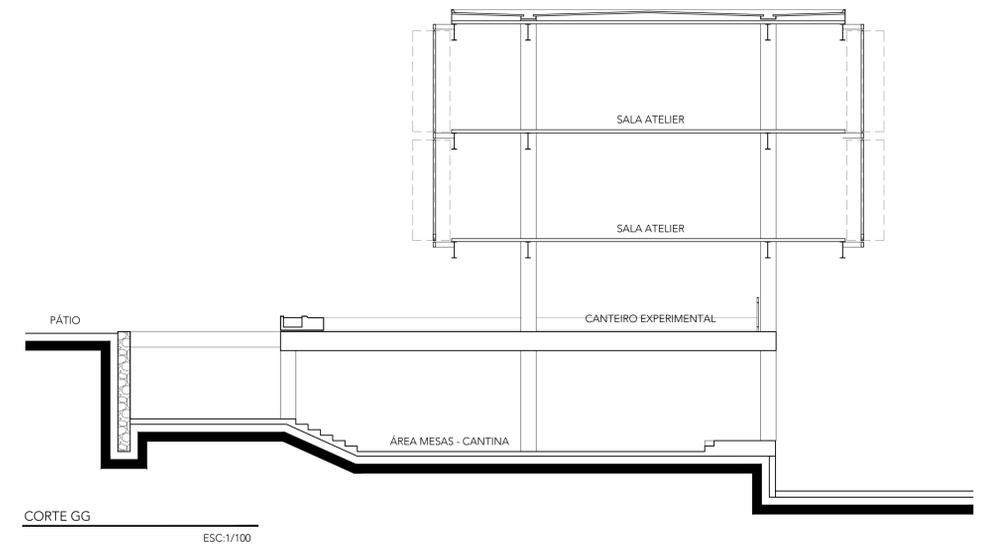




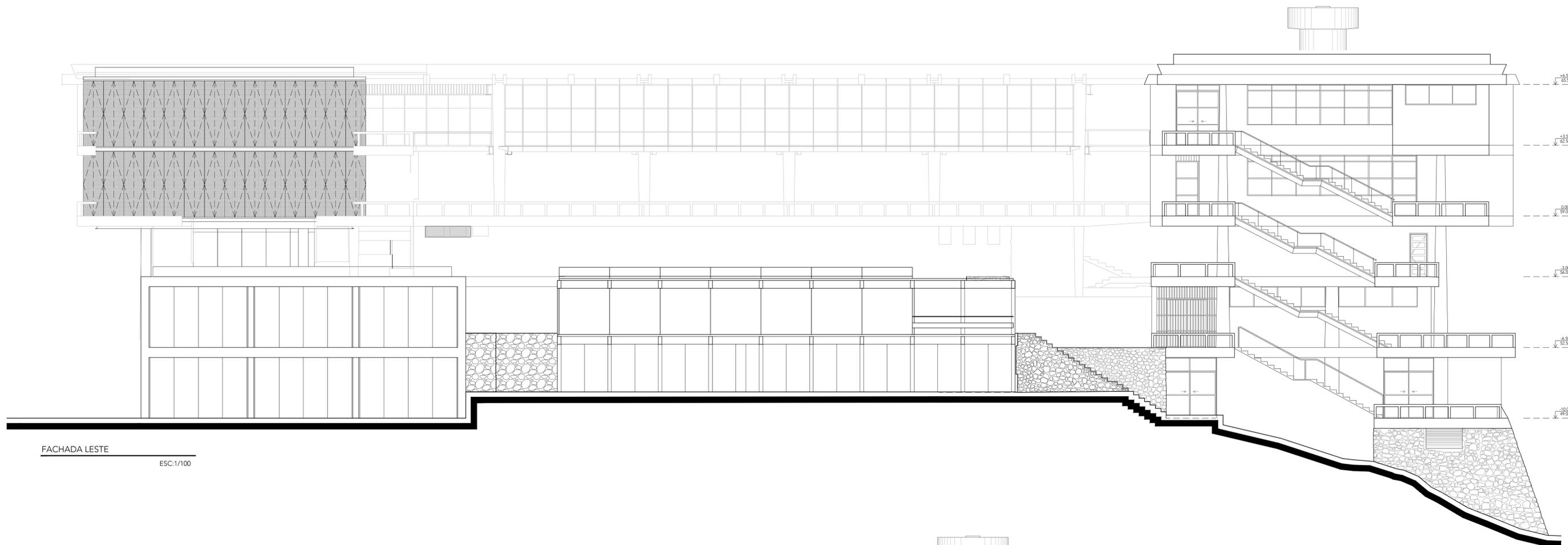
CORTE EE
ESC: 1/100



CORTE FF
ESC: 1/100

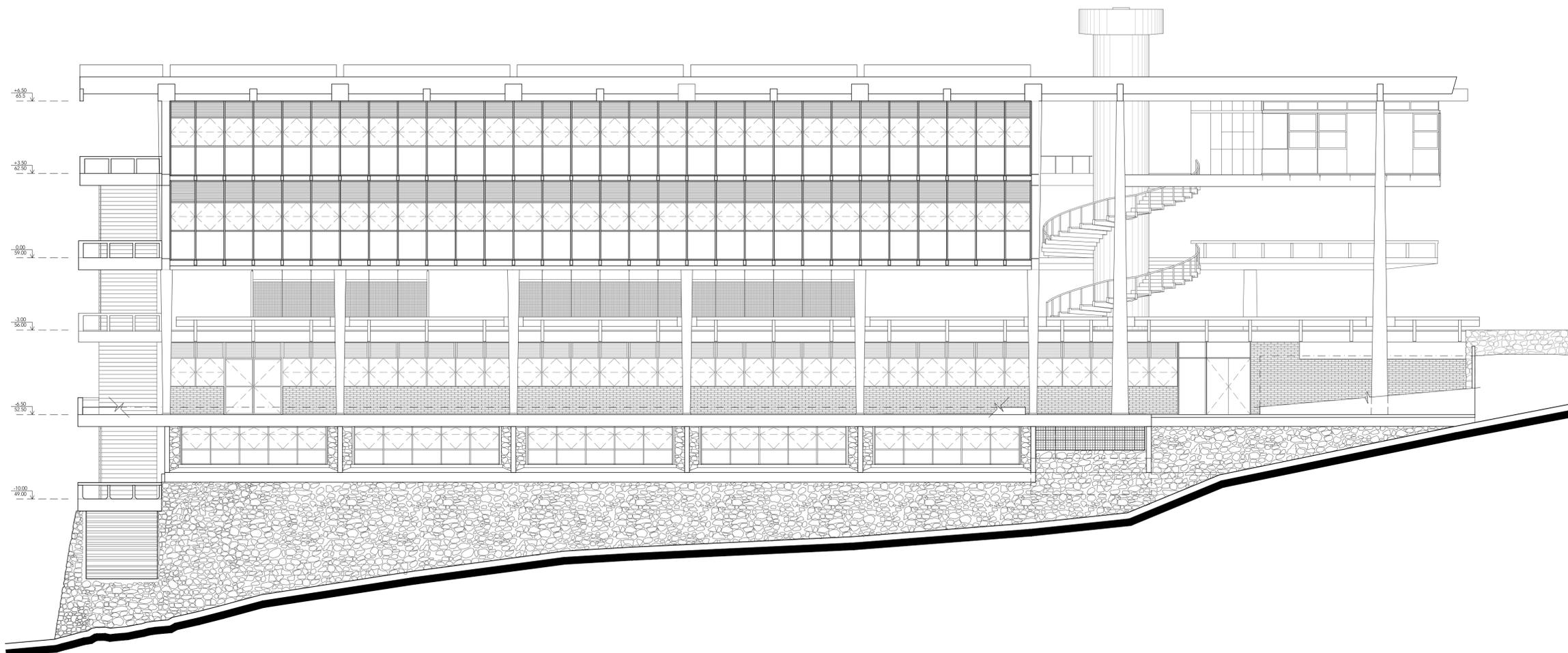


CORTE GG
ESC: 1/100



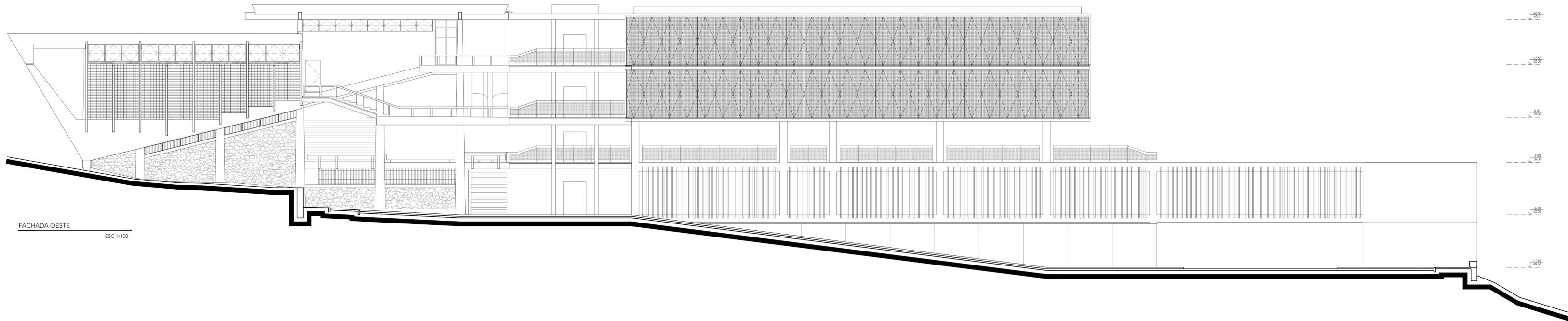
FACHADA LESTE

ESC:1/100

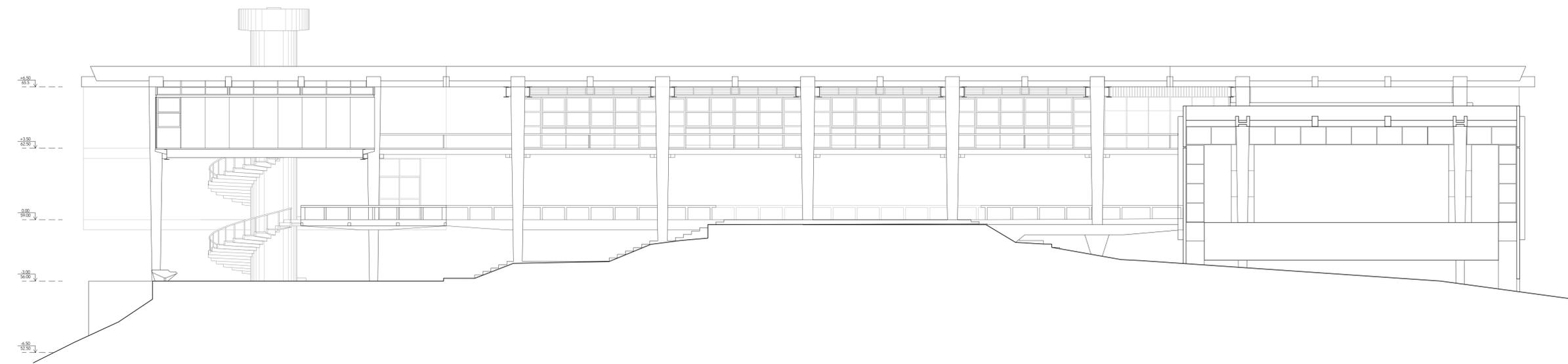


FACHADA SUL

ESC:1/100



FACHADA OESTE
ESC:1/100



FACHADA NORTE
ESC:1/100